

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

MARCELO LOPES ROSA

GIAMBATTISTA VICO:
os métodos e a diversidade dos temas

UBERLÂNDIA
2025

MARCELO LOPES ROSA

GIAMBATTISTA VICO:
os métodos e a diversidade dos temas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como exigência parcial para obtenção do título de *Doutor em Filosofia*.

Linha de pesquisa: História, Sociedade e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Sertório de Amorim e Silva Neto

Coorientador: Prof. Dr. Vladimir Chaves dos Santos

UBERLÂNDIA
2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

R788 2025	<p>Rosa, Marcelo Lopes, 1982- Giambattista Vico [recurso eletrônico] : os métodos e a diversidade dos temas / Marcelo Lopes Rosa. - 2025.</p> <p>Orientador: Sertório de Amorim e Silva Neto. Coorientador: Vladimir Chaves dos Santos. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós- graduação em Filosofia. Modo de acesso: Internet. DOI http://doi.org/10.14393/ufu.te.2025.495 Inclui bibliografia.</p> <p>1. Filosofia. I. Silva Neto, Sertório de Amorim e ,1975-, (Orient.). II. Santos, Vladimir Chaves dos,1974-, (Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Filosofia. IV. Título.</p> <p>CDU: 1</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1U, Sala 1U117 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-
MG, CEP 38400-902
Telefone: 3239-4558 - www.posfil.ifilo.ufu.br - ppafil@ifilo.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Filosofia				
Defesa de:	Tese de Doutorado, 007/25, PPGFIL				
Data:	Dez de setembro de dois mil e vinte cinco	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:10
Matrícula do Discente:	12113FIL006				
Nome do Discente:	Marcelo Lopes Rosa				
Título do Trabalho:	Giambattista Vico: os métodos e a diversidade dos temas				
Área de concentração:	Filosofia				
Linha de pesquisa:	História, Sociedade e Cultura				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	-----				

Reuniu-se sala web conferência Microsoft Teams, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Filosofia, assim composta: Professores Doutores: Antonio José Pereira Filho (UFS); Max Rogério Vicentini (UEM); Alexandre Guimarães Tadeu de Soares (UFU); Humberto Aparecido de Oliveira Guido (UFU) e Sertório de Amorim e Silva Neto orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Sertório de Amorim e Silva Neto, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Sertorio de Amorim e Silva Neto, Professor(a) do Magistério Superior**, em 12/09/2025, às 10:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Guimarães Tadeu de Soares, Professor(a) do Magistério Superior**, em 13/09/2025, às 15:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Humberto Aparecido de Oliveira Guido, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/09/2025, às 09:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Max Rogério Vicentini, Usuário Externo**, em 23/09/2025, às 12:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Antonio José Pereira Filho, Usuário Externo**, em 13/10/2025, às 05:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6664093** e o código CRC **A31F81AE**.

Em memória de minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Sertório de Amorim e Silva Neto, pelas contribuições, por toda sua compreensão, generosidade, humanidade, incentivo e confiança. Ao meu coorientador, professor Dr. Vladimir Chaves dos Santos, por seu incentivo, generosidade, contribuições e confiança.

Aos professores Dr. Antonio José Pereira Filho e Dr. Humberto Guido por suas valiosas contribuições e indicações na qualificação dessa tese.

Aos companheiros de jornada do Grupo de estudos da Filosofia de G. Vico, coordenado pelo prof. Dr. Sertório e prof. Dr. Vladimir, pelo desafio, pelo estímulo, pelas contribuições e aprendizado compartilhado ao longo desse período também dedicado à elaboração da tese, dentre eles Ana Carla Rodrigues Ribeiro, Eduardo Leite Neto, prof. Dr. Humberto Guido, José Valdir Teixeira Braga Filho, Luana Chuq de Jesus, Lucas Guerrezi Derze Marques, Priscila Aragão Zaninetti, entre outros.

Ao Instituto Federal do Paraná por sua importante política institucional de incentivo à qualificação de seus servidores, por permitir o meu afastamento que foi fundamental para ter êxito nessa formação tão significativa para meu desenvolvimento profissional e pessoal.

À coordenação do Programa de Pós-graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia da UFU, coordenado pelo prof. Dr. Anselmo Tadeu Ferreira, e aos demais professores que contribuíram para a minha formação, especialmente ao prof. Dr. Humberto Guido.

À secretária do PPGFIL-IFILO-UFU Andréa Antônia de Castro Rodrigues por todo auxílio e pelos esclarecimentos realizados ao longo do curso.

Aos meus colegas de trabalho por todo apoio, incentivo e confiança.

À minha esposa, à minha mãe (*in memoriam*) e aos meus filhos por me apoiarem e me motivarem a essa jornada.

À Providência.

RESUMO

GIAMBATTISTA VICO: os métodos e a diversidade dos temas

Esta tese investiga as diferentes abordagens que Vico adotou para o método diante dos diferentes temas em suas primeiras orações, no *De ratione*, no *De antiquissima* e em sua última edição da *Ciência nova*. Vico, inspirado no modelo baconiano e crítico do cartesiano, desenvolve seus métodos intimamente dependentes das relações com a linguagem, evoluindo de uma compreensão sobre a função moral da eloquência até o tratamento da linguagem enquanto lastro de sabedoria das nações. Nas primeiras orações, apresentamos as relações que Vico estabelece entre sabedoria e métodos que culminam em uma ordem de estudar e um método de estudos que se apresenta na Sexta Oração. No *De ratione*, investigamos a proposta metodológica que Vico apresenta de seu método de estudos, oposta ao modelo cartesiano, cuja organização resgata a tradição retórica da tópica seguida pela crítica, de maneira que o caráter social da formação seja promovido. No *De antiquissima*, a pesquisa etimológica de Vico para investigar a antiga sabedoria dos itálicos o leva a preferir o método sintético em um sentido próprio, diferente daquele modelo analítico que seria mais apropriado para assuntos da aritmética e da geometria. Por fim, examinamos o percurso metodológico de Vico até sua *Ciência nova*, destacando sua crítica ao modelo cartesiano e sua inspiração baconiana que fundamenta sua teoria sobre a natureza comum das nações.

PALAVRAS-CHAVE: Vico; método; diversidade metodológica

ABSTRACT

GIAMBATTISTA VICO: the methods and the diversity of the themes

This thesis investigates the different approaches that Vico adopted to the method in front of the different themes in his inaugural orations, in *De ratione*, in *De antiquissima* and in his last edition of the *New Science*. Vico, inspired by the Baconian model and critical of the Cartesian one, develops his methods dependent on relations with language, evolving from an understanding of the moral function of eloquence to a treatment of language as the basis of the wisdom of nations. In the inaugural orations, we present the relationships that Vico establishes between wisdom and methods that culminate in an order to study and a method of studies that is presented in the *Sixth Oration*. In *De ratione*, we investigate the methodological proposal that Vico presents for his study method, as opposed to the Cartesian model, whose organization rescues the rhetorical tradition of topics followed by criticism, so that the social character of training is promoted. In *De antiquissima*, Vico's etymological research to investigate the ancient wisdom of the Italics leads him to prefer the synthetic method in a specific sense, different from the analytical model that would be more appropriate for arithmetic and geometry subjects. Finally, we examined Vico's methodological trajectory culminating in his *New Science*, emphasizing his critique of the Cartesian model and the Baconian influence that grounds his conception of the common nature of nations.

KEYWORDS: Vico; method; methodological diversity

Sumário

INTRODUÇÃO	9
1 O MÉTODO DE ESTUDOS NAS PRIMEIRAS ORAÇÕES	14
Breve panorama da relação entre sabedoria e métodos em Vico.....	14
Sabedoria e método nas <i>Primeiras orações</i>	20
<i>Sexta oração</i> : o caráter triplo da sabedoria e a ordem da aprendizagem ou método	31
O fim e a ordem de estudar da <i>Sexta oração</i>	37
2 O MÉTODO DE ESTUDOS DO <i>DE RATIONE</i>	56
O <i>De ratione</i> e sua proposta metodológica em relação ao cartesianismo	56
Tópica, crítica e a ordem de estudar na <i>Sexta oração</i>	65
O método e a tópica no <i>De ratione</i>	72
Senso comum, ciência, sabedoria e método no <i>De ratione</i>	78
3 O MÉTODO NO <i>DE ANTIQUISSIMA</i> DE VICO	95
A produção metodológica de uma “Metafísica completa” no <i>De antiquissima</i> ..	95
Sobre a faculdade certa do saber e o método no <i>De antiquissima</i>	102
As dificuldades do método aplicado a vida civil	106
Das faculdades ou das “operações do espírito” e o método	108
Sobre o método geométrico cartesiano aplicado à física.....	116
Diferentes entendimentos sobre os métodos de análise e síntese	140
4 O PERCURSO METODOLÓGICO ATÉ A “NOVA ARTE CRÍTICA”	153
<i>Ciência nova</i> e a “nova arte crítica”	153
Abordagens dos métodos na <i>Vita</i> no percurso até a <i>Ciência nova</i>	159
O duplo aspecto do método na <i>Ciência nova</i>	180
As relações entre Vico e Bacon na “nova arte crítica” da <i>Ciência nova</i>	187
As implicações metodológicas da nova ciência	198
CONCLUSÃO.....	208
REFERÊNCIAS	212

INTRODUÇÃO

Esta tese investiga como Vico desenvolve seus métodos adequando-os à diversidade dos temas, em íntima relação com as funções da linguagem. Para os temas que Vico se propôs a discutir, sua abordagem é inspirada em Bacon e se opõe diretamente ao método geométrico cartesiano. Assim, os métodos que Vico apresentou, como o de estudos das primeiras orações, o etimológico de sua *Metafísica* e o da “nova arte crítica” que conjuga filosofia e filologia, evoluem de uma compreensão sobre a função moral da eloquência para a sabedoria até o tratamento da linguagem como lastro de sabedoria dos povos antigos. Ademais, Vico afirma em sua *Seconda risposta* que “o método varia e multiplica-se segundo a diversidade e multiplicação dos temas propostos” (VICO, 2006, p. lxvii / p. 271). A partir disso, considerando a evolução dos métodos, cuja inspiração é inicialmente baconiana ao mesmo tempo em que critica o cartesianismo, surge o problema se Vico teria elaborado metodologias que conjugassem linguagem e teorias para a produção de conhecimento. Isto é, pode-se identificar na filosofia de Vico a conjugação entre linguagem e teoria a partir de uma metodologia de inspiração baconiana? Para essa investigação, adotou-se uma abordagem diacrônica do tema, isto é, optou-se por acompanhar o desenvolvimento dos métodos em Vico ao longo das orações inaugurais, dos primeiros textos, *De ratione* e *De antiquissima*, até o percurso metodológico apresentado na *Vita*, culminando na terceira edição de sua última obra, a *Ciência nova* de 1744.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, percebeu-se que, para abordar o tema dos métodos em Vico, é necessário também esclarecer o que ele entenderia por sabedoria. Isso se deve ao fato de que entre os modernos, como Galileu, Bacon e Descartes, “só se poderia fazer ciência se tivesse uma metodologia válida” (CAMPAILLA, 1971, p. 256). Essa intenção de elaborar uma metodologia válida para sua nova ciência insere Vico no debate europeu acerca do tema do método (GISONDI,

2016, p. 2). Entretanto, na filosofia de Vico, o conceito de sabedoria se modifica ao longo do desenvolvimento de seu pensamento, conforme apresentado por Corsano (1935), em seus capítulos sobre *As orações inaugurais* e *O “De ratione”*, e por Donzelli (2005), que descreve as mudanças de percurso no entendimento sobre sabedoria ao longo dos textos de Vico. Sanna (2005) evidencia que o método metafísico composto no *De antiquissima* evoluiu até a *Ciência nova*, enquanto Lomonaco (2018) contextualiza, desde o *De antiquissima*, a proposta de pluralidade de métodos e a crítica à defesa de uma metodologia única. Grassi (1999) destaca as influências humanistas de Vico e Pons (2002) analisa sua relação com a tradição retórica e o desenvolvimento próprio que Vico lhe conferiu. Paolo Rossi e Croce apresentam interpretações distintas sobre a relação de Vico com os principais problemas filosóficos e científicos da modernidade e da antiguidade, enquanto Battistini (2018) oferece uma leitura sobre a evolução na qual Vico parte de uma perspectiva sobre a importância da retórica para a elaboração de uma antropologia baseada na linguagem. Por fim, no quadro dos diálogos entre Vico e as teorias cartesiana e baconiana, além de Campailla (1971), Damiani (2000) apresenta as proximidades e distâncias entre Vico e o cartesianismo, bem como suas relações com a teoria baconiana. Esses e outros autores foram fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa e seguem relacionados ao longo desse trabalho.

A primeira seção, ao se deter sobre as *Primeiras orações*, permite perceber que o conceito de sabedoria de Vico está voltado para a vida prática ou civil. Ele acreditava que essa sabedoria poderia tornar as pessoas moralmente melhores pelo desenvolvimento da prudência, conforme demonstraram Corsano (1935) e Sanna (2005). Em seguida, apresenta-se uma breve discussão sobre a pluralidade de métodos em Vico e sua dificuldade de interpretação. A análise avança para a evolução do pensamento de Vico, especialmente no que diz respeito à compreensão da natureza humana e à necessidade de uma ordem de aprendizagem adequada a essa natureza. Essa ordem de aprendizagem, ou método, deveria ser capaz de unir sabedoria e prudência para a vida prática dos estudantes, em consonância com o compromisso social, político e ético do sábio. A seção é concluída com os estudos sobre a *Sexta oração*, no qual o caráter triplo da sabedoria, que une ciência, prudência

e linguagem, apresenta o fim e a ordem de estudar, desdobrados posteriormente no *De ratione*.

A segunda seção é dedicada ao método de estudos no *De ratione*. Esse texto apresenta uma influência humanista bem-marcada. Inspira-se em Bacon, critica o cartesianismo e propõe que os estudos devem começar pela tópica, sendo depois apurado pela crítica, em um movimento que deve partir da síntese para a análise. Vico aproxima a síntese ao procedimento da geometria euclidiana, enquanto associa a análise à geometria e à física cartesiana. No *De ratione*, ao dar preferência à tópica na ordem de estudos, Vico também apresenta o senso comum como um tipo de conhecimento rico em imagens e essencial para articular os saberes da vida civil com os da ciência. Donzelli (2005) apresenta, sobre essa obra, a divisão que Vico teria feito entre *scientia* e *sapientia*, a qual se adiciona à discussão sobre o método ou ordem adequada para a formação dos jovens. Além disso, ao delimitar os diferentes tipos de conhecimento, Vico também discute os diferentes métodos de estudos nessa obra, contrapondo o método cartesiano dos portorrealistas à sua proposta humanista. Sob esse ponto de vista, esta seção investiga o *De ratione* com o objetivo de compreender o tratamento dado por Vico à sabedoria e aos métodos de estudos no início de sua produção filosófica.

A terceira seção é dedicada ao estudo do *De antiquissima*, obra escrita em um momento de mudança no conceito de sabedoria de Vico. Essa transição é comentada por Donzelli (2005), Sanna (2005) e outros autores. Desse modo, o desenvolvimento da pesquisa levou à investigação dos conceitos de sabedoria e método nesse período de mudanças no pensamento viquiano, cujo novo entendimento sobre o método também ficou explícito em sua *Risposta* ao “*Giornale de letterati d’Italia*”(cf. BORDOGNA, 2007, p. 120). Além disso, Vico afirma, em carta a Muzio Gaeta, que o *De antiquissima* trata da árdua tarefa de compor uma “metafísica completa”, o que também pode ser notado nas defesas que apresentou em resposta às críticas recebidas. Ao realizar uma pesquisa etimológica e perceber a reciprocidade entre *verum* e *factum*, Vico pôde descobrir “as raízes do homem criador do mundo civil das nações, de seu corpo, de seu espírito criador, de sua forma de estar no mundo” (DONZELLI, 2005, § 19). A partir de então, a sabedoria passa a ser compreendida como produção histórica da humanidade e, posteriormente, será utilizada para

investigar a *mens* por meio do estudo da linguagem. As relações entre linguagem, ciência e prudência já estariam presentes nas orações inaugurais e no *De ratione* por sua herança humanista e retórica. Contudo, a partir do *De antiquissima*, Vico começaria a dar uma nova ênfase a essa relação. A seção *Sobre a faculdade certa do saber* do *De antiquissima* é fundamental para compreender as concepções metodológicas em discussão na teoria viquiana. Nela, Vico apresenta sua crítica à aplicação do método geométrico analítico cartesiano aos assuntos da física e indica a sua preferência pelo método sintético de inspiração euclidiana, fazendo referências à física de Galileu. Ainda que as definições do que seriam os métodos sintético e analítico apresentem interpretações divergentes, revelam, sobretudo, a intenção comum dos modernos de alcançar um conhecimento novo.

A quarta seção examina o percurso metodológico de Vico até a composição da *Ciência nova* de 1744, considerada o ponto culminante da sua nova arte crítica. Entre o *De antiquissima* e essa obra final, Vico publicou as obras do *Direito universal*, voltadas à investigação do mundo civil, em diálogo com o *De ratione*, como ele próprio mencionou em sua *Vita*. Esses textos, embora muito importantes para o desenvolvimento da filologia viquiana, não serão examinados detalhadamente nesse momento. Essa pesquisa concentra-se no método que Vico desenvolve em sua obra principal, após o amadurecimento de sua metafísica. Por isso, optou-se por examinar o seu percurso metodológico por meio da *Vita*, que apresenta algumas abordagens do método viquiano ao longo da narração de seu percurso intelectual até a composição de sua *Ciência nova segunda*. A terceira e última versão da *Ciência nova* é, por sua natureza, complexa. Vico elaborou propositalmente suas exigências ao leitor como maneira de exercitar o engenho daqueles que se dedicam ao estudo da obra. Essa preocupação com a escrita revela um duplo aspecto da nova arte crítica: ela se constitui tanto como um dispositivo de leitura, capaz de despertar o engenho do leitor, quanto como método da própria ciência. Na *Ciência nova* de 1744, Vico apresenta seu método de *cogitare videre*, o qual conjugava filosofia e filologia para o exame dos fatos e das coisas. Inspirado pela investigação das “coisas naturais” de Francis Bacon, Vico aplica esse método às “coisas humanas e civis”, influenciado também por Hugo Grócio. Por fim, são examinadas as implicações metodológicas dessa nova ciência, que se distancia tanto do aristotelismo quanto da inspiração

cartesiana. Segundo a leitura de Rivero, Vico propõe uma epistemologia alternativa que valoriza a imaginação, o senso comum e a ação humana, configurando uma nova arte crítica capaz de integrar princípios explicativos de uma teoria geral do devir histórico.

1 O MÉTODO DE ESTUDOS NAS PRIMEIRAS ORAÇÕES

Breve panorama da relação entre sabedoria e métodos em Vico

Para abordar o tema dos métodos em Vico é preciso considerar qual conceito de sabedoria, ou conhecimento, foi apresentado por ele ao longo de suas obras, uma vez que, na modernidade, o método é visto como o percurso para a sabedoria e se apresentam relacionados. O problema do método adquiriu grande relevância entre os interlocutores modernos que Vico escolheu para dialogar com sua filosofia, pois, como observou Campailla (1971, p. 256), “não somente Descartes, mas também Galileu e Bacon teriam todos sustentado claramente que só se poderia fazer ciência quando se tivesse uma metodologia válida”. E a respeito dessa discussão, Gisondi (2016, p. 2) afirma que “Vico professor de eloquência não parece uma figura isolada do seu tempo, mas inserida no debate cultural e filosófico sobre o tema do método – debate não exclusivamente napolitano, mas sim europeu”.

Vico se dedicou a discutir os diferentes métodos e expôs um método de estudos na *Sexta e Sétima Orações*, abordou um método etimológico para investigação da sabedoria nos antigos vocábulos dos jônios e etruscos no *De antiquissima*, além de dedicar parte de sua terceira edição da *Ciência nova* para apresentar o método de sua nova ciência. Porém, ele não defendeu um método único capaz de resolver todos os problemas, aliás, até criticava esse tipo de atitude filosófica.

Lomonaco (2018, p. 191) apresenta a crítica que Vico teria feito no *De antiquissima* àqueles que defendem um único método, ao mesmo tempo que evidencia a sua defesa da versatilidade de métodos para resolver diferentes dificuldades epistêmicas. Ao analisar aquela obra, Lomonaco sustenta que Vico valoriza a ordem sintética da produção de conhecimento da metafísica da *mens* humana, polemiza contra as soluções dogmáticas de Port-Royal por seu apego a um método específico, o geométrico, usado para solucionar problemas de naturezas diversas, e, então, propõe novas relações entre método e matéria a partir de uma noção ampla de geometria, pois, para Vico, o método deve seguir variando de acordo com a multiplicação das matérias propostas. E conclui que

[...] com o método da geometria sintética de ascendência euclidiana o homem descobre o verdadeiro enquanto um êxito da atividade construtiva da sua *mens*, fundada sobre formas (ideais) e manifestações de ‘luz’ metafísica que satisfazem as referidas condições da convertibilidade de *verum* e *factum*, em relação às quais a análise é cega (LOMONACO, 2018, p. 191).

Sanna (2005), no texto *La métaphysique comme question de méthode*, ao analisar as cartas que Vico trocou com Muzio Gaeta a respeito do *De antiquissima*, afirma que ele não tinha a intenção de produzir um “método matemático” em sua metafísica: “E ele nem mesmo defende um método usando demonstrações geométricas ou aritméticas, mas sim usa princípios metafísicos” (SANNA, 2005, § 28). Para além do emprego de um método etimológico, Sanna afirma que Vico teria composto um “método metafísico” no *De antiquissima* que continuou evoluindo até a *Ciência nova*, disso pode-se pensar que houve alguma continuidade metodológica entre ambas. Além do mais, a partir daquela obra Vico teria compreendido que a capacidade humana de elaborar conceitos abstratos somente seria possível por meio de um método metafísico. Contudo, ela adverte sobre a necessidade de precisar essa metafísica para seu método, pois mais tarde ela será radicalmente diferente daquela sua proposta de uma metafísica poética. Pois, segundo Sanna (2005, § 8), “enquanto a metafísica poética se une em torno de um Júpiter, a metafísica dos filósofos ressalta o verdadeiro ser, de Deus, porque – diferentemente da primeira – é um método capaz de elaborar o conceito abstrato”. Nessa passagem, Sanna identifica duas metafísicas, uma poética e outra dos filósofos, sendo que na segunda há “um método capaz de elaborar o conceito abstrato”.

Em vista disso, Sanna considera que Vico, ao dar continuidade ao método metafísico entre o *De antiquissima* e a *Ciência nova* e evoluir seu entendimento sobre temas como a “essência” e a “crítica metafísica”, tornou possível o desenvolvimento de um método histórico-filosófico, na sua obra mais madura, que estaria mais próximo de boa parte do galileísmo¹ europeu (SANNA, 2005, § 10). E o *mos geometricus* da *Ciência nova*, usual para a filosofia da época que convidava o leitor a seguir uma concatenação de deduções e lhe exigia maior atenção nas reflexões, também dialoga com a essência do método de investigação de Francis Bacon. Segundo Sanna (2005,

¹ A expressão “galileísmo”, tal como empregada nesse contexto, refere-se ao sentido científico das teorias e métodos desenvolvidos por Galileu Galilei.

§ 25): “É evidente que Vico dialoga aqui especialmente com Bacon sob uma perspectiva que visa formular um novo método de investigação, uma nova *medicina mentis* que se serve do ‘*lume della metafisica*’ para ordenar a realidade que deriva da aproximação da tópica”. Sendo que o emprego da tópica para Vico, destacada desde o *De ratione*, é um dos elos que lhe aproxima da teoria de Bacon.

Ao analisar o conhecimento da gênese do pensamento bárbaro empreendido por Vico na *Ciência nova* de 1744, Guido (2002) avalia que a nova arte crítica associa metodologicamente a postura científica com a atitude filosófica, quando adentra os domínios da filologia e da filosofia, e afirma que: “não há ciência sem método – este é o consenso entre os modernos”, acrescentando que a respeito disso, “Vico esteve atento ao preceito formulado por Descartes” (GUIDO, 2002, p. 3). Nisso é possível encontrar a originalidade da metodologia viquiana, pois ao mesmo tempo ele também diverge dos demais modernos ao promover “o estudo das coisas humanas à esfera científica, o lugar do qual as disciplinas humanistas haviam sido desalojadas e postas para fora do espectro da ciência pela mentalidade científicista do século XVII” (p. 3).

Mesmo assim, identificar o que Vico define por método não é uma tarefa simples de empreender, como notou Burke (1997) ao avaliar a última e principal obra de Vico: “Em certo sentido, toda a *Ciência Nova* é um vasto discurso sobre o método, sobre ‘princípios’, como nos lembra o título completo da obra. Mesmo assim, a questão sobre qual fosse o método de Vico permanece curiosamente difícil de responder” (BURKE, 1997, p. 87). E a dificuldade de classificação do método viquiano se apresenta, entre outras coisas, pelo motivo de que “se o sistema de Vico não era, como às vezes se pretendeu, puramente indutivo, tampouco era puramente dedutivo” (BURKE, 1997, p. 94).

Se o método em Vico apresenta mudanças, isso se deve, em parte, à evolução de suas interpretações sobre a sabedoria ao longo de sua filosofia, visto que, para ele, método e conhecimento devem se adequar². Essa trajetória do conceito de sabedoria de Vico ao longo de suas publicações foi detalhada por Donzelli (2005) em *Sapientia, sagesse et science dans la philosophie de Vico*. Segundo a autora, nas *Orações inaugurais*, a noção de sabedoria em Vico estaria mais próxima do conceito

2 Conforme a interpretação de Lomonaco (2018, p. 191), citada acima.

de *sapientia* dos Antigos e do sentido que foi assumido por Aristóteles. Assim, no *De ratione*, Vico teria delimitado as competências de *scientia* e *sapientia*, atribuindo à primeira a busca pela causa primeira, ou *summa vera* e à segunda a busca pela *infima vera* que trata da particularidade, pluralidade e complexidade de causas. Nesse sentido, sendo diferente das tendências modernas dos moralistas franceses, Vico não dispensou o tratamento dos temas da vida civil por sua complexidade e mutabilidade, mas, ao contrário, defendeu a necessidade de conciliar *scientia* e *sapientia*, a fim de promover “sapientes prudentes non *docti imprudentes*” [sábios prudentes, não doutos imprudentes]. E, enfatizando a relação entre eloquência e ação prática, adiciona:

Assim, nas primeiras formulações de sua filosofia, Vico nos apresenta uma *sapientia* que de um lado colabora com a *scientia*, por outro se propõe como *sapientia prudentia*, utiliza a eloquência e abrange o domínio da ação prática. (DONZELLI, 2005, § 18)

Posteriormente, conforme nos apresenta Donzelli, a pesquisa etimológica, que Vico empreendeu para a composição do *De antiquissima*, teria lhe conduzido à mudança de posição sobre a relação entre *scientia* e *sapientia*. Esse seria um momento muito importante em sua filosofia, pois, percebendo a reciprocidade na língua latina entre os termos “*verum*” e “*factum*”, proporcionada pela pesquisa etimológica, “Vico descobre as raízes do homem criador do mundo civil das nações, de seus corpos, parte integrante das leis físicas que regem toda a matéria, de sua humanidade, de seu espírito criador, de sua forma de estar no mundo” (DONZELLI, 2005, § 19). Desse modo, o saber seria “nada além do que o perfeito conhecimento da forma, ou o modo como uma coisa surge; o homem não pode ter consciência das coisas das quais ele não pode demonstrar a ‘maneira’, quer dizer a forma, segundo a qual elas se produzem” (DONZELLI, 2005, § 19). E a partir daquela obra, Vico teria percebido que a investigação da sabedoria dos antigos, a partir do exame etimológico de seus vocábulos, poderia se ampliar por sobre o mundo civil das nações.

Porém, a ideia de uma ciência nova só teria sido possível após uma nova mudança em seu pensamento, que teria ocorrido por volta de 1715, quando há a descoberta de seu quarto autor, Hugo Grócio (DONZELLI, 2005, § 20). A partir de um diálogo à distância com o *jus naturalis*, Vico teria sido profundamente convencido de que, anteriormente àquilo que então era tido como civilização, os seres humanos

teriam vivido um período de selvageria feroz, no qual as nações teriam sido mais marcadas pela ignorância bestial do que pela sabedoria. Essa ideia sobre uma idade feroz do primeiro gênero humano lhe teria sido ratificada tanto por sua leitura dos antigos, como Lucrécio, Horácio e Cícero, quanto a dos modernos, como Grócio, Pufendorf e Hobbes. Sua nova interpretação causou uma mudança ainda mais radical entre os textos do *De antiquissima* e da *Ciência nova*, pois: “se as línguas e as etimologias testemunham as origens do homem, no entanto o passado em questão não é o período da sabedoria esclarecida, mas sim da selvageria errante” (DONZELLI, 2005, § 20). Assim, Vico vai apresentar, principalmente nas edições de 1730 e 1744 da *Ciência nova*, um conceito central para sua epistemologia que é o de “*sapienza poetica*”, no qual “Vico indica a cultura primitiva do gênero humano, muito mais fundada sobre a sensibilidade e sobre as emoções do que sobre a inteligência” (DONZELLI, 2005, § 21). E, em torno de tal conceito, Vico teria construído um saber enciclopédico para responder à questão concreta de “como adquirir a sabedoria (*sapientia*)?” (DONZELLI, 2005, § 21). Dessa maneira, Donzelli (2005, § 20) apresentou uma ruptura relevante no conceito de sabedoria entre aquelas obras, enquanto Sanna (2005, § 9) teria percebido entre elas alguma continuidade metodológica, mesmo que evolutiva.

Finalmente, na seção *Dos Elementos* de sua *Ciência nova*, Vico se debruça sobre as diferenças entre o espanto (ou admiração) e a curiosidade. À primeira, ele atribui a origem da especulação filosófica e o centro da teologia poética; à segunda, a propriedade central da *mens* para o conhecimento da filosofia crítica. Com isso, Vico estaria em sintonia com a interpretação científica de curiosidade de Galileu, Bruno e Bacon (DONZELLI, 2005, § 22 e 23). Desenvolvendo sua análise a partir desse duplo aspecto, Vico atribui ao espanto a condição material que rompe a unidade indistinta do mundo e à curiosidade o papel de estabelecer as distinções racionais e recompor a uniformidade geral. Assim, ele expõe duas formas distintas de conhecimento, que se nutrem mutuamente: uma poética e outra crítica. Para expressar essa complexidade, Vico escreve sua *Ciência nova* em um estilo que lembra os “*Adagia*” de Erasmo, os *Pensamentos* de Pascal, as *Máximas* de Rochefoucauld e os *Aforismos* de Bacon. Adota, portanto, um gênero literário composto por breves ensaios, fragmentos filosóficos, aforismos e fábulas, com o objetivo de apresentar as

modificações da *mens* humana (DONZELLI, 2005, § 23). Essa pluralidade de estilos constitui sua filosofia poética, que o levará a adentrar um campo inexplorado em seu tempo: a aplicação do método crítico, filológico e filosófico simultaneamente, “ao problema das origens humanas, das primeiras formas de civilização e do direito, da formação da linguagem” (DONZELLI, 2005, § 23).

Na *Ciência* nova, a “virada antropológica” de Vico ocorre por sua análise da esfera prática, que consiste em restaurar competências antigas e as estender por sobre espaços inexplorados da história da civilização, da cultura, atribuindo-lhe um estatuto científico. Fundado sobre a noção da profunda relação que ocorre entre a religião, a ética e as instituições civis humanas, “a pesquisa de Vico apresenta sua especificidade, seja na nova formulação do conceito de natureza humana, seja na formulação do novo método de saber do mundo humano histórico” (DONZELLI, 2005, § 26), acrescentando que assim ele “define de uma nova maneira a natureza do objeto e o método de conhecimento do mundo humano” (DONZELLI, 2005, § 26).

Ademais, Girard (2018) aponta uma verdadeira ruptura no pensamento de Vico ao considerar suas perspectivas no *De antiquissima* e as que ele desenvolveu na *Ciência nova*. Pois, para Girard (2018, p. 262)

No *De antiquissima* Vico acredita poder encontrar na ‘antiga Itália’ uma sabedoria verdadeira e profunda, e isso se fundando no estudo renovado das etimologias latinas. Ora, a *Scienza nuova* abandona essa posição e desenvolve, ao contrário, a ideia segundo a qual o que marca os primórdios da humanidade é, acima de tudo, um estado bestial, grosseiro, e é vão querer encontrar uma sabedoria própria à “razão toda desenvolvida [*ragione tutta spiegata*]”.

A partir desse breve panorama sobre a pluralidade dos métodos em Vico, bem como sua complexidade e dificuldade de análise, rerepresentamos nosso tema, que se propõe a investigar como Vico teria desenvolvido seus métodos diante da diversidade dos temas em estreita dependência das funções da linguagem, inspirado em Bacon e crítico daquele geométrico de inspiração cartesiana. E assim, o método de estudos das primeiras orações, o etimológico de sua Metafísica e o filosófico e filológico de sua nova arte crítica, teriam evoluído de uma compreensão sobre a função moral que a eloquência tem para a sabedoria, presente nas *Primeiras Orações*, até o tratamento da linguagem enquanto lastro da sabedoria dos povos antigos, que

surge no *De antiquissima*³ e que se estende até a *Ciência nova* de 1744⁴. A investigação seguirá procurando responder qual seria a percepção de Vico, por meio de seus métodos, da relação que se estabelece entre a língua ou linguagem e a produção de conhecimento de uma sociedade.

Os termos método, sabedoria e ciência estão presentes em seus textos desde as *Primeiras orações* até a *Ciência nova*, mas, como visto acima, sofreram alterações, rupturas e um amadurecimento ao longo de sua trajetória filosófica. Na *Sexta Oração*, Vico partiu de um entendimento de que o método de estudos deve iniciar pela linguagem retórica, adequada para produzir uma sabedoria com eloquência, tendo consequências benéficas para a vida em sociedade, e na sua última redação da *Ciência nova* apresenta a sabedoria situada historicamente, podendo ser investigada por meio de um método filosófico e filológico que se utiliza da linguagem para inteligir os princípios gerais que rege a história das nações em sua vida social. Para abordar a relação entre métodos e sabedoria em Vico, começaremos por suas *Primeiras orações*.

Sabedoria e método nas *Primeiras orações*

A partir da leitura da *Vita*⁵, Vico afirma que em seus discursos inaugurais se dedicou parcialmente a um método de estudos na Sexta Oração e depois o seu *De nostri temporis studiorum ratione*⁶, ou Sétima Oração, foi inteiramente dedicado a tal

3 Silva Neto (2016-2017, p. 389) nos mostra que “o lugar da linguagem se expande no *De antiquissima*”.

4 A partir da investigação metodológica da *Ciência nova* de 1744, Guido (2002) afirma que em Vico “somente a linguagem pode escavar a memória coletiva até atingir os primeiros sedimentos dos tempos primitivos” e que “a língua é o maior patrimônio do passado, é a fonte privilegiada para a investigação dos tempos obscuros, quando tudo aquilo que é humano tem sua origem” (GUIDO, 2002, p. 2).

5 Obra autobiográfica de Vico, originalmente intitulada como *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, publicada em 1728, doravante *Vita*. Em 1731, Vico publicou sua *Aggiunta all'Autobiografia*, ou *Aditamento feito por Vico à sua autobiografia* (VICO, 2017, p. 157 ss.)

⁶ Dorante *De ratione*.

método⁷. Embora Vico tenha desistido de publicar as seis primeiras orações⁸, há de se considerar a importância de tais discursos para perceber o início “da filosofia de um pensador que sempre teve em seu coração o problema dos ‘inícios’” (BORDOGNA, 2007, p. 37). Destarte, desde a *Primeira Oração*, é possível perceber que Vico tem uma atenção especial à ordem das coisas ou da natureza. Essa ordem ou *ratio* é um dos temas de discussão dos modernos e, para Vico, está diretamente relacionada ao método. O método para os estudos apresentado na *Sétima Oração* será o ápice do desenvolvimento de uma reprodução sintética ou artificial da ordem natural das coisas, que ao longo das *Primeiras orações* foi desdobrado a partir do entendimento de que a natureza é racional.

Ao discorrer sobre o processo de abstração da mente humana na *Primeira oração*, Vico avalia o “grande esforço do engenho” para “abstrair a mente dos sentidos e apartar o pensamento dos hábitos” (VICO, 2002, p. 6). O ânimo, que é um “simulacro de Deus”, sobressai pela “sagacidade e o movimento, pela memória e o engenho”. Se “o corpo, sem dúvida, é como um vaso ou uma espécie de receptáculo do ânimo” (p. 5), então, mediante o ânimo e os sentidos, é possível realizar “aquela virtude de configurar imagens das coisas, que se denomina ‘fantasia’, enquanto engendra e procria novas formas, certamente declara e confirma a divindade de sua origem” (p. 7). Em outras palavras, desde a *Primeira oração*, Vico relaciona os sentidos, que geram memória e produzem fantasia, diretamente com a capacidade criadora do engenho. Ele equipara essa capacidade humana à divina, pois “ver, ouvir, descobrir, comparar, inferir, recordar, são coisas divinas” (p. 11). Destarte, os sentidos auxiliam a mente humana em sua “virtude que combina as coisas entre si, ou separa alternativamente umas das outras” (p. 8), sendo sua atribuição a divina virtude da capacidade de perceber, compor, dividir e raciocinar. Nesse aspecto, sentidos e pensamento, ou corpo e mente, distinguem-se em Vico, à semelhança dos demais

7 “[Vico] tratou ou dos fins dos estudos, como nos primeiros seis, ou do método de estudar, como na segunda parte do sexto e de todo o sétimo” (VICO, 2017, p. 104; Cf. VICO, 1998, p. 116).

8 Pois, de acordo com Vico, “ele regozijou-se por não ter dado a lume aqueles discursos, estimando que não se deveria sobrecarregar com mais livros a república das letras, que já não se sustém sob tamanha carga, e para a qual só se deveriam trazer livros de descobertas importantes e de utilíssimas invenções” (VICO, 2017, p. 113-114). Mas, ao que parece, Vico as teria conservado e guardado de maneira que tornou possível a sua publicação póstuma.

modernos, com atribuições diferentes, mas preservando suas relevâncias específicas desde a *Primeira oração*, na qual o engenho é relacionado à memória e, portanto, aos sentidos. Isto é, os sentidos têm origem no corpo e o pensamento não é uma atribuição exclusiva de uma mente dissociada do corpo⁹. Consequentemente, ambos se constituem como resultado da união entre si. Na *Ciência nova*, essa compreensão permite a Vico perceber o caráter temporal tanto da sabedoria vulgar quanto da sabedoria reposta ou refinada¹⁰.

Nessa mesma oração, Vico esboça o percurso de desenvolvimento que a mente humana faz ao longo das fases da vida. Assim, ele escreve que em determinado momento “o ânimo alcança a idade em que pode usar a razão, da qual é partícipe” (VICO, 2002, p. 9), ocasião na qual a mente, por meio de uma longa concatenação e série de argumentações, “avança e ascende do conhecimento de si ao de Deus” (p. 9). Tal capacidade de concatenar argumentações não seria possível enquanto criança, pois não teria como chegar ao conhecimento de Deus mediante uma cadeia de raciocínios. Nesse trecho da oração, é possível perceber a referência indireta de Vico àquele raciocínio em que Descartes fez na *Terceira meditação*¹¹ e na quarta parte do *Discurso do método*¹², que ao partir do “conhecimento de si” chega até a prova da existência de Deus. Ainda sobre as semelhanças entre o texto de Vico

9 No *De antiquissima*, Vico discordará da dissociação entre mente e corpo, ao escrever que “certamente, nenhuma das escolas pagãs reconheceu uma mente humana pura de toda corporeidade. E por isso pensaram que toda obra da mente é sentido, isto é, que qualquer coisa em que a mente seja agente ou paciente é um contato de corpos” (VICO, 2002, p. 179).

10 A *sabedoria riposta* tem relação tanto com o sentido de refinada quanto reservada, enquanto um conhecimento aristocrático, não popular, especial, acadêmico etc. O sentido de reposta assume também o sentido de ser uma recolocação do saber popular.

11 Na qual Descartes, do “conhecimento de si” ascende ao “conhecimento de Deus”, ao escrever um longo raciocínio para provar a existência de Deus e afirma que “é necessário obrigatoriamente concluir, de tudo o que foi dito antes, que Deus existe; porque, mesmo que a ideia da substância esteja em mim, pelo próprio fato de ser eu uma substância, não teria a ideia de uma substância infinita, eu que sou um ser finito, se ela não tivesse sido colocada em mim por alguma substância que fosse de fato infinita. [...] de alguma forma, tenho em mim a noção do infinito anteriormente à do finito, ou seja, de Deus antes que de mim mesmo.” (DESCARTES, 2000, p. 281-282).

12 Nesse texto, Descartes é mais conciso do que na *Terceira meditação* ao discutir a existência de Deus, o qual, ao partir da comprovação clara e distinta do *cogito*, em seguida escreve que “a ideia de um ser mais perfeito que o meu” não poderia ter saído do nada, senão “tivesse sido colocada em mim por uma natureza que fosse de fato mais perfeita do que a minha, e que possuísse todas as perfeições de que poderia ter alguma ideia, ou seja, para dizê-lo numa única palavra, que fosse Deus” (DESCARTES, 2000, p. 63-64).

e o de Descartes, pode-se notar que a incapacidade de raciocinar da infância é destacada no início da *Primeira meditação* ao escrever que “eu me dei conta de que, a partir da minha infância, considerara verdadeiras muitas opiniões equivocadas” e que, portanto, “esperei chegar a uma idade que fosse tão madura que não houvesse necessidade de aguardar outra depois dela” para “livrar-me de todas as opiniões nas quais até aquele momento acreditara, e começar tudo novamente a partir dos fundamentos, se pretendesse estabelecer algo sólido e duradouro nas ciências” (DESCARTES, 2000, p. 249). Porém, Vico não assume o critério de clareza e distinção proposto por Descartes no estabelecimento do conhecimento e, além disso, parece não desprezar a importância do engenho, o qual tem “capacidade equivalente a divina” de criação e tem sua relação com o ânimo, cuja origem é corporal.

Dessa forma, nessa oração, Vico acredita que apesar de ser possível que a criança possa chegar ao conhecimento da existência de Deus, isso não poderia ter sido de maneira “advertida”¹³ por meio de uma cadeia de raciocínios devido aos seus limites quanto ao uso da razão, uma vez que ela estaria mais imersa nos conhecimentos fornecidos pelos sentidos e pela memória. Para explicar tais limites do uso da razão das crianças, Vico traça analogias com a apreciação que é feita por pessoas leigas de quadros, de música e de filosofia que, ao contemplá-los, deixam escapar detalhes importantes que seriam percebidos por especialistas. Dessa maneira, Vico exemplifica em sua oração que “qualquer de vós contempla diariamente pinturas, mas não vê os inúmeros detalhes que os pintores observam; diariamente ouve sinfonias e canções, mas quantas coisas se lhes escapam, as quais ouvem aqueles exercitados em tal gênero” (VICO, 2002, p. 10) e “qualquer de vós preludiava, desde menino, o maior dos filósofos; mas, ao faltar-lhe a filosofia, não lhe advertiu” (p. 10). Ou seja, embora as crianças possam “chegar ao conhecimento da existência de Deus”, isso não se dá por meio daquela longa cadeia de raciocínios, como aquela cartesiana, mas ela pode ocorrer por meio dos sentidos e da memória.

E, nessa oração, Vico segue caracterizando a faculdade da memória que se destaca durante a infância, pois “com dois anos, ou no máximo três, recordamos de memória todas as palavras e coisas que contêm o uso comum da vida, palavras e

13 Chegar ao conhecimento de maneira “advertida” assume o sentido de que seria um conhecimento originado após um processo raciocinado ou refletido nesse texto de Vico.

coisas que, se algum lexicógrafo quisesse ordená-las e catalogá-las, é necessário que escreva amplíssimos volumes” (p. 10)¹⁴. Nesse sentido, o argumento de Vico sobre a força da memória na infância se fundamenta sobre a sua observação de que crianças, com apenas dois ou três anos de idade, são capazes de recordarem um grande número de palavras para o uso comum. Essa é uma capacidade do ânimo, o qual pertence à faculdade da memória e está contida nos domínios dos sentidos e do corpo, em uma idade que a mente humana ainda não consegue abstrair plenamente, porém já seria capaz de conter um grande número de “palavras e coisas” para “o uso comum da vida”. Em vista disso, Vico poderá inferir, mais tarde, que é possível que as palavras, capazes de criar engenhosamente uma língua, podem ser guardadas na memória mesmo sem o desenvolvimento pleno da capacidade de abstrair da mente.

Se a natureza humana apresenta uma ordem em que a infância é rica em imaginação, a adolescência em fantasia e que culmina com a capacidade de abstração e racionalização da vida adulta, então o método de estudos adequado deve potencializar cada uma dessas fases da ordem do desenvolvimento natural da humanidade. Assim, o método de estudos, que é sintético ou artificial, deve estar em consonância com a ordem natural do desenvolvimento da mente humana. Na *Sexta oração*, o método de estudos é atrelado ao fim dos estudos, que seria capaz de promover uma sabedoria com prudência, ou melhor, compromissada ética e politicamente. A partir de 1706, depois de alguns anos de magistério e de orações inaugurais, tal relação entre sabedoria e prudência, tematizada por Vico desde suas *Primeiras orações*, recebe um método de estudos, resultado de suas leituras, meditações e prática docente.

De um ponto de vista mais geral, é possível perceber que, já na *Primeira oração*, Vico idealiza a união entre sabedoria e prudência no “conhecimento de si” para “completar todo o orbe de disciplinas” (VICO, 2002, p. 5). A essa união, ele atribui funções políticas, ao afirmar, na conclusão, que a “recompensa de seus estudos, [...] com inacreditável prudência e sabedoria” pode conduzir os estudantes à vida pública

14 Na *Sexta oração*, Vico retoma esse argumento e escreve que “Não há dúvida alguma que a infância é uma idade tão débil na razão quanto vigorosa na memória: pois as crianças de apenas três anos possuem já todas as palavras, todas as locuções necessárias para qualquer uso ao longo de sua vida, que raramente um ingente volume de léxico pode conter” (VICO, 2002, p. 67).

(VICO, 2002, p. 13). A ordem da natureza apresenta-se na fantasia dos povos e das crianças de dois anos, que usam da memória para compor o que conhecem, sendo divinamente criadores, pois assim como “Deus é o artífice da natureza: o ânimo, se não é um sacrilégio dizer assim, é o deus das artes” (VICO, 2002, p. 7). Dessa maneira, a natureza, da qual a humanidade faz parte, “fez-nos para a verdade, a ela nos conduz o engenho, a ela nos dispõem a admiração” (VICO, 2002, p. 11), pois “a busca pela verdade é própria do homem”¹⁵. Bordogna (2007, p. 37) mostra que o primeiro grande tema dessa oração é a unidade entre ciência e arte, do conhecimento divino e humano, mas que, ainda assim, desde “a primeira oração, um outro tema, também de primordial importância, está claramente presente nos discursos universitários: aquele do nexo entre o saber e a virtude” (BORDOGNA, 2007, p. 37).

A *Segunda oração*, retoma o tema sobre a natureza humana que, quando contrariada, “a cada instante, torna-se mais distinto de si e, no prazo de uma hora, desagrada a si mesmo” (VICO, 2002, p. 14). Pois, “a lei que, por conseguinte, Deus sancionou para o gênero humano é a sabedoria. Se aplicamos nossa atenção aos estudos da sabedoria seguimos a natureza” (VICO, 2002, p. 16) e se dela “nos afastamos”, o “engano” é o seu castigo imediato. De outro modo, os estudos da sabedoria, isto é, o modelo de estudos da *Segunda oração* deve estar conforme a natureza humana para ter o êxito da felicidade, adequando a natureza e os estudos da sabedoria. Para atingir a felicidade, Vico conclui que devemos obedecer a “aquela lei natural que ordena que cada um esteja de acordo consigo. É fácil, porque inata e benigna, porque natural” (VICO, 2002, p. 25), sendo produto de uma meditação interior sobre a própria natureza humana e que será, anos mais tarde, desdobrado em um convite na *Sexta oração* para “contemplar o foro íntimo”, contemplação que justificará o método de estudos adequado.

A *Terceira oração* identifica as virtudes próprias para cada idade do indivíduo, adequando a cada idade a sua virtude, pois, aos jovens deve dar-se exemplos de

15 Vico escreve isso muito provavelmente influenciado pela obra *Dos deveres* de Cícero (1999, I, VI, 18, p. 12), que escreve: “dos quatro pontos nos quais dividimos a natureza e a força do honesto, aquele que consiste na aprendizagem do verdadeiro é o primeiro a tocar a natureza humana. Sem dúvida, somos todos arrebatados pela ânsia de conhecimento [...]”. E ainda, “é próprio do homem a busca e a investigação do verdadeiro” (CÍCERO, 1999, I, IV, 13, p. 10).

temperança, ao ancião de prudência e os da justiça por toda sua vida, produzindo “o fruto conveniente e adequado a cada idade” (VICO, 2002, p. 27), algo que se assemelha à futura teoria do desenvolvimento das idades da *Ciência nova*. Adiante, ao identificar e demonstrar preocupação com o risco do “mal uso dos estudos das letras”, capaz de produzir uma “erudição vã”, Vico parece iniciar, na *Terceira oração*, a distinção entre o método de estudos defendido pelos cartesianos de Port Royal e sua proposta humanista, que será posteriormente esclarecida e mais bem desenvolvida no *De ratione*.

Ainda nessa oração, Vico apresenta a ordem de estudos de filosofia e filologia para corrigir os possíveis vícios nos estudos, enumera autores e as contribuições de suas obras (VICO, 2002, p. 30), pede que se perdoe seus erros (p. 31) e recomenda primeiro ouvir seus mestres para depois julgar (p. 31), dando ao juízo a última etapa para o estabelecimento do conhecimento. Desenvolve, na forma de diálogo, uma discussão sobre teoria e prática em uma dissecação, exaltando o conhecimento indutivo (p. 32-33); chama a atenção dos “doutos” que tentam interpretar Homero de acordo com o conhecimento de outros períodos (p. 34) e alerta sobre a possibilidade de que se Descartes em alguma regra de sua física e método geométrico resulte em falsidade, terá sua teoria comprometida devido ao procedimento de seu método (p. 36). A *Terceira oração* é rica de fragmentos de muitos temas que estariam como “árvores em uma semente” (VICO, 2002, *Primeira oração*, p. 3), ou em germe, os quais serão desdobrados em suas obras posteriores. Além da continuidade do tema da natureza e seu desenvolvimento, nessa oração Vico inicia sua comparação entre os métodos de estudos e alerta para o perigo de que o “mau uso dos estudos” poderá resultar em uma “erudição vã”.

Na *Quarta oração*, Vico assume maior caráter político e social ao insistir no compromisso social da sabedoria, ou dos estudos, quando expõe o dever de “instruir a juventude a cargo do Estado” (VICO, 2002, p. 39), “para o bem comum dos cidadãos” (VICO, 2002, p. 40) e de “ajudar ao maior número possível de pessoas” (VICO, 2002, p. 45). Nessa oração, destaca-se a utilidade e a finalidade política dos estudos para o bem comum dos cidadãos. Ainda sobre o tema da ordem da natureza humana e sobre os estudos, no início da oração, Vico destaca que os adolescentes estão em uma “idade em que os sentidos têm maior vigor e a fantasia é mais

poderosa” (VICO, 2002, p. 39), mas que “a mente”, sendo ainda muito “reduzida”, é “curiosa de maneira semelhante ao vício”. Essa condição da natureza dos adolescentes gera dificuldades nos estudos, pois “necessita de estímulos desse teor para que cheguem a quase se despojar de sua natureza, precisamente na idade em que aquela [a fantasia] é mais pujante” (VICO, 2002, p. 39). Vico irá mais tarde indicar um método adequado a essa natureza humana para que não seja tão violento a sua idade e condição.

Para atingir a finalidade mais nobre da natureza humana, que é “querer ajudar ao maior número de pessoas” (VICO, 2002, p. 45), assemelhando-se a Deus Ótimo Máximo, “cujas natureza é a de ajudar a todos” (p. 45), deve-se orientar “as letras ao bem comum” (p. 48), “aprender bem, da forma mais completa e profunda, essas letras que chamam humanas: assim se denominam os estudos de Teologia, Jurisprudência, Medicina, Línguas, História e Eloquência”, evitando, portanto, os males dos intelectuais que “retiram-se da política e se refugiam e se escondem em seus assuntos privados” (p. 47). Assim, aquele tema que discute o “mal uso dos estudos” que resulta em uma “erudição vã”, da *Terceira oração*, é ampliado por Vico na *Quarta oração* ao lhe adicionar o compromisso político e social da educação, aprofunda a crítica aos intelectuais que se afastam da vida política em prol de seus interesses pessoais, bem como põe em evidência a necessidade da formação dos adolescentes nas matérias “humanas”, que são “estudos não lucrativos”, mas que são de “enorme utilidade para o Estado” (p. 48).

Na *Quinta oração*, ao discutir o papel do sábio em relação à glória bélica dos Estados, a sabedoria com prudência é apresentada como um dever do sábio em seu compromisso com a pátria, ao mesmo tempo que atribui a sabedoria aquilo que torna “supremos” os chefes militares. Nessa oração, Vico atribui um caráter duplo a humanidade¹⁶, que é “mente e ânimo”, e afirma que “a mente está sepultada pelos

16 De outro modo, a partir da *Sexta oração*, Vico atribuiu um caráter triplo ao humano, o qual “não é outra coisa que mente, ânimo e linguagem” (VICO, 2002, p. 61), seguindo a caracterização tripla da sabedoria que estabelece nessa oração. Na *Ciência nova*, Vico conclui o *Livro quarto* afirmando que “Em resumo – não sendo o homem, propriamente, senão mente, corpo e fala, e sendo a fala como que colocada a meio entre a mente e o corpo, o certo acerca do justo começou nos tempos mudos do corpo; depois, inventadas as falas que se dizem articuladas, passou às ideias certas, ou seja, fórmulas de palavras; finalmente, tendo-se desenvolvido toda a nossa razão humana, veio a terminar no verdadeiro das ideias acerca do justo, determinadas com a razão pelas últimas

erros e o ânimo depravado pelas paixões” (VICO, 2002, p. 51). Para superar tais dificuldades, “a sabedoria remedia ambos males, forma a mente com a verdade e o ânimo com a virtude” (p. 51) para que atenda ao principal dever da vida, que é “ser útil aos interesses da pátria e prestar um bom serviço ao Estado” (p. 51).

Nessa oração, ao recorrer ao exemplo do “chefe militar supremo”, somente a sabedoria pode conferir-lhe as virtudes espirituais para sua “exímia glória bélica”, que são a justiça, a moderação, a continência, a clemência, “ser afável com os soldados, inofensivo entre aqueles que vivem em paz, de um profundo crédito ante os inimigos” (VICO, 2002, p. 55). Enquanto, ao descrever as “virtudes da mente”, Vico praticamente indica um programa de formação que começa pela “dialética” para o juízo, depois “geometria” para a “disposição das tropas”, aritmética para computar o espaço e os inimigos, e segue enumerando e justificando suas matérias: a arquitetura e a mecânica, a doutrina moral para o “conhecimento profundo dos costumes”, a história, a eloquência e, por último, a ciência da natureza para explicar os fenômenos naturais às tropas.

E conclui que os grandes chefes militares, tal como Alexandre Magno e Júlio César, tornaram-se grandiosos por causa de sua formação. Pois, “Alexandre, [...] se formou à grandeza de Aquiles, estimulado por seu exemplo mediante a leitura de Homero. César [...], com a leitura das façanhas de Alexandre, apaixonou-se por essa categoria dos maiores generais” (p. 58), daí que Vico condiciona o sucesso de Alexandre e de César à literatura de Homero. Assim, a sabedoria, que é unida à prudência, exige os conhecimentos dos *studia humanitatis*, sendo capaz de tornar os militares gloriosos na defesa de sua pátria. Para Vico, o método para a formação dos generais, além das disciplinas da dialética, geometria, aritmética, arquitetura, mecânica e ciência da natureza, que parecem ter finalidade prática mais imediata, não pode dispensar a formação humana da moral, da história, da eloquência e da literatura para alcançar a excelência e a grandiosidade.

Na *Sexta oração*, há uma evolução na reflexão de Vico sobre a relação entre sabedoria e prudência ao definir mais claramente um papel especial para a linguagem

circunstâncias dos fatos” (VICO, 2005a, §1045, p. 785). Dito de outra maneira, Vico escreve que “*non essendo altro l'uomo, propriamente, che mente, corpo e favella*” (VICO, 1971, p. 680).

como parte do saber humano, pois a sabedoria é apresentada como um composto entre “saber com segurança, obrar retamente e falar de forma adequada, de modo que o humano nunca se envergonhe de ter-se enganado, nunca sinta desgosto por ter agido mal, nunca se arrependa de não ter falado adequadamente” (VICO, 2002, p. 63). Dessa maneira, ele assume não apenas um caráter duplo do humano, como na *Quinta oração* que mencionava o humano ser composto por mente e ânimo, mas, a partir de então, Vico atribui maior relevância para a linguagem, pois nessa oração ele reconhece um caráter triplo da sabedoria que une ciência, virtude e eloquência, algo que seria ainda um tanto latente ou não tão expresso em suas orações anteriores como foi na *Sexta oração*.

Desde a *Primeira oração*, Vico assinalou a linguagem quando destacou a eloquência ciceroniana para a obtenção da sabedoria para uma “vida feliz”, pois o princípio do “conhece-te a ti mesmo” tornou-se sublime com “o mais eloquente dos sábios, o mais sábio dos eloquentes, Cícero”, o qual teria melhor aplicado essa sentença às questões da virtude ao indicar que o “conhece-te” deva dedicar-se ao “conhece teu ânimo” (VICO, 2002, p. 5), o que seria feito com o auxílio da eloquência e direcionado ao conhecimento de seu próprio *pathos*.

Desse modo, embora o princípio do “conhece-te” proporcionasse uma sabedoria para uma vida feliz, somente com a eloquência de Cícero ela alcançaria o seu pleno desenvolvimento. Segundo o exame minucioso de Corsano (1935), pode-se notar que essa oração, que desejava ser toda cartesiana, espinosana e socrática, apresenta uma “interpretação fundamental do *cogito* que não é senão aquela ciceroniana do *nosce te ipsum*” (CORSANO, 1935, p. 53). E, desse modo,

Não só é citado integralmente o trecho do livro I das *Tusculanae*, mas também se percebe claramente o cunho retórico desse platonismo ciceroniano que entroniza o ânimo acima do corpo apenas como um expediente de estimulação e elevação da fé e da dignidade humana contra a ação adversa da “*verecundia* [timidez] (que também teria o direito de ser considerada como virtude cristã) *et dissidentia et magnarum rerum desperatio* [aversão e desespero de coisas grandes]” (CORSANO, 1935, p. 53).

Como mostra Corsano (1935), Vico, ao longo de suas orações inaugurais, aproximou-se do modelo de sabedoria dos humanistas e de Cícero, pensando em uma sabedoria com eloquência capaz de tornar o indivíduo melhor por meio da

prudência e por seu compromisso civil, indo na contramão do conceito de sabedoria dos demais modernos. Naquela *Primeira oração*, “Vico quis deixar claro, a um público em que eram numerosos os cartesianos, que não ignorava aquela sua filosofia, e que, ao invés disso, sabia utilizá-la perfeitamente e assimilá-la ao seu iluminismo humanista” (CORSANO, 1935, p. 54).

Ademais, Donzelli (2005), ao investigar o conceito de sabedoria em Vico e compará-lo com aqueles dos demais modernos, estabelece um quadro sobre os principais conceitos de sabedoria moderna, principalmente entre os franceses, como Descartes com sua ciência sistemática e rigorosa das paixões, e atribui-lhes três principais características comuns entre alguns deles: a primeira é a “renúncia à vida mundana do sábio que se recolhe à sua solidão e à sua individualidade” (DONZELLI, 2005, §4); a segunda é a figura do sábio que “não assume o papel pedagógico [...] de conduzir o povo à consciência, à responsabilidade, à virtude por meio das formas de persuasão, de discurso e de saber como eloquência” (DONZELLI, 2005, § 6); por fim, a terceira característica é a sua “renúncia ou ao estudo da política ou ao estudo do campo econômico e limita-se a permanecer no campo da ‘prudência’ privada” (DONZELLI, 2005, § 7).

Em oposição à tal sabedoria moderna, em especial ao modelo francês, Donzelli (2005) apresenta como as discussões napolitanas, de Vico e de Doria principalmente, preocupavam-se com o compromisso social da sabedoria, pois “para os intelectuais napolitanos, a ‘sabedoria moderna’ deve tornar-se uma ciência, mas uma ciência que não deva prescindir dos ideais e dos saberes da filosofia prática clássico-humanista” (DONZELLI, 2005, § 13). Como Donzelli destaca, sua contextualização permite compreender a constante hostilidade viquiana às figuras do sábio moderno, pois “sua atenção ao mundo moral é antes uma atenção ao mundo ético, o mundo das instituições jurídicas e políticas, das objetivações coletivas da ação intersubjetiva dos homens” (DONZELLI, 2005, § 15), marcado pela retórica, pelo direito e pela comunicação de uma filosofia em batalha contra os filósofos “monásticos e solitários”, assim sendo mais próxima dos filósofos da política.

Na *Sexta oração*, a falta dessa sabedoria e de sua eloquência, ou “infacundidade da língua”¹⁷ (VICO, 2002, p. 62), causaria problemas tanto para a ciência quanto para a prudência, obstruindo o conhecimento e dificultando a vida em sociedade. Sua ausência provocaria falsas opiniões, enganaria os juízos, seduziria os homens por meio de sofismas, corromperia suas ações pelos vícios do ânimo. Enfim, isso causaria a dissociação entre os homens, desraigando-lhes de seu lugar e dispersando-lhes, como no castigo dado aos descendentes de Nemrod pela construção da Torre de Babel. Propondo investigar a própria mente, Vico indica que é possível perceber “o homem por todos lugares corrompido, e descubra em primeiro lugar a infacundidade de sua língua, logo sua mente confusa pelas opiniões e, finalmente, seu ânimo manchado pelos vícios” (VICO, 2002, p. 61) de acordo com a relação que estabelece entre a linguagem, o conhecimento e a vida prática. Assim, torna-se necessário investigar um pouco mais sobre o caráter triplo da sabedoria e a ordem para a sua aprendizagem, ou método de estudos, que começa a se desenvolver em Vico a partir de sua *Sexta oração*.

Sexta oração: o caráter triplo da sabedoria e a ordem da aprendizagem ou método

Na *Sexta oração*, Vico apresentou um modelo de uma sabedoria com triplo aspecto, sendo científica, eloquente e prudente (DONZELLI, 2005, §15-§16), traçou suas implicações para a vida social e política, bem como descreveu o fim e uma ordem de estudos para que se pudesse chegar até tal sabedoria. Vico, professor de eloquência da Universidade de Nápoles, no início de sua carreira docente fazia a abertura anual de estudos. As suas seis primeiras orações foram publicadas postumamente no século seguinte¹⁸. Somente a *Sétima oração inaugural*, intitulada

17 A infacundidade aqui é entendida enquanto falta de facúndia ou ineloquência. Nas *Institutiones Oratoriae*, Vico relaciona “facúndia” e faculdade, afirmando que “diz-se em latim ‘facúndia’ de *facilitas*, que diziam os antigos *faculitas*, que depois foi contraído em *facultas*, a qual é, sem dúvida, a mais difícil e por isso mais elevada virtude desta arte [retórica], e se sente e se logra mais pelo hábito do que por preceitos” (VICO, 2005b, p. 111).

18 O texto com as cinco primeiras orações permaneceu inédito até o ano de 1869, publicado como: *Cinque orazioni latine inedite*, pubblicate da un Cod. MS. Della Biblioteca Nazionale per cura del bibbliotecario Antonio Galasso. Nápoles: Morano (cf. GUIDO, 2004, p. 124).

*De nostri temporis studiorum ratione*¹⁹, pronunciada em 1708, teve uma versão ampliada e publicada em 1709 como seu primeiro texto filosófico. Após esta *Sétima oração*, as aberturas anuais de Vico foram suspensas por um longo período.

Escrevendo retrospectivamente em sua *Vita*, Vico relatou que a intenção de suas orações inaugurais era de conseguir unir em um só princípio a sabedoria divina e a humana:

Vê-se claramente, pelo primeiro discurso que se referiu, por todos os que se lhe seguiram e sobretudo por este último [o *De ratione*], que desde essa altura se agitava no espírito de Vico um certo assunto novo e grande, que unisse num só princípio todo o saber humano e divino (VICO, 2017, p. 113).

E como ele julgava não ter alcançado o êxito que pretendia, preferiu não publicar as seis primeiras orações em vida (VICO, 2017, p. 113-114), muito provavelmente porque Vico se preocupava em não parecer ser um simples imitador. A respeito disso, Corsano (1935, p. 43) explica que “a famosa polêmica sobre a imitação [...] É antes a pedra de toque para medir a personalidade dos humanistas em face da esmagadora sugestão do mito ciceroniano [...]”, o que, de forma geral, pode corroborar com a justificativa que Vico deu para não querer publicar suas orações inaugurais, pois desejava apenas “trazer livros de descobertas importantes e utilíssimas invenções” (VICO, 2017, p. 114) para a República das Letras.

A *Sexta oração* chama a atenção porque aborda temas que serão desdobrados no *De ratione* e nas outras posteriores. O papel social que Vico atribui a sabedoria nessa oração se manterá em parte naquela sua concepção sobre o saber na sua última e mais conhecida obra, a *Ciência nova*. O conceito de sabedoria de Vico dialoga com as teorias de Sócrates, de Cícero, de Francis Bacon e inclusive com René Descartes, sendo mais próxima da concepção humanista renascentista que unia sabedoria e vida prática. Destacamos, principalmente, alguns elementos que mostram uma possível aproximação entre as teorias de Vico e de Francis Bacon na *Sexta oração*.

Em 1823, a segunda oração já havia sido publicada no *Opuscoli* de Villarosa (cf. BADALONI, 2008, p. 123).

¹⁹ Doravante *De ratione*.

Nessa oração, como acima mencionado, Vico vai caracterizar a sabedoria com três aspectos, que são: saber com segurança, agir retamente e falar de maneira adequada. Ou seja, a sabedoria relaciona o conhecer, o agir e a linguagem. Na primeira parte dessa oração, Vico utiliza os tópicos da Torre de Babel e os de Orfeu e de Anfião para ilustrar o seu discurso. A infacundidade da língua, ou a ineloquência, causa o início de todos os males da divisão social e tem no castigo da confusão de idiomas dado aos descendentes de Nemrod o seu tópico, ao mesmo tempo que ele contrapõe esse cenário ao da sabedoria com eloquência, que torna os homens sociáveis, dedicados ao trabalho e obedientes às leis, representado pelos tópicos mitológicos de Orfeu e de Anfião. Por conseguinte, se na *Sexta oração* por um lado a falta de eloquência é apresentada como o início dos males sociais, por outro a sabedoria, que une eloquência, ciência e prudência, é o remédio para corrigir a corrupção dos homens. É nessa oração que Corsano perceberá manifesto nitidamente o sentimento viquiano pela taumaturgia retórica, na qual a eloquência recebe o grau de suprema dignidade espiritual, constituindo um dos “*três pontos*” ou elementos essenciais da *sapientia* (CORSANO, 1935, p. 44).

Souza Filho (1999) percebe que enquanto os demais modernos tratam a linguagem sob suspeita devido ao abuso das palavras, por sua imprecisão e confusão, de estarem eivadas de erro, tornando-se veículos de transmissão das crenças falsas e de enganos da tradição, que é “um argumento que percorre a tradição moderna de Sanchez e Bacon a Descartes e Locke” (SOUZA FILHO, 1999, p. 20), Vico, de outro modo, valoriza a linguagem em consequência do conhecimento do criador²⁰ (SOUZA FILHO, 1999, p. 21). Vico, com seu método de análise e interpretação da tradição através da filologia, em que a “ciência da história e da cultura das tradições humanas depende do entendimento de sua linguagem”, diferenciou-se dos demais modernos ao fazer com que a linguagem “deixe de ser vista como veículo dos erros e enganos da tradição, [...] tornando-se o meio pelo qual uma sociedade pode compreender a constituição de sua identidade” (SOUZA FILHO, 1999, p. 22).

20 Embora Souza Filho esteja discutindo aqui os textos posteriores de Vico, pode-se perceber que a valorização que Vico atribuiu à linguagem em suas *Primeiras orações*, enquanto capaz de recuperar o humano corrompido, mantém-se nas últimas obras de Vico como o meio pelo qual torna possível compreender a constituição da identidade das nações, assumindo um caráter mais otimista da linguagem em relação aos outros modernos.

Sob influência da importância que os humanistas²¹ atribuíram à linguagem retórica, a estrutura do discurso da *Sexta oração* é inspirada naqueles aconselhamentos que Cícero (1999) fez para seu filho na obra *Dos deveres*, pois Vico dá conselhos para a vida prática daqueles estudantes de uma Nápoles em conflito e dividida. Evitando ser claro sobre os principais conflitos políticos da cidade, Vico utiliza de recursos retóricos para destacar o papel social que a sabedoria deve assumir para uma melhor convivência social e a melhor política possível. Para explicar melhor como foi desenhada a relação entre sabedoria e vida social na teoria viquiana, é preciso situar o contexto no qual a *Sexta oração* foi pronunciada.

Enquanto Vico apresentava sua *Sexta oração* sobre a sabedoria e uma ordem para os estudos, em outubro de 1707, as tropas do austríaco Carlos de Habsburgo²² (1685-1740) dirigiam-se para a tomada de Nápoles, que, naquele momento, estava sob o governo de franceses ligados à Espanha, em meio ao conflito da Guerra da Sucessão Espanhola. A partir daquele ano, Nápoles estaria sob domínio austríaco até o ano de 1734, ou seja, por cerca de vinte e sete anos.

E antes desse domínio austríaco, no ano de 1701, alguns nobres napolitanos, ligados à Áustria, promoveram a Conjuração de Macchia, pois não aceitavam o governo do francês Felipe Bourbon (neto de Luis XIV) e teriam reivindicado por Carlos de Habsburgo, mas foram violentamente reprimidos pelos espanhóis. Sobre essa conjuração Vico chegou a produzir um texto que foi publicado somente em 1837²³, postumamente. Em meio a tal contexto conflitivo, Vico teria abordado o tema guerra de forma muito genérica em sua *Quinta oração*²⁴, pronunciada entre os anos de 1705

21 Retratando o humanismo ao tempo de Vico, Silva Neto (2010, p. 110) escreve que “os humanistas elegeriam como espaço a *vida ativa* valendo-se da ‘tese de que a filosofia deve ter algum uso prático na vida social e política’. Combatia-se toda filosofia não-engajada ou desligada da sociedade e do seu progresso moral”.

22 Filho de Leopoldo I da Áustria e, em 1711, ele se tornará rei Carlos VI.

23 O nome da obra é *De parthenopea coniuratione IX kal. Octobris MDCCI a Johanne Baptista a Vico regio eloquentiae professore, conscripta*, tendo sido escrita por volta de 1703.

24 Essa oração retoma uma discussão feita por Francis Bacon nas primeiras páginas do *De Augmentis* (BACONE, 1965, p. 21 – 22), nas quais ele trata sobre a relação entre o domínio das armas e o das letras, em que rebate as críticas de que o saber amoleceria o ânimo dos humanos e lhes tornaria ineptos para as armas. Entretanto, nessa época, Vico ainda não lhe havia feito uma citação direta. Bacon só será explicitamente mencionado na *Sétima oração inaugural* de 1708, publicada em 1709 como *De ratione*. Na *Sexta oração* aqui investigada, Vico parece trazer presente a teoria dos ídolos de Bacon do *Novum*

ou 1706, cujo título era: “Que os Estados, quanto mais floresceram nas letras, tanto mais foram inclinados para a sua glória bélica e mais fortes pelo poderio em seus domínios”²⁵ (VICO, 2002, p. 49), sob influência da discussão que Francis Bacon travou no *De augmentis*²⁶ contra os políticos que afirmavam que os estudos e as artes tornariam os estudantes ineptos à glória militar (BACONE, 1965, p. 21-22).

Ainda que vivesse em meio a um contexto político violentamente agitado de Nápoles, pois ora estava sob domínio espanhol, ora francês, ora austríaco, Vico evitou retratar tal turbulência tão claramente em suas orações inaugurais de abertura do ano de estudos. Como a rotatividade no poder era constante, tomar partido poderia representar risco para o exercício de sua profissão e para sua modesta família. A partir de sua obra autobiográfica, ou *Vita*, pode-se afirmar que aquelas orações tinham mais a intenção de se apresentarem sob a aparência de “conselhos”, que serviriam para a vida prática dos estudantes ao “propor argumentos universais oriundos da metafísica para a aplicação à vida civil” (VICO, 2017, p. 104), seguindo aquele modelo da obra *Dos deveres* (CÍCERO, 1999), evitando controvérsias mais diretas com seus ouvintes²⁷.

Apesar disso, mesmo não explicitando nas suas orações o que estava acontecendo em sua cidade, Vico não deixou de dialogar de forma indireta sobre as mudanças políticas e sociais que seus conterrâneos e, principalmente, seus alunos estavam vivenciando. Na *Sexta oração*, mostrando preocupação com o rumo político de Nápoles, Vico apresenta o seu entendimento sobre como o fim e a ordem de

organum, quando trata sobre as falsas opiniões causadas pela infacundidade da língua. Contudo, pelos apontamentos feitos por Bassi (2020) e Sanna (2020), é provável que até o ano de 1709, Vico ainda não conhecia o *Novum organum*, mas apenas o *De augmentis*.

25 “*Respublicas tum maxime belli gloria inclytas et rerum imperio potentes, cum maxime literis floruerunt*” (VICO, 1971, p. 759).

26 Segundo Sanna (2020, p. 1) “O fato de que Vico caia em um equívoco – como sublinhado por toda a crítica – na interpretação daquilo que cita como *Cogitata et visa*, erroneamente traduzido por ‘Coisas pensadas e coisas vistas’, quando se trata simplesmente de ‘pensamentos’ e ‘conclusões’ do tratado do *Novum organum* de 1620, leva a concluir que provavelmente Vico não o tivesse lido. Mas se ele não pôde ler esse livro e acabou por ignorar que se tratasse do título de uma parte depois assimilada da obra baconiana, o mesmo não se pode dizer do *De augmentis*, que por Vico parece ser totalmente conhecido”.

27 Sobre as controvérsias em Nápoles, Corsano escreve que, em assuntos polêmicos, Vico “se guarda de pronunciar-se a favor ou contra” e ainda “coloca-se acima de qualquer controvérsia científica ou filosófica” (CORSANO, 1935, p. 52).

estudos podem contribuir para que se possa viver em uma sociedade melhor e que não fosse uma “solidão em meio à abundância de corpos” (VICO, 2002, p 63), isto é, ele indica o compromisso social e político que a sabedoria daqueles ouvintes, que seriam os futuros dirigentes da cidade, deveriam assumir com a verdade, com a virtude e com a eloquência para uma melhor convivência social entre seus pares, superando as divisões egoístas.

Enquanto professor da cátedra de retórica, Vico sempre deu destaque para a importância da língua ou da eloquência em suas orações inaugurais; por conseguinte, de maneira bem ampla, ele atribuía um valor especial à linguagem. À primeira vista, talvez isso cause a impressão de que ele tenha dado esse destaque à eloquência como uma forma de também valorizar o seu trabalho na universidade de estudos, justificando seu valor para aquela juventude que participava daquela cerimônia de ingresso na academia. Contudo, a relevância que a linguagem assume na filosofia de Vico está muito além da autopromoção de seu ofício.

A influência de Cícero sobre Vico em suas orações inaugurais é muito bem destacada por Corsano (1935). Também inspirado em Cícero, Vico elaborou uma antítese retórica promovida entre a facilidade e naturalidade da sabedoria contra a brutalidade, a bestialidade e a barbárie da insensatez. Esse recurso tem a função de apresentar a sabedoria com otimismo e tal antítese também serve para lhe promover maior destaque. Ademais, Corsano destaca o papel taumátúrgico que a eloquência assume nessa oração viquiana, pois

A VI Oração é um extenso testemunho do sentimento viquiano pela taumaturgia retórica, na qual a eloquência é reconhecida como suprema dignidade espiritual, tornando-a em um dos três *puncta*, ou elementos essenciais da *sapientia*, ou perfeição da natureza humana, racional e eticamente íntegra (CORSANO, 1935, p. 44).

E o discurso teria um papel civilizador, confiando em um modelo de sabedoria com um

Encargo quase terapêutico, portanto, de correção e libertação da estultice e barbárie feroz do homem primitivo, assim como da *infantia* ou inaptidão expressiva e espiritual da criança (CORSANO, 1935, p. 44).

Assim, tomando emprestado o modelo bíblico da Torre de Babel e os mitológicos de Orfeu e de Anfião, a ausência ou presença da eloquência funcionaria como movimento inicial tanto para a dissociação quanto para a reunião do homem em sociedade. Isso justificaria a ordem adequada, ou método, dos estudos que deveria privilegiar a linguagem para uma formação mais completa da sabedoria, indicando a importância da eloquência no fortalecimento da ciência, da política e da ética.

O fim e a ordem de estudar da *Sexta oração*

De acordo com García e Bisbal (1998. p. 116), as primeiras orações de Vico, que davam início às atividades da Universidade de estudos de Nápoles, eram pronunciadas no mês de outubro. A *Sexta oração inaugural* foi intitulada como: “O conhecimento da natureza corrompida dos homens convida a completar o orbe inteiro das artes liberais e das ciências, e expõe a reta, fácil e perpétua ordem para sua aprendizagem”²⁸ (VICO, 2002, p. 60), sendo pronunciada em 18 de outubro de 1707.

Esse título apresenta alguns elementos que merecem atenção, pois, Vico, ao escrever sobre “o conhecimento da natureza corrompida”, evidencia que uma natureza humana, a qual vinha sendo descrita desde a *Primeira oração*, sofreu um processo de corrupção ou desvirtuação de sua origem, baseado na teoria da queda de Adão. Aliado a esse entendimento, a contemplação dessa natureza corrompida é parte do processo de superação de seus vícios e serve para a sua correção por meio das artes liberais e das ciências, o que demonstra que Vico tinha uma perspectiva otimista sobre tais artes e ciências, pois seriam capazes de correção da corrupção humana e não seriam responsáveis pela decadência de costumes ou moral dos homens, pois tal “conhecimento da natureza corrompida” “convida a completar o orbe inteiro das artes liberais e das ciências”. Isso apresenta sintonia com a defesa da

28 “*Corruptae hominum naturae cognitio ad universum ingenuarum artium scientiarumque orbem absolvendum invitat, ac rectum, facilem ac perpetuum in iis addiscendis ordinem exponit*” (VICO, 1971, p. 771).

curiosidade²⁹ científica que Bacon propôs no início do *De augmentis*³⁰, em que rebatia as críticas de que o conhecimento, principalmente da ciência, teria relação com aquela curiosidade que causou a queda de Adão e que encheriam os homens de “orgulho” ou de “soberba”. Além disso, Corsano identificou no otimismo das orações de Vico um elo com o humanismo e com Cícero, pois

De Lípsio, e de outros humanistas tardios seguidores do mesmo movimento caracteristicamente estoicizante, como Schoppe, chega ao Vico aquele incendiar impetuoso de otimismo naturalista, que conciliando a mente e a natureza com Deus, produz uma forte impressão de panteísmo na primeira oração, e o consequente paralelo entre o governo da alma no corpo humano com aquele de Deus no universo, e aquele inatismo gnosiológico de sabor tão francamente estoico-ciceroniano (CORSANO, 1935, p. 55).

No título da *Sexta oração*, pode-se ainda perceber que a “reta, fácil e perpétua ordem para sua aprendizagem”, exposta pela contemplação da natureza corrompida e cuja ordem assume função de corrigir o desvio provocado pela corrupção do homem, faz uma certa referência por analogia ao conceito matemático de que a menor distância entre dois pontos é uma reta. Por isso sua aprendizagem seria mais fácil e, por ser de característica matemática, é também uma verdade perpétua, ou geral,

29 Sobre a curiosidade Vico escreverá mais tarde na *Ciência nova* que, sendo filha da ignorância e produtora da abertura de nossa mente pelo espanto, ela dá origem à ciência (cf. VICO, 2005a, *Dos elementos*, XXXIX, § 189, p. 127). O espanto e a curiosidade são duas propriedades da *mens*, sobre as quais Dozelli (2005, § 22) escreve que para Vico “a curiosidade se apresenta como a outra propriedade central da *mens* para o conhecimento” e que nessa interpretação sobre a curiosidade Vico estaria em sintonia com “Galileu, Bruno e Bacon” enquanto “impulso decisivo que abre caminho ao conhecimento racional e à modernidade”, como já mencionado.

30 Sobre as críticas à ciência como curiosidade que teria levado Adão à queda, Bacon escreve: “os teólogos se lançam a dizer que somente se deve admitir a ciência com muitas limitações e cautelas, uma vez que o primeiro pecado foi precisamente o desejo excessivo de saber, que foi a causa da queda do homem, e ainda hoje serpenteia qualquer coisa de diabólico dentro da ciência, que apenas ao entrar no ânimo produz orgulho” (BACONE, 1965, p. 16) e continua identificando as justificativas desses teólogos que teriam sido feitas a partir de passagens bíblicas com frases de Salomão e de Paulo Apóstolo, as quais supostamente condenariam a dedicação da humanidade à ciência. Mas, para mostrar que tal asserção é falsa, Bacon escreve que “a ciência que produziu a queda do homem não foi aquela ciência pura e original, que o homem se serviu para impor os nomes segundo a natureza aos animais que foram apresentados diante dele no paraíso, mas aquela soberba do bem e do mal, por meio da qual o homem pretendeu afastar-se de Deus e dar a si mesmo sua própria lei” (BACONE, 1965, p. 17), e segue sua argumentação em defesa da curiosidade científica usando palavras do próprio Salomão, de Paulo e de outras passagens bíblicas.

remetendo a *summa vera* ou verdades metafísicas. Mas, o que merece mais destaque nesse título é que, se o conhecimento tem alguma relação com a corrupção dos homens, por meio de uma ordem (reta, fácil e perpétua) de aprendizagem, ou *ratio* ou método, será possível a superação do defeito da mente do homem. Isto é, a sabedoria não é responsável pela corrupção do homem, conforme se pode concluir de que nisso há certa influência baconiana.

Além disso, uma “ordem reta” ou “caminho reto” para virtude, cujo uso a partir do sentido figurado do latim “*rectum*” serviu tanto para denotar alguém “honrado” ou “virtuoso” na retórica de Cícero³¹ quanto também assumia em seus textos o sentido de ser algo “direto, simples e sem rodeios”, foi um termo também utilizado por Descartes na primeira parte do *Discurso do método*³², no qual ele escreve: “As maiores almas são capazes dos maiores vícios, como também das maiores virtudes, e os que andam muito devagar podem avançar bem mais, se continuarem sempre pelo caminho reto, do que aqueles que correm e dele se afastam” (DESCARTES, 2000a, p. 35). E sobre tal “caminho reto”, na terceira parte do *Discurso* a respeito da segunda máxima da moral provisória, Descartes escreve que ao imitar os viajantes, quando perdidos em uma floresta, deveria evitar dar voltas, “[...] mas caminhar sempre o mais reto possível para um mesmo lado, [...] pois, por este método, se não vão exatamente aonde desejam, ao menos chegarão a algum lugar melhor do que no meio de uma floresta” (DESCARTES, 2000a, p. 55). De algum modo, ao apresentar uma “ordem reta” para seus ouvintes, Vico está dialogando também com o *Discurso do método* de Descartes, mas vai opor-lhe em alguns aspectos, pois, dentre outras coisas, se para Descartes a razão ou o senso “é a única coisa que nos torna homens e nos diferencia dos animais” (DESCARTES, 2000a, p. 36), Vico afirma que o homem “não é outra coisa que mente, ânimo e linguagem” (VICO, 2002, p. 61), devido sua caracterização tripla da sabedoria.

Vico dialoga diretamente com esse texto de Descartes sobre o “caminho reto” ao final da *Sexta oração* ao escrever que: “E aqueles que se conduzem em uma ordem confusa em seus estudos movem-se como em um labirinto e não avançam. Mas o

31 CÍCERO, P. Quinctius, 66. The speech of M. T. Cicero as the advocate of P. Quinctius. cf. FARIA, 1962, p. 847 (DICIONÁRIO LATINO PORTUGUÊS)

32 Conforme percebeu Francisco Navarro Gómez na nota 29 de sua tradução da *Sexta oração*, em VICO, 2002, p. 235.

caminho reto é o mais curto de todos, e tal é a virtude da ordem, a de encerrar muito em curto espaço” (VICO, 2002, p. 71). Nesse aspecto, pode-se também comparar aquele texto cartesiano sobre os “que correm e se afastam” do caminho reto, com o texto de Vico sobre “como aqueles de quem Fábio Quintiliano disse elegantemente [...] que para ganhar tempo se demoram” (VICO, 2002, p. 71), pois aqueles que se desviam do caminho perdem-se e atrasam-se, de alguma maneira. Porém, a ordem dos estudos que Vico vai defender é diferente daquela lamentação sobre a própria formação que Descartes fez no *Discurso do método*, pois, seguindo por um caminho diferente, Vico valoriza o ensino da eloquência e o estudo das línguas em conformidade com o desenvolvimento da capacidade das crianças até sua vida adulta.

Ainda sobre o título da *Sexta oração*³³, Vico emprega a palavra “*ordinem*” para se referir à ordem dos estudos, mas no corpo do texto ele utiliza a palavra “*ratione*” para um uso semelhante ao título. Nos primeiros parágrafos ele escreve: “pois se contemplarmos nossa própria natureza corrompida, perceberemos com toda clareza que ela não só nos adverte quais estudos devemos cultivar, como também seu caminho e seu *método*”³⁴ (VICO, 1971, p. 773, grifo nosso). Na conclusão dessa oração ele faz novamente uma alusão à *ratio* para se referir ao método de estudos: “E já tendes, adolescentes de minha melhor esperança, um conselho a seguir acerca da finalidade e do *método* de vossos estudos”³⁵ (VICO, 1971, p. 785, grifo nosso). Somente em 1709 ele vai preferir o termo *ratione* para se referir ao método de estudos logo no título de sua oração. Para Vico, a ordem dos estudos ou o seu método é de fundamental importância para que a humanidade possa atingir a sabedoria que ele defende nessa época e, futuramente, vai contrapor a outros métodos de estudos, ou *studiorum ratione*, que ele julgará serem inadequados para a formação de adolescentes. Na *Sexta oração*, o seu conceito de *ratio studiorum* ainda está em geração e o papel que ele atribui para a sabedoria é otimista.

33 “*Corruptae hominum naturae cognitio ad universum ingenuarum artium scientiarumque orbem absolvendum invitat, ac rectum, facilem ac perpetuum in iis addiscendis ordinem exponit*” (VICO, 1971, p. 771).

34 “[...] *cum si nostram ipsorum corruptam contemplemur naturam, eam sane non solum, quae studia excolenda a nobis sint admonete, sed et eorum viam ac rationem apertissime commonstrare sentiemus* [...]”

35 “*Atque habetis, optimae spei adolescentes, quod sequamini de studiorum fine et ratione consilium* [...]”

Como exposto anteriormente, ao longo do texto Vico apresenta uma divisão da *Sexta oração* em duas partes: a primeira é sobre o fim dos estudos e a segunda sobre o método dos estudos. Na primeira parte, são apresentados a história bíblica de Nemrod e os mitos de Orfeu e de Anfião. Considerando que essa história bíblica e os exemplos mitológicos são uma ilustração bem-marcada da corrupção e da correção tanto do conhecimento quanto dos costumes dos homens, iniciaremos pelo exame do fim dos estudos e a relação entre sabedoria e sociedade, que Vico expõe nessa primeira parte da oração inaugural, para depois examinar o método proposto para alcançar tal fim.

Em sua *Vita*, Vico sintetiza que o fim dos estudos de sua oração resulta do convite para uma meditação no íntimo de cada indivíduo sobre a língua, a mente e o coração, pois elas são os meios que causam a divisão entre os indivíduos em consequência da punição pelo pecado original de Adão:

No sexto discurso [...], ele leva os ouvintes a entrar numa meditação sobre si mesmos, sobre o facto de que o homem, como punição pelo pecado, está separado do homem pela língua, pela mente e pelo coração (VICO, 2017, p. 111).

Vico expõe que as dificuldades individuais em relação à linguagem, ao entendimento e à moral impactam diretamente na convivência social e na conciliação entre os homens, seguindo aquela perspectiva de que o sábio consegue ter uma boa relação com o seu meio social e político, pois é dotado de uma sabedoria com prudência e eloquência. Dessa maneira, as dificuldades da língua, ou da linguagem, obstam o bom relacionamento social quando trai as ideias, as quais embora desejassem “unir o homem a outro homem” têm por resultado o distanciamento. A mente, que ao ser tomada por inúmeras opiniões e gostos advindos dos sentidos, causa o engano do entendimento e levam “o homem a não concordar com outro homem”. E, ao final, o coração corrompido, que representa os vícios do ânimo, distancia ainda mais os homens em sua vida prática ou social, sem sequer conseguirem conciliarem-se “pela uniformidade de vícios”. Vico (2017, p. 111) explica que:

pela língua, que frequentemente não ajuda e frequentemente trai as ideias por meio das quais o homem quereria, mas não pode, unir-se ao homem; pela mente, pela variedade de opiniões nascidas da diversidade dos gostos dos sentidos, em que o

homem não concorda com outro homem; e, finalmente, pelo coração, pelo qual, por estar corrompido, nem sequer com a uniformidade dos vícios concilia o homem com o homem.

Logo, para Vico, o remédio para essa tríplice corrupção também tem efeito triplo, pois a virtude pode corrigir os vícios do ânimo ou do coração, a ciência os defeitos da mente e da opinião e, por fim, a eloquência para os males da língua ou da linguagem, apresentando uma síntese do que seria a finalidade dos estudos: moral, gnosiológica e eloquente, todas com destacada justificativa social.

A partir daí, Vico prova que a pena da nossa corrupção se deve corrigir com a virtude, com a ciência e com a eloquência, pois só por meio destas três coisas pode o homem sentir o mesmo que outro homem. Isto no que diz respeito ao fim dos estudos (VICO, 2017, p. 111-112).

Vico utiliza de sua habilidade retórica no título da *Sexta oração* ao propor contrastar a “natureza corrompida” contra a “ordem reta, fácil e perpétua” da sabedoria. Pois o seu discurso parte de uma reflexão sobre as causas que levariam os adolescentes a fazerem escolhas erradas para sua formação, também sobre as muitas dificuldades que encontrariam em seus estudos, menciona a existência do descompasso que existe entre os desejos que os pais teriam sobre o futuro profissional dos estudantes e sua avidez pelo lucro, os quais esbarram na dedicação insatisfatória dos filhos, para tratar, ao final, do compromisso social, político e ético que é o dever do sábio, algo que havia sido apresentado de forma mais clara na *Quarta oração*, sobre a dedicação do sábio à pátria, e na *Quinta oração*, sobre a formação dos chefes militares supremos. Dito de outra forma, Vico inicia sua oração a partir de um tema que aparentemente é irrelevante, a respeito da escolha errada dos estudantes e sua dedicação insatisfatória aos estudos, para, então, não se furtar do problema político de Nápoles ao tratar do compromisso social, ético e político do sábio, contextualizado, porém sem citar nomes e fatos, em meio à disputa territorial da Guerra de Sucessão Espanhola, de uma cidade que, naquela data, tem as tropas austríacas em frente ao seu forte prontas para lhe invadir.

E tais inconveniências nos estudos, de acordo com Vico, são consequência da “punição pelo pecado” original de Adão para seus descendentes, conforme acima apresentado sinteticamente em sua *Vita* (VICO, 2017, p. 111). No entanto, em vez de seguir sua oração por uma reflexão religiosa sobre a queda de Adão, Vico prefere

conduzir seu discurso para a investigação da própria mente a fim de encontrar essa natureza corrompida. E, ao propor entrar no foro íntimo de cada um e contemplar tal natureza corrompida, algo que lembra a atitude da meditação cartesiana, ele afirma que poderia, assim, encontrar em si próprio qual deveria ser o fim e a ordem dos estudos.

Na *Sexta oração*, o convite à meditação fica mais evidente no seguinte trecho: “pois, se contemplarmos nossa própria natureza corrompida, perceberemos, com toda clareza, que ela não só nos adverte quais estudos devemos cultivar, senão também o seu caminho e o seu método” (VICO, 2002, p. 61. Grifos do autor). Mais à frente, ele acrescenta: “E para comprovar se eu digo a verdade, que cada um de vós penetre em seu foro íntimo e contemple ao humano” (VICO, 2002, p. 61). Em outras palavras, não é a natureza a causa dos males dos seres humanos, mas a corrupção dessa natureza que lhes traz consequências, sendo a dispersão a principal delas. E ele apela que a prova real dessa reflexão, por ele proposta, está no interior de cada ouvinte daquela oração inaugural, sendo uma evidente interlocução com a tradição socrática do “conhece-te a ti mesmo”, presente na *Primeira oração* e de acordo com uma interpretação mais próxima de Cícero³⁶.

Como visto acima, para Vico o foro íntimo, descrito na *Sexta oração* e que pode ter sua natureza corrompida, é composto por três elementos: mente, ânimo e linguagem³⁷, tendo acrescentado o terceiro elemento da linguagem àquela composição de homem apresentada anteriormente na *Quinta oração*, na qual considerava que a “mente está sepultada pelos erros e o ânimo depravado pelas paixões” (VICO, 2002, p. 51). Segundo Francisco J. Navarro Gómez (VICO, 2002, nota 8, p. 233), essa composição entre mente e linguagem apresentada por Vico é inspirada nos textos de Aristóteles e de Cícero, os quais destacam especialmente o caráter político e social que a palavra ou a linguagem tem para o homem. Em sua obra *Política*, Aristóteles distingue o homem dos demais animais pelo uso da palavra e sua associação ocorre por meio da “opinião comum”, a qual produz “uma família ou uma

36 Cf. Corsano, 1935, p. 53.

37 “E para constatar se digo a verdade, que cada um de vós penetre em seu foro íntimo e contemple ao homem. E perceba que, efetivamente, ele não é outra coisa que mente, ânimo e linguagem” (VICO, 2002, p. 61). Como acima citado, na *Ciência nova*, Vico caracteriza o humano como “mente, corpo e fala” (VICO, 2005a, §1045, p. 785).

cidade”³⁸. Em *Dos deveres*, Cícero considera que a conciliação do “homem com o homem” acontece em meio a uma “comunidade de língua e vida”³⁹. Porém, à concepção clássica de *lógos* grego, como a de Aristóteles ou a de Cícero que a considera no sentido de razão e de palavra, Vico adiciona o ânimo como um terceiro fator do foro íntimo, tal como o tradutor destacou. Desse modo, na *Sexta oração* de Vico, o ânimo, que pertence ao domínio do *pathos*, integra o movimento de associação ou de dissociação entre os humanos assim como os demais componentes do foro íntimo, que são a mente e a linguagem. Essa associação entre o *logos* e o *pathos*, na discussão sobre a composição do foro íntimo, é uma consequência do modelo de sabedoria proposto por Vico em suas orações inaugurais, pois ele une a sabedoria e prudência como ideal de formação para os estudantes. Ademais, a adição da linguagem na composição do foro íntimo indica uma mudança de perspectiva, ou, pelo menos, um aumento de consideração, sobre o papel social e político que a palavra assume para Vico na *Sexta oração*.

Por sua vez, o corpo ou a extensão, que é algo comum ou próprio da animalidade em geral, é deixado de lado nessa oração para dar maior destaque àqueles outros três elementos “íntimos”, que lhes diferenciariam e proporcionaria uma especificidade à humanidade⁴⁰. Nessa condução da investigação interior, ele apresenta que a corrupção humana teria início pela infacundidade da língua, que encheria a mente de opiniões e, por consequência, teria o ânimo desonrado pelos vícios. Vico apresenta uma ordem dessa corrupção do homem que inicia pelas dificuldades com a linguagem, ou falta de eloquência, as quais corrompem a mente

38 Além de ser um “animal político”, “o homem é o único animal que tem o dom da palavra. E [...] o poder da palavra tende a expor o conveniente e o inconveniente, assim como o justo e o injusto. Essa é uma característica do ser humano, o único a ter noção do bem e do mal, da justiça e da injustiça. E é a associação de seres que têm uma opinião comum acerca desses assuntos que faz uma família ou uma cidade” (ARISTÓTELES, 1999, I, 2, § 9, p. 146).

39 Cícero, ao diferenciar o humano e o animal, afirma que aquele, “sendo partícipe da razão e por ela discernindo as consequências, vê as causas e não ignora os progressos e os antecedentes” (CÍCERO, 1999, I, IV, 11, p. 9), e, semelhante a Aristóteles em *Política*, percebe a linguagem como expediente para a união entre os humanos ao destacar que “a própria natureza, pela força da razão, concilia o homem com o homem no caminho de uma comunidade de língua e vida” (CÍCERO, 1999, I, IV, 12, p. 9).

40 “E se percebe de que, efetivamente, ele não é outra coisa que mente, ânimo e linguagem; pois discernirá o corpo e as outras coisas e julgará que ou são próprias dos animais ou comuns a eles” (VICO, 2002, p. 61).

pelas opiniões e que, por fim, tem por consequência o ânimo ou as ações contaminadas pelos vícios, que dificultam a associação, como um castigo divino que dissocia, desarraiga e dispersa⁴¹. Assim, o movimento que causa a dissociação do “homem com o homem” segue a ordem, ou *ratio*, de primeiro corromper a linguagem, depois a mente e por fim o ânimo.

A dissociação por causa das dificuldades com a linguagem, proposta por Vico na *Sexta oração*, é muito provavelmente inspirada no modelo dos *ídolos do foro* de Francis Bacon⁴². Porém, como nota Romana Bassi (2020), mesmo na *Sétima oração inaugural* de 1708, Vico ainda não havia elegido Francis Bacon como um de seus “quatro autores privilegiados”, daquela forma como teria citado retrospectivamente na sua *Autobiografia*, escrita entre os anos de 1725 e 1728. É somente naquele texto da *Sétima oração*, depois publicado como *De ratione*, que Vico fará a sua primeira citação direta ao nome de Bacon. Ainda assim, Manuela Sanna (2020) apresenta elementos que mostram que Vico já teria conhecimento da obra baconiana *De dignitate et augmentis scientiarum*⁴³, de 1623, quando pronunciou a sua *Quinta oração inaugural*, em que escreve: “já na quinta preleção de 1705 parece bastante direta a referência a Bacon sobre o argumento relativo à correspondência entre a glória militar e o florescimento da cultura literária” (SANNA, 2020, p. 2). Por conseguinte, à época da *Sexta oração*, Vico já conhecia aquele autor ainda que não tenha feito qualquer referência direta nesse discurso. E, embora, os males causados pelos defeitos da linguagem, pela confusão das opiniões e pela corrupção das ações possam lembrar a discussão sobre os *ídolos* do *Novum organum* de Bacon, é mais provável que eles

41 “E, a partir daqui, perceba ao homem por toda parte corrompido, e descubra em primeiro lugar a infacundidade de sua língua, depois sua mente confundida pelas opiniões e, ao final, seu ânimo maculado pelos vícios: e note que são essas as penas divinas com as quais a Suma Divindade castigou o pecado de nosso primeiro pai, para dissociar, desarraigar e dispersar o gênero humano por ele propagado” (VICO, 2002, p. 61).

42 Croce já havia suspeitado sobre a inspiração de Vico na teoria dos ídolos de Francis Bacon. Na *Ciência nova*, ao combater os preconceitos dos “doutos das nações a respeito da índole e dos fatos da antiguidade”, Vico parece ter se inspirado nos *ídolos da tribo*, que ao opinarem sobre a distante e desconhecida antiguidade faziam “de si a regra do universo”. Sobre isso, Croce escreve que: “aqui é muito próxima a analogia com Bacon, porque tal enunciado se assemelha precisamente à classe dos ‘*idola tribus*’ no qual a mente faz de si a regra das coisas, *ex analogia hominis, non ex analogia universi*” (CROCE, 1922, p. 163).

43 A partir daqui será citada como *De augmentis*.

tenham sido uma criação viquiana a partir de sua leitura daquela outra obra baconiana em latim, a *De augmentis*⁴⁴.

Não obstante, cabe evidenciar que, no *Novum Organum* de 1620, Bacon (1999, XLIII, p. 41) escreve sobre os *ídolos do foro* que: “os homens se associam graças ao discurso, e as palavras são cunhadas pelo vulgo”, o que pode ser diretamente relacionado ao caráter social e político da palavra que está presente tanto nos textos de Aristóteles quanto de Cícero, acima descritos, nos quais Vico teria também se inspirado. E, ao acrescentar que “as palavras, impostas de maneira imprópria e inepta, bloqueiam espantosamente o intelecto” (BACON, 1999, p. 41), destaca-se uma possível inspiração que Vico teria encontrado entre a relação da “infacundidade da língua” com a “mente confundida pelas opiniões” (VICO, 2002, p. 61). Por conseguinte, a conclusão do aforismo de Bacon reforça ainda mais a suspeita de que Vico tenha nele se inspirado, pois ele escreve: “as palavras forçam o intelecto e o perturbam por completo. E os homens são, assim, arrastados a inúmeras e inúteis controvérsias e fantasias” (BACON, 1999, p. 41), enquanto, para Vico, a confusão provocada pelas opiniões da mente macula o ânimo pelos vícios e dissocia, desarraiga e dispersa o gênero humano. Entretanto, considerando o texto acima de Manuela Sanna (2020, p. 1), no período em que Vico pronunciou sua *Sexta Oração*, é muito mais seguro afirmar que ele teve contato com a obra latina *De augmentis*, de 1623, de Bacon.

Nesse sentido, é possível notar que no *De augmentis*, o próprio Bacon indica ter retomado a teoria dos ídolos do *Novum Organum*. Naquela obra, Bacon afirma que “os ídolos são os enganos mais profundos da mente humana”, enquanto imagens comuns a toda natureza do gênero humano, e justifica que “eles não enganam nos particulares, como os outros que obscurecem o juízo e lhe induzem a cavilar; mas lhe enganam em virtude da corrompida e desordenada predisposição da mente, que perverte e contamina todas as antecipações do intelecto” (BACONE, 1965, p. 275), pois a mente humana é como um “espelho mágico” que não reflete fielmente as coisas, senão “superstições e fantasmas”, assim como Vico também vai meditar em sua oração sobre o tema da natureza humana corrompida (VICO, 2002, p. 61).

44 Obra que fez um resgate da teoria dos ídolos do *Novum Organum*.

Seguindo adiante na *De augmentis*, Bacon aborda os três primeiros ídolos: os da tribo, da caverna e do foro, deixando de lado os ídolos do teatro.

E, para Bacon, os “ídolos do foro” são considerados “os mais danosos”, porque “penetram no intelecto em virtude de uma convenção tácita difundida entre os homens a respeito das palavras e das determinações dos nomes” (BACONE, 1965, p. 278). Para Eva (2008, p. 72-73), a análise das distorções criadas e perpetuadas pela linguagem humana, a partir dos “ídolos do foro”, são um exame da linguagem, enquanto espécie de fonte de ilusões e impedimento ao conhecimento das coisas, que se apresenta como uma novidade baconiana em relação aos textos céticos antigos. A partir de suas reflexões sobre a linguagem, sua análise tornou-se crucial “para as discussões filosóficas e linguísticas do século seguinte” (EVA, 2008, p. 73), assumindo papel central na configuração da epistemologia moderna e nas discussões sobre a notação científica⁴⁵ (EVA, 2008, p. 74). Além disso, Souza Filho (1999, p. 6) destaca a postura comum entre os modernos de ruptura com a tradição e, principalmente, com a linguagem, que, enquanto sua integrante, também deve ser rejeitada pois ela “conserva e veicula os erros desta tradição (DESCARTES, *Princípios*, I, 74)” e à qual “Bacon [...] inclui entre os ídolos que distorcem e impedem o nosso conhecimento natural” (SOUZA FILHO, 1999, p 6).

Assim, aqueles “nomes”, citados por Bacon, que são adequados à compreensão e à capacidade de distinção do vulgo, impõem-se violentamente àqueles que tentarem lhe opor outra interpretação. Daí que Bacon retoma o dito que é “necessário falar como o vulgo e pensar como o sábio” (BACONE, 1965, p. 279) e que “as falsas aparências que são impostas pelas palavras, são construídas e aplicadas segundo a compreensão e capacidade do vulgo” (BACONE, 1965, p. 542, XXVI). Em seu *desiderata*, Bacon expõe o “remédio” contra a violência das palavras ao intelecto, o qual é um método adequado diante “das diversas demonstrações aos diversos materiais ou sujeitos”, pois se “erra na escolha da prosa, resta impossível o juízo” (BACONE, 1965, p. 279).

45 Cabe aqui destacar o texto de Rossi (1992a) citado por Eva, no qual apresenta que “a discussão baconiana sobre os *caracteres reais*, a posição assumida pelo Lorde Chanceler relativamente ao problema da linguagem, constituem o pressuposto de todas as doutrinas sobre a língua universal elaboradas no curso do século XVII” (ROSSI, 1992a, p. 275).

Em outras palavras, para superar os defeitos trazidos pelos “ídolos do foro” ao intelecto humano, Bacon afirma ser necessário adequar o método, ou demonstração, de acordo com a matéria a ser tratada. Essas demonstrações são quatro: por consenso imediato e pelas noções comuns; pela indução; pelo silogismo e demonstração em círculo (BACONE, 1965, p. 279-280). Isso, porque o rigor e excessiva severidade para encontrar provas perfeitas, porém superficiais, estão entre “as causas que provocaram os maiores danos e obstáculos para o progresso do saber” (BACONE, 1965, p. 280). E como não é possível se separar desses enganos ou falsas aparências, devido a própria natureza humana e sua condição, é necessário cautela e “a verdadeira guia do juízo humano” (BACONE, 1965, p. 543, XXVII), que pode ser considerado como a necessidade de um método adequado⁴⁶. Da mesma maneira que Bacon, Vico também expõe o seu “remédio” para a corrupção dos homens, que é o seu “método de estudos” exposto na segunda parte de sua *Sexta oração*.

Ainda na primeira parte da oração, enquanto discute o “fim dos estudos”, Vico escolheu o personagem bíblico Nemrod para representar o castigo que os homens receberam pela construção da torre de Babel. A pena divina para o homem corrompido dissociou, desarraigou e dispersou os homens isolando-os em seu egoísmo, pondo fim a vida em sociedade. E Vico descreve minuciosamente essa ordem da confusão na linguagem, que, na sequência, turva a mente com opiniões e, por último, promove ações egoístas dos vícios que desonram o ânimo, levando tais homens a se dissociarem da vida em sociedade e se dispersarem, sendo desarraigados de seu lugar, em uma sequência que faz recordar a teoria dos ídolos de Bacon, principalmente daqueles do foro. Aqui percebemos que aquela discussão sobre a dificuldade individual nos estudos, que deixam os pais aflitos e parece ser um castigo

46 A necessidade de adequação do método na proposta baconiana de ciência fica mais evidente quando se trata da investigação da natureza. Segundo Eva, “o conhecimento das verdades sobre a natureza [...] é visto por Bacon como o possível resultado de um esforço de muitas gerações que sejam capazes de aprimorar o método adequado de investigação da natureza”, pois “o modo como nossas faculdades comprometem nossas percepções atualmente é tal que não parece possível antever um conhecimento de um substrato real das coisas para além de nossas percepções, as Formas, sem que essas próprias faculdades possam estender, graças ao *método*, seu poder para além de seus limites naturais” (EVA, 2008, p 71. Grifo nosso).

divino para os estudantes, começa a se estender mais amplamente sobre os motivos que levam a divisão social e ao conflito.

Nessa apresentação, ele elenca três males da natureza corrompida da humanidade seguindo aquela mesma ordem do foro íntimo: os males da língua, os da mente e os do ânimo. A falta de eloquência é um dos males da língua. Pois, a língua fica incapaz de socorrer a mente e a engana com juízos falsos, em seguida, causaria a desonra com palavras vergonhosas sendo seduzido por aquilo que disse. Já os males da mente causam um estado de espanto perpétuo, produz falsas imagens das coisas, resulta em juízos temerários e permite que as pessoas sejam seduzidas por sofismas e pela distração.

E o pior dos males são aqueles que afetam o ânimo, segundo Vico. Pois faz com que arda entre as paixões, se horrorize entre os temores e daí enlouqueça em meio aos prazeres. Além disso, faz com que se languidesça entre as dores, jamais esteja satisfeito, aprove o que reprovou e vice-versa, que se arrependa, fuja e persiga a si mesmo. O produto dos males da língua, da mente e do ânimo é a solidão de ânimos em meio à abundância de corpos, em outras palavras, tais males resultam na completa divisão egoísta e em conflitos. Todavia, o seu remédio são a eloquência, a ciência e a virtude dispostos nessa ordem ou *ratio* para a correção do homem corrompido, isto é, a eloquência assume o primeiro passo para a correção da corrupção humana.

A sabedoria, contraste da corrupção e da insensatez, é o saber com segurança, agir retamente e o falar de maneira adequada. Ela possui três funções que são: amansar os homens néscios⁴⁷ com a eloquência; com a prudência retirá-los de seus

47 A tradução para a palavra portuguesa “néscio” carrega consigo muitas dificuldades por causa de sua carga de sentidos que podem trazer muitos preconceitos. O sentido que tentamos utilizar aqui no texto é de que o néscio seria alguém que não possui o conhecimento científico ou filosófico, como aquele que não sabe ou que ignora algum conhecimento, ou ainda, como “ignorante e que não sabe o que poderia ou deveria saber”, cf. *Diccionario de la lengua española* da Real Academia Española disponível online. Porém, o vulgo, que é identificado com o néscio no decorrer do texto, possui o conhecimento de senso comum e possui uma sabedoria prática que é de fundamental importância para o estabelecimento da língua e da linguagem, além de ser um conhecimento de grande importância para o estabelecimento das normas de convívio social e que permite o melhor desenvolvimento da jurisprudência, conforme Vico tão bem desenvolveu no *De ratione*. Fica aqui essa dificuldade de traduzir tal termo e vemos que alguns autores preferem utilizar a palavra portuguesa “tolo”, por exemplo. Contudo, assim

erros e com a virtude prestar-lhes um bom serviço. Após ter criado um quadro das consequências sociais que a corrupção dos homens é capaz de fazer e descrever essa natureza corrompida, Vico apresenta a sabedoria com função necessariamente social e não apenas como a conquista de saber de um indivíduo. Essa interpretação de sabedoria que ele produz tem função de correção da sociedade humana do distanciamento de sua natureza. Nesse aspecto, pode-se perceber o quanto ele está mais próximo da concepção estoica de sabedoria e de natureza. Chama a atenção o estilo escolhido por Vico para destacar o papel da sabedoria. Primeiro, ele apresenta as características negativas, faz como se fosse um fundo escuro de um quadro pintado com comportamentos socialmente reprováveis, para, então, sobrepor a sabedoria contrastante com tons claros e radiantes, com um comportamento socialmente louvável.

Essa ordem de apresentação lembra a estratégia retórica de partir de um *pars destruens* em direção a um *pars construens*, que era um recurso comum entre alguns autores como Francis Bacon no *Novum Organum*, por exemplo. Além disso, Corsano identifica nesse contraste as influências das *Tusculanae*, confirmado pelo otimismo do *De constantia*, que “exalta a facilidade e a *naturalidade* da sabedoria, da íntegra natureza heroica, iluminada e disciplinada, exemplar de impecável nobreza e beatitude”, ao passo que a frequente descrição da “brutalidade, ferinidade e barbárie da estupidez” teria mais uma “função de antítese retórica que possa ressaltar mais vivamente aquela serena majestade” (CORSANO, 1935, p. 55 e 56).

Para reforçar seu argumento sobre a facilidade proporcionada pela sabedoria e descrever o fim dos estudos, Vico ilustra a saída dos homens da solidão para a vida em sociedade com os mitos de Orfeu e de Anfião⁴⁸. Recorrendo às imagens comuns

como Francisco J. Navarro Gómez, em sua tradução das *Orações Inaugurais* de 2002, escolheu o termo “hombres necios”, preferimos traduzir o termo para a sua literalidade no português, o qual se apresenta um tanto próximo do espanhol e do latim *nescius*.

48 Os exemplos mitológicos são muito próximos daqueles que foram escolhidos por Francis Bacon no Livro VI, capítulo III de sua *De augmentis*. No entanto, Bacon utilizou os exemplos de Orfeu e Arião (na obra latina vide BACON, 1662, p. 369, como “Orpheus in Silvys, inter Delphynas Arion”; na tradução italiana vide BACON, 1965, p. 312, onde se lê “Orfeo nel bosco e Arione tra i delfini”, sendo uma referência à Virgílio). Enquanto Vico escreve em sua oração latina “Orpheum lyra mulxisse feras, Amphionem cantu movisse saxa”, traduzido para o italiano como: “che Orfeo avesse addolcito la fiere col suono della lira, che Amfione col canto avesse mosso i sassi” (VICO, 1971, p. 774 e 775). É muito provável que Vico tenha preferido Anfião, pelo motivo de que esse conseguiu mover as

desses, Vico lembra que Orfeu amansou as feras com a lira e Anfião teria movido as pedras com seu canto, fortificando os muros de Tebas. Daí ele interpreta que as pedras, os carvalhos e as feras são os homens néscios que, por meio da eloquência de Orfeu e de Anfião, foram convencidos a passar a viver em sociedade, a dedicarem-se ao trabalho e a obedecerem às leis. Pois, “Orfeu e Anfião são os sábios que associaram o conhecimento das coisas divinas e a sabedoria das coisas humanas com a eloquência e, com sua força convincente, fizeram os homens passarem da solidão à sociedade” (VICO, 2002, p. 64). E com pares de oposições sobre o trabalho, as leis, a ciência e a força, Vico faz vários contrastes para enfatizar a passagem da solidão para a sociedade enquanto fim dos estudos:

do amor a si mesmos ao cultivo de sua humanidade, da inércia à laboriosidade, da liberdade desenfreada à obediência das leis; e associado, pela equidade da razão, aqueles que são ferozes em suas forças com aqueles que são débeis. Esse é perpetuamente o mais verdadeiro, grande e ilustre fim desses estudos (VICO, 2002, p. 68).

Na interpretação de Vico, os sábios Orfeu e Anfião conseguiram com sua eloquência mudar as opiniões e as ações dos néscios de seu tempo em prol de uma sociedade menos violenta e de uma Tebas mais fortificada contra seus inimigos, respectivamente. Sob esse ponto de vista, o discurso tem a função de ajustar a mente à verdade, o ânimo à virtude e a língua à eloquência. A sabedoria é aqui apresentada em seu triplo aspecto, como: o conhecimento das coisas divinas, a prudência nas coisas humanas e a verdade e a adequação no discurso ou oração. Corsano identifica que Orfeu e Anfião são símbolos da eficácia magicamente benéfica da oratória, criadora da sociabilidade ao domar musicalmente a solidão, a estultice e a ignorância ferina, evidenciando a reminiscência que o texto de Vico fez da parábola introdutória do *De inventione* de Cícero⁴⁹ (CORSANO, 1935, p. 44).

rochas para construção das muralhas de Tebas e lhe permitiu uma leitura de maior cunho social e político, do que o exemplo de Arião, citado por Bacon, o qual utilizou de seu canto e dos golfinhos para escapar de seus inimigos sem ter tido um feito tão social quanto ele gostaria de ter explorado em sua oração. Além disso, Vico conhecia muito bem a obra de Cícero, o qual também recorria aos exemplos de Orfeu e de Anfião em seus textos.

49 Enfatizando a importância política da eloquência, Cícero teria escrito que “a eloquência, mais do que a razão, que tem servido para fundar muitas cidades, sufocar muitas guerras, estabelecer muitas e muito firmes alianças e amizades invioláveis” (CÍCERÓN, 1997, p. 85).

Ademais, a imagem do canto de Orfeu como representante da capacidade eloquente da Filosofia de fazer as pessoas acalmarem seus apetites e acatarem os preceitos e a disciplina era um lugar bastante comum. Bacon também recorreu a esse exemplo em *A sabedoria dos antigos*. De acordo com Bacon (2002, p. 48):

O canto de Orfeu é de dois tipos: um deles propicia as potências infernais, o outro comove as feras e os bosques. [...] Com efeito, a filosofia natural se propõe nada menos, como a mais nobre das missões, que a restauração das coisas corruptíveis e [...] a preservação dos corpos no estado atual, com retardamento da dissolução e corrupção. (BACON, 2002, p. 48).

Mais adiante, Bacon apresenta a aplicação da Filosofia aos assuntos civis com recurso à eloquência, pois a Filosofia “[...] aplicando seus poderes de persuasão e eloquência para incutir no espírito dos homens o amor à paz, à virtude e à equidade, ensina os povos a unir-se, aceitar o jugo das leis e curvar-se à autoridade” (BACON, 2002, p. 48). Posteriormente, como visto acima, Vico escreveu de modo semelhante ao texto de Bacon, pois Orfeu e Anfião teriam levado os homens “da solidão à sociedade, [...] da inércia à laboriosidade, da liberdade desenfreada à obediência às leis; e associado, mediante a equidade da razão, aqueles ferozes por suas forças com os débeis” (VICO, 2002, p. 64).

O recurso aos sábios Orfeu e Anfião também nos mostra a identidade humanista de Vico, pois como recorda Pons (2001-2002, p. 50) que “os humanistas italianos como Salutati e tantos outros, [...] interpretam a mitologia grega, com as figuras de Hércules, Orfeu, Cadmo, Anfião, as Musas, a fim de encontrar nelas novamente a expressão alegórica da potência civilizadora da palavra poética, da palavra do poeta-*orador*”. Sobre o que ele afirma que “Vico se situa diretamente no âmbito da dita tradição humanista [de Cícero, de Horácio, de Quintiliano] que atribui à linguagem figurativa, expressão da imaginação e de sua atividade metafórica, a responsabilidade de ter fundado a existência humana em sua dimensão histórica” (PONS, 2001-2002, p. 50).

Quanto a relação entre sabedoria e política representada pelos sábios Orfeu e Anfião, Caporali (2020, p. 5) afirma que “no plano filogenético, o problema estrutura-se nos termos políticos – e ainda de algum modo estoicizante – do *sapiens* que governa o *vulgus*, de modo que o sábio pode (e deve) dirigir-elevar a *multitudo*”. Isto é, Caporali percebe, principalmente na explicação da nota 16, que essas duas figuras

representam a relação entre sabedoria e política na oração viquiana, na qual “Vico relê a figura de Orfeu e Anfião sob o signo da visão fundante do sábio, na qual, dotado de *prudentia*, *eloquentia* e *virtus*, cria o Estado bem ordenado” (CAPORALI, 2020, p. 5). As figuras de Nemrod, Orfeu e Anfião são retomadas por Vico nas *Anotações à tábua cronológica da Ciência nova* de Vico⁵⁰.

Em vista disso, para Vico, tanto a queda, que é promovida pela corrupção dos homens que os leva à solidão, quanto a correção, que lhes permite retornar à vida em sociedade, tem sua mediação feita pela linguagem. A infacundidade da língua é o princípio da corrupção, enquanto a eloquência move pedras, carvalhos e feras, ou melhor, move os néscios e convencem-lhes a viver pacificamente entre si e a defender sua cidade dos inimigos. A vida em sociedade faz-se por meio da linguagem, que provoca as opiniões da mente e que culmina com as decisões ou ações que as pessoas tomam. Essas relações entre as pessoas são sempre mediadas pela linguagem e podem tanto promover a ruína social quanto seu ressurgimento. Desse modo, a linguagem, para Vico, fundamental na *Ciência nova* em que a filologia é conjugada à filosofia, recebe destaque na *Sexta oração* com “grossas pinceladas”⁵¹ naquele processo de confecção de um quadro sobre a teoria do conhecimento.

Nessa *Sexta oração*, é possível perceber a relação entre sabedoria e sociedade que será desenvolvida mais tarde. A vida social, as relações entre as pessoas, o período histórico, vão interferir no tipo de conhecimento produzido: se são operados mais por imagens e por poesia, ou mais com universais e com menor apelo aos sentidos, depende sempre das relações sociais e históricas. Ao mesmo tempo que tais conhecimentos são produtos de uma sociedade, eles também vão estabelecer

50 Nesse texto, Nemrod marca a confusão das línguas (VICO, 2005a, p. 65-66); Orfeu é apresentado como um caractere poético que marca a idade dos poetas teólogos, (p. 75-78), citado depois juntamente com Lino, Museu e Anfião (p. 78).

51 A expressão “grossas pinceladas” é uma referência ao capítulo XII do *De ratione* (VICO, 2002, p. 119) em que ele critica os imitadores e louva a originalidade das pinturas do renascentista Ticiano Vecellio (aprox. 1488-1576), que seriam feitas com tais grossas pinceladas, propositalmente opostas à grandiosidade de Michelângelo e à sutileza de Rafael a fim de “proporcionar alguma celebridade” ao seu nome. Vico, assim como os demais humanistas, sempre se mostrou preocupado com produzir algo que fosse original ou novo, louvando os produtos do engenho criativo. Também deve-se recordar da “polêmica sobre a imitação” dos humanistas que foi enfatizada por Corsano (1935, p. 43), citado um pouco acima.

como serão as relações entre as pessoas, disso resultará ora uma sociedade mais violenta ou mais refinada.

Perceber a importância que Vico atribui a linguagem na *Sexta oração* ajuda a entender o caminho que ele tomará mais adiante sobre a relação entre *ratio* e palavra, adicionando a isso sua consideração sobre o *pathos*. O Vico da *Ciência nova*, quando tenta compreender a natureza comum das diferentes nações em diferentes estágios de desenvolvimento, percebe aquilo que há de comum entre elas é a relação com a linguagem. Em outros termos, a racionalidade lógica e metafísica que conhecemos é adequada a um determinado período do desenvolvimento das nações, mas a relação com símbolos, brasões, ícones, hieróglifos etc., antes mesmo do surgimento do discurso, é uma forma primitiva de linguagem e, de certa maneira, também é parte dessa *ratio* humana. No século XVI, havia o debate se as nações do continente americano teriam humanidade e as discussões, muitas vezes, recaíam sobre sua capacidade racional, utilizando-se apenas como critério para definir racional como algo mais próximo da metafísica e da lógica conhecida pelos europeus. Nos *Princípios da Ciência nova*, Vico amplia a *ratio* humana quando a associa a qualquer forma de linguagem e, ao se referir aos “povos do Brasil, de Caíra e de outras nações do mundo” (VICO, 2005a, §334, p. 173), os cita como exemplo de que toda a humanidade teria alguns elementos comuns, tal como a religião, o matrimônio e a sepultura.

Sendo assim, não lhe parece fazer sentido aquela discussão do século anterior sobre a condição de humanidade atrelada a um tipo específico de racionalidade que aconteceu em determinado momento da história, aliás, tal leitura dos “doutos” é considerada equivocada por Vico que vai classificá-la como “ vaidade dos doutos” na *Ciência nova*, e que Croce (1922, p. 163) remontou à teoria dos ídolos da tribo. De acordo com Guido (2002), na *Ciência nova* “Vico percebeu que os povos americanos se encontravam em um estágio cultural similar à barbárie das tribos indo-europeias” e com isso, “a maneira realista com a qual Vico definiu o curso da história das coisas humanas fez dele um dos poucos filósofos cujo pensamento não foi a expressão do etnocentrismo e do eurocentrismo” (GUIDO, 2002, p. 12).

Partindo de uma discussão sobre as dificuldades dos estudos dos adolescentes, ilustrando com o exemplo bíblico de Nemrod e os mitológicos de Orfeu e de Anfião, Vico trata de um tema delicado em um período de turbulência política,

que é o da condução das opiniões e o da divisão social. Faz uma oposição entre a sabedoria e a insensatez apresentando uma ordem, ou *ratio*, ou natureza, em que a falta de eloquência torna-se veículo para a ruína social e, em outra via, a sabedoria com eloquência como a responsável pela reorganização, sem deixar de levar em consideração os juízos da mente e as ações do ânimo, como o método proposto para a recuperação do homem corrompido. Outros autores que inspiraram Vico também trataram de algum modo do tema que relaciona a sabedoria, a linguagem e a sociedade, como Sócrates, Platão, Aristóteles, Cícero e Francis Bacon. O que Vico destaca é como a infacundidade da língua dá espaço para as opiniões enganosas que bloqueiam a mente e que levam as pessoas às atitudes egoístas e à divisão social. Somente a sabedoria munida da eloquência, e com um método adequado, é capaz de retomar a harmonia social e o melhor relacionamento entre as pessoas. A ordem de estudos que leva à corrupção da vida em sociedade começa pela falta da eloquência, por outro lado, a ordem de estudos capaz de recuperar a harmonia social se inicia pela eloquência. Assim, o método pedagógico na *Sexta Oração* que permite alcançar os fins dos estudos começa pela eloquência, ilustrado pelos exemplos mitológicos de Orfeu e de Anfião.

2 O MÉTODO DE ESTUDOS DO *DE RATIONE*

O *De ratione* e sua proposta metodológica em relação ao cartesianismo

Nas obras que Vico publicou ao longo de sua vida, a questão sobre os diferentes tipos de saberes é um dos pontos que tornam seu pensamento interessante, pois ele identifica essas diferenças, relaciona-os aos períodos do desenvolvimento cognitivo individual e caracteriza a sua produção coletiva em diferentes períodos históricos. Além disso, é marcante a sua atitude de tentar evitar sobrepor um saber em relação ao outro, ao que preferiu avaliar as vantagens e as desvantagens tanto dos saberes dos antigos quanto dos modernos e dos saberes práticos daqueles dos doutos. No *De ratione*⁵², já se encontra uma bem-marcada discussão sobre os diferentes tipos de saberes entre os antigos e os modernos, entre as *verdades primeiras* e as *verdades secundárias*, dos universais e dos particulares, da metafísica e da vida prática que exporemos adiante. Esses diferentes saberes assumem diferentes propostas metodológicas na teoria viquiana.

Sobretudo no *De ratione* e no *De antiquissima*, Vico apresenta diferentes tipos de métodos para que os homens alcancem as diferentes sabedorias, sendo que o próprio método escolhido conduziria a determinado tipo de sabedoria. Essa “diversidade de métodos” é destacada por Rebollo Espinosa (2000) ao dissertar sobre o *De ratione* de Vico, no qual

deveríamos, então, falar preferencialmente de ‘métodos didáticos’, utilizando o termo no plural para expressar a ideia de que Vico se sente muito mais próximo ao particular do que Descartes e, portanto, resulta-lhe muito mais difícil conceber um único método que, pela generalidade de sua impostação, possa

⁵² *De nostri temporis studiorum ratione*, publicada em 1709. Deve-se considerar que o título dessa obra de Vico faz relações com o *Ratio Studiorum*, ou “Método pedagógico dos jesuítas”, cuja tradução portuguesa de Franca foi reeditada em 2019, (FRANCA, 2019). Tal organização e plano de estudos da Companhia de Jesus expunha uma diversidade de métodos adaptados às idades de seus estudantes e que, dentre outros estudos, reconhecia a necessidade dos estudos de retórica e humanidades, tendo sido amplamente utilizado e conhecido pela educação jesuíta tanto de Descartes, em La Flèche, quanto de Vico, em Nápoles.

ser aplicado de maneira indiscriminada em cada campo do saber. (REBOLLO ESPINOSA, 2000, p. 411)

E ela continua argumentando que se por acaso se queira tratar do termo “método” em Vico no singular, é preciso estar consciente “de que o método [...] vai modificando-se, varia e se multiplica em função das matérias propostas e, conseqüentemente, também segundo a idade do educando que o manuseia” (REBOLLO ESPINOSA, 2000, p. 412), devendo ser entendido como algo que é “flexível e dinâmico”.

Nessa mesma direção, Santos (2003) escreve que, para Vico, os estudos, além de seu compromisso epistemológico, também deveriam assumir, acima de tudo, o seu compromisso ético. E aquele método único proposto pelo cartesianismo só seria capaz de atingir um único fim, que seria a busca pela verdade. Dessa maneira, Santos explica que

a doutrina cartesiana pretendia estabelecer um único método e um único princípio – o *cogito* – para todo o saber, e a partir daí deduzir todos os conhecimentos. Em oposição direta a isso que viria a ser chamado de racionalismo, Vico referiu-se continuamente às limitadas possibilidades cognoscitivas de que o homem dispõe e que não transcendem jamais os limites da experiência (SANTOS, 2003, p. 1282).

E Santos continua desenvolvendo seu argumento de que para Vico “o que mais importa na ciência não é busca de uma verdade absoluta, mas a construção de hipóteses que permitam avançar cada vez mais sobre objetos ou problemas que preocupem o homem” (SANTOS, 2003, p. 1289). Sendo assim, para Santos, “Vico desejava o avanço da ciência experimental” (p. 1289).

Na *Vita*, Vico expôs sua discussão a respeito do método ao contrapor seu método de estudos ao *Discurso do método* de Descartes. Naquela obra, ao remeter ao *Discurso*, ele escreve que “não se fingirá aqui como astutamente o fez René Descartes a respeito do método dos seus estudos” (VICO, 2017, p. 60-61), realçando que, para Vico, essa obra cartesiana, além da evidente exposição genérica de “método” em seu título, apresenta também um método de estudos oposto ao modelo que ele defende em suas orações inaugurais, o de *studia humanitatis*⁵³. Porém, ao se

53 Sobre isso, é preciso considerar a intenção que Vico registrou ao final do *De ratione* ao afirmar que “quando censurei as desvantagens suprimi os seus autores, como convinha

opor ao implícito método dos estudos apresentado por Descartes, Vico acredita que a obra cartesiana teria tentado esconder a verdadeira formação que permitiu o desenvolvimento intelectual de seu autor, ou melhor, tentou ocultar a sua formação com origem na contestada *studia humanitatis*. Sobre a relação de Vico com a tradição cartesiana, Girard (2018, p. 255) acredita que “a confrontação entre esses dois pensadores talvez deva, necessariamente, visar menos opô-los de maneira abstrata do que mostrar quais são os pontos de articulação possíveis”.

Porém, considerando suas preocupações com pedagogia e filosofia da ciência, conforme indica Santos (2003), Vico elabora uma teoria do conhecimento que procura superar aquela epistemologia matematizante do cartesianismo que deixa de lado os aspectos ético-sociais necessários para o bem comum da sociedade. Assim, Santos pondera que em Vico, a partir “de sua insatisfação com um modelo ‘cartesiano’ de pedagogia, irrompem os primeiros lampejos de uma crítica que se estenderia até o terreno propriamente epistemológico de uma apreciação da metodologia científica, que culminaria na elaboração de uma nova teoria do conhecimento e de um novo método de pesquisa” (SANTOS, 2003, p. 1278).

Quanto aos aspectos da teoria do conhecimento, Donzelli (2005, § 18) explica que Vico, no *De ratione*, segue a divisão aristotélica⁵⁴ ao delimitar dois tipos de sabedorias: na qual a primeira é de caráter universal, ou “*summa vera*”, que capitaliza os saberes metafísicos e da *scientia* cuja busca é por uma causa única⁵⁵; enquanto na outra a particularidade, ou “*infima vera*”, une em torno de si o saber da vida prática ou moral, o das leis e o de senso comum, “em meio à pesquisa de uma pluralidade e de uma complexidade de causas” (cf. DONZELLI, 2005, § 18). Para esta sabedoria

ao fato de que eu seja um homenzinho e eles tais e tão grandes homens. Por outro lado, expus as suas próprias desvantagens com a maior moderação, atenuadas com a maior diligência que me foi possível” (VICO, 2002, p. 125).

54 Para Aristóteles, enquanto “o conhecimento científico é um juízo sobre coisas universais e necessárias” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1984, VI, 6, p. 145), de outro modo, “a sabedoria prática deve, pois, ser uma capacidade verdadeira e raciocinada de agir com respeito aos bens humanos” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1984, VI, 5, p. 145), estabelecendo diferenças quanto a matéria da ciência e a da sabedoria prática.

55 Pois, “o universal tem mais a ver com a natureza de uma causa” (ARISTÓTELES, *Analíticos posteriores*, 2005b, I, XXIV, 85b1, p. 299).

do particular, é necessário uma regra flexível capaz de compreender a sua complexidade e movimento⁵⁶.

Essa era a distinção estabelecida por Aristóteles que atribuía a pesquisa do *unum verum* à *scientia*, ao passo que os assuntos da vida civil e dos eventos humanos deveriam ser conduzidos pela *sapientia*, pois seria dominado pela circunstância e pela pluralidade⁵⁷ (cf. DONZELLI, 2005, § 18). Entretanto, Vico, ao delimitar apenas duas principais sabedorias, prefere seguir parcialmente aquela divisão aristotélica apresentada na *Ética a Nicômaco*, na qual Aristóteles afirma que “as disposições em virtude das quais a alma possui a verdade, quer afirmando, quer negando, são em número de cinco: a arte, o conhecimento científico, a sabedoria prática, a sabedoria filosófica e a razão intuitiva” (ARISTÓTELES, 1984, VI, 3, p. 142-143).

Por sua vez, enquanto Aristóteles identifica a capacidade de invenção à arte, a demonstração ao conhecimento científico, as opiniões e conhecimentos necessários ao particular imediato à sabedoria prática, as questões universais que tratam dos primeiros princípios da razão intuitiva à sabedoria filosófica; Vico, de outra forma, ao elaborar uma divisão em dupla da sabedoria no *De ratione*, proporciona um efeito retórico que lhe permitirá combiná-las entre si e compor quatro modelos de homens que ele descreve na seção VII, sobre a prudência civil. Pois, o néscio carece de ambas sabedorias, o iletrado astuto tem apenas a particular, o douto imprudente apenas o saber universal, ao passo que somente o homem sábio detém ambas sabedorias (VICO, 2002, p. 94).

Ainda assim, vemos em Aristóteles uma discussão a respeito do aspecto duplo das sabedorias, universal e prática, pois “a sabedoria filosófica é um conhecimento científico combinado com a razão intuitiva daquelas coisas que são as mais elevadas por natureza” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, VI, 7, p. 146) e “a sabedoria prática, pelo contrário, versa sobre coisas humanas”, ou, dito de outra maneira, que “tampouco

56 Ao que Aristóteles assinalava que “quanto mais uma demonstração é particular, mais tende a cair no infinito, ao passo que a demonstração universal tende para o simples e finito; ora, causas *enquanto* infinitas não são cognoscíveis, ao passo que *enquanto* finitas são cognoscíveis” (ARISTÓTELES, *Analíticos posteriores*, 2005b, I, XXIV, 86a1, p. 300. Grifos do autor).

57 Pois, “a sabedoria prática é uma virtude e não uma arte” e ela integra aquela parte da alma “que forma opiniões; porque a opinião versa sobre o variável, e da mesma forma a sabedoria prática” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1984, VI, 5, p. 145).

a sabedoria prática se ocupa apenas com universais” e conclui que “portanto, deveríamos possuir ambas as espécies de sabedoria, ou a segunda de preferência à primeira” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, VI, 7, p. 147).

Em consequência disso, é possível afirmar que a sabedoria prática é, para Aristóteles, ainda mais preferível para a vida na pólis do que a sabedoria que trata apenas dos universais. E isso soa semelhante à preocupação que Vico expressa na *Vita* com aquelas “duas práticas perniciosíssimas no método de estudar” (VICO, 2017, p. 77), sendo que a primeira é “por crianças que mal saíram da escola de gramática a estudar filosofia começando pela lógica dita ‘de Arnould’” (p. 77), enquanto “a outra prática consiste em dar aos jovens os elementos da ciência das grandezas através do método algébrico” (p. 79), tendo por resultado que “a juventude torna-se árida e seca na forma de se expressar” (p. 79), “lhes cega a fantasia, extenua a memória, torna o engenho preguiçoso e abrandando o entendimento” (p. 79), tornando-lhes “menos aptos na prática da vida civil” (p. 80).

Nesse sentido, nessa “digressão um tanto longa” da *Vita* (VICO, 2017, p. 77 – 81, cf. nota 57), além de criticar e se opor ao ensino da “lógica dita ‘de Arnould’” para crianças e ao ato de dar elementos da ciência das grandezas por meio do método algébrico para os adolescentes (p. 77 e 79), Vico demonstra sua preferência pelo método de estudar proposto por Aristóteles. Pois, ao defender que os antigos ensinavam geometria para as crianças, por julgarem que ela seria uma lógica apropriada àquela idade e terem maior facilidade com os particulares do que na compreensão do gênero das coisas, ele escreve que “o próprio Aristóteles [...] convém neste ponto quando afirma que às crianças se devem ensinar as línguas, as histórias e a geometria, na medida em que são as matérias mais apropriadas para exercitar a memória, a fantasia e o engenho” (VICO, 2017, p. 77).

Essa passagem da *Vita* pode ser diretamente relacionada com aquela discussão sobre as vantagens e as desvantagens entre os saberes dos antigos e dos modernos do *De ratione*, na qual os instrumentos e as novas áreas do conhecimento tornam muito evidentes as vantagens modernas no tempo de Vico. Logo na introdução, Vico evita comparar a ciência dos modernos com a dos antigos. Em vez disso, como indica, prefere analisar os métodos de estudo de ambos, dissertando sobre “em quê nosso método de estudos supera o antigo: e em quê se vê superado

por ele, e de que forma não lhe seria” (VICO, 2002, p. 78). E, de maneira surpreendente, Vico indica que a facilidade que tais inventos modernos promoveram é uma das desvantagens modernas, pois, ao invés de aguçar a curiosidade e a descoberta por novos conhecimentos eles fizeram justamente o seu oposto, acomodaram os engenhos e os enfraqueceram⁵⁸, pois, segundo Vico, “a facilidade dissolve e a dificuldade, ao contrário, aguça os engenhos” (VICO, 2002, V, p. 88). Por outro lado, a falta de instrumentos dos antigos limitaram-lhes nas navegações, na medicina, nas descobertas que só foram proporcionadas pelo uso da bússola, dos barcos à vela, do microscópio, da química, do telescópio etc.; mas, mesmo com toda dificuldade que experimentaram, ainda tinham vantagem pois viam-se obrigados a criar sempre novas coisas e, assim, seu engenho era mais bem desenvolvido. Na intenção de obter o melhor dos antigos para superar as desvantagens dos modernos, Vico indica as vantagens do método de estudos que começava estimulando a memória e a fantasia por meio de imagens, a fim de promover a imaginação e, por consequência, o engenho criativo dos modernos⁵⁹.

Com respeito aos saberes universais e aos singulares, Vico avalia tanto nos antigos quanto nos modernos. Na seção III, Vico escreve sobre os termos *verdade primeira* e *verdade segunda*, sendo a primeira associada aos conhecimentos da *scientia* e da metafísica, enquanto a segunda é mais próxima da *sapientia* da vida

58 No *De antiquissima*, Vico retoma a crítica aos inconvenientes de importar o método geométrico à física do *De ratione* e explica que “o método implica um obstáculo para os engenhos, ao buscar pela facilidade, e anula a curiosidade, pois vela pela verdade” (VICO, 2002, p. 186).

59 Embora Vico dê ênfase à memória e à fantasia no *De ratione*, percebe-se que ele indica que o desenvolvimento da formação dos jovens não deveria parar nos conhecimentos que são promovidos por ambas, mas que deveria progredir aos poucos para a racionalidade. Sobre essa postura desse desdobrar do método de formação, chama a atenção o comentário que Vico fez sobre sua própria formação na *Vita* ao recordar da reclamação feita ao seu pai sobre o método de ensino de D. Francesco Verde, que em suas aulas “não fazia senão exercitar a memória em detrimento do intelecto” (VICO, 2017, p. 65). Segundo Vico, depois de dois meses de aulas com Verde examinando “casos da prática mais minuciosa dos dois tribunais [ou seja, civil e eclesiástico]” (VICO, 2017, p. 64, com acréscimo de nota da tradutora), ele não queria mais estudar ali porque “tinha já começado a adquirir uma mente universal e a refletir acerca dos particulares por meio de axiomas” (VICO, 2017, p. 64). Em outras palavras, Vico se opunha ao ensino que privilegie apenas a memória como método de ensino e que tal recurso precisava caminhar para discussões mais gerais para o exercício do intelecto ou racionalidade.

prática humanista, dos *endoxa* aristotélica⁶⁰ ou “opiniões de aceitação geral”. Assim, novamente se evidencia a influência da divisão aristotélica presente nos *Tópicos*, no qual os *endoxa* ou “opiniões de aceitação geral [...] são aquelas que se baseiam no que pensam todos, a maioria ou os sábios, isto é, a totalidade dos sábios, ou a maioria deles, ou os mais renomados e ilustres entre eles” (ARISTÓTELES, *Tópicos*, 2005b, I, 100b20, p. 348).

A figura do sábio que Vico defende precisa ter os “dois olhos” do conhecimento, que são tanto a *scientia* quanto a *sapientia*⁶¹. Os saberes universais, que são descritos a partir da seção VII, estão mais próximos da metafísica e da ciência, enquanto os relativos à vida prática, à prudência, à memória, imaginação, fantasia, ao senso comum, à jurisprudência e à eloquência são singulares, pois se referem a situações específicas. Nesse tema, os universais são os únicos capazes de proporcionar a verdade, ou *verdades primeiras*, enquanto os singulares podem apenas proporcionar o verossímil, ou *verdades secundárias*, que é como um meio entre o verdadeiro e o falso, sendo quase sempre verdadeiro e raramente falso⁶². Nessa seção VII, é possível notar que Vico atribuiu maior relevância ao saber universal enquanto saber verdadeiro da ciência, mas o conhecimento singular e verossímil não é descartado por causa de sua importância para a vida prática, a qual está imersa em momentos específicos, situados, em constante mudança e movimento.

60 Os *endoxa* tornam-se uma fonte para a pesquisa etimológica no *De antiquissima*, como nos mostra Silva Neto (2016-2017, p. 388) que “os meios adotados por Vico não seriam os habituais. Nenhum raciocínio apodíctico, nada de evidências ou provas, nem ideias claras e distintas, o terreno próprio do *De antiquissima* é o dos raciocínios dialéticos, enquanto tais, obtidos a partir de proposições de acordo com *opiniões acreditadas e geralmente aceitas*, segundo Aristóteles, [...] os *endoxa*”.

61 Segundo Donzelli (2005, §18), “no *De ratione* (1708), Vico faz uma distinção entre *sapientia* e *scientia*, mas mantém laços de solidariedade entre os dois”.

62 A partir da passagem da seção III do *De ratione*, na qual Vico expressa que “[tal] como a ciência se origina do verdadeiro e o erro do falso, assim dos verossímeis se gera o senso comum. Com efeito, os verossímeis são como um meio entre os verdadeiros e os falsos, de modo que na maior parte das ocasiões são verdadeiros, raramente falsos” (VICO, 2002, p. 82), é possível interpretar que o senso comum é um conhecimento do tipo singular, aplicável a situações específicas e que assume grande importância no contexto social, na composição dos discursos e, principalmente, para a elaboração de leis e da jurisprudência, as quais são sempre imersas na singularidade de seu momento histórico e de seu povo, haja vista também toda aquela discussão sobre a originalidade romana na elaboração da Lei das XII Tábuas que Vico tanto defendeu.

Essa dualidade entre o saber universal e o singular também se evidencia no início da seção II do *De ratione*, em que Vico escreve: “a crítica nos dá essa primeira verdade da que estás certo ainda que duvides” (VICO, 2002, p. 79). Entretanto, a associação entre ambas sabedorias apresenta algumas dificuldades, pois a relação entre o universal e o singular pertence à arte crítica ou à lógica. O silogismo aristotélico é o procedimento que parte de ao menos uma premissa universal, sua conclusão ou inferência sempre será menor do que as premissas, pois ela estaria contida nas premissas anteriores e, com isso, não é capaz de produzir novidades. Esse procedimento que vai do universal ao particular já era considerado estéril pelos críticos do modelo escolástico aristotélico, como Bacon, Descartes, a escola de Port Royal e pelo próprio Vico. Consequentemente, qualquer ciência que parta das verdades primeiras em direção às verdades segundas seria considerada estéril também. O que Vico pretende, naquele seu primeiro texto, é uma defesa de uma ciência inventiva e criativa que fosse oposta àquela esterilidade das teorias tomistas aristotélicas.

Assim, não é por acaso que as primeiras palavras de seu discurso inaugural invocam “Francis Bacon, no áureo livreto *Sobre o desenvolvimento das ciências...*”⁶³ (VICO, 2002, p. 77), pois o que Vico projeta em Bacon é um filósofo que apresenta uma alternativa para a armadilha silogística em que ele vê a escola de Port Royal cair. Ou seja, Vico vê no modelo científico de Bacon uma saída para a esterilidade do conhecimento em busca de uma nova fase mais engenhosa para os modernos que seja capaz de superar o resistente modelo tomista aristotélico. Nesse contexto, tantos os cartesianos quanto os portorrealistas⁶⁴ Arnauld e Nicole, autores de *A lógica ou a arte de pensar*, são críticos daquilo que eles avaliaram ser a esterilidade do pensamento aristotélico tomista, evidenciando que tal crítica era um lugar-comum nesse período. Mesmo assim, no *De ratione*, Vico associa a herança do cartesianismo de Arnauld e Nicole ao estoicismo e à esterilidade aristotélica tomista, como modelo lógico estéril.

Na seção IV, que apresenta suas considerações sobre as “inconveniências do método geométrico importado à física”, Vico avalia a pretensão da física cartesiana de

63 “Franciscus Baco in aureo *De augmentis scientiarum* libello [...]” (VICO, 1971, p. 791).

64 A expressão “portorrealistas” é empregada neste contexto para designar os intelectuais vinculados à escola de Port-Royal.

aplicar leis universais da física a fenômenos particulares, acreditando que as leis estabelecidas e a natureza dos fatos se correspondam⁶⁵. Vico chama a atenção para a confusão que pode ser gerada ao tratar casos particulares como se fossem universais. O conhecimento que se pode criar sobre a física não tem o mesmo valor que os universais, mas teria apenas o valor de um conhecimento certo e provisório, que será mais explorado ao longo do *De antiquissima* em sua crítica a ação de importar o método geométrico cartesiano, de característica analítica, para resolver assuntos da física, ao que deveria iniciar pela maneira sintética, segundo Vico.

A questão dos universais é um dos principais temas discutidos entre os modernos, mas vinha sendo debatida desde os medievais em duas principais correntes: o realismo e o nominalismo. O realismo partia de uma tradição platônica aristotélica, enquanto o nominalismo tinha suas origens dentre os estoicos. Ockham é um nominalista. Tomás de Aquino está mais próximo do realismo. Suárez tem forte influência do nominalismo, mas é considerado um tomista. Ao apresentar o percurso de sua formação durante a juventude em sua *Vita*, Vico elabora um quadro que mostra o início de seus estudos metafísicos a partir do nominalismo do padre jesuíta Antonio del Balzo e indo em direção ao realismo platônico do padre jesuíta Giuseppe Ricci, considerado zenonista por ele (VICO, 2017, p. 60 – 62). Após o período de formação com Ricci, Vico teria se dedicado aos textos de Francisco Suárez⁶⁶. Como o próprio Vico admite na autobiografia, ele está mais próximo do realismo platônico. Isso indica a sua posição na discussão moderna entre universais e particulares. O método que Vico vai apresentar para resolver o impasse entre particular e universal no *De ratione*

65 Sobre a crítica viquiana ao modelo cartesiano, Damiani (2005, p. 241) explica que “Descartes supôs que se a física cumprisse as exigências metodológicas da matemática, ela poderia ser reduzida a longas cadeias de consequências deduzidas de ideias claras e distintas. Assim, a matemática se torna um modelo que a física deve imitar para se constituir como ciência. [...] O ideal cartesiano resulta em uma física puramente dedutiva que faz parte de uma ciência unificada: a *mathesis universalis*”. Em outra via, “No *De ratione* Vico contesta a tentativa cartesiana de estabelecer uma *Mathesis Universalis*, considerando-a uma aplicação ilegítima do método geométrico a um objeto que não lhe corresponde” (DAMIANI, 2005, p. 242).

66 O papel que Suárez assume na elaboração da *Metafísica* viquiana é frequentemente debatido entre seus estudiosos, a ponto de Silva Neto (2024, p. 187) esclarecer que “quando se trata da origem da metafísica no *De antiquissima*, há quase um consenso sobre a influência decisiva de Suárez”.

considera o uso do recurso retórico da tópica e do senso comum, enquanto herança de sua opção mais próxima ao humanismo.

Tópica, crítica e a ordem de estudar na *Sexta oração*

No *De ratione*, ao avaliar o método de estudos dos modernos, Vico dá destaque aos termos “tópica” e “crítica”, resgatando o primeiro da tradição retórica e identificando-o com a eloquência para, de maneira própria, torná-lo indispensável para alcançar aquele modelo de sabedoria com prudência que defendeu em suas primeiras orações, enquanto o segundo é ressignificado da tradição estoica, atribuído ao cartesianismo e aos demais modernos e associado aos conhecimentos que seriam mais próximos da análise e da busca por uma verdade primeira⁶⁷. Nesse aspecto, Vico mostra sua preocupação com a ordem de estudos entre tópica e crítica e traça suas consequências quanto ao valor ético-social, no qual Santos (2003, p. 1278) esclarece que:

Ao avaliar a ordem de estudos dos modernos, que seria baseada na crítica, ou arte de julgar, e contrastando-a com a ordem de estudos dos antigos, que seria baseada na tópica, ou arte de inventar os argumentos, Vico fez um diagnóstico das consequências nocivas que a epistemologia cartesiana poderia causar à pedagogia, partindo do princípio de que o conhecimento não deve ser apenas verdadeiro, mas tem que ter um valor ético-social, isto é, uma relação com o bem comum da sociedade.

Ainda segundo Santos (2003, p. 1292), “a tópica, oriunda da antiga tradição retórica, seria um método pelo qual se observaria todos os lugares-comuns acerca de uma questão proposta para se encontrar um argumento adequado e completo, em vista de se discutir com verossimilhança e eloquência”, constituindo-se, portanto, na “arte de encontrar o argumento”, enquanto um “instrumento para a *inventio* dos argumentos” (SANTOS, 2003, p. 1292).

67 Segundo Santos (2003, p. 1286), “Vico tomou de Cícero a ideia de que foram os estoicos os primeiros a dedicar-se exclusivamente à crítica, assim como os acadêmicos céticos teriam se dedicado exclusivamente à tópica, a qual seria propícia à eloquência”.

Santos (2009, p. 51) mostra que o recurso a invenção retórica associada à tópica em Vico também manteria relação com a teoria baconiana. Ele explica que “segundo Bacon, a invenção retórica vale-se de duas artes: uma *promptuaria*, isto é, uma coletânea de argumentos extremamente amplas; e uma *tópica*, ou seja, uma coletânea de lugares comuns, que fornecem regras aptas para limitar o campo de busca dos argumentos, de modo que se determine um campo de discurso específico”. A respeito disso, ele ainda compara que “o inteiro procedimento indutivo de Bacon no *Novum Organum* baseia-se na construção de tabelas e instâncias, que nada mais são do que uma coletânea de lugares naturais, que substitui a tradicional coletânea de lugares retóricos” (p. 51).

Ao mesmo tempo, aquilo que Vico teria chamado de crítica, além de ser identificado com o método de estudos predominante em seu tempo, mostrava-se danosamente simplificador e desestimulante para o engenho. De acordo com Santos (2003, p. 1279):

O que Vico chamou de crítica era antes de tudo um instrumento que nas mãos dos modernos serviu para subordinar todos os outros instrumentos de pesquisa ao seu crivo. À crítica estão associados o método geométrico, que pretende dominar o terreno dos raciocínios, e a análise, que pretende dominar o terreno das concepções de ideias, ambos subordinados ao interesse da crítica, que é o juízo em vista da verdade. O método geométrico é o raciocínio cuja principal característica é a sua integridade total, porquanto nele não se pode negar nenhuma parte do processo dedutivo sem se abalar os fundamentos. A análise pretende servir à concepção de ideias partindo do princípio de que tudo é passível de simplificação, e propõe-se a conceber ideias claras a partir da explicitação de ideias confusas, de tal maneira que ela não acrescenta nada de novo, mas apenas esclarece aquilo que já foi dado.

Na seção III do *De ratione*, sobre os “Inconvenientes da nova crítica”, Vico indica que o primeiro inconveniente é que “hoje iniciamos os estudos pela crítica” (VICO, 2002, p. 81). Em segundo lugar, afirma que “hoje, tão somente se celebra a crítica; a tópica não só já não a precede, como lhe é absolutamente postergada” (p. 83). E por último, afirma que “ambos métodos discursivos estão viciados: o dos tópicos, porque com frequência se apegam ao falso; o dos críticos, porque não assumem também o verossímil” (p. 85). Ou seja, na ordem de estudos de seu tempo, Vico apresenta que a crítica é preferida e a tópica foi deixada de lado para o ensino

dos adolescentes. Ele, portanto, propõe, nessa terceira seção, que para superar os vícios de ambos métodos, é preciso uma ordem de estudos que se inicia pela tópica para depois ser seguida pela crítica, a qual ficaria para o final do processo de formação dos adolescentes. Segundo Vico:

considero conveniente que os adolescentes sejam ensinados nas ciências e nas artes todas com juízo íntegro, para enriquecer os lugares da tópica, e, nesse ínterim, que cobrem forças com o senso comum para a prudência e a eloquência, e ganhem firmeza com a fantasia e a memória para as artes que se destacam por estas faculdades da mente; que aprendam logo a crítica; e então julguem integralmente acerca daquilo em que tenham sido instruído com seu próprio juízo; e se exercitem em dissertar sobre ele em um sentido e seu oposto” (VICO, 2002, p. 85).

Chama a atenção o fato de que tais termos, tópica e crítica, não foram utilizados na *Sexta Oração*, a qual foi precursora da discussão metodológica que se desdobrou no *De ratione* e cujo tema era “sobre o fim dos estudos e a ordem de estudar” (VICO, 2017, p. 111).

Na *Sexta Oração*, a ordem de estudar, ou método de estudos, que Vico apresenta procura adequar tal ordem de estudos às faculdades que se destacam ao longo do tempo em que a mente humana se desenvolve. E para apresentar essa ordem, Vico propõe que “sigamos a nossa própria natureza corrompida como guia em sua aprendizagem metódica rumo a sabedoria” (VICO, 2002, p. 67). Nesse aspecto, devemos recordar que esse corrompimento da natureza humana foi enumerada por Vico na ordem que segue “a infacundidade da língua, as opiniões da mente e os vícios do ânimo” (p. 63). E para que a língua, a mente e o ânimo sejam emendados de sua corrupção, Vico apresenta a ordem de correção que segue “a eloquência, a ciência e a virtude” (p. 63)⁶⁸, relacionando, então, a língua com a eloquência, a mente com a ciência e o ânimo com a virtude.

68 Na *Vita*, Vico muda a ordem da correção e escreve que “Vico prova que a pena da nossa corrupção se deve corrigir com a virtude, com a ciência e com a eloquência, pois só por meio destas três coisas pode o homem sentir o mesmo que outro homem” (VICO, 2017, p. 112), dando o último lugar para a eloquência ao invés do primeiro, considerando-se também que a eloquência está diretamente relacionada com a língua. No entanto, na sequência desse mesmo texto, ele resgata aquela outra ordem de correção de sua *Sexta Oração*, pois escreve que “naquilo que concerne à ordem de estudar, [...] os estudos devem começar pelas línguas [...]” (p. 112).

Dessarte, nessa oração, tanto o caminho que corrompe a natureza humana segue a ordem da língua, da mente e do ânimo, quanto o seu remédio apresenta uma ordem analogamente próxima, na qual a eloquência está para o discurso; a ciência está para as verdades universais da mente; e o ânimo é capaz de conduzir às ações virtuosas e está nos domínios da moral. A sua maneira, Vico procura adequar essa ordem de estudar com aquela ordem de desenvolvimento da natureza humana, pois deve começar primeiramente pela língua, ou conhecimentos que estão mais próximos da corporalidade como a memória e a fantasia; depois pela mente, ou a capacidade de pensamento abstrato e universal que se afasta da corporalidade; e por último a moral, ou as normas para o convívio social, a qual é um retorno aos temas particulares da vida prática. E de maneira semelhante àquela ordem do desenvolvimento da mente humana, ele destaca cada uma dessas faculdades seguindo a ordem ao longo das diferentes idades que se desdobram durante a vida, que seriam: da infância, da adolescência, da maturidade e da velhice.

Assim, a *Sexta oração* elenca as capacidades que se destacam em cada idade e indica qual deve ser a formação adequada que corresponda a cada fase, a fim de que o processo de educação seja o melhor possível, segundo Vico. Todavia, Vico só fará menção das idades da infância e da adolescência para os ouvintes daquela oração inaugural de estudos da Universidade de Nápoles, deixando subentendida a relação da maturidade e da velhice com a mente e o ânimo. Nesse sentido, primeiramente, ele argumenta que a infância, a qual “é uma idade tão débil pela razão quanto vigorosa pela memória” (VICO, 2002, p. 67), é uma idade “mais apta para línguas” (p. 67), pois “nenhuma doutrina está menos baseada na razão e mais na memória do que a da linguagem, pois sua razão é o consenso e o uso do povo” (p. 67). Vale ressaltar que a infância para Vico, mesmo aqui nessa oração, não é apresentada como uma incapacidade, como fazem muitos modernos, mas, é justamente o contrário disso, tendo em vista que ele retoma parte daquela ideia que havia expressado na *Primeira oração*⁶⁹ ao afirmar, na *Sexta oração*, que “as crianças de apenas três anos possuem já todas as palavras, todas as locuções necessárias

69 Como citamos acima, Vico teria escrito na *Primeira oração* que “com dois anos, ou no máximo três, recordamos de memória todas as palavras e coisas que contêm o uso comum da vida, palavras e coisas que, se algum lexicógrafo quisesse ordená-las e catalogá-las, é necessário que escreva amplíssimos volumes” (VICO, 2002, p. 10).

para qualquer uso ao longo de sua vida, que raramente um ingente volume de léxico pode conter” (p. 67). Ou seja, desde suas orações inaugurais, Vico enfatiza a sua opinião de que a infância, ainda que débil na razão, é vigorosa na memória e, portanto, tem grande capacidade para o desenvolvimento da língua e da linguagem⁷⁰. Além disso, Vico também defenderá que a memória é uma faculdade que proporciona o melhor desenvolvimento do engenho.

Na sequência, referindo-se à adolescência de seus ouvintes, Vico afirma, na *Sexta oração*, que “deixada a infância para trás, a mente humana ou razão começa a emergir cada vez mais do lodo da matéria” (VICO, 2002, p. 68), e “nos adolescentes a fantasia é muito poderosa” (p. 68), em meio àquele processo no qual a mente humana começa a desenvolver gradualmente sua capacidade racional, mas que se depara com o fato de que “nada é mais contrário à razão do que a fantasia”⁷¹ (p. 68). Por conseguinte, nessa segunda etapa, para superar as penas da mente que são as

70 Na *Ciência nova* de 1725, Vico recorre a imagem de que os fundadores das Nações, ou as primeiras Nações, seriam como a infância da humanidade e que o seu tempo atual seria como os velhos, depois de um longo processo histórico de acumulação de conhecimentos. Entretanto, as crianças de seu tempo não seriam exatamente como aqueles povos das primeiras Nações, pois enquanto aqueles nascem em uma sociedade com uma linguagem estabelecida, estas primeiras Nações tiveram que criar a língua. De maneira que ele escreve que “nós somos os velhos e os fundadores das Nações foram as crianças. Mas as crianças, que nasceram em Nações, a qual já é provida de linguagem, de sete anos ao máximo já se encontram providos de um grande *Vocabulário*, que ao despertar de qualquer ideia vulgar, percorrem prontamente tudo e encontram imediatamente a voz adequada para comunicar-se com outros” (VICO, 1725, p. 36. Grifo do autor).

71 Cabe notar que a continuidade da justificativa desta afirmação que Vico fez é inaceitável para nosso tempo, pois, sem justificativa plausível, ele faz uma argumentação baseada em uma leitura preconceituosa de que as mulheres não teriam condição de racionalidade, algo que, infelizmente, era muito comum no tempo dele. Na sequência daquela citação, Vico afirma que “nada é mais contrário à razão do que a fantasia: experiência que podemos comprovar nas mulheres, que fazem menos uso da razão porque prevalecem em fantasia: pelo que seus ânimos são fustigados por emoções mais agudas que as do homem” (VICO, 2002, p. 68). Esse é um tema que merece uma discussão mais longa do que esta nota. Entretanto, cabe registrar que alguns estereótipos, preconceitos e o machismo, em destaque, os quais já foram erroneamente considerados como naturais, têm sua origem nas relações de desigualdade social, de relações de poder e são construções históricas que precisam ser combatidas. Na *Ciência nova*, Vico consegue elaborar uma descrição inspiradora sobre as mudanças sociais que ocorrem por meio dos conflitos que diferentes atores sociais travam entre si e dão movimento à história. Nesse aspecto, Vico pode tornar-se uma contribuição considerável para ajudar a analisar como determinadas relações de poder tornam-se opressoras ao longo do tempo.

opiniões, é preciso que os adolescentes se apliquem aos estudos de matemática, “cuja doutrina muito se vale de um intenso poder de combinar imagens” (p. 68).

É necessário destacar que a fantasia é uma faculdade relacionada à capacidade da mente humana de criar imagens e, por isso, Vico recomenda que aos adolescentes seja ensinada uma matemática que “se vale de combinar imagens” ou, mais precisamente, que eles sejam introduzidos aos estudos da geometria euclidiana nessa etapa de estudos, conforme fará menção direta no *De ratione*, pois “a geometria exercita o engenho” (VICO, 2002, V, p. 88). Porém, na *Sexta Oração*, Vico ainda não teria iniciado sua crítica aquela ordem de ensino para adolescentes que se inicia pela crítica, ou álgebra cartesiana, como fará mais tarde no *De ratione*. Aqui o modelo de matemática que deve ser ensinado aos adolescentes é aquele que se utiliza de figuras, pois eles se destacam em fantasia e tal ensino seria coerente com a natureza de suas mentes nesta fase da vida, uma vez que a fantasia é também a faculdade de combinar imagens. E, para dar prosseguimento na formação dos adolescentes, Vico indica que “a fantasia deve ser atenuada, para que, por sua própria mediação, a razão cobre forças” (p. 68), isto é, o estímulo a fantasia deve ser gradualmente atenuado para dar lugar a temas mais apropriados a razão.

Posteriormente a isso, Vico continua a desenvolver nessa oração sua ordem de estudar sem mencionar a sequência das idades, muito possivelmente pelo fato de que seu público é composto pelos adolescentes ingressantes da Universidade. E ele argumenta que, com o passar dos anos, a mente humana vai se libertando dos vínculos com o corpo e, portanto, aqueles estudos que partem da matemática devam “aplicar-se à física, que contempla os corpos sensorialmente imperceptíveis e suas imperceptíveis figuras e movimentos, que são os princípios e as causas das coisas naturais” (VICO, 2002, p. 69). Nessa ascensão de estudos que caminha em direção aos assuntos espirituais ou metafísicos, há uma ordem na qual a mente pode, “mediante os dados certos da matemática e os duvidosos da física, ver-se conduzida à metafísica” (p. 69), algo semelhante àquela ascensão dialética que Platão (2016, p. 271-273) propôs em seu livro VI da *República*. Sobre tal oração, Silva Neto (2024, p. 197) explica que “segundo a opinião daquele professor de retórica [Vico], a aprendizagem da matemática deve preceder e guiar os estudos de física”. Assim, uma vez obtido o conhecimento da metafísica, teriam a capacidade de “julgar acerca do

falso, do duvidoso e do verdadeiro, a própria arte do debate” (VICO, 2002, p. 69), sendo capazes dos conhecimentos da teologia cristã, completando a ciência das coisas divinas.

Em outra via, trazendo verdades do céu à terra⁷², “a ciência absoluta das coisas divinas segue o conhecimento das coisas humanas” (VICO, 2002, p. 69), ou melhor, a proposta de ordem de estudos da *Sexta oração* não deve se contentar com a ciência das coisas divinas, mas é necessário que, na sequência, permita que o conhecimento universal seja útil para a vida prática, tanto no sentido moral quanto civil, fazendo um retorno útil ao particular. E nesse aspecto, Vico recomenda

imitar aos timoneiros dos navios: e assim como eles observam os corpos celestes, a Ursa Menor e outros astros, [...] sirvamo-nos da ciência de tais coisas, como da Ursa Menor, para conduzir o rumo de nossa vida humana através dos bancos de areia das opiniões, dos vaus das dúvidas e dos recifes ocultos dos erros de um modo mais cauteloso e seguro” (p. 69).

Essa analogia que Vico faz entre o timoneiro e sua dificuldade de navegar entre bancos de areia, vaus e recifes com as dificuldades na aplicação da ciência das coisas divinas nas coisas humanas, procura ilustrar, ou colocar em imagens, que a mutabilidade de situações e simulações da vida prática, por sua particularidade e movimento, dificultam discernir o verdadeiro do duvidoso nos assuntos que dizem respeito à moral e aos assuntos civis, em meio às opiniões, dúvidas e erros. Essa preocupação de Vico com a formação para a vida prática será mais bem desenvolvida no *De ratione* ao enfatizar o papel do senso comum no auxílio para condução nos assuntos da vida prática. Além disso, essa imagem do timoneiro tentando atracar em um porto cuja rota possui bancos de areia, vaus e recifes que precisam ser contornados será utilizada como crítica àqueles que tomam o caminho reto em assuntos tortuosos da vida prática, dos quais podemos inferir que se seguirem uma rota reta entre tantos perigos podem encalhar ou naufragar.

72 No discurso *De mente heroica*, Vico retomará esse tema dizendo que “Sócrates nasceu com uma índole desenfreadamente propensa às inquietudes, mas, dedicando-se com um esforço quase divino ao estudo da sabedoria, foi considerado como aquele que primeiro trouxe a filosofia do céu para a terra, e foi chamado o pai de todos os filósofos” (VICO, 2004, p. 114, cf. tradução de GUIDO, 2004).

Finalizando a ordem de estudar da *Sexta Oração*, Vico pondera que “impregnados da ciência das coisas divinas, dedikai-vos ao conhecimento humano, em primeiro lugar moral e depois civil” (VICO, 2002, p. 70), para que possam aplicá-los à teologia moral, aconselhar os príncipes e conduzir-se a “aprendizagem da jurisprudência, que deriva, quase inteiramente, da doutrina moral, civil e daquela dos dogmas cristãos” (p. 70), unindo “os estudos da sabedoria aos da eloquência” (p. 70).

O método e a tópica no *De ratione*

A questão do humanismo em Vico é tratada por Paolo Rossi como chave para figurar Vico como um pensador que se deteve em problemas do século que o antecedeu. Santos (2012) fez um panorama detalhado sobre as considerações que Rossi fez sobre Vico e expõe qual seria o seu lugar na modernidade. Segundo ele, Rossi avaliou que Vico estaria todo imerso na cultura do século XVII e seria estranho às teorias do século XVIII, estaria atrelado à cultura humanista, não teria acompanhado todas as mudanças conceituais proporcionadas pela Revolução Científica, além de não ter aprendido outros idiomas modernos (SANTOS, 2012, p. 175), bem como teria deixado de ler livros publicados após os últimos anos do século XVII (SANTOS, 2012, p. 175; ROSSI, 1987, p. xx).

Tal juízo sobre um Vico humanista e incapaz de acompanhar as mudanças nas ciências naturais dá-se, muito provavelmente, porque Rossi entende que a ruptura entre a cultura dos Humanistas e aquela dos expoentes da Revolução Científica foi muito bem-marcada. Ele descarta a possibilidade do prosseguimento entre ambas e, a respeito da teoria da continuidade entre o Humanismo e a Nova Ciência, elenca cinco obstáculos intransponíveis que se impõem sobre aqueles que tentam defendê-la, que são:

a polêmica (presente em Bacon, em Descartes e em muitos outros autores) contra o modelo de cultura teorizado pelos humanistas, a recusa do ‘caráter exemplar’ da civilização clássica, a tese da ‘igualdade das inteligências’, o nascimento e o reforço de uma visão decididamente não antropocêntrica do mundo, enfim, o caráter verdadeiramente ‘revolucionário’ (e considerado como tal pelos seus protagonistas) da chamada ‘Revolução Científica’ (ROSSI, 1992a, p. 45)

E, portanto, Rossi situou Vico nessa ruptura muito mais próximo do Humanismo do que da Revolução Científica. Nas orações inaugurais, ainda no início de sua carreira como professor, Vico deixa claro qual é a sua posição diante da tradição quando contrapõe o humanismo ciceroniano ao cartesianismo (ROSSI, 1987, p. 63). E tal atitude viquiana vai, de certa forma, continuar a se apresentar em suas obras posteriores.

Ainda que considere que o *De ratione* apresente um “tom retórico” e que o *De Antiquissima* seja “quase seiscentesco”, em sua obra *Il pensiero di Giambattista Vico*, Rossi (1987, p. xxi-xxv) produz uma longa lista de vários temas, presentes nas obras de Vico, que só foram desenvolvidos nos séculos posteriores do pensamento europeu, como: o momento fantástico da vida humana, a poesia, a fantasia e o mito; o mundo fabuloso da infância que não é negado ou esquecido pelo culto à racionalidade desdobrada; a necessidade da pluralidade de métodos nos diferentes campos do saber; na *Ciência nova*, a sua teoria sobre Homero, sua descrição do homem primitivo, o tratamento do mundo histórico como produto e obra humana, entre muitos outros aspectos que ele relaciona. Segundo Rossi (1987, p. xxi):

Certo é que a evidência de *arcaísmo* presente em muitas páginas e em muitas posturas viquianas, não deve de forma alguma fazer esquecer nem pôr em segundo plano a evidência dos aspectos profundamente *inovadores* de seu pensamento: estes últimos se apresentam em sua meditação sobre a história e sobre o mundo civil (grifos do autor).

Assim, pode-se notar que Rossi é um estudioso que também enfatiza aquela dualidade de Vico, na qual, por um lado, é percebido como alguém que se deteve em temas do passado, mas, de outro, é visto como alguém que antecipou discussões que só puderam ser realizadas muito tempo depois, como a pertinente questão sobre a pluralidade de métodos, pois, em Vico “[...] encontramos presente motivos de fundamental importância destinados a desenvolver uma função de primeiro plano no pensamento europeu dos séculos seguintes: [...] [como] a insistência sobre uma necessária *pluralidade de métodos* nos diversos campos do saber” (ROSSI, 1987, p. xxi e xxii. Grifos do autor e acréscimo nosso).

Tessitore (2019) retoma essa imagem que se criou de um Vico humanista tardio ou “atrasado” (p. 93) e como um platônico tardio (p. 106). Porém, a respeito da relação história-historiografia, Tessitore (2019, p. 95) adverte que: “Por isso, Vico é um filósofo

moderno, o mais moderno dos filósofos modernos, o ‘fundador’ do conhecimento histórico, [...] porque com Vico a história é identificada e reconhecida como ‘compreensão’” (grifos do autor). Por sua vez, o racionalismo que pode ser atribuído a Vico, por sustentar a *razão da história*, não o tornaria um ilustrado, pois o centro de sua atenção não é a razão, mas sim o sujeito da razão, apresentando os limites tanto da razão quanto do homem (p. 101). Assim, a lógica de Vico não seria precursora de outras tendências posteriores, como alguns autores tentaram apresentar, tal como Croce. Nesse contexto, Tessitore prefere considerá-la como pioneira (p. 107).

Diante disso, é importante destacar a leitura que Pons (2001-2002) fez sobre a valorização da tópica, pois ela reforça o argumento de que Vico estaria mais próximo da cultura humanista. O que conduz a formar um quadro ainda mais complexo em torno de Vico, pois, se de um lado existem características que o ligam ao humanismo, dito “tardio” por alguns por seu apego aos estudos de história que foram rejeitados pelo cartesianismo, de outro lado temos um caráter pioneiro de Vico quando traça a história enquanto “compreensão”, apresentando características que poderiam, ao mesmo tempo, tanto aproximá-lo do racionalismo quanto afastá-lo do iluminismo.

Grassi (1999) foi um dos principais estudiosos que caracterizou e defendeu esse aspecto que associa Vico ao humanismo. Ele cita o fato de que Descartes, em sua proposta de ciência e de filosofia, rejeitou conscientemente a retórica e as outras matérias de cunho humanista, pois a filosofia que propunha era pela busca pura da verdade (GRASSI, 1999, p. 2) ou por uma investigação do fundamento do saber (GRASSI, 2001-2002, p. 21). Tal busca pura da verdade, que implica em uma escolha de método, tem por consequências a preferência por características universalmente válidas e provoca uma separação entre os domínios do *pathos* e do *logos*. De acordo com Grassi (1999, p. 1-2):

Desde o princípio, a tradição filosófica ocidental estabeleceu uma distinção fundamental entre o discurso retórico-patético e o discurso lógico-racional. O discurso retórico tem o objetivo de mover as almas, de atuar sobre o *pathos*. Ele alcança esse objetivo por meio de esquemas que operam sobre nossos instintos, sobre nossas paixões (que geralmente são sensíveis a imagens), e não tenta se justificar racionalmente. Por sua parte, o discurso racional se baseia na capacidade humana de fazer deduções, de extrair conclusões de premissas. O discurso racional consegue seu efeito demonstrativo e seu caráter vinculante mediante a demonstração lógica. O processo

dedutivo está completamente fechado em si mesmo e não pode admitir formas de persuasão que não se derivem do processo lógico.

O *logos* é aquilo que envolve os processos racionais, dedutivos, as regras lógicas e universais, sendo atemporal. Enquanto o *pathos* é subjetivo, relativo, ligado a um determinado tempo e lugar, irracional e não pode ser considerado como universalmente válido. Por sua vez, Aristóteles, na *Retórica*, afirma que o discurso retórico deveria nascer da visão do particular (GRASSI, 1999, p. 3) com a finalidade de persuasão da opinião⁷³. Em consequência disso, “o discurso retórico nunca será anônimo nem ahistórico, pois nem o orador nem a situação são substituíveis” (GRASSI, 1999, p. 3). Em outras palavras, a retórica é particular e é relativa ao *pathos*, portanto é “passional” ou, conforme Grassi prefere em seu texto, ela tem como caráter ser “patética”. Segundo Grassi (1999, p. 1), “o discurso retórico tem o objetivo de mover as almas, de atuar sobre o *pathos*”. Logo, a proposta de método viquiano, quando adiciona os elementos retóricos e do *pathos* para alcançar o seu objetivo e finalidade que é uma sabedoria com prudência e eloquência que possa conjugar os elementos do universal ao particular e vice-versa, terá que ser, conseqüentemente, diferente daquele método cartesiano, o qual, por sua vez, havia desconsiderado os domínios do *pathos* em sua “busca pura da verdade”.

A partir de uma perspectiva que considera os movimentos da história e da política, cada ser humano sempre está situado em uma comunidade e em um tempo sempre particulares. Nessa comunidade, existe a política particular como forma de organização social. As decisões e as ações de um membro dessa comunidade dão-se sempre em resposta a um momento situado bem como em resposta aos fatos particulares, ou melhor, singulares. Entretanto, a proposta de distinção dos domínios do *pathos* e do *logos* para entender a vida prática em sociedade, tanto no campo da moral quanto no da política, tem por consequência o aumento da dificuldade dessa compreensão sobre a dinâmica da vida em comunidade, uma vez que a comunidade política é sempre um dever constante de inúmeros fatores particulares enquanto, de outra forma, o *logos* visa aquilo que é mais universal.

73 Segundo Aristóteles (2005a, p. 95): “Entendamos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir”.

E essa dificuldade para lidar com a mutabilidade social já havia sido assinalada por Descartes, que prefere não se deter nesses assuntos da vida prática e havia recomendado apenas uma moral provisória diante de tal movimento. Isso se destaca na terceira parte do *Discurso do método*, na qual Descartes escreve que “para não hesitar em minhas ações, enquanto a razão me obrigasse a fazê-lo, em meus juízos, e a fim de continuar a viver desde então de maneira mais feliz possível, concebi para mim mesmo uma moral provisória, que consistia apenas em três ou quatro máximas” (DESCARTES, 2000, p. 53). Na sexta parte, ele reforça esse posicionamento ao afirmar que sobre “as coisas que vinham de meu espírito”, tal como o hábito, “não me considere obrigado a nada escrever acerca dele” (DESCARTES, 2000, p. 86).

Ademais, em *As paixões da alma*, Descartes rejeita todos os textos antigos que teriam abordado as discussões em torno das paixões e da vida social, escrevendo, logo no início de sua obra, que “nada existe que demonstre com maior clareza as imperfeições das ciências que herdamos dos antigos como aquilo que eles escreveram a respeito das paixões” e mais adiante adiciona: “[...] o que os antigos ensinaram sobre elas é tão escasso, e em sua maioria tão pouco aceitável, que a única maneira que tenho para me aproximar da verdade é afastando-me dos caminhos que eles trilharam” (DESCARTES, 2000, p. 105).

Diante disso, o método cartesiano não apresenta condições de ser aplicado claro e distintamente sobre a vida prática, que se movimenta entre os domínios do *pathos* e do *logos*, mesmo porque seu método não tinha essa pretensão. Porém, a fim de que se possa produzir um outro método, uma outra proposta que possa encontrar a faculdade que permite estudar o movimento das situações particulares da comunidade política, é necessário fazer aquilo que o cartesianismo rejeitou, que é a atitude de recorrer aos antigos filósofos, os quais nomeavam tal faculdade de *phronesis* entre os gregos e de *prudentia* entre os romanos (GRASSI, 1999, p. 4).

Retomando aquela teoria do *De ratione* de Vico e supondo uma sociedade que para a composição de suas normas privilegie o *logos* em detrimento das considerações sobre a dinâmica do *pathos*, Grassi afirma que (1999, p. 4): “as regras gerais para um ato ditadas pela razão resultam demasiado numerosas ou demasiado escassas quando as confrontamos com um caso particular”. Com efeito, o emprego exclusivo da razão, ou *logos*, para o estabelecimento de normas que regulam o

convívio da comunidade política pode produzir dois problemas: um é o da generalização extrema das regras que diante de um caso concreto apresenta dificuldades para definir qual lei é aplicável ao caso, e o outro é o da criação de um infindável número de regras particulares para tantos casos quanto aparecerem, pois serão sempre necessárias novas regras diante dos inúmeros casos que não cessam de surgir e, além disso, muitas dessas inumeráveis normas acabam regulando assuntos irrelevantes gerando certo descrédito, o qual também pode se estender sobre aquelas que seriam importantes.

No *De ratione*, Vico (2002, p. 113) escreve: “mas leis inumeráveis não podem ser todas observadas, e as prescritas sobre coisas irrelevantes são facilmente desdenhadas, como geralmente ocorre, e essas leis irrelevantes desdenhadas diminuem também a dignidade daquelas de maior importância”. E isso reforça a tese de que aquele método cartesiano não está adequado ao tratamento de coisas civis, como o próprio Descartes sabia. Daí a necessidade de um outro método que seja capaz de auxiliar na vida prática a jurisprudência e a confecção das leis que regem a vida dinâmica de uma sociedade.

Consequentemente, enquanto a razão é entendida como a capacidade de abstração e de generalização, a política é a particularidade de inúmeros casos específicos da vida prática. Querer dividir *pathos* e *logos*, desconsiderar a capacidade patética de compreender os casos particulares e, por fim, privilegiar a racionalidade para tratar de assuntos sociais é não compreender aquela dinâmica da vida em comunidade nem a especificidade da universalidade científica, a qual exige um outro tipo de método. Para a vida na comunidade política, a capacidade patética torna-se imprescindível para tratar do infinito devir de casos particulares. Na proposta viquiana de método de estudos do *De ratione*, o seu emprego se dá eficientemente por meio da tópica, que pertence ao campo da retórica e tem relação direta com o *pathos* e com o *logos*.

Por meio da tópica é possível perceber vários fatores que apresentam uma frequência entre inúmeros casos particulares, o que permite produzir um código eficaz ou aplicar uma lei. Essa capacidade não é atribuição do *logos*, mas sim da tópica que opera por imagens e metáforas. Se a tópica pertence ao campo da retórica, então, ela é patética. Enquanto a ciência ou razão procede de uma causa única ou de uma

verdade suma da qual se deduz muitos efeitos a partir dela; a prudência, que se atém às verdades ínfimas, investiga o maior número possível de causas de um único ato para avaliar qual é o verdadeiro e para que isso possa ser realizado é necessário o recurso a tópica e ao senso comum (VICO, 2002a, p. 94).

Senso comum, ciência, sabedoria e método no *De ratione*

A respeito da relação que estabeleceu entre os argumentos universais e a vida prática, em sua *Vita*, suas orações inaugurais pretendiam levar o universal, advindo do conhecimento metafísico, à sua aplicação particular na vida civil. Isso remete a atitude socrática de trazer verdades do céu à terra, ou, como Vico escreve em sua *Primeira oração*: “diz-se que Sócrates fez a filosofia moral descer do céu; mas antes elevou o ânimo ao céu” (VICO, 2002, p. 10). Desde então, Vico demonstrava sua noção sobre as relações entre *logos* e *pathos*, que, naquela altura, tinham o interesse de exaltar uma sabedoria com prudência.

De maneira geral, nessas orações, o método de estudos, que se configura somente a partir da *Sexta oração*, foi considerado como o meio para formar jovens que consigam aplicar os conhecimentos universais à vida prática, desde que esteja adequado à ordem do desenvolvimento da natureza humana, que segue as fases da memória, da fantasia e do intelecto⁷⁴. E para tal, o processo de educação formal deve levar em consideração tanto os fins quanto o método de estudos para que possam

74 Vico afirma na *Sexta oração* que “sigamos a nossa própria natureza corrompida como guia em sua aprendizagem metódica até a sabedoria” (VICO, 2002, p. 67), pois “não cabe dúvida alguma de que a infância é uma idade tão débil pela razão como vigorosa pela memória” (p. 67). Na sequência, Vico explica que “nos adolescentes é muito poderosa a fantasia” (p. 68). Ao longo do processo de desenvolvimento dessa natureza, “a fantasia deve ser atenuada, para que, por sua própria mediação, a razão cobre forças e devemos aplicar-nos desde adolescentes à matemática, cuja doutrina se ajuda muitíssimo de um intenso poder de relacionar imagens” (p. 67), para que depois se libertem progressivamente dos vínculos do corpo para aplicar-se à física e, enfim, à metafísica, para retornar da “ciência absoluta das coisas divinas” para o “conhecimento das humanas” (p. 69). Nessa oração é apresentado um ciclo do desenvolvimento da natureza humana, isto é, da mente humana, no qual Vico relaciona a memória à infância, a fantasia à adolescência, a razão ao final da adolescência e as próximas idades ficam subentendidas, nas quais o conhecimento da matemática é seguido pela física, depois conduzido para a metafísica até o retorno do conhecimento das coisas humanas da vida prática.

formar jovens com sabedoria e prudência para a vida em sociedade. Segundo Guido (2002), Vico teria percebido que “a educação exclusivamente cientificista [...] acarretava o distanciamento da pessoa em relação à esfera da vida prática”, a qual teria tolhido aquele “espaço anteriormente destinado à tópica e às demais disciplinas voltadas para o desenvolvimento do engenho humano” (GUIDO, 2002, p. 16).

O *De ratione*, de 1709, é resultado de sua *Sétima oração inaugural* que foi pronunciada em 1708 na presença do vice-rei de Nápoles, o cardeal Vincenzo Grimani (1655-1710)⁷⁵, e foi dedicada ao rei austríaco Carlos de Habsburgo (1685-1740), em um período que sua cidade já não estava mais sob o domínio espanhol. Essa foi a única oração inaugural que ele tornou uma publicação e tem sido considerada como parte de suas obras primeiras em filosofia⁷⁶, juntamente ao *De antiquissima*, de 1710. As outras orações foram publicadas postumamente⁷⁷. Garcia e Bisbal (1998, p. 26) notam que o *De ratione* foi publicado em comemoração ao primeiro ano do domínio austríaco sobre Nápoles, tendo sido encomendado pelo cardeal Grimani.

Em todo *De ratione*⁷⁸, Vico citou sete vezes o termo latino *sensus communis* (senso comum). Na terceira seção ele repete quatro vezes o termo *sensus communi* e uma vez *sensu communi*; e *sensum communem* é citado uma vez na sétima seção e uma na última seção. Na décima quarta seção, Vico cita *communiter vera* para

75 Cf. VICO, 2017, p. 114.

76 O ingresso de Vico na Universidade de Nápoles ocorreu em 1699. Nos anos de 1696 e 1697, ele havia publicado duas orações que havia realizado para a nobreza. Em 1703, compôs a obra conhecida como *A conjuração partenopeia* ou *A conjuração da Macchia*, mas ela permaneceu inédita até 1837, quando foi publicada em *Opere* por G. Ferrari. Era uma obra que condenava o objetivo filo-austríaco da conjuração e muito provavelmente ele não a publicou por motivos políticos. Em 1707, sob ordem do comandante dos exércitos austríacos, Ph. L. Wierich von Daun, produziu inscrições fúnebres para honrar a memória dos nobres austríacos executados por espanhóis. Cf. BADALONI, 2008, p. 122-124; GARCÍA, BISBAL, 1998, p. 58-60.

77 Retomando nossa nota 12 que, de acordo com Badaloni (2008, p. 123), a segunda oração foi publicada em 1823 nos *Opuscoli* de Villarosa; e, em 1869, foram publicadas pela primeira vez as outras cinco orações inaugurais em uma edição organizada por Antonio Galasso. Cf. também Guido (2004, p. 124).

78 Para essa pesquisa latina, foi utilizado a publicação eletrônica do Laboratio dell'ISPF, IX – 2012,1/2, disponível em: <http://www.ispf-lab.cnr.it/en/content/giambattista-vico-de-nostri-temporis-studiorum-ratione>

explicar o recurso que o silogismo de Aristóteles utilizava de recorrer às “verdades comuns” para tornar certas coisas duvidosas⁷⁹.

Essas “verdades comuns” às quais Vico se refere são os *endoxa* aristotélica⁸⁰, já discutida anteriormente, e podem ser considerados como uma oitava referência ao senso comum no *De ratione*. Contudo, nas citações que Vico faz ao senso comum nessa obra, ele não apresenta um conceito ou uma definição do termo; apenas adota o uso corrente que se faz dele. No *De antiquissima*, Vico apresenta uma brevíssima discussão sobre “o que é o senso comum” na seção V do capítulo VII, no qual escreve que “a semelhança de costumes nos povos engendra o senso comum” (VICO, 2002, p. 184). No *De uno*, Vico faz mais uma breve definição do senso comum ao dizer que “mas aqueles que erram pecam por ignorância do senso comum, que pode ser definido como a prudência comum de tal cidade ou tal povo, pela qual se persegue ou evita aquilo que todos os seus concidadãos ou compatriotas entendem como digno de apetência ou aversão” (VICO, 2009, p. 44). Entretanto, é na *Ciência nova* que uma definição própria do que seria o senso comum surge mais bem elaborada por Vico. Na dignidade XII, ele escreve que “o senso comum é um juízo sem reflexão alguma, comumente sentido por toda uma ordem, por todo um povo, por toda uma nação ou por todo o gênero humano” (VICO, 2005a, p. 111, § 142). No primeiro parágrafo da terceira seção do *De ratione*, Vico descreve a importância do senso comum para a formação, pois “nos adolescentes o quanto antes deve se ajustar o senso comum, para que, no decurso da vida, reafirmados pelos anos, não se precipitem em direção ao estranho e ao insólito” (VICO, 2002, p. 82).

A estrutura que Vico dá ao texto do *De ratione* torna evidente o seu desejo de dialogar criticamente com a teoria de Bacon, pois ele é diretamente citado tanto no começo quanto em sua conclusão. Assim, logo nas primeiras palavras do *De Ratione*,

79 Segundo Vico: “Aristóteles, que queria que a verdade fosse discernida com o sentido e a mente, utilizava o silogismo, com o qual expunha verdades comuns, para que as coisas duvidosas fossem tornadas como certas” (VICO, 2002, p. 123).

80 Ou, segundo Aristóteles, podemos dizer que são as “opiniões de aceitação geral”, as quais “se baseiam no que pensam todos, a maioria ou os sábios, isto é, a totalidade dos sábios, ou a maioria deles, ou os mais renomados e ilustres entre eles” (ARISTÓTELES, Tópicos, 2005b, I, 100b20, p. 348)

Vico (2002, p. 77) faz referência à sua leitura do “áureo livreto” latino *De augmentis*⁸¹, de 1623 (BACONE, 1965), não lhe nomeando “Baconis”, que seria uma opção para seu nome latino, mas prefere aquele que o associa ao deus grego “Baco”⁸², protetor das vinhas e do vinho⁸³. Na conclusão de seu *De ratione*, Vico chama a atenção novamente para Francis Bacon e sua obra de 1623, ao escrever: “aquele homem três vezes máximo, Francisco Verulamio, deu ao rei James da Inglaterra aquele conselho sobre a organização da Universidade de Estudos, de que seja vedado os estudos de eloquência aos adolescentes até haver completado todo o orbe das doutrinas.” (VICO, 2002, p. 124).

Neste trecho, Vico provavelmente está se referindo à primeira parte do segundo livro de Bacon, no qual está escrito: “Tem-se por hábito, péssimo a meu juízo, que os estudantes aprendam logo a lógica e a retórica, artes mais convenientes aos adultos do que aos adolescentes e aos aprendizes” (BACONE, 1965, p. 83; BACON, 2011, p. 490). No início do segundo livro, no qual Francis Bacon se dirige ao rei James I⁸⁴ sugerindo qual seria a melhor forma de ensinar os adolescentes e elenca quais são seus principais obstáculos, ele afirma que o ensino da lógica e da retórica para os adolescentes em início de formação seria como ensiná-los a pesar⁸⁵ e a medir o vento

81 Todavia, Francis Bacon tenha publicado a primeira versão concisa deste texto em inglês, no ano de 1605, com o título *The advancement of learning* (BACON, 2007), os estudiosos de Vico afirmam que ele não teria lido a versão inglesa (cf. SANNA, 2020, p. 1).

82 “Franciscus Baco in aureo *De augmentis scientiarum* libello (...)” (VICO, 1971, p. 791).

83 Baco foi um personagem recorrente desde as primeiras orações de Vico, que ao descrever a “virtude divina da mente humana”, capaz de “perceber”, “compor”, “separar” e “racionar” por meio das metáforas na *Primeira oração*, comparou o cálice, ou pátera, de Baco ao escudo de Marte, assim “o escudo é a pátera de Marte e a pátera é o escudo de Baco” (VICO, 2002, p. 8). No *De constantia*, Vico explora as relações com a mitologia de Baco, como por exemplo a consideração de que Hércules e Baco seriam filhos do raio e conquistadores do Oriente e do Ocidente (VICO, 2009, p. 289).

84 Vico se referiu ao nome do rei James I conforme sua tradução para o latim, que é Jacobus. O nome James também geralmente é traduzido como Giacomo em italiano ou Jaime se traduzido para o português. O rei James I sucedeu a rainha Elizabeth I no trono da Inglaterra, cf. BACON, 2007, p. 122, nota 28.

85 Em latim, Bacon escreveu: “*ac si quis discere vellet ponderare vel metiri vel ornare ventum*” (BACON, 2011, v. I, p. 490). De Mass preferiu traduzir *ponderare* por *pensare* em italiano, ao invés de *pesare* (BACONE, 1965, p. 83). Ele justificou na nota 3 que os dois primeiros termos estariam relacionados com a lógica e o terceiro com a retórica, daí sua decisão de traduzir por “pensar” ao invés de “pesar”. Já Raul Fiker, que traduziu a versão inglesa de 1605 para o português, manteve o termo “pesar” (BACON, 2007, p. 108). Isso porque na versão inglesa de 1605 Bacon escreveu: “*as if one should learn to weigh or to measure or paint the wind*” (BACON, 2011, v. III, p. 326), o que pode indicar o termo “pesar” como primeira opção para a tradução.

e a reverenciá-lo porque ainda não teriam conteúdos suficientes para aplicar os juízos da lógica ou os adornos da retórica. Pela sua falta de maturidade, tais disciplinas lhes resultariam apenas em “sofismas pueris e em ridículas afetações”, sendo inclusive desestimulantes para a aprendizagem.

Francis Bacon deixa bastante claro que o ensino de retórica e de lógica não devem ser feitos aos adolescentes antes de que lhes sejam ensinadas todas as outras ciências. Para Bacon, a retórica lhes tornariam eloquentes falsos. Assim como Bacon, Vico também se opõe ao ensino da lógica para os adolescentes no início de sua formação, a qual ele relacionou com a crítica, e que, na seção III do *De ratione*, é associada ao método de estudos proposto pela escola de Port Royal e da nova lógica que passava a fazer parte do programa de formação dos jovens. No entanto, embora Vico admire e reconheça o trabalho de Bacon, ele vai se opor a sua sugestão de vedar o ensino da tópica aos mais jovens.

O *De ratione* celebra as mudanças que aconteceram em seu tempo nas ciências e nas artes, na análise, na física, na geometria, no método, na mecânica, o surgimento da nova crítica, os avanços na medicina e na química, também da invenção de novos instrumentos, como: o microscópio, o telescópio e a bússola, além dos caracteres tipográficos, das universidades etc. Mesmo assim, ao longo de seu discurso Vico avalia as vantagens e as desvantagens (*commoda* e *incommoda*) da sabedoria dos antigos e a dos modernos, demonstrando que tanto uns quanto outros têm ambas. E Vico tenta avaliá-los da melhor forma possível, conforme ele avisa aos seus leitores no final da obra que “quando censurei as desvantagens suprimi os seus autores, como convinha ao fato de que eu seja um homenzinho e eles tais e tão grandes homens. Por outro lado, expus as suas próprias desvantagens com a maior moderação, atenuadas com a maior diligência que me foi possível” (VICO, 2002, p. 125).

A tópica para Vico é aquela que segue o modelo ciceroniano, sendo, portanto, uma vantagem da sabedoria dos antigos romanos. Na seção III, quando faz um confronto entre a lógica de Port Royal e a retórica romana ele escreve: “a qual dos dois devemos creditar, a Arnauld, que nega [a tópica], ou a Cicero, que afirma e confessa ter-se tornado eloquente sobretudo pela tópica? Julguem-nos outros [...]” (VICO, 2002, p. 84). A nova crítica, que Vico relaciona à lógica de Port Royal e a

associa ao cartesianismo, possui tanto vantagens quanto desvantagens em relação à sabedoria dos antigos.

Sendo professor de retórica, Vico fez uma defesa da importância de seu ensino para os jovens durante sua oração inaugural e alertou a respeito dos danos que o ensino precoce da lógica poderia lhes causar. Assim, ele concorda parcialmente com o programa de ensino que havia sido sugerido por Francis Bacon, publicado em 1605 e repetido dezoito anos depois no texto de 1623, em latim.

No entanto, Vico percebe que “ambos métodos discursivos estão viciados: o dos tópicos, porque com frequência aferram o falso; o dos críticos, porque não assumem também o verossímil” (VICO, 2002, p. 85). Dessa maneira, tanto a tópica quanto a crítica, se ensinados de maneira isolada, apresentavam vícios que causariam danos no processo de formação. A saída para evitar os vícios de ambos na formação dos jovens seria o ensino das ciências e das artes, da tópica, o recurso ao senso comum, o estímulo à fantasia e à memória, além do ensino da crítica ou lógica, para que possa ser um programa de formação integral dos estudantes. Assim, como Bacon, Vico percebe que os jovens precisam ser versados em todas as áreas do conhecimento para uma formação adequada:

para evitar ambos vícios, eu estimo ser conveniente que os adolescentes sejam ensinados nas ciências e nas artes com juízo íntegro, para enriquecer os lugares da tópica, e, em seu ínterim, que cobrem forças com o senso comum para a prudência e a eloquência, e ganhem firmeza com a fantasia e a memória para as artes que se destacam por essas faculdades mentais; que aprendam em seguida a crítica; e então julguem integralmente com seu próprio juízo sobre aquilo em que tenham sido instruído; e se exercitem em dissertar sobre em um sentido e no seu oposto. (VICO, 2002, p. 85)

Tais conhecimentos foram muitas vezes atacados pelos modernos. O senso comum e a retórica foram alvos da crítica de Bacon para a formação dos jovens, assim como também foram criticados por Descartes. O ensino de história, de eloquência, de literatura antiga e de poesia, que se relaciona com a memória e a fantasia, receberam duras críticas de Descartes na primeira parte de seu *Discurso do método* (DESCARTES, 2000). Ele chega a afirmar que “eu comparava os escritos dos antigos pagãos que tratam de hábitos a magníficos palácios erigidos apenas sobre a areia e a lama” (DESCARTES, 2000, p. 40) e continua afirmando que têm alicerces pouco

firmes, compara-os aos enganos que podem ser feito por alquimistas, com predições de astrólogos e “imposturas de um mágico”, “a artimanhas ou arrogâncias daqueles que manifestam saber mais do que realmente sabem” (DESCARTES, 2000, p. 41).

Cabe notar que essa influência de um Descartes anti-humanista em Nápoles foi relatada por Vico em sua *Vita* ao narrar como foi a recepção da metafísica cartesiana entre os intelectuais conterrâneos, ao registrar que “aqueles excelentes letrados, que dois ou três anos antes diziam que a metafísica devia estar encerrada nos claustros, começaram a cultivá-la como todo o entusiasmo, já não a partir das obras de Platão e de Plotino, como Marsílio Ficino e outros – razão por que, no século XVI, tantos grandes letrados floresceram – mas a partir das *Meditações* de René Descartes [...]” (VICO, 2017, p. 101). E ele continua, nesse mesmo texto, destacando essa interpretação da teoria cartesiana, ao expor que após aquela obra, *Meditações*, “[...] se seguiu o seu livro *Do método*, onde ele desaprova os estudos das línguas, dos oradores, dos historiadores e dos poetas, e, exaltando somente as suas metafísica, física e matemática, reduz a literatura ao saber dos árabes [...]” (VICO, 2017, p. 101).

Porém, apesar de tal repercussão cartesiana, Vico tenta induzir os leitores da autobiografia a acreditarem que, naquele período de sua vida, a metafísica cartesiana não lhe pareceria uma novidade que fosse de seu interesse, pois, ao se referir ao Paolo Doria, matemático e cartesiano que frequentava as mesmas academias que Vico, ele escreve que “aquilo que Doria considerava sublime, grande e novo em Descartes, Vico reconhecia como velho e vulgar entre os platônicos” (VICO, 2017, p. 102), tentando demonstrar-se mais próximo do platonismo do que do cartesianismo desde cedo. Tal postura é contestada tanto por Corsano (1935, p. 35), que afirma encontrar logo na *Primeira oração inaugural* uma “franca profissão do intelectualismo de sabor quase cartesiano”, quanto por Campailla (1971, p. 253-254) que ao seguir Corsano, adiciona que seria um erro tomar ao pé da letra as afirmações de certas cartas mais ou menos contemporâneas à *Ciência nova* e da *Autobiografia*, nas quais “as relações entre o filósofo napolitano e aquele francês estão completamente distorcidas”, pois são atribuídas “a um período muito anterior daquele sentimento de aversão declarada que, ao invés disso, pertence aos anos mais maduros” (CAMPAILLA, 1971, p. 253). Assim, pode-se pensar que tanto as críticas de Vico

àquela proposta de uma ordem de estudos de Bacon, quanto àquelas críticas que Descartes fez às disciplinas humanistas, foram se desenvolvendo conforme sua proposta de um método de estudos assumia uma forma própria no *De ratione*.

Em sua defesa humanista da eloquência no *De ratione*, Vico tensiona com Bacon e com Descartes ao defender a necessidade do recurso ao senso comum e da tópica no processo de formação dos jovens⁸⁶, embora deixe claro que são duas coisas distintas no primeiro e segundo parágrafos da terceira seção da obra. Ele afirma que o ensino de todas as artes e ciências vai “enriquecer os lugares da tópica, e, em seu ínterim, que cobrem forças com o senso comum para a prudência e a eloquência” (VICO, 2002, p. 85). O senso comum é o conhecimento prático para o convívio em sociedade. É dessa forma que ele nos é apresentado no *De ratione*. Ele sempre está relacionado com o convívio comum e tem finalidade prática. No *De ratione*, Vico faz apenas citações ao longo do texto e sempre o relaciona com a vida prática, seguindo a tradição humanista e que tem raízes em Cícero.

No início do *Discurso do método*, Descartes escreve: “o poder de julgar de forma correta e discernir entre o verdadeiro e o falso, que é justamente o que é denominado bom senso ou razão, é igual em todos os homens” (DESCARTES, 2000, p. 35). A partir desse texto, é possível que haja quem queira relacionar essa referência que Descartes fez ao “bom senso” com aquilo que poderia ser entendido como “senso comum”. E, nesse trecho, Descartes não se apresenta preocupado em diferenciar tal bom senso da razão, pois ele escreve “bom senso ou razão”, como se fossem equivalentes. Porém, se o “bom senso” de Descartes pode ser considerado como “senso comum”, Vico prefere seguir outra via, pois para ele senso comum e razão são duas coisas distintas e, por consequência, ambos também produzem conhecimentos de naturezas distintas, pois o primeiro está mais próximo do *pathos* enquanto o segundo pertence exclusivamente ao *logos*.

86 Sobre o senso comum na filosofia viquiana, Silva Neto (2001, p. 186) chega a afirmar que “o senso comum, que confere ao arbítrio humano a sua participação no progresso do espírito, ou seja, o senso comum, enquanto manifestação da interação entre o homem e o mundo, foi o critério legado por Vico para a compreensão da natureza humana” e acrescenta que “a nossa perspectiva de análise é de que esta postura de Vico foi a de um racionalista, depositando neste senso comum uma racionalidade peculiar, podendo, portanto, ser pensado racionalmente”.

Dos inconvenientes de começar os estudos dos jovens pela crítica, o primeiro problema é ensinar os adolescentes a procurar pelas verdades primeiras e negar as verdades segundas ou verossímeis como se elas fossem falsas. Vico assim introduz a sua terceira seção do *De ratione*: “E, em primeiro lugar, no que concerne aos instrumentos das ciências, hoje, começamos os estudos pela crítica: a qual, para expurgar sua verdade primeira não somente de todo o falso, senão também da suspeita de falsidade, determina que seja expulso da mente as verdades segundas e o verossímil como se fossem falsos” (VICO, 2002, p. 81 e 82). Segundo Santos, Vico percebe os prejuízos de se rechaçar o senso comum em prol de uma formação cujo fim único seja a verdade, pois “se a educação se guiasse apenas em vista da verdade, isso produziria danos à doutrina moral e civil e à eloquência” (SANTOS, 2003, p. 1281).

Ainda que o senso comum não seja um conhecimento de tipo universal, tal como a ciência ou a filosofia seriam, ele é um conhecimento particular, ou singular, e situado. Por ser um conhecimento do particular e de utilidade prática, sendo empregado para situações do cotidiano, o senso comum, por sua vez, não é verdadeiro, porque para isso teria que ser universal, mas é verossímil. A ciência lida com o universal e com verdades universais, ao que Vico, seguindo a tradição aristotélica, dedica o termo “verdadeiro” ou verdade primeira somente para a ciência ou filosofia. E, enquanto conhecimento, o senso comum, que lida sempre com as situações particulares, é considerado por Vico como “verossímil”. “Pois, como a ciência se origina do verdadeiro e o erro do falso, assim dos verossímeis se gera o senso comum. Com efeito, os verossímeis são como um meio entre os verdadeiros e os falsos, de modo que na maior parte das ocasiões são verdadeiros, raramente falsos” (VICO, 2002, p. 82)

Esse conhecimento das situações particulares, relativo ao senso comum, serve para situações também particulares ou singulares⁸⁷. Quando essas situações mudam, e o movimento e a mudança constante é a regra da vida em sociedade, aquele conhecimento perde a sua eficácia. Nas situações particulares em que foi produzido

87 Relacionando a teoria de Vico e de Horkheimer, Silva Neto (2001, p. 190) reflete que “conhecer o homem implica no conhecimento da forma com que este se insere e se relaciona com o mundo”.

e para que é aplicável, ele é útil, por isso seria “um meio entre o verdadeiro e o falso”, pela forma como é produzido a partir da experiência e por sua aplicação singular. Mas, como é um conhecimento que não consegue ser universalizado para várias outras situações, as quais sempre mudam, não teria o rigor do conhecimento científico, que é por sua natureza um conhecimento universal. Além disso, se por acaso o conhecimento de senso comum não estiver aliado ao conhecimento alcançado pela universalização científica, ele proporcionará apenas um conhecimento parcial e incompleto, pois, embora ele seja suficiente para a vida prática singular, ele é incapaz de prever ou perceber grandes mudanças estruturais que possam vir a ocorrer principalmente na vida política, devido sua característica de singularidade.

De outro modo, ao começar os estudos valorizando apenas aqueles conhecimentos que são universais, Vico avalia que os estudantes acabam deixando de valorizar aqueles conhecimentos que são da ordem prática e que servem para o convívio social, isto é, os conhecimentos que são particulares ou verossímeis. O risco de tal organização de estudos é que os estudantes poderão tornar-se muito letrados no conhecimento científico, mas não conseguirão relacioná-lo com a vida prática e poderiam, de certa forma, tornar-se estéreis. Além disso, Guido (2002) destacou que “Vico constatou que o progresso contribui para o desenvolvimento vertiginoso das ciências e das artes, porém o mesmo progresso não é percebido nos domínios da moral” e que pode ser constatado que “não existe uma relação direta entre o rigor matemático e consciência moral dos homens” (GUIDO, 2002, p. 17).

Na seção VII, que trata sobre a prudência civil, Vico exemplifica as dificuldades que a supervalorização do conhecimento do verdadeiro podem causar na formação dos jovens fazendo um jogo entre possuir e o não possuir a prudência e a ciência, ou melhor, entre o ter ou não ter os conhecimentos: prático e científico. Dessa relação, resultam aqueles quatro tipos de homens: o néscio, que não tem prudência, nem ciência; o iletrado astuto, que teria apenas o conhecimento prático; o douto imprudente, que apesar de ter o conhecimento do universal anda aos tropeços na vida prática; e o homem sábio, que “através dos sendeiros tortuosos e incertos da prática tem os olhos postos na verdade eterna; já que não pode fazê-lo em linha reta, dá uma volta; e toma decisões que lhe serão úteis ao longo do tempo, na medida em que a natureza lhe permite” (VICO, 2002, p. 94), lembrando de algum modo daquela

imagem da *Sexta oração* do timoneiro que consegue superar os obstáculos para atracar a embarcação seguramente no cais.

As dificuldades que se impõem sobre os iletrados astutos é que, apesar de conseguirem agir diante das verdades ínfimas, ou melhor, conseguirem resolver os seus problemas de ordem particular, eles não conseguem perceber as verdades eternas, ou seja, desconhecem os universais. O problema que resulta disso é que a natureza está em constante movimento, as situações estão sempre em mudança e, aquele conhecimento de senso comum que funciona bem em um determinado assunto pode não funcionar bem caso algum fator tenha sido modificado. E, como não teria o conhecimento do universal, o iletrado astuto acaba incapaz de resolver esses novos problemas que lhe são apresentados.

A partir disso, é possível perceber que Vico, como Bacon, não privilegia nem o conhecimento do universal nem o conhecimento do particular. Para um programa de formação adequado, ele considera que ambos devem ter seu lugar na formação dos adolescentes. A Universidade de Estudos deve ensinar o conhecimento do universal sem desprezar aquele conhecimento do particular, que é de ordem prática. Mas, não seria a universidade o lugar para se ensinar o conhecimento de senso comum; antes, deveria ser o lugar em que se aprende a utilizá-lo por meio da tópica ou da retórica. Infelizmente, o método de estudos que começa valorizando apenas verdades universais e primeiras acaba por cegar os estudantes para aqueles conhecimentos da ordem prática das verdades segundas e verossímeis.

Aqueles que são formados apenas no universal e que desconhecem os caminhos tortuosos dos particulares são chamados de doutos imprudentes. Segundo Vico, “os doutos imprudentes, que da verdade universal prosseguem em linha reta até as particulares, andam aos tropicões pelos desfiladeiros da vida” (VICO, 2002, p. 94). Diante da dificuldade em se aplicar as verdades universais à vida prática, aqueles estudos cujo fim último é a verdade procuram investigar “a natureza das coisas porque parece exata, mas não a natureza dos homens porque é incertíssima em virtude do arbítrio” (SANTOS, 2003, p. 1281). O próprio Descartes havia deixado de lado o seu estudo sobre a moral por causa de sua dificuldade e foi um projeto que ele deixou inacabado. Sobre isso, Guido (2004, p. 51) afirmou: “o filósofo italiano [Vico] dedicou

os estudos da maturidade à execução da tarefa deixada por Descartes, a saber, consolidar a moral como um ramo científico da grande árvore do conhecimento”.

Adiante, a terceira seção do *De ratione* é intitulada como: “Inconvenientes da nova crítica”. Assim, o primeiro inconveniente apresentado por Vico de se iniciar os estudos pela crítica é a desvalorização das verdades segundas, das quais faz parte o senso comum; e o segundo inconveniente é o de postergar o ensino da tópica para depois do ensino da crítica. A nova crítica é claramente associada ao modelo lógico de inspiração cartesiana de Port Royal.

O senso comum, conhecimento do particular, é um conhecimento corporal e, portanto, é um conhecimento que opera por imagens. As imagens corporais são a base para a memória e para a fantasia. Vico afirma que “a memória que, se não o mesmo, é certamente quase o mesmo que a fantasia” (VICO, 2002, p. 82). Para Vico, a nova crítica de Port Royal ou a ciência que vem sendo proposta pelos cartesianos para a formação em seu tempo, despreza os conhecimentos de origem sensorial ou corpórea ou *pathética*, quando valoriza apenas o conhecimento do universal.

Retomando aquilo que já havia apresentado em suas orações inaugurais a respeito da natureza humana, Vico reafirma no *De ratione* que os adolescentes, ainda imaturos, tem como ponto mais forte o conhecimento de origem corporal, “pois tão vigorosa como a velhice é na razão é a adolescência na fantasia” (VICO, 2002, p. 82). A memória e a fantasia são fortes na adolescência. Com o passar do tempo, a racionalidade torna-se mais forte e os conhecimentos corporais se enfraquecem. Percebe-se aí que Vico apresenta uma relação de oposição entre o vigor do corpo versus o vigor da mente e seus conflitos, relacionando à idade. Bordogna afirma que, na *Ciência nova*, essa teoria sobre “o microcosmo da mente humana” será retomada por analogia às mudanças que ocorreram no “macrocosmo da história”, na qual, aqueles homens criadores do mundo civil foram o “senso e a fantasia da humanidade”, o que coincide com a “parte mais primitiva e mais antiga de nossa mente” (BORDOGNA, 2007, p. 11). No *De ratione*, Vico apela para um discurso que tenta conformar o programa de formação dos adolescentes, ou método de estudos, à sua natureza e ao seu desenvolvimento ao longo do tempo. Na adolescência, eles seriam mais propensos à imaginação, à memória e à fantasia. Mas, com o passar do tempo,

eles se tornariam mais racionais e menos ligados ao corpo. De acordo com Guido (2004, p. 91):

A posição de Vico sobre a educação foi fundamentada pela rigorosa observação das peculiaridades da mente humana, daquilo que é mais adequado a uma idade e menos a outra. O propósito educativo de Vico tinha a finalidade de preparar a juventude não somente para os estudos superiores, mas também para a promoção das aptidões necessárias à vida prática, isto é, para o exercício da cidadania.

A memória e a fantasia são por ele consideradas como faculdades importantes para o desenvolvimento das artes como: pintura, poética, oratória e jurisprudência. Tais artes não deveriam ser excluídas da formação dos adolescentes. Em outras seções, Vico vai abordar a importância social de tais artes e as vantagens que elas podem trazer. Ao começar o processo de formação privilegiando as verdades primeiras, como pretendiam os portorrealistas, todas as verdades segundas que demandam memória e fantasia, e que promovem o desenvolvimento da pintura, da poética, da oratória e da jurisprudência, são prejudicadas. Além disso, aquele método de estudos portorrealista violenta a natureza do processo de formação gradual dos adolescentes, interrompendo etapas “naturais” do seu desenvolvimento intelectual.

Cabe destacar que a ordem dos estudos proposta pelos portorrealistas causa prejuízos principalmente à eloquência. Ainda que os adolescentes tenham os olhos voltados ao universal, “com frequência os oradores têm mais trabalho com uma causa verdadeira que não tenha nada de verossímil do que com uma falsa baseada em um fio condutor crível” (VICO, 2002, p. 82). Assim, torna-se muito mais difícil convencer o público sobre uma verdade universal que não tenha fundamentos no senso comum, do que utilizar argumentos do senso comum para convencer o público de que uma falsidade seja verdade e, dessa forma, conseguir manipular a sua opinião, uma vez que ela se fundamenta no *pathos* e não somente no *logos*. Francis Bacon (2002), em *A sabedoria dos antigos*, descreve o castigo que Cassandra⁸⁸ recebeu de Apolo por

88 Embora não tenha a referência direta a esse mito na obra de Vico, ele menciona essa obra ao longo de seus textos. A importância que Vico dá aos mitos difere das interpretações que Bacon fez nessa referida obra. Na *Ciência nova*, Vico não tenta fazer uma tradução da mitologia para os dias atuais. Já Bacon, em *A sabedoria dos antigos*, faz um breve resumo de vários mitos conforme o original e os interpreta à luz de seu tempo. Esse tipo de tratamento dado aos mitos foi criticado por Vico. O recurso ao mito de Cassandra teve

ter conseguido dele o dom da divinação, mas repellido a corte. Assim, embora Cassandra estivesse destinada a dizer sempre a verdade, não teria quem acreditasse nela, não sendo capaz de convencer as pessoas ao seu redor (BACON, 2002, p. 23). Sobre aqueles que desconhecem o momento adequado de falar e o de calar conforme o público que lhes ouvem, Bacon assegura que: “tais pessoas, sábias e francas embora, podem dar conselhos sadios e oportunos – mas, por mais que se esforcem em persuadir, quase nenhum bem conseguem disseminar. Ao contrário, antes apressam a ruína daqueles que advertem [...]” (BACON, 2002, p. 24).

Se, desse modo, os adolescentes forem educados para lidar apenas com as verdades universais, mas não tiverem a habilidade da eloquência e a capacidade de motivar o ânimo do público, eles terão resultados como o castigo de Cassandra. Pois, mesmo que conheçam a verdade, serão incapazes de fazer com que o público possa crer naquilo que eles têm para apresentar. Em se tratando de comunidade científica, essa eloquência também é relevante.

Na seção VII, Vico lembra que o “vulgo” deixa-se arrastar não pela racionalidade ou pelas explicações universais dadas pela ciência, mas pelo desejo, que é algo tumultuoso, turbulento e ligado ao corpo, ao *pathos*. E, para atingir a opinião do vulgo é preciso que seja “seduzido mediante imagens corpóreas para que ame; pois uma vez que ama, facilmente se pode induzir que creia; e quando crê e ama, deve inflamar-se para que, com toda e sua habitual debilidade, queira” (VICO, 2002, p. 96). Dessa forma, a persuasão deve proceder essas três coisas: que o vulgo creia, ame e, então, queira. Na *Sexta oração*, para destacar a importância social da eloquência, Vico havia recorrido à imagem que fez dos sábios Orfeu e Anfião. Naquela oração, o primeiro teria amansado as feras com a lira e o segundo movido as pedras com seu canto. Tais feras, carvalhos e pedras, segundo a interpretação dada por Vico, representariam os “homens néscios”, os quais foram convencidos pela eloquência de Orfeu e de Anfião a viverem em sociedade, dedicarem-se ao trabalho e a obedecerem às leis (cf. VICO, 2002, p. 64). Por sua vez Bacon, em *A sabedoria dos antigos*, considerava que o canto de Orfeu representava a capacidade eloquente da Filosofia

por objetivo a ilustração do tema e não sua interpretação, uma vez que Bacon tem sido referido recorrentemente por Vico.

de acalmar os apetites, acatar os preceitos e a disciplina⁸⁹, dando a entender que a Filosofia teria a eloquência como uma característica intrínseca a si, pois lida com a verdade. E, à primeira vista, pode parecer que Vico, na *Sexta oração*, demonstra seguir essa postura da fé que une sabedoria e eloquência por meio da Filosofia, a qual também pôde ser percebida naquele texto de Bacon, exceto pela recomendação da conclusão de sua oração que orienta a “cada um de vós, instruído nesses estudos da sabedoria possa prestar bom serviço, generoso e copiosamente, à sociedade humana e ajudar aos demais, [...] que una os estudos da sabedoria aos da eloquência” (VICO, 2002, p. 70).

Todavia, no *De ratione*, Vico apresenta uma pequena mudança de interpretação em relação à *Sexta oração* ao considerar que as perturbações da alma, que têm sua origem no apetite, podem ter bom uso tanto na filosofia quanto na eloquência, pois: “a filosofia, que as modera nos sábios, para que se liberem as virtudes; e a eloquência, que as acende no vulgo, para que obrem os deveres da virtude” (VICO, 2002, p. 96). E, nesse caso, a mudança de interpretação de Vico no *De ratione* está na apresentação que ele faz da eloquência com uma função marcadamente diferente da filosofia, pois enquanto esta modera os apetites, aquela “acende no vulgo” tais apetites para que possam agir de modo virtuoso ao amar, crer e querer a verdade que ela traz em seu discurso, ou seja, a eloquência pode trazer a filosofia no seu discurso, mas é diferente dela também quanto ao modo de atingir o seu público e não é intrínseca ao conhecimento filosófico e científico.

E se o acesso à Verdade Primeira ocorre com o auxílio da filosofia e da ciência e permite que se “liberem a virtude”; a eloquência, por meio de seu recurso as verdades segundas que têm seu respaldo no senso comum, consegue inflamar o amar, crer e querer “os deveres da virtude”. Ou seja, no discurso público para aqueles que não têm acesso à ciência e à filosofia, o orador, que conhece as Verdades Primeiras, precisa convencer pela eloquência com o apelo às verdades segundas, as quais são passionalmente mais convincentes e são respaldadas pelo senso comum,

89 Conforme já citamos anteriormente, Bacon escreve que: “O canto de Orfeu é de dois tipos: um deles propicia as potências infernais, o outro comove as feras e os bosques. [...] Com efeito, a filosofia natural se propõe nada menos, como a mais nobre das missões, que a restauração das coisas corruptíveis e [...] a preservação dos corpos no estado atual, com retardamento da dissolução e corrupção” (BACON, 2002, p. 48).

ao mesmo tempo em que se assume o desafio de não se afastar de tais Verdades Primeiras e com isso proporcionar que “obrem os deveres da virtude”, uma atitude desejável tanto para os sábios quanto para o vulgo. Dessa maneira, aquele “canto de Orfeu” da *Sexta oração*, que é feito pela eloquência e que consegue “amansar as feras” ou as paixões do vulgo, é retomado no *De ratione* com modificações importantes.

Considerando que a maior parte das pessoas não é composta por homens sábios, mas por néscios que não valorizam a reta razão e que tomam suas decisões por meio dos desejos ou do acaso, a desvalorização dos conhecimentos da verdade segunda é um erro. De acordo com Vico: “não procedem corretamente, pelo que dissemos, aqueles que transferem o método judicativo do qual a ciência se serve para ser aplicado na prudência: pois eles valorizam as coisas segundo a reta razão, e, os homens, sendo néscios em boa parte, não se regem pela razão, senão pelo desejo e o acaso” (VICO, 2002, p. 94).

À vista disso, uma educação que não tenha cultivado o senso comum dos homens, torna os jovens cegos para a opinião comum dos homens e criam dificuldades para a vida política. Vico justifica sua proposta de método de estudos com o exemplo do rei Henrique III, da França, que executou Henrique de Guisa enquanto ainda tinha um salvo conduto. Vico afirma que essa ação trouxe consequências para toda a França, pois Henrique de Guisa era querido pelo povo. E Vico reproduziu a fala do cardeal Ludovico Mandruzzo: “Os príncipes devem preocupar-se não somente de que as coisas sejam verdadeiras e justas, mas também que se pareçam tais” (VICO, 2002, p. 94). Em política, Vico retoma o discurso sobre a necessidade de que ser e parecer devem estar associados. Esse exemplo ilustra a necessidade de relacionar o verdadeiro e o verossímil na prática social de uma ação política.

Ao final do primeiro parágrafo da terceira seção, Vico lembra que os antigos, que respeitavam a natureza das fases do desenvolvimento dos adolescentes, iniciavam os seus estudos por meio da geometria que opera por imagens. Assim, aos poucos, tais adolescentes começariam a sua formação a partir daquilo que é mais próprio por natureza, que é o conhecimento por imagens, para depois chegar até a racionalidade proporcionada pela crítica. Nisto os antigos eram muito melhor do que os modernos: tinham um método de estudos que começava por imagens e que

permitia o desenvolvimento da memória e da fantasia para, aos poucos, introduzir conhecimentos de ordem universal.

3 O MÉTODO NO *DE ANTIQUISSIMA* DE VICO

A produção metodológica de uma “Metafísica completa” no *De antiquissima*

O *De antiquissima*, de 1710, tinha a intenção de tratar dos temas: metafísico, físico e moral em três livros. No entanto, somente foi publicado o primeiro, o *Livro Metafísico*, e os outros dois foram “abandonados” por Vico (SILVA NETO, 2012, p. 203). Nessa obra, ele pretendia investigar a sabedoria dos antigos a partir do estudo das origens das palavras dos jônios e dos etruscos. Vico escreve em sua *Vita*, que “a leitura do tratado de Bacon de Verulâmio *De sapientia veterum*, mais engenhoso e sábio do que verdadeiro, incitou Vico a procurar os princípios de tal sabedoria para além das fábulas dos poetas” (VICO, 2017, p. 117). Sobre essa investigação da sabedoria dos antigos, Silva Neto considera que “para obter o êxito de penetrar na mente desses sábios, Vico se inclinou sobre sua língua – matéria-prima de seu trabalho – e sobre ela aplicou as ferramentas da etimologia, associando seu intento ao de Platão, que no *Crátilo* havia investigado a antiga sabedoria dos gregos por uma via análoga” (SILVA NETO, 2016-2017, p. 387).

Esse aspecto mostra que entre a *Sexta oração* e o *De antiquissima* houve algum tipo de continuidade a respeito do valor que Vico atribuía à linguagem, pois naquela oração a ordem de correção da corrupção do homem teria início pela valorização da eloquência, que produziria a ciência e, conseqüentemente, levaria à virtude. Mas, no *De antiquissima*, a língua passa a ser vista como fonte para sua investigação etimológica. Naquela oração, Vico recorreu ao retrato humanista da sabedoria com eloquência, a qual era produto da união entre o conhecimento e a vida prática, adicionando importância à linguagem por meio do valor que atribuiu à eloquência. Pois para superar a corrupção humana seria necessário seguir uma certa ordem ou método para uma sabedoria de caráter triplo, considerando que a infacundidade, ou falta de eloquência, levaria à corrupção do homem, enquanto a presença da eloquência motivaria o início do processo de correção de tal corrompimento.

Porém, ao longo do tempo, tanto o papel da sabedoria quanto o da linguagem começaram a assumir outro significado nos textos de Vico, principalmente quando elas começam a deixar de ser a fé na correção humana e passam a serem pensadas como fonte de pesquisa do seu método para compreender os povos antigos, ainda que tal entendimento não tenha sido tão claro no *De antiquissima* quanto foi na *Ciência nova*⁹⁰. Na introdução do *De antiquissima*, Vico escreve:

[...] conjecturo que as origens eruditas das palavras latinas vieram de ambos os povos [jônios e etruscos]; e por essa causa me dei a desvelar a antiquíssima sabedoria dos italianos, a partir das origens da própria língua latina. Esta obra não havia sido tentada até hoje, tanto quanto sei, mas quem sabe seja digna de ser contada entre os desejos de Francis Bacon (VICO, 1999-2000, p. 444).

Desvelar a antiga sabedoria de um povo pelo estudo das línguas teria sido um desejo de Francis Bacon expressado em sua obra *De augmentis*, na qual ele enfatiza que a História universal das letras ainda não havia sido publicada⁹¹ (BACONE, 1965, p. 97). Além de citar os supostos desejos de Bacon de desvelar a antiquíssima sabedoria dos povos, Vico segue fazendo referência a outros pensadores conhecidos que talvez tenham chegado perto de tal desejo, como Platão no *Crátilo*, no qual teria se esforçado em aceder pelo mesmo caminho à antiga sabedoria dos gregos, como Varrão em *Origens*, Júlio Escalígero em *Das causas da língua latina*, Francisco Sánchez em *Minerva*, e, por último, o Gaspar Schopp. E acrescenta que “sem estar filiado a qualquer escola filosófica, vamos investigar qual era a sabedoria dos antigos italianos desde a origem dos vocábulos” (VICO, 1999-2000, p. 444). Nessa apresentação da obra, Vico tenta se afastar das tendências que naquele momento

90 Na *Vita*, ele afirma sobre a *Ciência nova* de 1725 que “nesta obra Vico desenvolve finalmente, na sua totalidade, aquele princípio que, nas obras precedentes, tinha compreendido ainda confusamente e não com completa distinção” (VICO, 2017, p. 147).

91 Santos (2009, p. 35) explica que “Bacon aponta como deficiente a parte da história que é mais universal, a história do saber ou da cultura. Para uma avaliação das filosofias tradicionais no seu conjunto, tendo em vista um uso correto do saber, é preciso ter em mente uma história das origens das ciências e das seitas, seus métodos, suas dissensões, as causas e as circunstâncias de seu desenvolvimento e sua decadência, das razões acidentais que favorecem ou retardam o progresso do saber, e de todos os eventos que têm relação com a cultura ao longo das idades do mundo [...] Também parece uma sugestão para as teses históricas de Vico sobre a relação entre linguagem e mentalidade o *desiderata* de uma ciência – Bacon a chama de gramática filosófica – que desvende, a partir do exame dos fatos linguísticos dos diversos povos, as estruturas mentais àqueles correspondentes, historicamente determinadas; pois, as palavras são pegadas da mente”.

sofrem críticas, como o estoicismo, o epicurismo, ceticismo etc., e procura se colocar como alguém que está trilhando um caminho novo para sua Metafísica, ou melhor, quer expor o método novo de sua Metafísica.

A partir da trajetória que Donzelli (2005) apresenta sobre as mudanças sofridas pelo conceito de sabedoria em Vico ao longo de suas publicações, é possível perceber que a noção de sabedoria de seus primeiros textos estaria mais próxima do conceito de *sapientia* dos Antigos e do sentido assumido em Aristóteles. Assim, no *De ratione*, Vico teria delimitado as competências de *scientia* e *sapientia*, atribuindo à primeira a busca pela causa primeira, ou *summa vera*, e à segunda buscaria pela *infima vera* que trata da pluralidade e complexidade de causas. Nesse sentido, sendo diferente das tendências modernas dos moralistas franceses, Vico não se eximiu de abordar os temas da vida civil por sua complexidade e mutabilidade, mas, ao contrário, defendeu a necessidade de conciliar *scientia* e *sapientia*, a fim promover “sapiens prudentes non docti imprudentes” [sábios prudentes, não doutos imprudentes]. Ao que Donzelli adiciona:

No entanto, eles não devem abandonar o terreno da *scientia* e devem continuar a visar o “*aeternum verum*”, sem esquecer de cultivar o “*sensus communis*”, e a buscar “*i verissimilia*” ou as verdades verossímeis. Assim, nas primeiras formulações de sua filosofia, Vico nos apresenta uma *sapientia* que por um lado colabora com a *scientia*, por outro se propõe como *sapientia prudentia*, utiliza a eloquência e abrange o domínio da ação prática (DONZELLI, 2005, § 18)

De acordo com Donzelli (2005), a concepção de Vico sobre a relação entre sabedoria e ciência apresentou uma notável mudança no texto de 1710, o *De antiquissima*. Ela aponta que a pesquisa etimológica do *De antiquissima* de Vico, permitiu-lhe aprofundar ainda mais o entendimento sobre a reciprocidade entre os termos “*verum*” e “*factum*”, proporcionando que “Vico descubra as raízes do homem criador do mundo civil das nações, de seu corpo, de seu espírito criador, de sua forma de estar no mundo” (DONZELLI, 2005, § 19). Esse novo entendimento de Vico, que nasce do estudo etimológico, produz uma nova concepção de conhecimento, a qual Donzelli segue refletindo:

Então, o que é o saber? Nada além que o perfeito conhecimento da forma, ou o modo como uma coisa surge; o homem não pode ter a consciência das coisas das quais ele não pode demonstrar a “guisa”, quer dizer a forma, com a qual elas se produzem. Uma

vez eliminada a busca pela causa primeira do pensamento, quer dizer, a abstração do proceder lógico, o pensamento torna-se simplesmente o sinal de que eu sou um espírito, uma força criadora que é ao mesmo tempo um corpo. Tal como “*verum et factum convertuntur*” para me dar a única possibilidade de um saber concreto. Da mesma maneira, o corpo e o espírito constituem dois aspectos de minha realidade, da minha capacidade de “*facere*”, porque conhecer, para Vico, não quer dizer encontrar a verdade, mas criá-la; encontrar é a obra da causalidade, criar é a obra do esforço (DONZELLI, 2005, § 19).

Consequentemente, parece que a partir do *De antiquissima* Vico têm clareza de que a sabedoria humana é um produto da ação humana quando relaciona o verdadeiro e o feito. Tal entendimento, de que o conhecimento é produto de uma ação humana, só foi possível por meio da investigação dos vocábulos antigos em busca de uma sabedoria perdida, mas que Vico acaba por descobrir o modo pelo qual os homens produzem o seu conhecimento e sua vida civil. Silva Neto (2012, p. 204) eleva o entendimento sobre o *De antiquissima* ao afirmar que ele seria “como a expressão inicial da concepção filosófica viconiana do *homem* criador, do homem *deus* de mundos infinitos”. Nesse momento, estariam sendo firmados os seus fundamentos para a investigação da sociedade por meio do conhecimento que elas produzem na história. E quanto a linguagem no *De antiquissima*, Silva Neto (2012, p. 222) explica que “a primeira operação da mente humana é a geração semântica, a fundação linguística e imaginativa de todo o universo cognitivo”.

O método para essa tarefa de investigação passa pela linguagem, ou pesquisa etimológica, e, mais tarde, será a filologia que assumirá essa tarefa. Ao que parece, o tríduo linguagem, sabedoria e ação social estão presentes na investigação que Vico vai empreender, mas começa a assumir outra finalidade, diferente daquela da *Sexta* e *Sétima orações*, pois a linguagem passa a assumir o papel de algo que pode permitir investigar uma sabedoria, como se fosse um depósito de seus vestígios que podem ser esmiuçados, deixando de ser percebida apenas como aquele elemento que pode corrigir a corrupção humana.

Se o conceito de sabedoria muda do *De ratione* para o *De antiquissima*, o método também teria sofrido mudanças? As traduções mais recentes do título da obra de 1709 trazem o nome método em destaque, como “Sobre o método de estudos de nosso tempo”. Vico, em sua biografia, indica que metade da *Sexta oração* e toda a

Sétima tratam do tema método. E no *De ratione*, o método é apresentado como um composto entre tópica e crítica, no qual a eloquência é uma ferramenta para descobrir novos conhecimentos e pode ser uma vantagem para os modernos, usando recursos dos antigos. De maneira geral, o método no *De antiquissima* apresenta alguma continuidade com a obra anterior a respeito da preferência pelo modelo sintético, em oposição ao método analítico ligado aos cartesianos de Port Royal e franceses. Porém, no *De antiquissima* o objetivo é investigar a sabedoria dos antigos pelo exame dos antigos vocábulos, enquanto o *De ratione* pretendia discutir o método de estudos de seu tempo. Com isso, vemos que há mudanças também quanto ao objeto de estudo de Vico nessas duas obras.

Sevilla Fernández (1984-1985) apresenta o *De antiquissima* como a busca de Vico por uma metafísica própria, sendo “o esboço de uma ‘metafísica toda’, uma ‘metafísica inteira’ (‘inteira metafísica’)” (SEVILLA FERNÁNDEZ, 1984-1985, p. 274). Assim, ele é um texto que tem a intenção de delimitar um campo para sua metafísica; delinear uma ideia de uma metafísica completa e estabelecer a sua fundamentação. O princípio gnosiológico do “*verum ipsum factum*” formulado ao nível de teoria do conhecimento forneceria a base epistemológica para abordar as ciências humanas (SEVILLA FERNÁNDEZ, 1984-1985, p. 271), enquanto metafísica da “*mens*”, de seus “modos” ou “modificações” da mente humana que se apresenta na história e pode ser cientificamente estudada. A partir da análise de Sevilla Fernández, é possível perceber que Vico no *De antiquissima* assumiu a árdua tarefa de estabelecer uma metafísica própria que desse conta de ser sua base epistemológica.

Essa intenção de produzir um “Sistema Metafísico completo” no *De antiquissima* é confirmada pelo próprio Vico na carta enviada ao Muzio Gaeta de 15 de outubro de 1737, na qual ele agradece ao monge por ter:

[...] meditado de uma maneira maravilhosa sobre um Sistema de Metafísica completo, em torno do qual eu há muitos anos atrás havia dedicado todos os meus débeis esforços, trazendo à luz um livro que era o primeiro de uma Obra com este título: *de Antiquissima Italarum Sapientia ex Linguae Latinae Originibus Eruenda* (Da Antiquíssima Sabedoria do Itálicos Extraída das Origens da Língua Latina), da qual não há mais cópias, nem comigo se encontra o original, como de todas as outras minhas obras, à exceção somente da Ciência Nova. (VICO, 2024, p. 167)

Nessa mesma carta, Vico apresenta vários detalhes sobre suas intenções ao escrever o texto de 1710. Nela, reapresenta a sua separação entre física e metafísica, em que Deus é o geômetra das coisas concretas, enquanto nas questões metafísicas “o Homem é Deus no Mundo das grandezas abstratas”, pois a mente humana dá origem à geometria pelo ponto. E nesse aspecto, as verdades geométricas são produzidas dentro de si, visto que conhecer e fazer se coincidem. Ao retomar a sua classificação dos diversos níveis das ciências, Vico indica que a ordem do método deve partir da síntese para a análise e que ela estaria em acordo com o “maravilhoso Organum de Bacon de Verulâmio”, que teria proporcionado tantas descobertas em física e medicina pelo uso da indução, ao fazer a coleta de casos particulares e por meio da síntese teria formado os “Princípios gerais a serem encontrados por toda a extensão de seus gêneros”. Assim, com essa carta, torna-se evidente que o desejo de Vico era produzir uma metafísica inspirada no percurso feito por Francis Bacon. E a leitura que Vico faz de Bacon é de que ele teria produzido princípios gerais após a coleta de casos particulares, ou melhor, feito uma síntese de princípios ao final de seu processo de indução.

Sobre as cartas que Vico trocou com Muzio Gaeta, Sanna (2005) afirma que ele parece rechaçar a intenção de um “método matemático” em sua metafísica: “E ele nem mesmo defende um método usando demonstrações geométricas ou aritméticas, mas sim usa princípios metafísicos” (SANNA, 2005, § 28). Em outras palavras, para Sanna, Vico teria composto um “método metafísico” no *De antiquissima* e continuou desenvolvendo-lhe até a *Ciência nova*. A partir daquela obra, Vico teria compreendido que a capacidade humana de elaborar conceitos abstratos somente seria possível por meio desse método metafísico. Contudo, ela adverte que é necessário precisar qual seria essa metafísica para seu método, pois mais tarde ela será radicalmente diferente daquela sua proposta de uma metafísica poética. Segundo Sanna (2005, § 8): “Enquanto a metafísica poética se une em torno de um Júpiter, a metafísica dos filósofos ressalta o verdadeiro ser, de Deus, porque – diferentemente da primeira – é um método capaz de elaborar o conceito abstrato”.

Adiante, Sanna segue explicando as diferenças entre ambas metafísicas, sendo que uma procede *non intelligendo* e a outra *intelligendo*, e tal divisão permitirá distinguir o ver o objeto do fato de transformá-lo, enfim, em objeto de conhecimento.

Assim, ela aponta para a III parte do primeiro capítulo do *De antiquissima*, na qual Vico dedicou-se a meditar sobre o “*primo vero*” de Descartes entrando na discussão sobre o conceito de verdade e se a cor ou o cheiro pertenceriam a *res extensa* ou seriam uma confusão a respeito da maneira como concebemos as coisas com as qualidades delas, teria surgido a necessidade de se desenvolver um método que fosse capaz de distinguir a dúvida da falsidade. E Sanna complementa:

A função propedêutica, doravante reconhecida universalmente, do *Liber metaphysicus* em relação às redações da *Scienza nuova* (que podemos pensar nas numerosas obras de S. Otto, mas também as mais recentes e penetrantes contribuições sobre esse assunto) marca, sem qualquer dúvida, a passagem de um pensamento metafísico a uma nova “crítica metafísica” que substitui a moderna *ars inveniendi*. O que se verifica nessa passagem é a atribuição à metafísica como *methodus* de um caráter evolutivo, de uma mudança ao próprio interior do conceito de “essência” preservando algumas leis eternas e imutáveis (SANNA, 2005, § 9).

Desse modo, podemos perceber que Sanna indica o método metafísico como elemento de continuidade entre o *De antiquissima* e a *Ciência nova*, pois ao mesmo tempo que Vico evoluiu alguns de seus temas como o entendimento sobre a “essência” e a sua “crítica metafísica”, tornou possível o desenvolvimento de um método histórico-filosófico próximo de boa parte do galileísmo europeu (SANNA, 2005, § 10). O *mos geometricus* da *Ciência nova*, que conduz a leitura por meio de um encadeamento de deduções e demanda maior atenção reflexiva, reproduz parte da essência do método investigativo de Francis Bacon. Segundo Sanna (2005, § 25):

É evidente que Vico dialoga aqui especialmente com Bacon sob uma perspectiva que visa formular um novo método de investigação, uma nova *medicina mentis* que se serve do “*lume della metafisica*” para ordenar a realidade que deriva da aproximação da tópica. A geometria sintética realiza uma verdadeira circularidade entre *cogitare* e *videre*, esta ligação na qual Vico capta a essência do método experimental de Bacon; ligação que também se expressa pela consideração da medicina, que estabelece uma congruência entre os males do corpo e os males da alma. Vico exorta a refletir sobre o fato que [...] “o pensamento não é a causa, mas um índice do meu ser mente: o *techmerion* (índice) não é causa e um cético perspicaz negará a certeza das causas, não dos índices”.

Sobre a faculdade certa do saber e o método no *De antiquissima*

Ao longo das obras que Vico publicou, é possível observar que os usos feitos por ele do método variaram. No *De ratione*, por exemplo, as discussões sobre o método versavam sobre um método de estudos, enquanto no *De antiquissima*, de outra maneira, o método assume a função de auxiliar a sua proposta de uma Metafísica completa. Nessa seção, esse estudo adiciona as considerações que Vico fez sobre o método no *De antiquissima* e nos artigos de sua repercussão que foram publicados no *Giornale de' Letterati d'Italia*⁹². Na seção intitulada *Sobre a faculdade certa do saber*⁹³, do *De antiquissima*, percebemos que Vico divide as operações da

92 O *Giornale de' Letterati d'Italia* foi o palco de uma intensa discussão entre Vico e um crítico anônimo de sua obra *Metafísica*, em que foram publicados artigos e repostas. Esse crítico teria publicado nesse *Giornale* um *Primo articolo* sobre o *De antiquissima* e não teria se identificado. Vico publicou a sua *Prima Risposta* ao artigo em 1711. Logo após, tal crítico ainda teria produzido uma *Replika* ou *Secondo articolo*, que foi treplicada por Vico em 1712 com a *Seconda Risposta*. Por fim, seu crítico encerra a discussão no *Giornale* em *Ultimo articolo* “para não multiplicar ao infinito as discussões” (VICO, 2006, p. lxiii / p. 279), assim encerrando o debate, mas, aparentemente não estaria convencido, pois o crítico anônimo deixou de registrar que havia se satisfeito com as repostas de Vico. Na *Vita*, Vico comenta sobre essa disputa que “ambas as partes afrontaram de modo honroso, e que se concluiu com muita cortesia” (VICO, 2017, p. 125). A versão dos *Articoli e Risposti* aqui utilizada é aquela disponibilizada no site do Laboratorio dell'ISPF, organizada por Alessandro Stile (citada como VICO, 2006), enquanto texto eletrônico que corresponde às páginas 197-279 do texto VICO, G. *Le Orazioni inaugurali. Il De italorum sapientia e le Polemiche*, a cura di G. Gentile e F. Nicolini, Bari, Laterza, 1968. Assim, a primeira numeração de páginas em algarismos romanos minúsculos pertence à versão online de Alessandro Stile (VICO, 2006) e a seguinte numeração arábica de página corresponde à obra de 1968, que foi destacada em vermelho no texto online. Os textos estão disponíveis em http://www.ispf-lab.cnr.it/article/Testi_Ed_Critica_Polemiche_De_Antiquissima.

93 Essa tradução livre é feita a partir do texto espanhol de Francisco Navarro Gómez que traduziu do latim como “*De la facultad segura del saber*” (VICO, 2002, p. 181). E considerando o texto latino, cujo título é “*de certa facultate sciendi*” (VICO, 1971, p. 119), acreditamos que ele também pode ser traduzido para algo como: “da faculdade de conhecer com certeza”, pois manteria diálogo com a teoria cartesiana e, muito provavelmente, seguiria em sintonia com a intenção de Vico. Ademais, também foi considerada a tradução italiana de Paolo Cristofolini que escreveu: “*La facoltà propria del conoscere con certezza*” (VICO, 1971, p. 118). Esse tema sobre o “certo” ou da “certeza” destacou-se em Descartes ao tematizar sobre a possibilidade de conhecer algo “certo” em suas *Meditações*. Pois, logo em sua *Primeira meditação*, Descartes afirmou que “tudo o que considere mais verdadeiro e *certo*, aprendi-o dos sentidos ou por intermédio dos sentidos; mas às vezes me dei conta que esses sentidos eram falazes” (DESCARTES, 2000, p. 250. Grifo nosso). E disso, ao duvidar da possibilidade de conhecer algo “certo” neste mundo, Descartes dedicou-se àquilo que pudesse ser conhecido com clareza e distinção. Assim, na *Segunda meditação*, ao não conseguir sequer “firmar meus pés no fundo, nem nadar para me manter à tona” (p. 257) em meio as suas tantas dúvidas que

mente⁹⁴ em: percepção, juízo e raciocínio. Essas três operações, também chamadas de “faculdades” por Vico, “dadas aos homens para saber” (VICO, 2002, p. 181), seriam dirigidas por artes próprias, segundo a tradição grega, de maneira que seja “a faculdade de perceber pela tópica, a de julgar pela crítica e a de raciocinar, enfim, pelo método” (VICO, 2002, p. 181-182). Isso posto, podemos dizer que a tópica, a crítica e o método são artes que correspondem àquelas operações mentais da percepção, do juízo e do raciocínio, respectivamente. É possível notar que aqui Vico diferencia as artes das faculdades, ou operações mentais, e identifica quais se correspondem entre si. Nesse texto, Vico não considera que o método seja uma operação mental, mas sim lhe define enquanto arte que é dirigente da faculdade⁹⁵ do raciocínio.

E sobre essas artes, Vico as define como “certas leis da república literária, pois são as percepções da natureza dos mais doutos varões, que se converteram em regras das disciplinas” (VICO, 2002, p. 184). Isto é, as artes (como a tópica, a crítica e o método) são leis que foram produzidas pelas observações da natureza dos mais doutos e tais terminam como regras das disciplinas. Em vista disso, as artes são produto da sabedoria dos mais doutos, isto é, de uma comunidade intelectual, e servem para orientar as operações mentais a fim de que possam ser uma faculdade certa do saber ou do saber com certeza.

Consequentemente, pode-se perceber que Vico prefere não seguir sozinho na busca de um saber ao afirmar que “sem arte, facilmente se engana”, porque teria apenas sua própria natureza para lhe ajudar e não teria o auxílio daquelas artes ou disciplinas dos doutos da república das letras. Essa atitude de Vico difere muito daquela que Descartes teria tomado ao escrever que teria abandonado o estudo das

parecia ter mergulhado em águas muito profundas, ele continua suas meditações “até encontrar algo de *certo* [...] até aprender com segurança que não existe nada no mundo de *certo*” (p. 257. Grifos nossos). Portanto, acreditamos que a tradução “sobre a faculdade certa do saber” pode aproximar essa seção do *De antiquissima* daquela teoria cartesiana com a qual Vico teria a intenção de dialogar.

94 As “faculdades” foram consideradas aqui como “operações da mente” a partir da seguinte citação de Vico: “E não devemos pensar, sem dúvida, que toda antiguidade fez um uso incompleto da razão porque não reconheceram essa atividade mental, a quarta segundo as enumeram hoje. Pois, não é uma quarta *operação mental*, senão a disciplina da terceira, pela qual ordenam-se os raciocínios.” (VICO, 2002, p. 183. Grifos nossos). Além disso, o texto de *A lógica ou a arte de pensar* também menciona “operações do espírito” quando se refere ao método, como apresentaremos adiante.

95 Ou operação mental.

letras e decidiu “não mais procurar outra ciência além daquela que poderia encontrar em mim mesmo” (DESCARTES, 2000, p. 41), pois pretendia fundar sua filosofia sobre a evidência da razão. E difere muito daquela de seu crítico anônimo⁹⁶ do *Giornale de'Letterati*, o qual concluiu o seu *Secondo articolo* sobre o *De antiquissima* afirmando que “é muito perigoso nas coisas filosóficas querer fundar o seu saber antes no crédito de quem quer que seja, do que sobre a força e a evidência da razão” (VICO, 2006, p. xxxvii / p. 238), demonstrando seguir aquela tendência moderna de romper com a tradição em nome de sua fé na razão.

Em sua *Seconda Risposta*, de 1712, Vico redarguiu seu crítico afirmando que “sempre considere que tal como apoiar-se inteiramente na autoridade é caminhar cegamente em filosofia, confiar tudo ao seu próprio juízo é um andar sem qualquer escolta” (VICO, 2006, p. lvi / p. 259). Com isso, Vico remete uma mensagem direta para os cartesianos, que consideravam a evidência da razão como suficiente, de que ele não dispensaria as artes conservadas pelos “doutos varões”, inclusive seu método precisava recorrer aos conhecimentos adquiridos por meio dessas artes. Todavia, Vico não desprezaria o recurso à evidência da razão na construção do saber e, além disso, esclarece que tal evidência deve ser somada ao auxílio da arte, a qual é produto do acúmulo de conhecimento da comunidade de doutos, para que, enfim, possa proporcionar uma faculdade certa do saber.

Quanto ao que Descartes teria escrito sobre seu abandono do estudo das letras⁹⁷, Vico adverte que: “Agora seria tempo de se reduzir esses extremos ao meio; seguir o próprio juízo, mas com alguma consideração pela autoridade. [...] Leiam como Descartes leu Platão, Aristóteles, Epicuro, santo Agostinho, Bacon de Verulâmio, Galileu; meditem como Descartes naquele seu longuíssimo retiro; e o mundo terá filósofos de igual valor a Descartes” (VICO, 2006, p. lxx / p. 275). Isto é, Descartes teria dissimulado e se omitido sobre a influência de sua verdadeira formação para dar ênfase à sua filosofia, mas a força de seu lume natural não seria

96 De acordo com Silva Neto (2010, p. 22), “uma interessante repercussão do livro *De antiquissima* foi a resenha anônima, provavelmente de Bernardo Trevisano, publicada no *Giornale veneziano*. Para desgosto de Vico que pessoalmente enviara o exemplar a Apostolo Zeno, diretor do jornal, a resenha publicada censurava [o] livro”.

97 Fato sobre o qual Vico escreveu: “porque hoje se consideram inúteis os estudos das línguas, sobre a autoridade de Renato [Descartes], que dizia: ‘saber de latim não é saber mais do que sabia a doméstica de Cícero’” (VICO, 2006, p. lxix / p. 273. Acréscimo nosso).

suficiente para a fama que sua teoria alcançou se não fosse por todo o conhecimento que ele teria acumulado e meditado ao longo dos anos, segundo Vico. Sobre isso Silva Neto enfatiza que “enquanto Descartes questionou o real propósito do estudo das línguas e da leitura dos livros antigos para a obtenção da Sabedoria, acusando-as de ensinar-lhe, no máximo, a tão somente reconhecer a própria ignorância, o *De antiquissima*, ao contrário, recolhia exatamente naquele universo, o das Letras, suas bases metafísicas” (SILVA NETO, 2016-2017, p. 386).

Além disso, no final da terceira parte de sua *Seconda risposta*, Vico responde diretamente àquela conclusão de seu crítico⁹⁸ retomando uma polêmica do final de sua *Prima risposta*. Nesta, Vico discutia que os vocábulos que Descartes utiliza na frase “penso, logo sou”⁹⁹ seriam impróprios e que, antes, deveriam ser “penso, logo existo”¹⁰⁰. Vico teria afirmado que a sua justificativa, naquela *Prima risposta*, poderia ser provada “em mil lugares dos escritores latinos” (VICO, 2006, p. xxii / p. 220), sendo algo bastante comum nos textos antigos. E, na *Seconda risposta*, reforça a necessidade do recurso aos textos antigos pois naquela passagem que Vico utilizava para explicar tal diferença não se tratava “das coisas e de suas razões (onde deve-se observar religiosamente a máxima [da evidência da razão]), mas dos vocábulos e de suas origens, nas quais senhoreia o uso e a autoridade” (VICO, 2006, p. xxiii / p. 221. Acréscimo nosso). Isto é, Vico não combate a necessidade da evidência da razão para o desenvolvimento de sua metafísica, mas esclarece que sua investigação filosófica dos antigos vocábulos latinos não pode dispensar o que está escrito nos textos antigos, pois são sua fonte de pesquisa.

E, assim como os cartesianos, Vico também considera que o método possa assumir o sentido de ordenar, porém, discorda deles em seus fundamentos e assinala os limites do método geométrico de inspiração cartesiana. Sobre isso, destacamos quatro aspectos sobre o método em Vico no *De antiquissima* e nas *Risposti* que chamam a atenção: [1] o primeiro aspecto é a defesa de uma pluralidade metodológica que se evidencia principalmente no *De antiquissima*, indicando em que assuntos,

98 Que no final do *Secondo articolo* teria afirmado ser perigoso “fundar o seu saber antes no crédito de quem quer que seja, do que sobre a força e a evidência da razão” (VICO, 2006, p. xxvii / p. 238).

99 “*lo penso, dunque sono*” (VICO, 2006, p. xxii / p. 221).

100 “*lo penso, dunque esisto*” (VICO, 2006, p. xxii / p. 221).

aliás, não é possível método algum; [2] o segundo é que para Vico o método é uma arte relacionada à faculdade do raciocínio, enquanto os cartesianos portorrealistas diferem raciocinar de método e consideram ambos como “operações do espírito”; [3] o terceiro é a crítica que Vico atribui ao método geométrico em assuntos da física, que ele identifica com os cartesianos, mostrando os seus limites e propõe um método como aquele dos primeiros geômetras, algo semelhante ao método dos retóricos, para assuntos da física; o [4] quarto e último ponto é quanto ao uso da análise e da síntese para o método.

As dificuldades do método aplicado a vida civil

Logo no *Primeiro Discurso da Lógica ou arte de pensar*, os portorrealistas, Arnauld e Nicole, ao buscarem por uma “luz capaz de dissipar todas as trevas do nosso espírito” (ARNAULD; NICOLE, 2016, p. 14) por meio de um método de raciocinar adequadamente, afirmam que os filósofos fornecem-nos a lógica capaz de corrigir “todos os erros dos nossos pensamentos e dão-nos regras de tal modo seguras que elas nos conduzem infalivelmente à verdade; e são, no seu conjunto, tão necessárias que, sem elas, é impossível conhecer a verdade com uma total certeza” (p. 14). Isso demonstra como esses cartesianos almejavam um método que fosse capaz de fazer luz sobre os diversos assuntos que procuravam investigar, para além daqueles que seriam relativos à lógica ou a geometria, pois seria capaz de corrigir “todos os erros dos nossos pensamentos”.

Em outro sentido, Vico, embora esteja investigando metodologicamente “as origens da sabedoria dos antigos por meio dos vocábulos” no *De antiquissima*, apresenta no início da seção *Sobre a faculdade certa do saber* as principais fragilidades e dificuldades do método. Vico afirma que o método não se aplica em assuntos relativos à vida cotidiana (tal como Descartes¹⁰¹ também havia percebido),

101 Em sua obra *Princípios de Filosofia*, Descartes (2016, p. 27) afirma que naquilo “que diz respeito à orientação de nossa vida muitas vezes somos obrigados a seguir opiniões apenas verossímeis, dado que as ocasiões de agir desapareceriam quase sempre antes de nos libertarmos de todas as dúvidas” e, portanto, não deveria usar a sua atitude de colocar tudo em dúvida na orientação das ações. Isto é um limite para o uso de sua dúvida, pois em assuntos que orientam a ação na vida pessoal, Descartes admite que quase

assim como a situação de que o método se põe como um obstáculo para os engenhos. Esses dois aspectos negativos do método, sendo o primeiro um limite e o outro uma consequência danosa para o engenho, são problemas do método que parecem não afetar a investigação dos antigos vocábulos do *De antiquissima*, na visão de Vico.

Na introdução da seção *Sobre a faculdade certa do saber*, Vico afirma que os antigos em sua dialética não deixaram preceito algum sobre o método, “pois aos meninos bastava-lhes e sobrava em aprendê-lo na própria prática enquanto aplicavam-no à geometria” (VICO, 2002, p. 182). Isto é, os antigos não fizeram preceitos sobre o método porque era uma prática implícita da própria geometria. E assim, em outros assuntos que não fossem geometria, “os antigos pensaram que se devia confiar a ordem a prudência, que não se dirige por disciplina alguma, e, posto que não se dirige por disciplina alguma, é prudência” (p. 182). Ele ainda reforça que “se importas o método geométrico a vida cotidiana, *não faz mais do que tornar-se louco com toda a razão*” (p. 182), pois seria como caminhar em linha reta nos assuntos tortuosos da vida civil, retomando aquela imagem que fez nas *Orações inaugurais* do risco de o timoneiro navegar em linha reta enquanto tenta atracar em um cais com recifes, vaus e bancos de areia¹⁰² (VICO, 2002, p. 69).

Em consequência disso, Vico afirma que o método geométrico de inspiração cartesiana não serviria para ser aplicado aos assuntos da vida prática, porque seria como enlouquecer com a razão, além de também não servir para o discurso civil, pois sua fala concisa e severa não seria capaz de convencer o público, sendo aquele que o utiliza mais um professor do que um orador.

sempre se vê obrigado a seguir as opiniões verossímeis. E na terceira parte de seu *Discurso do método*, Descartes (2000, p. 53-57) apresenta suas máximas de uma moral provisória.

102 Essas imagens foram utilizadas por Vico em sua *Segunda oração* (VICO, 2002, p. 25) e na *Sexta oração* (p. 69). Em sua *Vita*, ele faz uma referência ao desejo de seus competidores que queriam que ele caísse em uma armadilha durante o concurso para cátedra de direito, como colidir contra os escolhos e naufragar (VICO, 1998, p. 142-143; 2017, p. 138). Sendo sua Nápoles uma cidade portuária de intenso comércio, essas imagens tornam seu texto ainda mais rico e coerente.

Das faculdades ou das “operações do espírito” e o método

Para Vico, o método é a arte dirigente da faculdade do raciocínio. Entretanto, dentre as polêmicas que se publicaram no *Giornale de' letterati d'Italia*, seu crítico teria afirmado no *Secondo articolo*, ou *Replica*, que “tanto nos vocabulários latinos quanto toscanos o vocábulo ‘faculdade’ significa o mesmo que ‘arte’ [...] Mas, a isso pouco considerando, que é pura questão de nome [...]” (VICO, 2006, p. xxviii / p. 228), levando a entender que Vico teria elaborado uma distinção equivocada entre vocábulos que seriam sinônimos. E ele segue discutindo várias definições de vocábulos que foram utilizadas por Vico, como: “*animus*”, “*anima*”, “*factum*”, “*verum*”, “*causa*”, “*negocium*”, “*intelligere*”, “*genus*”, “*species*”, etc, dizendo que: “e aqui nos seja permitido protestar que todas as coisas ditas acima não são por nós alegadas com a intenção de as querer contradizer e impugnar como falsas, ou, pelo menos, como improváveis; mas apenas pretendemos indicá-las simplesmente como carentes de algum tipo de explicação e de prova” (VICO, 2006, p. xxxvi / p. 237). De certa maneira, essa afirmação de seu crítico reforça aquela sua insistente opinião de que a metafísica de Vico no *De antiquissima* estaria incompleta.

Vico dedica a parte III de sua *Seconda risposta* para discutir todas essas questões sobre vocábulos, intitulando-a como *Das origens*. Nessa parte, Vico elenca e responde as principais críticas que recebe sobre os vocábulos e afirma que nas oposições que “vós me pedistes as provas das origens, eu retratei a antiga sabedoria da Itália a partir dos vocábulos latinos, não das origens próprias: que é o meu argumento” (VICO, 2006, p. lii / p. 254), pois a intenção de Vico é investigar a antiga sabedoria dos itálicos a partir de seus vocábulos e não a origem dos vocábulos, o que seria uma outra ordem de investigação. Vico pretende adentrar os antigos vocábulos para extrair deles qual seria a sabedoria dos itálicos, sendo esse o seu recorte mais preciso.

A respeito da polêmica se a definição de tópica, crítica e método seria apenas uma “questão de nome” se seriam “arte” ou “faculdade” (VICO, 2006, p. liii / p. 256), Vico mantém aquela distinção estabelecida entre arte e faculdade e apresenta sua explicação a partir das diferenças entre “natureza”, “arte” e “exercício”. Ele escreve que

não de outro lugar deriva a dificuldade que os latinos tiveram de traduzir em seu idioma o vocábulo ῥητορικὴ [retórica], os auxílios pelos quais fazem comumente natureza, arte e exercício, isto é, que a natureza a promove, a arte a direciona, o exercício a confirma; e ῥήτορες [retores] entre os gregos não significa "mestres da arte", mas "oradores", os quais certamente não devem ser estimados se não adquiriram aquela facilidade de bem falar, na qual possam prontamente defender com eloquência as causas. (VICO, 2006, p. liii / p. 256)

Para compreender melhor essa resposta¹⁰³, deve-se levar em conta o conceito de *facultas* que Vico expôs na seção I do capítulo VII do *De antiquissima*, na qual ele diz: “*facultas* pronunciava-se como se fosse *faculitas*, do qual posteriormente *facilitas* [‘facilidade’], como se tratasse de uma habilidade expedita e pronta para atuar. Assim, pois, a facilidade é aquela que mediante a qual a potência é levada ao ato. A alma é potência; a visão, um ato; o sentido da vista, uma faculdade.” (VICO, 2002, p. 177). Sob esse aspecto, deve-se considerar que a “faculdade” está para a “facilidade” de uma “habilidade expedita e pronta para atuar”, isto é, que a faculdade é uma “facilidade, indicando exatamente a capacidade de fazer rapidamente e sem hesitação” (SILVA NETO, 2010, p. 54). Além disso, nas *Institutiones Oratoriae*, Vico retoma a relação entre *facúndia*, *facilitas*, *faculitas*, que foi posteriormente contraída em *facultas*, asseverando que a “*facultas*, a qual é, sem dúvida, a mais difícil e por isso mais elevada virtude desta arte [retórica], e se tem e se logra mais pelo hábito do que por preceitos” (VICO, 2005b, p. 111).

Na seção I do capítulo VII do *De antiquissima*, Vico considera que o sentido, a fantasia, a memória e o intelecto são quatro “faculdades da alma” (VICO, 2002, p. 177), conforme a definição elegante da Escolástica (SILVA NETO, 2010, p. 54). E, na seção V do mesmo capítulo, afirma que o tríduo: percepção, juízo e raciocínio são as faculdades “dadas aos homens para saber”, ou “operações mentais” (VICO, 2002, p. 181). A respeito das artes, desde a introdução do *De ratione* Vico faz referência as artes e ciências, seguindo a definição clássica, e diz “Francis Bacon, no áureo livreto *Sobre o desenvolvimento das ciências*, menciona novas artes e ciências, além

103 Vico retoma essa referência em suas *Institutiones Oratoriae*, ao explicar que “os latinos se serviram da palavra ‘Retórica’ em vez de uma palavra latina [como *facúndia*]. ‘Retor’ para os gregos é o orador mesmo: na época mais feliz da sabedoria grega, com efeito, faltava um nome para o especialista, porque a retórica se aprendia com a filosofia mesma” (VICO, 2005b, p. 111).

daquelas que até hoje tivemos, e até que ponto conviria que aquelas que hoje temos se desenvolvessem para que a sabedoria humana fosse absolutamente perfeita” (VICO, 2002, p. 77). De maneira que “a poética, oratória, pintura, escultura” são “artes que consistem na imitação” (p. 79) e ainda seriam artes “baseadas na prudência [...] a oratória, a poética e a história” (p. 102), as quais, a respeito da prudência, “se são muitas, não valem de nada e, se são poucas, têm grande valor” (p. 102). Com isso, pode-se notar que Vico difere as faculdades das artes em ambas obras.

Posto isso, a “facilidade de bem falar”, citada em sua *Seconda risposta*, é aquela na qual os “oradores” adquirem-na pelo exercício da arte da retórica, enquanto disciplina de conhecimento acumulado. Isto é, a faculdade é a facilidade de bem falar e a arte da retórica, por meio de seu exercício, proporciona essa “facilidade de bem falar”, que é prática. A diferença entre aqueles que acumulam as disciplinas, ou “mestres da arte”, daqueles que exercem a faculdade, ou “oradores”, está na prática ou em seu exercício¹⁰⁴. Em suas *Institutiones Oratoriae*, Vico explica que “retórica ou eloquência, {por outra parte}, é a faculdade de falar [*facultas dicendi*] aplicada à persuasão; *faculdade* digo, porque os que dela são providos *falam mais facilmente*, {como com *facilidade*. Pois quem quiser ser chamado orador com nome digno da coisa, é preciso que esteja desembaraçado para defender qualquer causa}” (VICO, 2005b, p. 112-113). E mais adiante, ele adiciona sobre a importância da prática retórica que “mas sem natureza, sem exercício, a arte é um mísero ateliê de eloquência”¹⁰⁵ (VICO, 2005b, p. 123).

Consequentemente, o conhecimento da arte também precisa ter resultados práticos e, assim como Vico enfatizava em suas primeiras orações sobre a utilidade

104 Na seção III do *De ratione*, Vico já havia diferenciado aqueles que realmente merecem o nome de “oradores” daqueles que não merecem, pois escreve: “aqueles que não tenham logrado tal faculdade somente merecem o nome de orador, cuja principal função é a de, (nas circunstâncias críticas que não permitem vacilação ou adiamento como ocorre com muitíssima frequência em nosso foro nas causas penais, as verdadeiramente oratórias), poder prestar ajuda imediata aos réus, aos quais tenha sido fixado um prazo de poucas horas para preparar a defesa” (VICO, 2002, p. 83).

105 Diferente da concepção aristotélica, que considerava que a arte completaria o trabalho da natureza ou imitaria suas produções, a nova ciência, da qual Francis Bacon fazia parte, passa a interpretar a arte com um novo sentido. Nesta perspectiva, “a arte não é apenas o poder de corrigir ou completar a natureza, mas revolvê-la, alterá-la em suas fundações” (OLIVEIRA, 2010, p. 132). Essa nova interpretação passa a entender a arte como criação, cujos “produtos artificiais são réplicas dos produtos naturais” (p. 133).

social e política do conhecimento, ele não deve ser limitado à esterilidade do simples domínio da arte, mas é relevante que aquele conhecimento, que torna alguém em “orador”, não se satisfaça apenas com o ser um “mestre da arte”, seguindo a tendência moderna do desejo por um conhecimento que tenha uma prática ou uma ação efetiva. Em outras palavras, é possível ser um “mestre da arte” sem ter a sua faculdade plenamente desenvolvida, sendo que a arte, por si só, não promove a faculdade se não há o exercício e não é esse o intento de Vico, o qual, pelo contrário, estima aqueles “que adquiriam a facilidade de bem falar” para seu uso nos tribunais, na política, nas ciências etc. Desse modo, pode-se ilustrar melhor a diferença entre arte e faculdade que Vico pretende explicar¹⁰⁶.

Transportando esse raciocínio para um contexto diferente daquele da retórica e considerando que o método é arte, assim, o raciocinar é uma faculdade cuja facilidade de “saber com certeza” se dá pela arte adequada de um método adequado, que, para Vico, deve trazer algo novo ao seguir a ordem da tópica e da crítica, sendo a própria ordem proposta um método. Com isso, resolve-se aquela questão, considerando-se a faculdade como a facilidade ou a própria operação mental, enquanto a arte¹⁰⁷ é o mesmo que a disciplina, acumulada, que por seu exercício promove essa facilidade e pode gerar um conhecimento certo, novo e útil.

Além de tudo isso, Vico não relaciona a arte do método a uma quarta operação da mente, pois ele estaria contido no raciocínio ou terceira operação¹⁰⁸, na qual se “ordenam os raciocínios”. Essa discussão sobre a divisão das operações mentais que Vico elabora dialoga com aquela outra divisão que foi apresentada na obra *A lógica*

106 Na dignidade II da *Ciência nova*, Vico retoma as diferenças entre arte, faculdade e natureza, indicando que a primeira é produto da dedicação e do estudo, ao escrever que “em todas as faculdades, os homens que as não possuem por natureza, alcançam-nas com obstinado estudo da arte; mas em poesia, de facto, está privado de alcançá-la com arte todo aquele que a não possui por natureza” (VICO, 2005a, § 213, p. 134).

107 Nesse aspecto, a arte aqui não destoa totalmente daquele entendimento de que seria uma obra humana de imitação, que pode ser acumulada e ensinada tal como Aristóteles teria apresentado na *Poética* (ARISTÓTELES, 2018, p. 37). Porém, deve-se também considerar a influência que Vico recebeu do sentido que Bacon atribuiu à arte enquanto “alteração” da natureza (cf. OLIVEIRA, 2010, p. 132).

108 “E não devemos pensar, sem dúvida, que toda a antiguidade fez um uso incompleto da razão porque não reconheceram esta atividade mental [o método], a quarta segundo as enumeram hoje. Pois não é uma quarta operação mental, senão a arte da terceira, pela qual ordenam-se os raciocínios” (VICO, 2002, p. 183. Acréscimo nosso).

ou a arte de pensar, dos cartesianos Arnauld e Nicole (2016). Nessa obra, Arnauld e Nicole dividem o seu texto em “quatro operações do espírito”, que são: conceber¹⁰⁹, julgar, raciocinar e, por último, ordenar [ou método]¹¹⁰; tal divisão, portanto, distingue raciocínio de método e, ao mesmo tempo, classificam o método como uma quarta operação mental, algo que Vico discorda prontamente.

Tal discussão sobre o método enquanto uma quarta operação mental, conforme defendiam os cartesianos, é retomada pelo crítico anônimo de Vico em seu *Secondo articolo*. A respeito do método, ele afirma que “notamos que os cartesianos o chamam de ‘arte de bem ordenar e dispor os nossos pensamentos, para podermos chegar a alguma ciência ou para ensiná-la a outros’” (VICO, 2006, p. xxix / p. 228). Com isso, a partir da teoria cartesiana, o crítico define método como “arte de bem ordenar e dispor os nossos pensamentos” e o delimita seguindo aquela tendência de um método que poderia se tornar universal¹¹¹. Tendo isso por pressuposto, ele afirma que o método não ensinaria a bem definir, ou dividir, ou julgar ou ainda a discorrer, mas apenas a como ordenar e dispor adequadamente as coisas. Dessa maneira, o crítico argumenta que “se se considera o método como uma ordenação e disposição desses nossos pensamentos, ele pode parecer uma nova operação de nossa mente, distinta das três primeiras; [...] ele então parecerá uma arte não dirigente da faculdade de raciocinar e discorrer, mas dirigente da faculdade de ordenar e dispor” (p. xxix / p.

109 A qual podemos aproximar do sentido empregado por Vico que é o de perceber.

110 Foi tomado em consideração tanto a tradução portuguesa de Nuno da Fonseca, que diz em sua Apresentação que “*La Logique, ou L’Art de Penser* foi dividida em quatro partes [...] consoante as reflexões que se podem fazer acerca de quatro operações do espírito: conceber (Parte I), *julgar* (Parte II), *raciocinar* (Parte III) e *ordenar* (Parte IV)” (ARNAULD; NICOLE, 2016, p. XIX-XXX), quanto o texto francês, no qual é possível ler a divisão das partes como *concevoir* (ARNAULD, NICOLE, 1992, p. 33), *jugements* (p. 95), *raisonnement* (p. 167) e *méthode* (p. 273). Dessa forma, é possível optar traduzir “*méthode*” por “método”, o que facilita o diálogo entre as teorias aqui apresentadas.

111 O método, como pensava Descartes, não pretendia se aplicar somente aos domínios da matemática, como atesta Battisti (2000, p. 51-52): “[...] Descartes não só conhecia a tradição dos praticantes do método da análise, mas também se põe como seu membro, ao mesmo tempo continuador e revolucionário, como veremos. Alguém poderia contestar essa ascendência metodológica cartesiana, uma vez que o método de análise foi originariamente um método geométrico, restrito aos limites dessa ciência dos antigos, enquanto o método cartesiano é estendido para disciplinas não-matemáticas e para a ‘nova’ geometria. Mas é aí que se encontram um dos méritos e a novidade cartesiana (em parte já realizada pela álgebra): desvincular o método de análise do conteúdo estritamente geométrico, por perceber que sua ‘lógica de descoberta’ encarna, de alguma forma, a própria lógica de funcionamento da razão humana”.

229). Sob esse aspecto, percebe-se que o crítico anônimo discorda daquela organização feita por Vico e sustenta que o método é sim uma quarta operação da mente.

E como a divisão entre três faculdades e três artes que Vico propôs lhe parecia muito diferente daquela cartesiana, que propunha quatro “operações do espírito” e que provavelmente seria a mais aceita até então, o crítico completa dizendo “do que nós concluimos que, se ele [Vico] queria introduzir na filosofia uma nova lógica tal, era-lhe necessário definir mais claramente aqueles seus termos de ‘tópica’, de ‘crítica’ e de ‘método’, e melhor estabelecer com suas razões aquela assim feita doutrina” (VICO, 2006, p. xxix / p. 229). Insistindo, desse modo, que os termos estariam pouco explicados, que as divisões dadas por Vico ainda não superariam aquela cartesiana e que o método, ainda que seja arte, é uma arte dirigente da quarta operação mental de ordenar e dispor, distinta das três primeiras.

Diante de tal provocação, a resposta de Vico é profunda e densa de significados e relações que reverberam em seus outros escritos. Nela, Vico sintetiza o que ele entende por método analítico e sintético, identifica o método geométrico de Descartes, bem como seus vínculos e o seu limite, além de expor a multiplicidade de métodos conforme os temas que se investiga. E enfatizando a parcialidade de seu crítico, Vico afirma que:

ou vós entendestes por “método” a análise, como parecem usá-la os cartesianos, [...] ou entendestes por “método” que da verdade imediatamente faz nascer verdade [...] Mas, vós entendestes “método” como aquele que dispõe definições, postulados, axiomas, demonstrações. Falamos com vocábulos próprios, para fazer comércio de ideias distintas. Esse, que vós com os cartesianos dizeis genericamente “método”, é em espécie método geométrico. (VICO, 2006, p. lxvi-lxvii / p. 270-271).

Nessa resposta, é possível destacar que Vico considera o método dos cartesianos como analítico, o difere do método que desdobra uma verdade da outra, expõe a existência de um método com definições, postulados, axiomas e demonstrações e indica que o método cartesiano deva ser chamado de geométrico. Ou seja, Vico mostra que não há apenas uma única espécie de método e aquilo que seu crítico tomou por método é apenas um dentre outros, indicando ainda uma possível confusão feita por seu crítico. Nesse texto, Vico delimita o que entende por

método de análise, como aquele dos cartesianos que é regulado pela crítica, e o contrapõe ao da síntese, que seria regulado pela tópica cuja herança advém da tradição retórica.

Aquele método, apontado por seu crítico, que foi associado à faculdade de ordenar e dispor, é o geométrico dos cartesianos, o qual de uma coisa proposta dividiriam as comuns em um procedimento de análise, para vir ao conhecimento da propriedade e depois defini-la. Vico afirma que os antigos teriam feito uso dessa análise, como Platão no *Sofista*, no qual Sócrates teria dividido a arte e removido outras espécies para definir a sofística. Desse procedimento ele afirma que “o dividir e o definir são obras da segunda operação da nossa mente; os quais são regulados pela crítica, na qual, porque com ela leva a dividir, prevalecem os homens de engenho ríspido” (VICO, 2006, p. lxvi / p. 270). Isto é, o que seu crítico e os cartesianos estariam propondo como quarta operação da mente é identificado por Vico com a segunda operação da mente, aquela que trata do juízo e cuja arte reguladora é a crítica que divide e define, não sendo de forma alguma uma quarta operação mental.

Por outro lado, existe outro procedimento de composição entre coisas que estejam conectadas ou relacionadas, chamado de método de “síntese”, entendido por Vico como método de “descobrir” ou “inventar”¹¹², enquanto trabalho da simples percepção e que seria regulado pela tópica. Nessa via teria seguido Aristóteles, “que quase nunca desce para definir algo sem antes ter visto o quanto há nela, seja por dentro ou por fora” (VICO, 2006, p. lxvi / p. 271). Dessa forma, a tópica descobre e acumula, enquanto a crítica do acumulado divide e remove. Disso, resulta que os engenhos tópicos seriam mais copiosos e menos verdadeiros, ao passo que aqueles engenhos críticos seriam verdadeiros, mas ásperos. Ou seja, os métodos sintético e analítico diferem também em seus discursos, pois, enquanto os que usam o sintético seriam mais convincentes e eloquentes, aqueles que usam do analítico seriam mais

112 Em sua *Seconda Risposta*, Vico contrapõe os dois métodos e escreve sobre o método de composição: “[...] *che è l'altra spezie di metodo, che s'appella 'sintesi', che in fatto è ritrovare [...]*”, (VICO, 2006, p. lxvi / p. 270). Daí, escolhemos a palavra “descobrir” para traduzir “*ritrovare*” porque a síntese compõe e cria algo novo e isso parece se aproximar melhor daquilo que Vico havia proposto. Mas, essa palavra italiana também pode assumir outros sentidos, como: “reencontrar”, “reconhecer”, “redescobrir” e até mesmo “inventar”. O “redescobrir”, por exemplo, não parece trazer uma novidade, mas dá o sentido de tornar àquilo que já havia sido descoberto. Como a síntese propõe uma novidade, não consideramos o prefixo “re” na tradução.

simples e teriam pouca força de convencimento. Isso ecoa de seu *De ratione*, em que ele diz “assim, pela crítica nos tornamos verazes e pela tópica nos tornamos eloquentes; [...] hoje o método de dissertar árido e simples dos estoicos é moda entre os mais modernos, e, em vez disso, o variado e múltiplo dos acadêmicos está entre os aristotélicos” (VICO, 2002, p. 84).

Além do mais, Vico não concorda que o método possa ser uma operação da mente ou faculdade, mas defende que ele é uma arte que direciona a operação mental de raciocinar. Pois, “o método varia e multiplica-se segundo a diversidade e multiplicação dos temas propostos” (VICO, 2006, p. lxvii / p. 271), de modo que “nos processos reina o método oratório, nas fábulas o poético, nas histórias o histórico, na geometria o geométrico, na dialética o dialético, que é arte de dispor um argumento” (p. lxvii / p. 271). Caso o método geométrico seja considerado uma quarta operação mental, ou os discursos, a fábula, a história deveriam ser dispostas em método geométrico ou a oratória seria uma quinta operação, a poética sexta, a história a sétima e, levando mais adiante, Vico afirma que haveria ordens para arquitetura, de enfileirar tropas e de ordenar as repúblicas, pois todas seriam ordens de pensar. Consequentemente, Vico exagera o número de operações e mostra que o método não seria uma operação, mas apenas uma arte para a operação de raciocinar, isto é, ele serve para pôr ordem no pensar, que é a terceira operação mental.

De tal maneira, Vico afirma que as percepções, os juízos e os discursos não científicos ou seriam reduzidos ao método geométrico, conforme seu crítico entende, ou eles não poderiam ser considerados como operações da nossa mente, ou melhor, não se reduziriam às outras três operações. Vico tenta abarcar as várias operações que a mente humana exerce e mostra que elas não se reduzem aquele tipo de método, o qual teria êxito apenas em matérias que “enumeram e medem” (VICO, 2006, p. lxvii / p. 272). Quanto ao método geométrico, que Vico atribuiu à Descartes, analisaremos a seguir alguns trechos de seus textos que o caracterizam, bem como buscaremos desdobrar um pouco mais a proposta viquiana de método.

Sobre o método geométrico cartesiano aplicado à física

De modo breve, é possível perceber que Vico caracteriza o método de Descartes e dos cartesianos como geométrico, reconhece seu êxito em matérias como a aritmética e a geometria, indica que a sua maneira de proceder é pela análise, considera-o semelhante àquela arte de julgar dos antigos estoicos, denominando-a como “crítica”, enquanto identifica esse proceder dos modernos como “nova crítica”. Entretanto, Vico entende que esse método cartesiano não seria o único. Na *Seconda Risposta*, Vico identifica o “método geométrico” como um dentre muitos outros, pois “o método varia e se multiplica segundo a diversidade e multiplicação das matérias propostas. Reina nas causas o método oratório, nas fábulas o poético, na história o histórico, na geometria o geométrico, na dialética o dialético, que é arte de ordenar um argumento” (VICO, 2006, p. lxvii / p. 271).

Para entender melhor a crítica de Vico ao método geométrico cartesiano em sua aplicação a assuntos da física é necessário retornar nossa atenção para textos que antecederam o *De antiquissima*. Assim, desde as orações inaugurais, é possível notar as referências diretas e indiretas que Vico fez à teoria cartesiana¹¹³. Voltando-se para a *Terceira oração*, encontramos uma das primeiras citações diretas que Vico fez ao método geométrico de Descartes¹¹⁴ que, após fazer uma extensa relação dos

113 De acordo com Campailla (1971, p. 253), na *Primeira oração* de Vico, que seria como um “autêntico hino inspirado nos prodígios dos quais a mente humana é capaz, Descartes poderia assumir o símbolo de um pensador vencedor de qualquer dúvida possível naquele itinerário que conduz a glorificação de Deus”. Porém, na *Terceira oração*, apesar de Descartes ser utilizado como exemplo tranquilizante de construção positiva, há o debate viquiano que “em primeiro lugar, a recuperação do valor da filologia opera em contraste com o espírito da filosofia de René; em segundo lugar, [há] a crítica da física cartesiana, baseada sobre o procedimento geométrico” (p. 253).

114 As duas primeiras orações foram pronunciadas em 1699 e 1700. Em 1701, possivelmente não aconteceu a abertura oficial dos estudos com sua oração inaugural pois houve a repressão cruenta da Conjuração de Macchia. Entretanto, em sua *Vita*, Vico teria escrito que a *Terceira oração* teria ocorrido em 1701 (VICO, 2017, p. 107), o que é pouco provável segundo seus estudiosos e pode ter sido uma falha de memória sua, cf. Badaloni, Rossi, Nicolini, García e Bisbal (1998, p. 59) e da cronologia da tradutora Ana Cláudia Santos (in VICO, 2017, p. 51). É provável que ela tenha sido pronunciada em 1702, após um ano de pausa. O fato de Vico fazer uma referência direta ao método cartesiano logo após a pausa por causa da conjuração nos chama a atenção nesse ponto.

méritos de diversos intelectuais ilustres, recomenda “em primeiro lugar conheces; e não julgues a ninguém sem antes ter ouvido a sua defesa” (VICO, 2002, p. 31). Nesse texto, ao citar o método geométrico cartesiano, Vico manteve essa postura recomendada, pois ele reconheceu as vantagens obtidas por tal método ao dizer: “Ouve Descartes, que coisas novas e dignas de admiração investigou sobre os movimentos dos corpos, as paixões da alma, o sentido da visão, o que meditou sobre a *verdade primeira*, como introduziu o método geométrico na doutrina física e dirás que é um filósofo que não foi modelado por imitação de outros” (VICO, 2002, p. 30-31. Grifos do autor). Nesse ponto, Vico exalta os feitos de Descartes e, inclusive, cita a introdução que ele teria feito do método geométrico em assuntos da física, acentuando que tais coisas foram feitas como ninguém antes dele.

Ao início dessa *Terceira oração*, Vico expôs que o seu tema era sobre o dever de afastar a perfídia da comunidade de letras para estar adornados por uma “erudição verdadeira e não simulada, sólida e não vã”. E, quase ao final da oração, para aconselhar seus estudantes a como evitar uma erudição vã ou simulada, Vico citou uma série de condutas negativas na educação como declínios, desvios nos estudos, fez crítica a intelectuais que agem com dolo ao simular que sabem aquilo que desconhecem até chegar no assunto daqueles que “propõem temas físicos para demonstrar geometricamente” (VICO, 2002, p. 35). Este último faz referência aquele método cartesiano que primeiramente havia sido exaltado por sua originalidade, mas agora surge relacionado em meio a uma lista de críticas aos desvios da erudição. Em outros termos, desde a *Terceira oração*, um dos primeiros lugares em que Vico menciona diretamente o método cartesiano, é possível constatar que ele já discordava do uso do método geométrico em assuntos da física e evidenciava um descontentamento com as suas falhas. E chega a levantar a seguinte hipótese de que se “alguma regra de René Descartes poderia resultar falsa” (p. 36) comprometeria todo o seu método que desdobra uma verdade de outra, como em outros textos mais tarde irá caracterizá-lo como um método que se utiliza dos sorites¹¹⁵.

A partir desse episódio, Vico começou a fazer referências mais diretas ao método geométrico cartesiano em suas orações inaugurais.

115 O comprometimento de uma das regras de fato ocorreu quando Huygens atacou a terceira lei do movimento de Descartes, depois Leibniz teria corroborado com Huygens e atacado a segunda lei cartesiana e, por último, Newton teria rebatido em parte a primeira,

Na *Sexta oração*, ao apresentar uma ordem dos estudos, Vico menciona que a prática da matemática permite que a mente humana possa ir se libertando progressivamente de seus vínculos com o corpo e conduzir o seu raciocínio de maneira mais sistemática, partindo das coisas percebidas pelos sentidos e seguindo em direção àquelas que lhes escapam. Em seguida, os estudos deveriam se aplicar em assuntos da física, “que contempla os corpos sensorialmente imperceptíveis e suas figuras e movimentos imperceptíveis, que são os princípios das coisas naturais” (VICO, 2002, p. 69). De maneira que ambas, matemática e física, podem depurar gradualmente os pensamentos espessos e grosseiros a fim de que a mente tenha acesso aos assuntos espirituais da metafísica, afirmando que “mediante os dados certos da matemática e os duvidosos da física, [a mente pode] ver-se conduzida à metafísica, que coloca em descoberto as coisas verdadeiras, certas e por todo ponto exploradas” (p. 69. Acréscimo nosso).

Nessa oração, Vico caracteriza a matemática, que opera com dados certos, como um conhecimento de certezas, enquanto a física, com seus dados duvidosos, seria incerta, diferenciando ambas. Aqui, as referências ao método geométrico cartesiano não são explícitas, mas encontramos nessas afirmações, que ele fez sobre as certezas matemáticas e as incertezas da física, parte daquilo que fundamenta as críticas que Vico fará sobre a inadequação de tal método em assuntos da física. Em outros textos, Vico torna explícita a sua consideração de que a matemática é uma criação humana a partir das ficções do ponto e do uno, portanto, a humanidade seria a sua autora e poderia conhecê-la perfeitamente. No *De antiquissima*, Vico relacionará os conhecimentos matemáticos certos ao princípio do *verum ipsum factum* do fazer humano, pois conhecemos aquilo em que somos os autores. Por outro lado, os conhecimentos físicos não poderiam ser certos, porque Deus é o autor da natureza e somente ele poderia conhecê-la com perfeição.

A respeito do cartesianismo, é necessário considerar com “qual olhar Vico lê Descartes” (GIRARD, 2018, p. 257). Girard contextualiza que ao final do *Seicento*, aquele modelo cartesiano parecia superado, pois “do ponto de vista teórico, ele não

a respeito do princípio de inércia (cf. nota do tradutor Francisco J. Navarro Gómez, in VICO, 2002, p. 240, nota 56), tornando a teoria da física cartesiana sobre o movimento questionável nesse aspecto.

parece oferecer mais do que uma metafísica criticável e em parte obscura; do ponto de vista epistemológico, ele parece ter se tornado um freio para o desenvolvimento das ciências” (p. 257).

Quanto ao *De ratione*, as referências que Vico fez ao método geométrico são muito diretas. Na seção II, a qual tematiza sobre as vantagens do método de estudos de seu tempo a partir dos instrumentos e das ciências, ele dedica parte de seu texto ao “método geométrico introduzido à física”. E intitulou a seção IV como “Inconvenientes do método geométrico importado à física”, além de outras menções que fez ao longo de todo o texto.

Na seção II do *De ratione*, dentre as vantagens do método geométrico, Vico cita que a crítica dá essa primeira verdade de estar certo ainda quando duvida, que a “análise, com admirável facilidade de método, resolve problemas geométricos insolúveis para os antigos” (VICO, 2002, p. 79), o que possivelmente teria sido uma referência indireta a solução da análise cartesiana para o problema de Pappus¹¹⁶. Ele também afirma que os antigos utilizaram da geometria e da mecânica como instrumentos da física, porém que não havia sido em todos os momentos como então fazem em seu tempo. E enfatiza que o desenvolvimento promovido na geometria e as novidades em mecânica feitas pela análise não seriam objeto daquele seu debate. Mas, adverte que

para nunca ficarem desamparados no tenebroso caminho da natureza, importaram o método geométrico à física, ligados ao qual, como um fio de Ariadne, percorrem o caminho proposto e descrevem as causas pelas quais essa admirável máquina do mundo foi construída por Deus Ótimo Máximo, já não como físicos que tateiam, senão como arquitetos de uma obra imensa (VICO, 2002, p. 80).

Em outros termos, Vico indica que não seria possível um conhecimento claro e distinto da natureza pois seu caminho tenebroso permitiria aos físicos apenas tatear. Mas, quando importaram o método geométrico aos assuntos da física eles agiram como se fossem os verdadeiros “arquitetos de uma obra imensa”, ainda que o criador de fato tenha sido Deus Ótimo Máximo, levando a pensar que essa seria uma atitude

116 De acordo com Mancosu (2011, p. 122) “a declaração de Descartes de ter ido mais longe do que todos os antigos e do que seus contemporâneos apoia-se, em grande medida, em sua solução ao problema de Pappus”.

praticamente ímpia. Nesse ponto, é preciso destacar que “Vico é contra o dogmatismo, mas não cai no ceticismo, isto é, ele questiona a certeza da física e da metafísica modernas, porém, não exclui o homem da capacidade de conhecer a verdade” (SILVA NETO, 2012, p. 220). Com isso, pode-se inferir que Vico ressalta que o método geométrico importado à física teria a dificuldade de produzir certezas que não seriam coerentes com a natureza ou plenamente verificáveis e assim apresentariam falhas (GIRARD, 2018, p. 272), pois esse procedimento que opera por meio de certezas claras e distintas não condiz com as mudanças constantes que ocorrem no ambiente da natureza, objeto de tal ciência, apontando para os obstáculos que existiriam dentro da própria teoria da física cartesiana. Sublinhe-se que essa parte do discurso de Vico destaca os limites daquele método de seu tempo em meio ao relato de suas vantagens na seção II, permitindo traçar um elo com suas inconveniências que seriam apresentadas logo adiante.

Na seção IV do *De ratione*, Vico nos apresenta não um discurso sobre o método, mas nos mostra que todo método é, em si próprio, um tipo de discurso, de maneira que cada método assume uma estratégia discursiva particular e que, ao escolher um tipo de discurso, também determina seus resultados. Pereira Filho (2012, p. 193) esclarece que “a defesa do método se faz, também, através de um *discurso*”. Assim, nessa seção, Vico apresenta uma tripla caracterização do método geométrico cartesiano como um discurso que se desdobra por meio do sorites, que utiliza um vocabulário contido e severo e que inicia suas reflexões a partir das verdades primeiras. Por sua vez, nesse texto, dentre os inconvenientes produzidos pelo discurso desse método geométrico ao ser importado à física se sobressaem à vista: primeiramente, que se torna um sorites perigoso ao querer igualar sua física à natureza por meio de seu método; segundo, que seu discurso contido e severo “tapa” a “faculdade de ver”¹¹⁷ as relações agudas do engenho em seus ouvintes; e, por último, que ele perde a força do convencimento ao se apegar às verdades primeiras.

117 “*eam auditoribus facultatem occludit, quae philosophorum propria est, ut in rebus longe dissitis, ac diversis similes videant rationes*” (VICO, 1971, p. 803. Grifos nossos). Na tradução espanhola de Francisco Gómez, ele prefere traduzir “*occludit*” por “cega”, escrevendo “*les ciega a los oyentes essa facultad*” (VICO, 2002, p. 87). Na tradução de Vladimir Chaves dos Santos, ele prefere traduzir a mesma palavra por “cerca”, escrevendo que “cerca nos ouvintes aquela faculdade” (SANTOS, 2009, p. 223). Vale dizer que Santos tem uma nova edição de sua valiosa tradução bilingue no prelo prestes a ser publicada, a

O critério cartesiano de clareza e distinção apela para uma metáfora da faculdade do sentido da vista para explicar como o conhecimento seria possível, isto é, um conhecimento visivelmente claro e distinto. E se utilizando de metáforas que apelam para a faculdade da vista¹¹⁸, Vico disserta sobre as desvantagens ou inconveniências do método geométrico aplicado à física. Para Vico, o primeiro inconveniente do método geométrico importado à física ocorre porque os físicos modernos afirmam que essa física, ensinada com seu método, “é a própria natureza; e onde quer que te voltes para contemplar o universo, enxerga essa física”¹¹⁹ (VICO, 2002, p. 86). E segue dizendo que tais autores dizem que deveríamos dar-lhes graças por ter-nos libertado da grande fadiga de ter que contemplar a natureza, pois bastaria seguir o comportamento da natureza que é visto por seu método.

Vico satiriza que tal método dos homens doutos teria sido dado à posteridade como se fossem heranças de grandes mansões deixadas por seus pais, das quais só restaria mudar a mobília de lugar ou adorná-la com algo insignificante. Sobre essa postura, na qual esses físicos equiparam a física resultante de seu método com a própria natureza, Vico recomenda “olhem mais e mais com atenção, a fim de que não tratem da natureza já seguros de tudo”¹²⁰ (VICO, 1971, p. 803). Dessa maneira, tais homens doutos teriam se preocupado mais com os tetos de tais mansões e descuidaram-se perigosamente de seus fundamentos, pois, se a natureza se comportar de maneira diversa daquela que seu método haveria suposto e se uma de

qual ele gentilmente cedeu para auxiliar na pesquisa desta tese e que agradecemos de todo coração. Essa tradução permitiu “vermos” essa metáfora da visão em Vico. Escolhemos aqui o termo “tapar” buscando pelo sentido que possa se aproximar tanto da ideia de “cerrar a vista” quanto “cegar”, pois Vico parece querer trazer em imagem uma relação entre o método e o sentido da vista. Essa relação entre ambas parece fazer sentido, pois desde a *Terceira oração* Vico reconhece dentre as “coisas novas e dignas de admiração” das investigações de Descartes o seu trabalho sobre “o sentido da visão” e o “método geométrico aplicado à física”, visualizando em Descartes um autor que abordaria tanto o método quanto o sentido da visão. Além disso, nessa discussão há uma relação direta com a tradição platônica, na qual Platão (2016) também teria feito várias alusões ao sentido da vista para explicar a ascensão dialética no livro VI da *República*.

118 No *De antiquissima*, Vico também utiliza o sentido da vista para exemplificar as faculdades ao escrever que “A alma é potência; a visão, um ato; o sentido da vista, uma faculdade” (VICO, 2002, p. 177).

119 “[...] *ipsam esse naturam: et quoquo te ad universi contemplationem convertas, hanc physicam intueri*” (VICO, 1971, p. 803. Grifo nosso).

120 “[...] *videant, etiam atque etiam videant, ne non tuto iam naturae securi agent* [...]” (VICO, 1971, p. 803).

suas regras sobre o movimento tenha sido falseada¹²¹, eles conduzir-se-iam “seguros naquilo que a natureza resulta já inseguro” (VICO, 2002, p. 86). Ou seja, tal segurança que esse método geométrico enxerga não condiz com a mutabilidade própria da natureza.

Essa sensação de segurança que é percebida por quem utiliza o método geométrico cartesiano ocorre porque ele comporta-se como o sorites¹²², desdobrando um raciocínio de outro¹²³, o qual “nas questões geométricas são vias veracíssimas e métodos de demonstrações muito verazes também” (VICO, 2002, p. 86). Porém, em assuntos em que não é possível a demonstração¹²⁴, os sorites se tornam em um gênero argumentativo viciado e capcioso, portanto uma arma discursiva que “as antigas escolas filosóficas dos estoicos se serviam” (p. 87) e que os antigos “sentiam grande temor ante a lógica de Crisipo como perigosíssima” (p. 87). Daí a sua dificuldade, pois “essas coisas da física que nos são apresentadas como verdadeiras por força do método geométrico não são senão verossímeis” (p. 87). Em outras palavras, esse procedimento metodológico produz um discurso seguro como se os seus raciocínios tivessem o valor de “verdades”, as quais seriam primeiras, eternas e imutáveis, porém de coisas que não poderiam ter o mesmo valor epistemológico, pois em física as coisas seriam sempre “verossímeis”, transitórias, prováveis, possíveis, originando o inconveniente de produzir um discurso seguro sobre o que é inseguro, algo fatal para um método que almeja um conhecimento claro e distinto.

Sobre isso, Damiani (2000, p. 30) alerta que “seria um erro sustentar que o racionalismo cartesiano nega absolutamente todo valor aos dados sensoriais na construção da ciência física”, resgatando a discussão que Descartes apresentou nos *Principia Philosophiae*. Mas, ainda assim, para Descartes a experiência por si só não

121 Como notamos mais acima as críticas que Huygens, Leibniz e Newton fizeram às teorias sobre o movimento de Descartes (cf. nota do tradutor Francisco J. Navarro Gómez, in VICO, 2002, p. 240, nota 56).

122 Um tempo depois, no *De antiquissima*, Vico afirmará que “o método geométrico de Descartes corresponde ao sorites dos estoicos” (VICO, 2002, p. 185).

123 Ainda no *De antiquissima*, Vico expôs que “quem utiliza o sorites une umas causas a outras, a cada uma delas a mais próxima” (VICO, 2002, p. 185).

124 Pois Vico justifica no *De ratione* que “demonstramos as questões geométricas porque as fazemos; se pudéssemos demonstrar as físicas as faríamos” (VICO, 2002, p. 87). Antecipando nesse texto aquilo que será desdobrado no *De antiquissima* como critério de que para conhecer algo é necessário tê-lo feito, ou *verum ipsum factum*.

conduz ao descobrimento das causas, objeto de sua ciência. E afirma que “para Descartes, a ciência não descobre as causas partindo dos efeitos que aparecem na experiência sensorial, mas deduz os efeitos partindo das causas contidas em princípios racionais *a priori*” (p. 30). Por outro lado, para Vico, Galileu seria o modelo em que “a experiência deve antepor-se aos discursos dos homens” (p. 30). A proposta galileana de conhecimento dos fenômenos naturais toma a experiência como ponto de partida da investigação das causas. Assim, ao mesmo tempo em que Vico rejeitaria a aplicação do método geométrico cartesiano à física, ele se aproximaria da física de Galileu (p. 31).

A segunda situação que produz inconveniências ao importar esse método geométrico à física é que tal método veda qualquer tipo de ornamentação retórica no discurso, tanto em seus debates físicos quanto em suas demonstrações geométricas, sendo que os físicos que corroboram com essa concepção optam por um discurso contido e severo. Por consequência, a física que resulta desse tipo de discurso se desenvolve inferindo o contíguo do contíguo em uma grande cadeia de raciocínios que “cega” ou tapa a faculdade de ver correlações entre coisas disseminadas e diversas, inviabilizando o engenho criativo de seus ouvintes, pois segue inferindo ou desdobrando um raciocínio de outro. Segundo Vico: “esta física [...] infere continuamente o contíguo do contíguo, tapa nos ouvintes esta faculdade, que é própria dos filósofos, de ver razões de semelhança entre coisas muito distantes e diversas: o que se considera como fonte de toda forma de falar aguda e elegante” (VICO, 2002, p. 87). Em sua oração, Vico escolhe a palavra latina “*occludit*”, que traz consigo o sentido de “tapar” ou “cerrar” a “faculdade de ver” nos ouvintes aquelas coisas que seriam próprias de filósofos, que é a de perceber semelhanças entre coisas distantes e diversas.

Por sua vez, o gênero de discurso contido e severo desse método geométrico é desprovido de eloquência, o que dificultaria o entendimento da multidão ignorante e impediria que os “homens incultos” pudessem reter suas longas cadeias de raciocínio, sendo discursos especializados e impopulares. Isto é, a clareza desejada por tal método, cujo discurso contido e severo desdobra um raciocínio de outro, é tão clara que promoveria a cegueira do engenho de seus ouvintes. Metaforicamente dizendo, esse tipo de discurso ofuscaria a visão da verdade e o engenho dos ouvintes em geral.

No *De antiquissima*, Vico reconhece que esse discurso tem um tipo de facilidade, por não empregar os recursos mais exigentes da ornamentação retórica, e afirma que “o método supõe um obstáculo para os engenhos, enquanto mira a facilidade, e dissolve a curiosidade, enquanto prevê a verdade”¹²⁵ (VICO, 2002, p. 186). Vico lamenta que a facilidade promovida pelo método geométrico cartesiano tenha por consequência o desestímulo ao engenho criativo e da curiosidade, a qual, conforme sua influência baconiana, é considerada como fundamental para o avanço da ciência.

De outro modo, Vico apresenta os discursos que estabelecem relações entre coisas distantes e diversas como aqueles feitos pelos filósofos, com sua forma aguda e elegante de falar. O discurso agudo toma em primeiro lugar a metáfora e utiliza das ferramentas da eloquência para a multidão ignorante, incapaz de reter aquelas longas cadeias de raciocínio do método geométrico. Essa preocupação com um discurso que possa ser compreensível pelo vulgo surge em diversas partes do *De ratione* e está em sintonia com o seu entendimento de que o saber tem um compromisso social, político e ético, algo muito presente em suas orações inaugurais. Isto é, para o Vico das orações inaugurais, o saber tem um compromisso social e deve adequar seu método para promover o engenho criativo, ao invés de tapar aquela faculdade de ver semelhanças.

Por último, o terceiro inconveniente desse método geométrico na seção IV do *De ratione* é que seu discurso inicia pelas verdades primeiras, despreza o verossímil e não comove o ânimo de seus ouvintes, perdendo a força de convencimento, dando prosseguimento ao raciocínio de Vico. Por outra via, o bom orador começa seu discurso pelas verdades secundárias, ou verossímeis, e com isso move primeiramente as mentes para depois comover o ânimo, que é a passionalidade de seus ouvintes, fazendo com que esses possam por si próprios organizar os argumentos e tenham a impressão de que eles mesmos tenham elaborado tal argumentação, tamanha é a força do convencimento dessa outra forma de discurso. Essa imagem do orador que comove o ânimo do vulgo é semelhante àquela que Vico utilizou em sua *Sexta oração* dos sábios Orfeu e Anfião, os quais conseguiam por meio de seu discurso tornar os

125 “*Nam methodus ingeniis obstat, dum consulit facilitati; et curiositatem dissolvit, dum providet veritati*” (VICO, 1971, p. 125. Grifo nosso). A palavra “*consulit*” assume também o sentido de “olhar pelo”, “velar” ou ainda “mirar”, reforçando a imagem da “faculdade da vista” que Vico emprega para discutir o método.

homens sociáveis, dedicados ao trabalho e obedientes às leis (VICO, 2002, p. 68). Postura que é reforçada na seção VII do *De ratione*, ao afirmar que “a eloquência é a faculdade de persuadir ao dever” (VICO, 2002, p. 96).

Para Vico, as verdades primeiras, que são universais, não são capazes por si só de convencer a “multidão ignorante”. Nesse sentido, Vico complementa aquele entendimento baconiano que associava Orfeu à capacidade filosófica de convencimento, pois não basta o conhecimento metafísico em si. O recurso à eloquência torna-se uma necessidade para que esse conhecimento se torne acessível à multidão, permitindo que ele cumpra sua função social. Por outro lado, as verdades secundárias, as quais constituem o conhecimento dos verossímeis e particulares comuns ao “vulgo”, convencem as mentes e comovem o ânimo dos ouvintes. Um discurso capaz de articular os tópicos de tais verdades secundárias com as verdades primeiras, elaborado pelo sábio que é eloquente, torna possível conduzir os raciocínios do vulgo ao conhecimento verdadeiro.

De certa forma, evidencia-se aqui também aquela influência platônica que Vico teria recebido sobre a tarefa de que o sábio deva assumir a condução do vulgo até o conhecimento das causas primeiras. Nesse tema, a particularidade de Vico está na sua percepção de como os diferentes métodos possuem discursos diferentes e os seus resultados também divergem entre si, pois o discurso contido e severo do método geométrico cartesiano alcança um conhecimento verdadeiro que não convence, enquanto o método eloquente dos filósofos tem maior capacidade de convencimento, mas é verossímil. Dentre suas inconveniências, ainda pesa contra o discurso daquele método geométrico a sua possibilidade de cometer enganos que são afirmados com o valor de certeza sobre a física incerta, vedar a curiosidade e a engenhosidade por seu discurso ser semelhante ao sorites, além daquela sua falta de força para o convencimento do vulgo.

Em outra via, Vico prefere outra forma de discurso para assuntos da física, o qual seja capaz de admitir que suas verdades são prováveis, ou verossímeis, que possa promover o engenho de seus ouvintes e que tenha a força de convencer o vulgo sobre o conhecimento que tal método seria capaz de alcançar. E tal alternativa desejada por Vico parece ter encontrado em Galileu uma solução. São discursos com

estratégias divergentes e que vão determinar métodos também diferentes entre si¹²⁶. Dessa maneira, é possível pensar que, para Vico, o método é um tipo de discurso com consequências sociais previsíveis.

Além disso, também é possível perceber que Vico indica a forte influência da língua ou da linguagem não somente no método, mas em todo o processo de cognição. Na seção VII do *De ratione*, Vico analisa a influência que as línguas francesa e italiana exerceram para o desenvolvimento da análise e da eloquência, respectivamente. A respeito da máxima de que “os engenhos são formados a partir da língua, e não as línguas a partir dos engenhos”, Vico parece se manter sob esse entendimento desde suas primeiras orações, de que a língua determina os engenhos e, mais tarde, na *Ciência nova*, até mesmo as sociedades e seus sistemas de poder e de moral são investigados a partir de suas linguagens. Santos (2021) avalia que a linguagem para Vico é algo que está na gênese das ideias e afirma que “a *Scienza nuova* pretende mostrar que a cada fase histórica corresponde uma determinada linguagem, que por sua vez revela um tipo de mentalidade, isto é, um processo de cognição específico” (SANTOS, 2021, p. 143).

Na seção VII do *De ratione*, ao comentar sobre o idioma francês, utilizado por Descartes e pelos cartesianos, Vico o caracteriza como abundante em substantivos, que não são suscetíveis às comparações de semelhanças entre coisas distantes e diversas, como incapazes de inflamar as orações pois não poderia amplificar ou exagerar nada em seu vocabulário, também incapazes de inverter palavras por causa

126 Mais recentemente, parece que físicos, a exemplo do que fez Carl Sagan e muitos outros que vieram depois, têm se preocupado com a popularização da ciência em outros meios diferentes da academia, tal como a produção de documentários em uma linguagem mais popular, uso de muitos recursos visuais e sensoriais, construção de inúmeros planetários populares, de experimentotecas, de exposições, dentre muitas outras iniciativas louváveis. Apesar disso, é preciso examinar como o conhecimento das verdades secundárias poderia auxiliar na construção do método da própria ciência como parte da investigação científica. Talvez a popularização da ciência, como a física, não seja apenas por meio da forma em que ela se apresenta ao público, mas talvez ela seria ainda mais eficaz se fosse pensada a partir de seu próprio procedimento metodológico. Giordano Bruno, a seu tempo, recorria a palavras vulgares a fim ampliar os domínios do conhecimento. Para nosso tempo, uma atividade como essa ainda precisa ser discutida. A título de exemplo no campo da saúde pública, infelizmente, durante a pandemia de Covid-19 percebemos a imensa dificuldade de comunicação entre aqueles que detinham o conhecimento científico com a população em geral. Mas, isso é pauta para outras discussões.

da ordem dos substantivos e ainda com dificuldades para construir metáforas em um único vocábulo, pois, às vezes, precisa recorrer a dois quando necessário. Quanto à métrica da poesia francesa da época, Vico afirma que eles não compõem versos mais amplos que os alexandrinos, com rimas de dois a dois versos com regras rígidas de que a primeira rima diminua a amplitude e a outra atenua a gravidade, de que as regras para composição de tais poesias determinavam o uso de acentuação das palavras nas últimas e penúltimas sílabas, em contrapartida os italianos acentuavam a antepenúltima, o que causaria diferenças ao som quando pronunciados, e o resultado disso é que as poesias francesas não teriam períodos longos, pois elas não seriam adequadas para grandes metros.

Enfim, o francês e sua poesia de época não seriam capazes de um discurso sublime e adornado, mas seriam mais capacitados para as sutilezas por sua abundância de substantivos, sendo assim coerente com a simplicidade do discurso desse método geométrico¹²⁷. Nessa análise que Vico fez da língua e da poesia francesa também perpassa a questão do método cartesiano aplicado à física, isto é, nessa oração, Vico evidencia as relações que ocorrem entre língua e método na produção de conhecimento. Ainda no *De ratione*, Vico expõe mais relações entre poesia e física na seção VIII, ao dizer que “o método geométrico conduz em grande medida a invenção de ficções poéticas” (VICO, 2002, p. 99) e que “a física mais moderna é proveitosa para a poética [...]”, além do que “os mais antigos poetas foram físicos” (p. 99). Nesse texto, Vico indica uma relação de proximidade entre a física e a poesia, no sentido de uma *poiesis*, levando em consideração que a física seria ainda uma etapa posterior à matemática naquele processo de abstração que alcança a metafísica.

Com isso, surge a dúvida sobre quais motivos levaram Vico a dar tamanha relevância na discussão sobre os problemas que envolvem o método e a física. É

127 Ademais, na *Ciência nova* de 1744, Vico retornará à relação que estabeleceu entre a sutileza da língua francesa e o seu desenvolvimento nas ciências no parágrafo 159, no qual justifica que “devido a essa passagem imatura da barbárie às ciências mais subtis, a língua francesa ficou uma língua delicadíssima, de modo que, de todas as vivas, parece ter restituído aos nossos tempos o aticismo dos Gregos e, mais do que qualquer outra, é boa para a reflexão das ciências, como a grega” (VICO, 2005a, p. 116). E no parágrafo 461, recobra essa relação entre Gregos e Franceses “que passaram antes do tempo da idade poética à vulgar” (VICO, 2005a, p. 293).

possível que Vico tenha identificado a física como uma *poiesis* humana sobre a natureza. Provavelmente, isso tenha ocorrido pela importância que Vico atribuiu à física durante o processo de construção do saber metafísico, o qual não pode dispensar aquela sua teoria sobre os pontos metafísicos. Sobre isso, Cláudia Megale, ao expor que as teorias dos pontos de Zenão que Vico escreve no *De antiquissima* teriam como fonte os *Discorsi e dimostrazioni intorno a due nuove scienze* de Galileu, consegue esclarecer a relação que Vico teria percebido entre matemática, física e metafísica. Segundo a autora:

Dissertando o tema Vico alcança sua lírica máxima e não só pela capacidade de colher na geometria e na física a metafísica. Se a primeira, como construção de figuras, é a disciplina, dentre todas, que melhor aguça a fantasia porque constrói imagens, a física, por outro lado, como mundo das coisas imperfeitas e, portanto, divisíveis ao infinito, permite a passagem do ato à substância e à metafísica por intermédio da geometria. (MEGALE, 2021, p. 135)

Retomando ao tema sobre a língua francesa, Vico afirma que “os franceses são os únicos em todo orbe da Terra que puderam imaginar essa nova crítica, que parece toda espiritual, e a análise, que desvestiu de toda corpulência, na medida do possível, o sujeito matemático” (VICO, 2002, p. 97). Na seção VII, as características que foram atribuídas por Vico ao método geométrico cartesiano da seção IV, surgem como que justificadas pelas características da língua e da poesia francesa. Mesmo assim, não se deve ter uma leitura fatalista de que para Vico cada idioma teria um método determinado pela estrutura de sua língua, mesmo porque os italianos de seu tempo estão adotando o método de estudos inspirado naquele francês que é geométrico e foi aplicado à física, tema que emerge ao longo do discurso no *De ratione*¹²⁸. Qualquer leitura da teoria viquiana deve sempre levar em consideração a dinâmica histórica que se constrói e se desconstrói a todo momento, em constante mudança. A análise que Vico fez da língua francesa levou-o a perceber os motivos pelos quais os franceses

128 De acordo com Cláudia Megale, “há de reconhecer que o problema da língua não envolve apenas Vico, mas diz respeito a questões que maturaram nos séculos XVII e XVIII. Também na Itália as preocupações eruditas, difusas em toda a Europa, se entrelaçam com questões linguísticas bastante complexas, como a pesquisa de uma língua comum e da relação entre o italiano e as línguas estrangeiras, em particular o francês. Nápoles não é imune ao fenômeno da ‘francesização’ da cultura que tem ao fundo o cartesianismo inspirado em Malebranche e na *Logique* de Port-Royal” (MEGALE, 2021, p. 131).

teriam se destacado naquele método geométrico, sendo uma análise pontual e não uma norma com valor de verdade primeira, pondo em prática aquilo que ele entendia de como deveria se proceder em assuntos da física, isto é, Vico buscou investigar as origens daquele método geométrico francês a partir do exame de uma língua e de sua poesia de época avaliando quais seriam as consequências de tal método se aplicado à física.

Quanto ao seu idioma italiano, Vico afirma que “somos dotados de uma língua que sempre suscita imagens” (VICO, 2002, p. 97). Se o italiano é considerado por Vico como uma língua que suscita imagens, logo essa língua seria desenvolvida junto a “faculdade da vista”, tornando-se capaz daqueles discursos dos filósofos que percebem semelhanças entre coisas distantes e diversas, de produzir metáforas, além de ser mais propícia à eloquência, a qual é apta a “suscitar imagens corpóreas [para que a multidão e o vulgo] ame; pois, uma vez que ama, facilmente se pode induzir-lhe que creia; e quando crê e ama, deve inflamar-se para que, com toda sua habitual debilidade, queira” (VICO, 2002, p. 96. Acréscimo nosso), que seriam as três ações da persuasão: fazer com que ame, creia e queira. Isto é, para Vico, o italiano é uma língua rica em imagens, que proporcionam o uso de metáforas, é também eloquente, pois as imagens lhes são propícias para isso, além de convencer melhor o vulgo para a ação ou o dever, porque essas imagens corpóreas carregadas de passionalidade são capazes de afetar o ânimo de seus ouvintes.

Ademais, Vico não economiza elogios à sua língua italiana, pois afirma que por sua causa os italianos seriam os únicos a superar todas as outras nações do globo terrestre em pintura, escultura, arquitetura e música, que seriam, depois dos espanhóis, os mais agudos dentre todos os povos e seguiu uma lista de italianos que teriam brilhado tanto quanto os antigos em retórica, poesia e outras artes.

Nessa comparação que Vico fez entre a língua francesa, abundante de substantivos, e a língua italiana, que sempre suscita imagens, também reside a comparação entre o método geométrico, que se destacou entre os franceses, e o método que coloca em primeiro plano a tópica, como ele julgava ser aquele de Galileu e de Bacon, aquele italiano e este que, embora de origem inglesa, escrevia em latim. Dessa forma, o francês Descartes se destacaria pelo uso do método geométrico,

enquanto o italiano Galileu capitalizaria um outro tipo de método que seria mais adequado aos assuntos da física para Vico¹²⁹.

A ênfase ao método utilizado por Galileu¹³⁰ é acentuada no *De antiquissima*, no qual Vico afirma que esse “grande geômetra” moderno não teria seguido aquele método geométrico em assuntos da física, pois, figurando-o ao lado dos “maiores geômetras” como os antigos Pitágoras e Platão, eles “consideravam os princípios da física a partir dos princípios da matemática” (VICO, 2002, p. 186). Com isso, os antigos Pitágoras e Platão e o moderno Galileu são exemplos de “grandes geômetras” que não aplicaram o método geométrico analítico em assuntos da física, mas que consideraram os princípios da física a partir daqueles princípios da matemática sintética, ou seja, Vico faz uma leitura de que o procedimento desses antigos e moderno é diferente daquela análise cartesiana, desenhando sua interpretação de um procedimento sintético para assuntos da física, de um proceder dos princípios matemáticos em direção ao estabelecimento dos princípios físicos. Esse caminho é semelhante àquele desenhado na *Sexta oração* para a educação da mente dos jovens que “mediante os dados certos da matemática e os duvidosos da física, [a mente pode] ver-se conduzida à metafísica” (p. 69. Acréscimos nosso). A metodologia proposta por Vico deve levar em consideração o caráter incerto e “hipotético” da física (SILVA NETO, 2010, p. 53) e, apesar de recorrer aos princípios matemáticos, deve atentar-se para suas diferenças com a matemática, pois ambas não são consideradas iguais por ele.

129 Segundo Silva Neto (2010, p. 125), Vico considera que “numa língua singular estaria forjada a mentalidade de uma determinada *nação*, eis a sua estratégia para distinguir italianos de franceses”.

130 Sobre a interpretação que Vico fez do método de Galileu, Silva Neto (2010, p. 53) explica que “a ideia dos simulacros estava presente na concepção de *experimento* de Galileu. Para ele, o início da ciência estava na observação, no exame atento dos eventos, pois somente a partir daí se conhece as causas ou as razões que os provocam. Contudo, o desfecho necessário era a *via sintética*, o caminho que ia das razões de volta aos efeitos e à experiência. Tendo conjecturado as razões e contando com o auxílio dos instrumentos científicos, o investigador devia imitar os fenômenos e reproduzir experimentalmente os conhecimentos. O experimento seria, portanto, uma espécie de *segunda criação*, análoga ao mundo exterior (a *primeira criação*), mas substancialmente distinta dela, quer dizer, a experiência científica é literalmente criada pelo homem de ciência e, portanto, o efeito produzido não passa de simulacro da natureza”.

Diferenciando os conhecimentos hipotético do absoluto na teoria viquiana, Pennisi (1987, p. 88) explica que

A matemática e a metafísica são autoconstruídas pela mente humana sobre uma estimativa preventiva no âmbito do uso dos vocábulos próprios: formas e números são signos "sobre os quais os homens agora concordam". Portanto, a matemática, a lógica e a metafísica, diferentemente de todas as ciências empíricas: filologia, física, medicina, mecânica e até mesmo ética, jurisprudência e teologia, não têm "história". A consequência óbvia é que das disciplinas histórico-naturais é possível exclusivamente um saber hipotético, enquanto para as ciências inteiramente "mentais" é possível um conhecimento absoluto e infinito (PENNISI, 1987, p. 88).

E qual seria a diferença entre esse método e aquele cartesiano? Para responder a isso, é preciso retornar à seção III do *De ratione*, na qual Vico afirma que “nossos críticos”, entendidos aqui como aqueles da nova crítica moderna ou dos adeptos ao método geométrico, “posicionam sua verdade primeira como anterior, exterior e superior a todas as imagens corpóreas” (VICO, 2002, p. 82). Isto é, o método geométrico cartesiano, na perspectiva de Vico, não admite a verossimilhança ou o conhecimento particular em seu proceder. Vico faz uma leitura de que o método geométrico somente alcança sua eficácia em assuntos que as verdades seriam universais, nas palavras de Vico, assim a crítica “para expurgar sua verdade primeira não somente de todo o falso, mas inclusive de toda suspeita de falsidade, prescreve que seja expulso da mente as verdades segundas e o verossímil como se fossem falsos” (p. 81-82). Ou seja, para Vico, aquele método utilizado por Galileu, que se conduz em meio aos conhecimentos particulares dos experimentos é, em si, diferente do cartesiano, porque este operaria com universais e não com particulares.

No *De ratione*, Vico indica os antigos como modelo para evitar esses inconvenientes do método geométrico, pois eles iniciavam o ensino dos jovens de seu tempo por meio de uma geometria das formas ou de imagens, assim estariam “imitando aos médicos, os quais se inclinam desde onde a natureza tende, transmitiam a ciência que não pode ser corretamente percebida sem o agudo poder de conformar imagens; para que, sem violentar a natureza, senão de uma maneira gradual e tranquila, se habituassem a razão em conformidade com o engenho próprio de sua idade” (VICO, 2002, p. 82). Esse “agudo poder de conformar imagens” dos antigos é possibilitado por aquilo que Vico entende por tópica, que é a “doutrina para encontrar

o termo médio (os escolásticos chamam ‘médio’ ao que os latinos denominam ‘argumento’), posto que já sabem recorrer, como as letras do alfabeto, todos os lugares dos argumentos no discurso” (p. 83). E quem tivesse sido exercitado nessa tópica “dispõem então da *faculdade de ver* imediatamente o que é persuasível em qualquer causa” (p. 83. Grifos nossos). Nesse sentido, Vico afirma que a tópica exercita a *faculdade de ver* aquilo que é persuasivo além de ser uma disciplina que encontra os termos médios entre coisas distantes e diversas. E para se evitar tanto os vícios da tópica quanto os da crítica, é preciso que “a tópica seja doutrina prévia à crítica” (p. 83), utilizando-se das duas formas de procedimento sem dispensá-las, porém, em uma ordem que vai da tópica, ou arte de encontrar os argumentos, sendo posteriormente depurado pelo processo da crítica, algo semelhante ao método que inicia pela invenção e é seguido pela disposição.

Em seu tempo, entretanto, Vico lamenta que “hoje somente celebra-se a crítica, [...] pois aos homens basta-lhes, dizem, somente serem críticos, [...] pela própria regra da verdade e sem terem sido instruídos em tópica alguma” (VICO, 2002, p. 83). Esse desprezo pela tópica foi registrado pelos portorrealistas Arnauld e Nicole (2016) em sua *Lógica ou a arte de pensar*. O capítulo XVII da terceira parte da Lógica é intitulado *Dos lugares, ou do método para encontrar argumentos. Como este método é de pouca utilidade* (ARNAULD; NICOLE, 2016, p. 388), já indicando que a tópica não era considerada importante para tais autores. Esses autores entendiam que a tópica é “aquilo que os retóricos e os lógicos chamam lugares, *loci argumentorum*, é uma série de determinados padrões gerais, aos quais podemos referir todas as provas de que nos servimos nos mais diversos assuntos” (p. 388)¹³¹.

131 Quanto à ordem da tópica, os portorrealistas afirmaram que Ramus teria polemizado contra Aristóteles e com os escolásticos sobre terem dado primeiro as regras dos argumentos, e que, por sua vez, nas palavras deles, ele teria defendido que “é preciso explicar os lugares e tudo o que respeita à invenção antes de tratar das regras dos argumentos” (ARNAULD; NICOLE, 2016, p. 388). Entretanto, eles opuseram-se a tal ordem de Ramus, afirmando que “o espírito e o senso comum fornecem-nas sempre de modo suficiente, sem que haja a necessidade de as ir buscar a outra arte ou a qualquer outro método” (p. 389). Mesmo nomeando as recomendações feitas por Cícero e Quintiliano para o uso da tópica, eles também consideraram que tal método da tópica seria de pouca utilidade e a abundância que promove “está não só longe de ser útil, como nada há de mais prejudicial para o nosso juízo” (p. 394), adicionando que para formar os homens em uma eloquência fundamentada e sólida, “seria bem mais útil ensinar-lhes a calar do que a falar” (p. 394).

Em sintonia com os portorrealistas, o crítico anônimo do *De Antiquissima* de Vico também considerou a tópica como “arte de encontrar (*ars inveniendi*)” (VICO, 2006, p. xxviii / p. 228), cujas regras “apenas apontaram lugares comuns e universais, de onde se possam encontrar e recolher razões e argumentos para provar o que quer que seja” (p. xxxix / p. 228). Replicando tal consideração na *Seconda risposta*, Vico retoma a definição que fez no *De ratione* (VICO, 2002, p. 83) e escreve que a tópica, ou “argumento”, não significa ‘disposição de uma prova’, como vulgarmente se toma e do latim *argumentatio* é denominado, “mas se entende que a terceira ideia, que se encontra para unir as duas questões propostas, que na escola dizem ‘termo médio’; de modo que é uma arte de encontrar o termo médio” (VICO, 2006, p. lxxv / p. 268-269), isto é, Vico entende a tópica a partir da ideia de “arguto” ou do “agudo” poder de conformar coisas distantes e diversas, não naquele sentido tradicional de “argumento”, mas como um “termo médio” capaz de unir engenhosamente ideias diversas. Além disso, a tópica ainda seria a arte de aprender o verdadeiro, porque é “a arte de ver por todos os lugares tópicos na coisa proposta tanto quanto há para nos ajudar a distinguir bem e ter um conceito adequado, porque a falsidade de juízos não provém de outra coisa senão de que as ideias nos representam mais ou menos aquilo que as coisas são” (VICO, 2006, p. lxxv / p. 269. Grifo nosso), sendo uma via que também foi utilizada por Herbert¹³² em sua *Pesquisa pela verdade*, enquanto uma tópica transportada para uso na física experimental.

Retornando ao *De antiquissima*, a respeito do método, Vico faz um alerta ao final da seção *Sobre a faculdade certa do saber* de que “não se deve importar o método geométrico à física senão a própria demonstração¹³³” (VICO, 2002, p. 186). Dessarte, o procedimento mais adequado para os assuntos da física deveria ser o de “explicar os efeitos particulares da natureza por experimentos particulares, que são obras particulares da natureza” (p. 186). E, segundo ele, quem se destacou na Itália por esse tipo de procedimento teria sido “o grande Galileu e outros brilhantíssimos físicos, os quais, antes de que o método geométrico fosse importado à física,

132 Referência ao texto *De veritate*, de Edward, Lord Herbert de Cherbury (1583-1648).

133 O tema da demonstração já havia sido citado por Vico na Seção IV do *De ratione*, conforme destacamos um pouco acima, em que Vico diz “demonstramos as questões geométricas porque as fazemos, se pudéssemos demonstrar as físicas as faríamos” (VICO, 2002, p. 87).

explicaram inúmeros e grandiosos fenômenos da natureza desta forma” (p. 186). Além dos italianos, Vico adiciona que os ingleses teriam sido tão zelosos a ponto de proibir que “se ensinem publicamente a física com o método geométrico”, concluindo que, desse modo, “a física pode progredir” (p. 186). É de se supor que nessa referência aos “ingleses” Vico tenha feito alusão, dentre outros, ao Bacon e sua concepção de método, o qual seria uma opção àquele geométrico cartesiano. Pois, nesse sentido Girard enfatiza que “as matemáticas não permitem a relação com nada além delas mesmas [...]. Nessa perspectiva, para Vico, o projeto cartesiano de uma *mathesis universalis* é impossível, [...] a exportação cega do método geométrico pode somente nos fazer entrar num universo ilusório e apartado da realidade” (GIRARD, 2018, p, 271).

Quanto ao estudo da língua, em sua *Seconda Risposta* às polêmicas do *De antiquissima*, Vico deixa claro que a intenção dessa obra era a de investigar a sabedoria dos antigos itálicos a partir de seus vocábulos e fundar a sua metafísica, isto é, a partir da investigação da língua dos antigos itálicos lançar as bases para a sua própria metafísica. Apresentando aí um alinhamento entre a língua dos antigos itálicos, que mais tarde dará origem a uma língua italiana considerada no *De ratione* como rica em imagens, o método, que deve iniciar pela tópica, e a sua proposta de metafísica. Quanto ao projeto da obra, Vico pretendia que o *De antiquissima* fosse uma composição de três livros, a saber: metafísico, físico e moral, dos quais somente publicou o primeiro. Essa ordem de publicação prevista por Vico também comunga com aquela ordem metodológica de iniciar as discussões por temas mais universais, como o metafísico, para descer até as particularidades da vida prática ou moral, seguindo o modelo sintético.

Na *Seconda Risposta*, Vico afirma que “os romanos falaram língua de filósofos sem ser filósofos” (VICO, 2006, p. xlv / p. 246) e que o vulgo teria se apropriado das “doutas falas”, ou “doutos falares”¹³⁴, o que teria chamado a sua atenção para investigar “qual seria o saber dos antiquíssimos filósofos italianos” (p. xlv / p. 246), por meio de um procedimento que considera “sobre os mesmos vocábulos

134 A palavra “falares” não teria o mesmo sentido no tempo de Vico quanto para nós hoje, porém o seu uso pode se aproximar daquilo que Vico pretendia investigar em seu tempo. Vico teria utilizado a expressão “*dotti parlari*” em sua *Seconda Risposta*.

diversíssimas coisas” (p. xlv / p. 247). Ou seja, o estudo dos vocábulos deve levar em conta os vários aspectos que ele significa ou seus vários tópicos. E nisso reside um obstáculo muito discutido entre os modernos: as dificuldades que surgem pelo caráter polissêmico das palavras, como por exemplo Bacon teria abordado em sua teoria dos *ídolos do foro*.

Nesse mesmo sentido, no *De antiquissima*, Vico afirma que “em filosofia, todos os erros nascem de homônimos, termos comumente equívocos. Os equívocos, contudo, não são outra coisa senão vocábulos comuns a muitas coisas; [...] Assim, pois, não sei se não induzem mais ao erro os gêneros aos filósofos do que os sentidos arremessam o vulgo às falsas crenças e preconceitos” (VICO, 2002, p. 148). Entretanto, em outra via, Vico também percebe que algumas palavras com mais de um sentido podem mais contribuir para o desenvolvimento do engenho do que atrapalhá-lo ou perturbá-lo, desde que seja bem escolhida e planejada de acordo com o discurso que pretende promover. Na segunda carta a Muzio Gaeta, de outubro de 1737, ao fazer a avaliação de sua obra, Vico recomenda uma alteração no título do texto de Gaeta dizendo que “gostaria que onde disse se *descobre a Ideia*, se diga se *demonstra a Ideia*, que faria um duplo sentido bastante adequado, por ser a oração do gênero demonstrativo e porque nela se demonstram os Princípios de vossa doutrina” (VICO, 2024, p. 171. Grifos do autor).

Isto é, Vico se mostra como uma pessoa muito cuidadosa com as palavras que escolhe para os textos e não teme a polissemia de alguns termos, pelo contrário, até recomenda o seu uso em alguns casos específicos a fim de que isso possa promovê-la de alguma maneira, utilizando-se de vocábulos que possam apresentar muitos sentidos diversos e distantes e que possam ampliar as possibilidades do conhecimento, ao invés de limitá-lo. Assim, faz sentido aquela frase de Vico, na *Seconda Risposta*, que considera “diversíssimas coisas” dos vocábulos dos antigos itálicos, pois é assim que ele funda a sua metafísica por meio de um método como aquele dos antigos filósofos, o qual era capaz de unir coisas diversas e distantes por meio das relações agudas feitas por seu engenho, tendo se apresentado sempre muito criativo em relação a sua investigação etimológica do *De antiquissima*. E, dessa maneira, é possível perceber a própria alternativa que Vico empregou em relação ao método geométrico cartesiano, sendo a investigação dos antigos vocábulos do *De*

antiquissima semelhante àquela investigação da natureza ou da física empreendida por Galileu e Bacon.

Na dedicatória ao Doria do *De antiquissima*, Vico afirma que “perseverando no mesmo método das origens do latim, tenho meditado sobre essas questões metafísicas que lhe dedico pessoalmente [...]” (VICO, 2002, p. 132). Um pouco antes no texto, Vico fez referência a uma conversa que teve na casa de Doria que “partindo dessas mesmas origens da língua latina, situava a natureza em um movimento, em virtude da cunha, cada coisa se vê impulsionada por uma força centrípeta, e expulsa do centro pela força inversa, a centrífuga, e que todas as coisas nascem, vivem e morrem mediante um certo movimento de sístole e diástole” (p. 132). Como o tradutor Francisco Gómez notou¹³⁵, a “cunha” aqui não parece ser coerente com a teoria de movimento físico que Vico pretende descrever. É possível que a “cunha” aqui seja uma referência ao método que une coisas distantes e diversas, que seria uma analogia entre o estudo das origens do latim com aquele da física galileana, unindo duas coisas distantes pela “cunha”.

De certa maneira, Vico já apresentava uma relação entre poesia e física desde o *De ratione*, ao afirmar que “os mais antigos poetas foram físicos” (VICO, 2002, p. 100), pois, usando da metonímia, da causa pelo efeito, mudavam os discursos poéticos para sintéticos, como “nascido do sangue” por “engendrado”; “partir pelos ares” por “morrer”; “fogo fervente no peito” por “febre”; “vapor condensado no ar” por “nuvem”; “fogo lançado desde as nuvens” por “raio” e “sombras da terra” por “noite”. Essas criações dos antigos poetas, que também eram físicos, chamou a atenção de Vico para produzir a sua investigação dos antigos vocábulos. Algo que para Vico era um procedimento conhecido no campo da retórica como atividade da *elocutio* com o uso dos *tropos*¹³⁶ (VICO, 2005b, p. 208-209)

135 Na nota 17 ele escreve que “a menção aqui da cunha resulta estranha” (VICO, 2002, p. 265).

136 Vico explica que os “tropos são aqueles que desviam a palavra [vox] de sua significação própria e nativa a uma imprópria e alheia; as quais Terêncio lhes chama em latim *inversa*” (VICO, 2005b, p. 208); e mais adiante continua: “o significado é invertido de quatro maneiras, do todo para a parte e vice-versa; das causas para os efeitos e vice-versa; por semelhantes; ou por contrários. Disso [originam-se] quatro tropos primários: sinédoque, metonímia, metáfora e ironia, aos quais todos os outros se reduzem” (p. 209).

Quanto aos limites do método na *Seconda Risposta*, Vico alerta que em todas as outras matérias, exceto naquelas que enumeram e medem, são completamente incapazes de método geométrico. Por matérias que enumeram e medem deve-se levar em conta a aritmética e a geometria analítica cartesiana, das quais Vico reconhece os resultados. Porém, para Vico, o método geométrico “não prossegue sem antes que os nomes estejam definidos, os axiomas firmes e as perguntas estejam acordadas” (VICO, 2006, p. lxvii / p. 272). Daí a dificuldade para aplicar tal método geométrico na física, porque “em física definem-se coisas e não nomes”, diferindo do que seria em geometria. Vico entende que a matemática é uma criação humana que surge a partir de ficções¹³⁷ com origem na ideia de ponto, do qual nasce a geometria espacial, e de uno, do qual nasce a aritmética e, portanto, os objetos de estudo de ambas são “nomes” criados pelos homens, os quais possuem alguma independência da natureza.

Por outro lado, a física tem por objeto “coisas” que não seriam criadas a partir da ficção humana, pois a natureza que investiga é criada por Deus, de uma realidade que é externa e independente da mente humana, de “coisas” físicas (SILVA NETO, 2024, p. 197). Além disso, em física “não há sentença que não seja contestada nem se pode perguntar nada para a retraída natureza” (VICO, 2006, p. lxvii / p. 272). Logo, para Vico, os três elementos necessários para que o método geométrico possa proceder, que são: nomes definidos, axiomas firmes e perguntas acordadas, não seriam possíveis em física, que trata de “coisas” externas à mente humana, cujas sentenças sempre sofrem contestação e que aborda uma natureza que não responde às perguntas feitas. Nessa *Seconda Risposta*, Vico procura identificar de maneira sintética os elementos essenciais para que o método geométrico possa proceder e sublinha que para física é necessário outro tipo de proceder, diferente daquele geométrico, que seja consoante ao objeto que se deseja investigar, que, nesse caso, é a natureza.

137 Sobre as ficções criadas pelo humano, Silva Neto (2012, p. 221) afirma que “Vico faz questão de ressaltar que o homem inventa, *finje* para si um mundo de objetos que ele conhece perfeitamente, precisamente por causa da finitude do espírito e do fato de não saber a verdade das coisas que o cerca. [...] A alma humana é capaz de criar universos e de ser o ‘Deus’ do mundo humano”. Cf. também Silva Neto, 2010, p. 47.

Na dedicatória do *De Antiquissima*, Vico afirma que o método escolhido para investigar a sabedoria dos antigos em seus vocábulos se assemelha ao método físico. Entretanto, na seção IV do *De ratione*, Vico fará críticas ao emprego do método geométrico em assuntos da física e defende um outro modelo de método para a física, algo que se assemelhe aquilo que fizeram os antigos filósofos, em vez de um discurso conciso e severo dos físicos de seu tempo. Ao que parece, tanto o *De antiquissima* quanto o *De ratione* apresentam uma defesa do método que se utiliza da tópica em contraposição ao método geométrico que foi importado à física. Neste caso, a física é uma particularidade analisada por Vico na qual o método não teria sido eficaz. E tal física, vai funcionar como uma pedra de comparação para as demais ciências na teoria de Vico. Além disso, na *Seconda risposta*, Vico classifica a física como intermediária entre as ficções fingidas¹³⁸ da matemática¹³⁹ (SILVA NETO, 2024, p. 193), que a humanidade criou a partir do ponto e do uno, e a metafísica, pois “o meio proporcionado para mirar nas coisas físicas a luz metafísica é somente pelas matemáticas, que das coisas formadas e finitas, do corpo extenso abstraem o infinito, o informe, o ponto, e são fingidas indivisíveis, que não possuem extensão alguma e a partir do ponto, assim definido, procedem para fazer a sua verdade” (VICO, 2006, p. lviii / p. 261)¹⁴⁰.

138 Segundo nos explica Silva Neto (2016-2017, p. 396), “a opção de Vico pelo termo *ficção* resulta também de seu gosto pelas etimologias latinas [...]. Em seu uso antigo, o termo *fingere* significou ‘modelar em argila’, como prova o substantivo *fictilia*, derivado e usado, como se sabe, para significar ‘louça’, ‘vaso de argila’. O mesmo termo, posteriormente, expressou a ação de modelar em geral, independentemente da especificidade da matéria plástica, razão pela qual *fictor* seria, indiferentemente, o ‘confeiteiro’ e o ‘escultor’ [...] Resultam, então, dessa modelação, ou ficção, não a *fictilia* romana, nem a torta ou a escultura, senão as *definições nominais*, revelando-nos, a uma só vez, a natureza operacional das matemáticas e a coincidência metafísica entre o verdadeiro e o feito”.

139 “a mente, explica Vico, mediante aquilo que chamamos *abstrações* finge duas coisas: o ponto que pode desenhá-lo, e o uno, que pode ser multiplicado” (SILVA NETO, 2024, p. 193).

140 Segundo Silva Neto (2009, p. 48), “a primeira operação da mente humana é a geração semântica, a fundação linguística e imaginativa de todo o universo cognitivo. Quando investiga aquelas coisas que desconhece e que são, portanto, completamente exteriores, o homem é naturalmente levado a transformar a limitação em utilidade e ‘mediante o que chamam abstração fingiu [*confingit*] para si duas coisas: o ponto, que se pode descrever, e a unidade, que se pode multiplicar” (acréscimo do autor).

Logo, essa física, que usa do método geométrico, é o exemplo e o argumento de que tal ciência tem suas falhas¹⁴¹ e que o método só poderia ter sido eficazmente utilizado se tivesse sido limitado aos assuntos da aritmética e da geometria, não aos da física. Ou seja, o método geométrico não falha em aritmética e geometria, mas ele não é adequado para outros temas em que foi aplicado, como é o caso da física. E para os assuntos da física, que não compreendemos pois foi feita por Deus e que só podemos conhecer em seus aspectos exteriores (ou extrínsecos) e não interiores (ou intrínsecos)¹⁴², é mais acertado o método com recurso à tópica, capaz de ver todos os pontos estudados e tentar revisar todos os que forem possivelmente conhecidos em seu discurso e estudo, o qual une coisas distantes e diversas de maneira aguda, ou melhor, “andar recolhendo”¹⁴³. Além disso, é preciso considerar que, para Vico, “a história e a sociedade não se prestam ao modelo de razão que tem como referencial a abstração matemática; elas possuem uma concretude, se fazem pela reunião de fatos realmente ocorridos, por isso, não podem ser reduzidas ao raciocínio abstrato e *a priori*” (SILVA NETO, 2001, p. 183). Assim, para Vico, como uma ciência física seria uma criação humana de ficções sobre a natureza física, a qual é incerta, mutável e estaria como que vendada para a humanidade, o melhor método seria semelhante àquele dos discursos, que trata dos assuntos incertos da vida civil, da mutabilidade e transformação da sociedade, eficaz também para os assuntos da física incerta e apenas provável.

141 Essa crítica viquiana à física e medicina cartesiana também podem ser encontradas em Girard, 2018, p. 272-273.

142 Nessa divisão, Silva Neto (2024, p. 191) identifica que “Vico certamente assume a divisão suazeriana das causas quando faz distinção entre os elementos ‘extrínsecos’ e ‘intrínsecos’ das coisas”.

143 Sobre isso, Silva Neto (2024, p. 192) adiciona que “diferentemente de efetuar as coisas na ideia, o homem, na condição de simples recolhedor, ‘só pode reunir os elementos extremos das coisas’, recolhendo e unindo as peças das coisas que se apresentam sempre, mesmo ao olhar cuidadoso do cientista, excessivamente dispersas, esse ato da inteligência que Vico chamará, ao contrário, pensar, ‘andar recolhendo’”.

Diferentes entendimentos sobre os métodos de análise e síntese

Ao longo do tempo, as interpretações sobre como procederiam os métodos de análise e de síntese não foram tão pacificadas¹⁴⁴. Esses métodos eram comumente utilizados em assuntos relacionados a matemática e, a fim de resgatar as suas origens, os estudiosos do tema recorrem às discussões em torno dos métodos aplicados em geometria desde o período da antiguidade clássica. Algumas dessas interpretações sobre tais métodos serão brevemente comentadas e buscaremos identificar de quais delas Vico se apropriou em suas obras.

Mirando as discussões metodológicas napolitanas que sucederam a Vico, vemos que Romano Gatto¹⁴⁵, ao caracterizar a metodologia adotada pela escola privada de matemática de Nicolò Fergola, fundada por volta de 1771, expõe um histórico das concepções teóricas e metodológicas em matemática que predominaram em Nápoles ao final do século XVIII. Segundo Romano Gatto, Fergola “ensinava aos seus alunos a examinar e resolver os problemas geométricos tanto seguindo o método sintético dos antigos, quanto também pela análise dos modernos, mostrando-lhes quando fosse mais oportuno uma via metodológica ao invés da outra” (GATTO, 2017, p. 14). Para compreender melhor essa discussão metodológica, Romano apresenta a definição do conceito de geometria sintética, bem como sua relação com a teoria euclidiana, de maneira um pouco mais elaborada:

Hoje, quando falamos de geometria sintética referimo-nos a uma geometria fundada sobre um certo número de verdades absolutas, postulados, noções comuns e definições que se desdobra mediante demonstrações que procedem de hipóteses (também essas absolutamente verdadeiras) e que de inferências em inferências conduzem a tese. Tal é a geometria elementar

144 Gulley (1983) apresenta as muitas e contraditórias interpretações que surgiram em torno da definição do que seria a análise geométrica a partir do texto de Pappus de Alexandria. Segundo o autor, com o passar dos anos, vários autores apresentaram interpretações diferentes sobre as relações entre análise e síntese, inclusive discussões se a análise seria ou não um método de dedução. Battisti (2000) apresenta brevemente uma história dos termos análise e síntese ao longo da história (p. 55), examina e discute quatro posições antagônicas a respeito da análise (p. 60 ss.) e registra as ambiguidades em torno das definições do que seria o método sintético, que surgiram principalmente a partir do século XVII (p. 87-88).

145 Em sua introdução ao texto de Pasquale Gallupi (2017), a qual será referenciada daqui por diante como Gatto, 2017.

euclidiana que colhe muito da *geometria dos antigos*. (GATTO, 2017, p. 14. Grifos do autor)

A respeito da análise, nesse trecho, ele é mais sucinto e se limita a explicar que seu procedimento é inverso ao da síntese:

Mas, os antigos geômetras, além do método sintético hipotético dedutivo, conheciam e empregavam também um outro método, aquele da *análise* que se desdobrava indutivamente procedendo na direção inversa àquela da síntese. (GATTO, 2017, p. 14. Grifo do autor)

Nesse sentido, Romano caracteriza o método sintético como hipotético (com valor de verdades absolutas) e dedutivo, partindo de inferências em direção a tese, enquanto o analítico desdobrar-se-ia indutivamente, em direção inversa à síntese. Naquele contexto napolitano em que a escola de Fergola foi fundada, Romano Gatto afirma que havia certa liberdade em matemática para tomar a via metodológica que se desejasse, porém aquele método que Euclides apresentou em sua obra *Elementos* era tido como o protótipo de elegância, beleza, rigor e certeza matemática, capaz de demonstrar a “sabedoria geométrica”. As motivações que levariam Fergola a preferir a geometria elementar euclidiana tinham razões pedagógicas e didáticas. Segundo Gatto (2017, p. 13-14), essa geometria possuía a indiscutível capacidade de abrir a mente dos jovens, educar seu raciocínio, desenvolver sua faculdade cognitiva e inventiva, além de guiá-los na pesquisa e nas demonstrações da verdade. Tal postura de Fergola lembra as recomendações de Vico para o uso do método sintético que ele escreveu na conclusão da seção *Sobre a faculdade certa do saber*, ao mesmo tempo que resgatava a sua posição do *De ratione*, em que diz:

Concluamos, finalmente, que não deve ser importado o método geométrico à física, senão a própria demonstração. Os maiores geômetras consideraram aos princípios da física desde os princípios matemáticos, como, dentre os antigos, Pitágoras e Platão, e dentre os mais modernos, Galileu. [...] E por isso em minha dissertação *Do método de estudos de nosso tempo* indiquei que os inconvenientes da física podem ser evitados com o cultivo do engenho [...] E por isso desejava que aprendesse não pela via analítica, senão pela sintética, de maneira que compondo demonstrássemos, isto é, não descobríamos as verdades, mas as fariamos [...] E por isso mesmo desejava que não a ensinasse por números nem por espécies, mas pelas formas, de maneira que, se não se cultivasse o engenho durante a aprendizagem, ao menos ganhasse firmeza a fantasia, que é

o olho do engenho assim como o juízo é do intelecto. (VICO, 2002, p. 186-187).

Nesse retrato de um breve período sobre as discussões metodológicas de Nápoles, que ocorreu em algumas décadas depois que Vico viveu, aparenta transmitir uma certa tranquilidade temporária sobre qual método seria mais adequado e em qual situação. Fergola, representante da “*Escola sintética napolitana*” (GATTO, 2017, p. 21), embora admitisse o método analítico cartesiano, apresentava uma análise geométrica de método misto, a qual conjugava ao mesmo tempo o procedimento sintético com a introdução de algoritmos algébricos, para encontrar a solução de tal forma que pudesse facilmente determinar a construção geométrica procurada (p. 21).

Porém, esse entendimento sobre o método não foi uma constante, pois, um pouco antes dessa época, Romano Gatto (2017, p. 20) explica que o primeiro impacto da geometria cartesiana, conhecida como análise algébrica, suscitou discussões e perplexidade em várias partes da Europa. Sobretudo em Nápoles, no período entre a segunda metade do século XVII e o final da primeira década do XVIII, em que as discussões metodológicas entre cartesianos e anticartesianos foram um tanto ásperas e polêmicas. Os primeiros exaltavam a capacidade da *ars analytica* cartesiana de proporcionar de maneira ágil e veloz a resolução de problemas com procedimento *resolutivo*, bem como sua tradução em equações e posterior resolução. Eles ainda afirmavam que os mesmos problemas quando resolvidos pela *demonstração* de lemas e teoremas demandavam soluções longas e intrincadas, sendo por vezes até impossíveis. Em outra via, os sintéticos acusavam o método cartesiano de ser privado de fundamentos certos, de perder de vista a verdadeira natureza dos problemas geométricos quando reduzia suas resoluções às determinações de números, sem recorrer ao traçado de linhas e de curvas, como requereria sua própria natureza. Porém, ao tempo de Fergola, a análise algébrica cartesiana já estava cientificamente aceita e consolidada.

Mesmo nos tempos de Fergola, houve uma retomada das polêmicas napolitanas sobre o uso dos métodos sintético e analítico em outras formas. Em 1790, Annibale Giordano e Carlo Lauberg abriram em Nápoles uma escola de matemática e química que ensinava as teorias de Lagrange e Lavoisier, propagando também ideais jacobinos. Nessa escola, frequentaram vários jovens entusiastas que protagonizaram

a época revolucionária de 1799 (GATTO, 2017, p. 23). As discussões metodológicas assumiram um caráter político e ideológico a ponto de Giordano, afastando-se da escola de seu mestre Fergola, ajuntar-se aos demais jovens admiradores das ideias iluministas e ideais revolucionários. Eles abraçaram a nova geometria analítica lagrangiana, os desenvolvimentos da física e da química francesa, bem como o evolucionismo lamarkiano a ponto de considerar o dualismo síntese-análise como a contraposição entre o antigo e o moderno, radicalizando não tanto pelas vias metodológicas, mas sim pelas contraposições políticas e ideológicas (GATTO, 2017, p. 25).

Após o breve e desafortunado período da República Napolitana de 1799, Giordano e Lauberg acabaram exilados na França, assim como muitos outros intelectuais, matemáticos e cientistas tentando salvar-se do cabresto borbônico (GATTO, 2017, p. 26). Em 1806, quando Giuseppe Bonaparte assumiu o trono do reino, muitos deles retornaram a Nápoles. Logo depois desse período de Nápoles, ressurgiram aqueles que preferiam finalmente o método analítico em matemática, como Pasquale Galluppi, Vincenzo Cuoco e Matteo Galdi que acolhiam aspectos qualificantes tanto de um quanto de outro método e expressavam juízos mais equilibrados sobre sua eficácia, utilidade e conveniência (p. 30 – 31).

Para proporcionar uma melhor compreensão sobre as discussões que surgiram em torno dos métodos de análise e síntese, Romano Gatto faz um resgate de suas origens gregas. Retomando a questionável afirmação de Téon de Alexandria de que Platão teria sido o inventor da análise, Romano indica que o livro VI da *República* pôs a matemática em destaque no processo de educação da mente humana para o justo raciocínio (GATTO, 2017, p. 16). Dessa maneira, a matemática, cujo objeto seria a realidade física privada da matéria sensível, permitiria conduzir o intelecto a essência das coisas, isto é, a própria ideia. Sua posição seria tão privilegiada a ponto de Platão prescrever o seu estudo a todos aqueles que desejassem se dedicar à filosofia. Porém, por sua natureza axiomática, ela não teria o nível de ciência verdadeira. Isso porque os princípios, sobre os quais se fundava, seriam aceitos como absolutamente verdadeiros, entretanto sem justificação. As demonstrações, que procediam segundo os cânones do método sintético, eram fundadas sobre hipóteses as quais eram atribuídas requisitos de verdade, de maneira que isso afetou todo o processo dedutivo

pelo defeito originário de ser fundado sobre coisas aceitas como verdadeiras, mas não demonstradas. Sobre isso Romano afirma que “por isso a matemática não era *episteme*, isto é *verdadeira ciência, saber*, mas *dianoia*, ou seja *reflexão, pensamento, inteligência em direção ao verdadeiro conhecimento*” (GATTO, 2017, p. 15).

Romano mostra que para Platão, portanto, o processo demonstrativo deveria primeiramente tender para descoberta das causas que tornam uma proposição verdadeira, para depois proceder à sua justificação. Isso seria realizado em duas fases distintas, nas quais a primeira se conduziria para a descoberta das causas indutivamente, enquanto a segunda fase seria da justificativa do resultado encontrado, que procederia dedutivamente. Destarte, Romano acredita que “a crítica de Platão ao caráter axiomático da matemática era, portanto, uma implícita crítica ao método sintético, aquele método *inveniendi et demonstrandi*” (GATTO, 2017, p. 16). Pois, a síntese teria validade e eficácia apenas para justificar os resultados obtidos indutivamente, ou melhor, analiticamente. Assim, na teoria platônica, a invenção deveria preceder a demonstração, o que, no entendimento de Romano, significaria que a indução antecederia as demonstrações dadas por dedução. Nessa descrição de Romano é possível perceber que o caráter indutivo está associado a descoberta, ao *inveniendi* e a análise, enquanto o caráter dedutivo é relacionado ao processo dedutivo, ao *demonstrandi* e ao sintético.

Romano aponta para a correspondência entre essa teoria platônica, sobre a invenção e a demonstração matemática, com a definição de *resolutus* dada por Pappus¹⁴⁶, em seu livro sétimo da sua *Coleção matemática*, no qual escreve¹⁴⁷:

O assim chamado Tesouro da Análise, meu filho Hemodoro, é, em resumo, um corpo especial de doutrinas preparado para o uso daqueles que, depois de terem examinado os elementos comuns, desejam adquirir a capacidade de resolver problemas teóricos que lhe são propostos; e ele é útil somente para esse propósito. É resultado do trabalho de três homens: Euclides, o

146 Sobre esse texto de Pappus, Battisti (2000, p. 58) atesta que: “como é reconhecido por especialistas, o texto de Pappus (300 d. C.), no início do Livro VII de sua *Collection mathématique*, é a mais completa e a mais informativa das descrições que chegaram até nossos dias. Os gregos deixaram pouquíssimos textos que tratam do assunto. Em razão disso, a discussão mais detalhada da natureza e das características desse método gira em torno da compreensão e interpretação desse texto, ao lado das ilustrações extraídas da prática dos geômetras.”

147 Utilizamos aqui a tradução para língua portuguesa de Cesar Battisti (2000).

autor dos *Elementos*, Apolônio de Perga e Aristeu, o Antigo, e procede pelo método de análise e síntese.

A análise é o caminho que parte daquilo que é procurado – considerado como se fosse admitido – e segue, em ordem, através de seus concomitantes [*akólouthon*, cuja tradução usual é “consequências”], até algo admitido na síntese. Pois, na análise, supomos o que é procurado já tendo sido feito e investigamos aquilo do qual ele resulta, e de novo qual é o antecedente deste último, até que, no nosso caminhar para trás, alcancemos algo que já é conhecido e primeiro na ordem. A um tal procedimento chamamos de análise, por ser uma solução de trás para frente. Na síntese, por outro lado, tomamos como já feito aquilo que na análise foi por último alcançado e, arranjando em sua ordem natural como consequente o que antes era antecedente e conectando-os uns aos outros, chegamos por fim à construção da coisa procurada. E a isso chamamos síntese.

A análise é de duas espécies. Uma procura a verdade, sendo chamada teórica. A outra serve para produzir o que se deseja fazer, e essa é chamada problemática. Na espécie teórica, supomos a coisa procurada como existindo e sendo verdadeira, e então passamos em ordem pelos seus concomitantes [consequências], como se fossem verdadeiros e existentes por hipótese, até algo admitido; então, se aquilo que é admitido é verdadeiro, então a coisa procurada é também verdadeira, e a prova será o reverso da análise. Porém, se chegarmos a algo que é falso admitir, a coisa procurada também será falsa. Na espécie problemática, supomos a coisa desejada como sendo conhecida e então passamos, em ordem, pelos seus concomitantes [consequências], como se fossem verdadeiros, até algo admitido. Se a coisa admitida é possível ou pode ser feita, isto é, se ela for o que os matemáticos chamam de dado, a coisa desejada será também possível. A prova será novamente o reverso da análise. Mas se chegarmos a algo impossível de admitir, o problema também será impossível. (PAPPUS, apud BATTISTI, 2000, p. 58-59. Acréscimos do tradutor).

Romano explica que essa passagem de Pappus não define separadamente análise de síntese, mas define o campo da análise, ou *resolutus*, no qual se procede por *resolução* e *composição*, isto é, análise e síntese conjuntamente. Tal método é diferente daquele método sintético euclidiano e é identificada como *Análise geométrica dos Antigos* (GATTO, 2017, p. 17). Segundo Romano, o processo inventivo-demonstrativo da análise geométrica corresponderia perfeitamente aquelas duas fases da teoria platônica, na qual “a *resolutio*, destinada a encontrar a solução de um problema, ou melhor, a demonstração de uma proposição, corresponde a fase da aquisição da ideia, a *compositio*, destinada a demonstração da precisão do resultado encontrado, corresponde a fase dedutiva da teorização platônica” (GATTO,

p. 18). Assim, esse procedimento de Pappus no campo matemático e seu método analítico¹⁴⁸ parte da coisa que se procura, admitida como verdadeira, a procurar sua causa e, depois, ao encontrar a causa, procede-se o movimento de prova em sentido inverso. Essa concepção de método de análise e síntese dos Antigos geômetras teve forte influência sobre Descartes.

Em outro sentido, a partir da perspectiva etimológica do *De antiquissima*, Vico produziu um entendimento sobre os procedimentos metodológicos de análise e síntese que contrasta com aquele que os cartesianos tiveram sobre tais procedimentos. E para ampliar a compreensão sobre as discussões que Vico travou sobre os métodos de síntese e de análise, procuramos pontuar as definições com as quais ele teria feito interlocução, aquelas de Descartes e dos portorrealistas Arnauld e Nicole.

Segundo Miles (2011, p. 150), Descartes “fazia uma distinção entre o *método sintético de prova*, pelo qual se deduz teoremas de definições evidentes, axiomas e postulados, do *método analítico da descoberta*, pelo qual esses mesmos teoremas [...] foram trazidos à luz por aqueles que originalmente os descobriram”. Os portorrealistas Arnauld e Nicole, influenciados pela teoria cartesiana, definiram método como “arte de bem dispor uma sequência de diversos pensamentos, seja para descobrir a verdade quando a ignoramos, seja para a provar aos outros quando já a conhecemos” (ARNAULD; NICOLE, 2016, p. 502). Tal método, segundo os autores, seria de dois tipos: “um, para descobrir a verdade, a que chamamos *análise*, ou *método de resolução*, ao qual podemos ainda chamar *método de invenção*; outro, para a dar a conhecer aos outros quando já a descobrimos, a que chamamos *síntese* ou *método de composição* e ao qual podemos ainda chamar *método de doutrina*” (p. 502).

148 Battisti (2000, p. 60 ss.) disserta sobre as posições antagônicas das interpretações que surgiram em torno desse texto de Pappus. Ele destaca quatro, a saber: a primeira considerava a análise como dedutiva e ascendente em oposição à síntese; a segunda, como exclusivamente ascendente e não-dedutiva; a terceira, atribuiu a Pappus a descrição de dois métodos distintos; e a quarta, propôs uma interpretação alternativa à “interpretação direcional”, tratando como um método de análise e síntese de interpretação de figuras. Em outros momentos, alguns autores descreveram a análise como movimento de ida do efeito para a causa, por outro lado, a síntese iria da causa para o efeito, atribuindo os termos latinos *resolutio* e *compositio* para descrição das etapas analítica e sintética, assim como Descartes também teria feito (cf. Battisti, 2000, p. 74).

Quanto a Descartes, o texto das *Respostas às Segundas Objeções* é uma citação comum entre seus estudiosos para evidenciar qual seria seu entendimento sobre o método dos geômetras e a maneira de demonstrar da análise e da síntese. Ao responder as suas *Segundas Objeções*, Descartes escreve que “no que concerne ao conselho que me dais, de dispor minhas razões segundo o método dos geômetras, [...], dir-vos-ei aqui de que forma já tentei precedentemente segui-lo, e como procurarei fazê-lo ainda posteriormente” (DESCARTES, 1983, p. 166). Quanto aos “antigos geômetras”, Descartes explica que eles prevaleciam no método sintético em seus textos¹⁴⁹, pois eles “costumavam utilizar-se apenas dessa síntese em seus escritos, não porque ignorassem inteiramente a análise, mas, em meu parecer, porque lhe atribuíam tal posição que a reservaram para eles próprios, como um segredo de importância” (p. 167). Por conseguinte, Descartes acreditava que os antigos geômetras utilizavam da análise para a descoberta, mas em seus escritos apresentaram somente a síntese, omitindo aquela outra.

Diante disso, Descartes diz que “seguí somente a via analítica em minhas *Meditações*, porque me parece ser a mais verdadeira e a mais própria ao ensino” (DESCARTES, 1983, p. 167), indicando sua preferência pela análise na escrita daquela obra, pois justifica que “a análise mostra o verdadeiro caminho pelo qual uma coisa foi metodicamente descoberta” (p. 166), ao passo que a síntese, embora consiga “arrancar o consentimento do leitor, por mais obstinado e opinático que seja” (p. 167), “não ensina o método pelo qual a coisa foi descoberta” (p. 167). Essa interpretação cartesiana coincide em parte com a de Vico, pois ele também considera que a síntese tem maior força de convencimento, ou consentimento, do que a análise, mas contrasta com sua opinião, manifesta desde as orações inaugurais, em que defendia a síntese como mais adequada para o ensino.

Ainda assim, ao final desse texto das *Respostas*, para atender ao pedido de seu interlocutor que lhe aconselha a “dispor minhas razões segundo o método dos geômetras” (DESCARTES, 1983, p. 166), Descartes na sequência procura “imitar a síntese dos geômetras” para escrever o resumo “das principais razões que usei para

149 O uso da síntese pelos antigos geômetras parece ser um ponto pacífico entre os modernos, assim como Vico também fez essa mesma interpretação. Talvez a maior dificuldade esteja em definir qual conceito de análise e de síntese cada autor assume.

demonstrar a existência de Deus e a distinção que há entre o espírito e o corpo humano” (p. 168), em que disserta tais *Razões* “disposta de uma forma geométrica” (p. 169), utilizando-se de definições, postulados, axiomas, proposições e corolários¹⁵⁰, algo que, segundo ele, propositalmente não fez naquela obra sua. Com isso, podemos considerar que, para Descartes, o que ele entende por “método dos geômetras” é aquele cuja maneira de demonstrar é pela síntese ou composição, mas sua preferência, principalmente nas *Meditações*, é pela maneira de demonstrar da análise, pois, segundo a sua opinião, a síntese “não convém, todavia, tão bem às matérias que pertencem à Metafísica” (p. 167).

Nessas *Respostas*, quanto ao modo de escrever, Descartes distingue a ordem da maneira de demonstrar. Assim, “a ordem consiste apenas em que as coisas propostas primeiro devem ser conhecidas sem a ajuda das seguintes, e que as seguintes devem ser dispostas de tal forma que sejam demonstradas só pelas coisas que a precedem” (DESCARTES, 1983, p. 166). E sobre tal ordem utilizada pelos geômetras, Descartes acrescenta que “certamente empenhei-me, tanto quanto pude, em seguir essa ordem em minhas *Meditações*” (p. 166). Isto é, Descartes utilizou da mesma ordem dos geômetras no modo de escrever das suas *Meditações*, entretanto, como vimos, ele preferiu a análise em sua maneira de demonstrar ao invés da síntese, a qual seria a opção comum entre os antigos geômetras¹⁵¹. Descartes ainda escreve que a “maneira de demonstrar é dupla: uma se faz pela análise ou resolução, e a outra pela síntese ou composição” (DESCARTES, 1983, p. 166), diferenciando a ordem da maneira de demonstrar.

Sob esse aspecto, Cottingham (1995, p. 19) afirma que para Descartes “a característica principal do ‘método de análise’ é partir do zero, destruindo as opiniões preconcebidas do passado, para então seguir as reflexões de um meditador individual, que luta por alcançar pontos de partida imediatamente evidentes, visando construir, em seguida, um corpo de conhecimento confiável”. Em seu texto das *Respostas às Segundas Objeções*, Descartes afirma que a análise, além de mostrar o caminho pelo qual uma coisa foi metodicamente descoberta, também “revela como os efeitos

150 “A síntese [...] serve-se de uma longa série de definições, postulados, axiomas, teoremas e problemas” (DESCARTES, 1983, p. 166-167).

151 Segundo Descartes (1983, p. 167), “os antigos geômetras costumavam utilizar-se apenas dessa síntese em seus escritos”.

dependem das causas” (DESCARTES, 1983, p. 166), isto é, um procedimento de descoberta que parte dos efeitos em direção à causa, ou do complexo ao simples, isto é, do particular ao universal. Battisti (2000, p. 161), ao analisar as *Regulae* de Descartes, afirma que “o procedimento de ida do complexo ao simples (a análise ou a etapa resolutivo-regressiva) é um procedimento de descoberta do(s) elemento(s) que possibilita(m) a resolução da questão”. Porém, essa espécie de demonstração não teria a força de convencer os leitores teimosos ou pouco atentos, porque ao se deixar escapar qualquer detalhe, as conclusões não surgem e, além disso, não há o costume de expressar muito amplamente as coisas que são consideradas claras por si mesmas, sendo um texto mais conciso.

Dessa maneira, tanto Descartes quanto os portorrealistas entendem que o procedimento da análise descobre novos saberes, enquanto o da síntese proporciona a prova deles. Por sua vez, Vico tinha uma perspectiva oposta: pois entendia que a síntese promove a descoberta e a análise realiza a sua prova. É curioso observar que, embora os cartesianos defendam que a ciência deve começar por um método voltado à descoberta, considerado o mais apropriado, e critiquem o método de prova por sua esterilidade, Vico também compartilha dessa mesma visão. Ele considera o método de descoberta como o primeiro passo ideal para a ciência, reverberando o desejo dos modernos por novidades no campo do conhecimento. Quanto ao método de prova, associado ao escolasticismo pelos cartesianos e ao estoicismo por Vico, é visto como estéril por nada acrescentar àquilo que já é conhecido, limitando-se a conclusões que não ultrapassariam os conhecimentos adquiridos.

Como visto, devido ao seu apreço pela etimologia, Vico contrasta com os cartesianos a respeito das definições do que é análise e do que é síntese, e, assim, discorda das teorias cartesianas quanto ao procedimento metodológico, fazendo uma defesa da síntese em assuntos como o da física ou das demais ciências que promovam descobertas, ao mesmo tempo em que atribui à análise um segundo momento para a prova das teorias. O que, contudo, possa parecer à primeira vista uma distinção apenas quanto ao uso etimológico dos termos análise e síntese e que, ao final, todos poderiam ter o mesmo desejo por um método capaz de descobrir coisas novas, revela, sobretudo, diferenças muito mais profundas quanto mais se investiga a teoria viquiana.

Deve-se considerar aquilo que Battisti (2000, p. 55, nota 18) ressalta: de que as definições do que seria o método de síntese e de análise não foram uniformes nem mesmo entre os antigos. Nem mesmo Vico tem uma definição de análise e síntese de maneira rígida, mas, assim como sua ideia geral de método, suas definições são adequadas ao objeto como uma “régua de Lesbos”. Sobre as dificuldades para interpretar o conceito de síntese em Vico, Lachtermann escreve: “a ambiguidade da ‘síntese’ na obra de Vico não pode ser ignorada; as vezes ela indica o método axiomático de demonstração, outras o método compositivo ou construtivo pelo qual a entidade geométrica é posta a existir. Todavia, Vico aparentemente a considera como ‘duas faces de uma mesma moeda’” (LACHTERMAN, 1980, p. 16, nota 20).

Battisti (2000, p. 78) explica que, tradicionalmente, a síntese tanto foi entendida como um procedimento que ia do particular em direção a composição do universal, quanto também teria a característica de proceder silogisticamente do universal ao particular. Da mesma maneira, a análise também foi interpretada em um duplo significado, dependendo do contexto em que se estuda, pois a tradição identificava o procedimento de análise partindo do universal em direção ao particular, assumindo uma característica silogística, porém, também foi interpretada como um método de divisão das peculiaridades em direção ao conceito universal.

No capítulo II do *De antiquissima*, sobre os gêneros ou ideias, ao comparar a geometria que se ensina por formas, ou sintética, com aquela outra analítica, Vico indica qual seria seu pressuposto de método sintético e analítico em discussão. Sobre o método sintético, Vico explica que “a geometria, que se ensina pelo método sintético, isto é, pelas formas, é certíssima tanto em sua obra como em seus procedimentos por isto: porque, procedendo do mínimo ao infinito mediante postulados, ela ensina o modo de compor os elementos pelo qual se formam as verdades que demonstra” (VICO, 2002, p. 145). Desse texto podemos entender que as “formas” são aquelas metafísicas, ou dos gêneros ou ideias, que têm sua origem na tradição platônica, enquanto a geometria “que se ensina pelo método sintético” é uma referência àquela euclidiana. Também podemos considerar que proceder do “mínimo ao infinito” é uma ordem que parte do particular em direção ao universal, ou dos efeitos para a causa. E ainda, é possível interpretar que o recurso aos postulados para ensinar o modo de

compor os elementos é semelhante àquele método sintético, como o de Euclides, principalmente.

Quanto à análise, Vico afirma que “a análise, ainda que nos ofereça uma obra própria certa, é incerta, entretanto, em seus procedimentos; porque enfatiza a coisa desde o infinito e desde aí descende ao mínimo” (VICO, 2002, p. 145). A ordem analítica aqui é apresentada como inversa daquela sintética, pois do “infinito” descende ao “mínimo”. Nesse trecho, Vico utiliza-se da expressão latina “*descendit ad minima*” (VICO, 1971, p. 77), que nos faz remeter àquela ordem de descida do conceito universal até o particular, ainda lembrando sua influência platônica e ficiniana, contrastando “forma” (ou “gênero”) de “espécie” (ou “indivíduo” e “simulacro”, isto é, aparência).

Na *Seconda risposta* (VICO, 2006, p. lxvi / p. 270), ao discutir as observações sobre o método feitas por seu crítico, Vico expõe resumidamente qual seria o seu entendimento sobre o método de análise, “tal como os cartesianos parecem usá-la, com o qual, a partir de uma coisa proposta dividem-se os comuns, para chegar ao conhecimento da própria, a fim de conhecer-lhe a propriedade, para depois bem defini-la”. Vico reconhece que tal método teria sido utilizado pelos antigos, como Platão na obra *Sofista*, cujo diálogo teria sido uma contínua análise em que Sócrates dividiu a arte, removendo todas as outras espécies para definir a sofística. Disso, pode-se perceber que Vico atribui diretamente o método analítico a Descartes e aos cartesianos, bem como resgata as suas origens na antiguidade, desde a dialética platônica, destacando o seu caráter de divisão.

Mais adiante, Vico associa a análise à crítica, explicando que “o dividir e o definir são trabalhos da segunda operação de nossa mente; e tais são regulados pela crítica, na qual, porque com essa torna a dividir, prevalecem os homens de engenho acre” (VICO, 2006, p. lxvi / p. 270). Ao passo que a síntese é associada à tópica, pois “compor uma coisa com todas as outras que têm ligação ou conexão (que é a outra espécie de método, que se chama ‘síntese’, que de fato é reencontrar) é obra da simples percepção, que se faz regular pela tópica” (p. lxvi / p. 270-271). Com isso, na *Segunda Resposta*, temos a associação do método de análise à crítica, identificando-lhe como aquele dos cartesianos, ao mesmo tempo que o método sintético é associado à tópica, como aquele utilizado pelos antigos geômetras e pelos retóricos.

Segundo Silva Neto (2010, p. 57), para Vico, “a síntese deve antecipar a análise tal como a criação (ou invenção) dos seres antecede sua corrupção, ou ainda, as partes precisam ser reunidas para poderem ser, depois, divididas”.

Logo, para assuntos como a física, o modelo adequado para Vico é aquele que se inicia pela síntese e se prova pela análise, ou melhor, aquele da tópica e da crítica, algo que tanto Platão e Pitágoras teriam feito entre os antigos, quanto Galileu entre os modernos (VICO, 2002, p. 186). Assim, em consonância com o modelo geométrico euclidiano, Vico acredita que “a física pode progredir” (p. 186), a fim de que se cultive o engenho durante a aprendizagem, para que ao menos desenvolva a fantasia, que é o olho do engenho assim como o juízo seria o do intelecto.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO ATÉ A “NOVA ARTE CRÍTICA”

Ciência nova e a “nova arte crítica”

Esta seção examina o percurso metodológico de Vico, tal como delineado em sua *Vita*, até a formulação da “nova arte crítica” apresentada em sua última obra, a *Ciência nova* de 1744¹⁵². Ao longo desse trajeto, Vico parte de investigações etimológicas das origens da sabedoria e culmina na articulação entre filosofia e filologia, que associa ao “*cogitare videre*” inspirado em Francis Bacon (VICO, 2005a, § 359, p. 190). Ainda que reconheça a influência baconiana, Vico afirma ter optado por aplicar seu método sobre “coisas humanas civis”, algo que Bacon não teria feito (VICO, 2005a, §163, p. 119). Em vista disso, a nova arte crítica configura-se como ciência sobre o mundo das nações, dotada de rigor metodológico e sensível à historicidade, à linguagem e às instituições humanas, oferecendo uma alternativa à racionalidade geométrica da modernidade. Esta seção tem como objetivo reconstruir esse percurso e evidenciar as reflexões conceituais que fundamentam o pensamento da diversidade metodológica de Vico.

Na *Ciência nova*, Vico tem por objetivo uma ciência sobre “as coisas humanas civis” (VICO, 2005a, §163, p. 119), isto é, a linguagem, o direito, as formas de governo, a história etc., e para isso elabora seu método sem perder de vista a diversidade de métodos, que apresentou e citou em seus primeiros textos. Nas obras *De uno* (VICO, 2009, p. 12-15) e *De constantia* (VICO, 2009, p. 226), Vico apresentou indicações sobre o “método de rigor matemático” de seu texto¹⁵³. Já na *Ciência nova* de 1744, a seção *Do método* (VICO, 2005a, p. 179-191) é ampliada em relação àquelas obras anteriores e apresenta o “método que conduz” (VICO, 2005a, § 41, p. 45) sua “NOVA CIÊNCIA” (VICO, 2005a, §31, p. 34).

152 De maneira geral, considera-se que a *Ciência nova* tenha sido primeiramente publicada em 1725. Depois, Vico continuou aperfeiçoando sua obra, realizou consideráveis modificações e publicou novas edições em 1730 e 1744.

153 Não faremos a análise do método nos textos reunidos no *Direito universal* nesse momento de nossa pesquisa. Essa tarefa será realizada em outra atividade posterior a essa tese.

Nesse aspecto, retomamos a afirmação de Donzelli (2005) de que o estilo adotado por Vico nos *Elementos* de sua *Ciência nova* lembra os *Adagia* de Erasmo, os *Pensamentos* de Pascal, as *Máximas* de Rochefoucauld e os *Aforismos* de Bacon, enquanto gênero literário que se utiliza de breves ensaios, de fragmentos filosóficos, de aforismos e de fábulas para apresentar as modificações da *mens* humana (DONZELLI, 2005, §23). Tal pluralidade de estilos de Vico constitui sua filosofia poética e permite aplicar seu método crítico, filológico e filosófico sobre o “problema das origens humanas, das primeiras formas de civilização e do direito, da formação da linguagem humana” (DONZELLI, 2005, § 23).

Aquele método de estudos, das primeiras orações, e o etimológico, de sua *Metafísica* que acreditava poder encontrar na “‘antiga Itália’ uma sabedoria verdadeira e profunda” (GIRARD, 2018, p. 262), evoluem para uma outra compreensão sobre a sabedoria e os primórdios da humanidade. Há uma mudança daquela postura de Vico que atribuiu à eloquência uma função associada à moral do sábio das primeiras orações, como de Orfeu e de Anfião, para a *Ciência nova* que, de outra maneira, passou a investigar na linguagem o lastro de um “estado bestial, grosseiro” dos primórdios da humanidade, conforme aponta Girard (2018, p. 262). Guido (2002, p. 2) mostra a importância que a linguagem assume no trabalho de Vico neste último texto, pois “somente a linguagem pode escavar a memória coletiva até atingir os primeiros sedimentos dos tempos primitivos” e que para a investigação dos tempos obscuros da origem da humanidade “a língua é o maior patrimônio do passado”.

Para tornar possível uma ciência sobre a humanidade, Vico busca compreender qual seria a natureza comum das diferentes nações em seu desenvolvimento. Assim, a partir dos depoimentos dos viajantes¹⁵⁴ de nações como “Brasil, Cafrá e outras nações” (VICO, 2005a, §334, p. 173) que chegaram até Vico, causou-lhe a impressão de que a humanidade em diferentes nações teve o desenvolvimento de sua linguagem de maneira semelhante entre si, criou símbolos, brasões, ícones, hieróglifos, estabeleceu suas divindades dando origem às religiões, instituiu o matrimônio, fez rituais de sepultamentos de seus mortos. Tudo isso lhe

154 Segundo Guido (2002, p. 12), “[...] Vico deu importância para o relato dos viajantes. De fato, e não foi o mero assentimento. Vico percebeu que os povos americanos se encontravam em um estágio cultural similar à barbárie das tribos indo-europeias, que estavam registradas nas diversas narrativas míticas da cultura ocidental”.

pareceu fazer parte de uma natureza humana comum, a qual é anterior aos discursos e às palavras, mas que conjuga e configura sua história, língua e sociedade ao longo do tempo, organizados por uma “Providência”, a qual ao mesmo tempo lhes preserva a liberdade. Com isso, é importante destacar a percepção de Guido (2002, p. 12) de que “a maneira realista com a qual Vico definiu o curso da história das coisas humanas fez dele um dos poucos filósofos cujo pensamento não foi a expressão do etnocentrismo e do eurocentrismo”.

Daí sua teoria das três idades, dos deuses, dos heróis e dos homens, só pode fazer sentido se estiver intimamente conectada com o desenvolvimento das três espécies de línguas, das quais: a primeira é muda, cuja comunicação se dava por sinais ou objetos, ou uma língua hieroglífica; a segunda de emblemas heroicos, feita por semelhanças, comparações, imagens, metáforas, ou língua simbólica; e, finalmente, a terceira, que é uma língua de palavras convencionadas ou vulgar, “própria das repúblicas populares e dos Estados monárquicos”, ou língua epistolar (VICO, 2005a, § 31-32, p. 34-36). Evidenciando, como explica Santos (2021) que, na *Ciência nova*, “a cada fase histórica corresponde uma determinada linguagem, que por sua vez revela um tipo de mentalidade, isto é, um processo de cognição específico” (SANTOS, 2021, p. 143), que não se desprende de seus aspectos sociais e político. Pois, por meio das etimologias das línguas nativas, Vico acredita que pode ser revelado a evolução da organização social, que primeiro viviam em florestas, depois campos cultivados, depois pequenas casas e vilas, depois cidades, finalmente as academias e os filósofos (VICO, 2005a, §22, p. 24). Além disso, as três épocas, que possuem três formas de natureza e de governo, seguem uma ordem associada às três espécies de línguas (§32, p. 35), na qual a primeira é organizada pelas famílias, a segunda pelos governos civis e, finalmente, a forma de governo popular e monárquica na terceira (VICO, 1998, p. 152-153).

Em sua *Ciência nova*, de 1744, Vico inicia a obra por meio de um recurso visual ao expor a *Pintura no Frontispício*¹⁵⁵, enquanto síntese em forma de imagem

155 García e Bisbal (1998, p. 64 e 65) apresentam as dificuldades que Vico teve com a edição da *Ciência nova* de 1730 e a solução que a *Pintura* ofereceu. Segundo eles, Vico teria tido problemas com o impressor veneziano, retomando seu manuscrito e anotações. Tendo que arcar novamente com os custos de impressão, reduziu suas anotações pela metade. Enquanto imprimia essa edição, dessa vez em Nápoles, com Felice Mosca,

semelhante a linguagem muda e hieroglífica das primeiras nações para, em seguida, expor sua *Explicação da Pintura preposta no frontispício*, em que mais uma vez sintetiza a *Ideia da Obra* a partir da explicação daquela imagem. Aquele entendimento que Vico teve sobre a faculdade da visão no *De antiquissima* é materializado como recurso visual nessa obra. Sobre a função da imagem na obra de Vico, Santos (2021, p. 148) explica que “a importância da imaginação e das imagens em Vico vai ao encontro da sua concepção de linguagem. Essa, no fundo, pode ser reduzida a um sistema de imagens e espelhos, que nasce da própria concepção de ideias. A ideia de uma coisa não é senão uma imagem que a representa por meio de semelhanças”.

Após a *Pintura* e sua explicação, Vico inicia seu *Livro Primeiro*, dedicado ao *Estabelecimento dos princípios* de sua ciência. Nesse livro, ele recorre a um segundo recurso visual: uma tabela, intitulada *Tábua cronológica*. Esses dois elementos iniciais, a *Pintura* e a *Tábua*, são importantes recursos visuais que Vico utiliza em sua obra principal. Santos, por sua vez, chama a atenção para muitos outros recursos de natureza imagética que Vico empregou em sua última *Ciência nova*, afirmando que

Vico recorre a diversos artifícios tipicamente barrocos (imagens, ícones, tipos, tabelas, índices e as mais diversas figuras de linguagem) com um propósito programático e conscientemente retórico, destinado a revocar na mente do leitor, por uma relação de metalinguagem com esse formato imagético, o *modus operandi* primitivo e originário da cognição humana, que conhece por imagens e relações de semelhança (SANTOS, 2021, p. 154).

Ademais, tanto a *Pintura* quanto a *Tábua cronológica* e suas explicações têm a intenção de ser uma síntese de sua nova ciência. Após as *Anotações à Tábua cronológica* que a explicam, “para dar forma [...] às matérias [...] anteriormente dispostas na Tábua cronológica” (VICO, 2005a, §119, p. 105), Vico apresenta seus Axiomas ou Dignidades na seção *Dos elementos*, em um estilo aforismático conforme comentado acima. Na terceira seção desse livro, ele estabelece os *Princípios* de sua ciência. E então, somente no final do *Livro Primeiro*, na quarta seção, dedica-se à

decidiu retirar a “*novella letteraria*”, que iniciava a obra e narrava as dificuldades com a redação veneziana, e a substituiu com a “*Dipintura*” e sua “*Spiegazione*”. Na edição de 1744, Vico manteve a *Pintura* e a *Explicação*.

exposição *Do Método* que empregou, finalizando esse livro que organiza a ciência desenvolvida ao longo da obra.

Deve-se considerar que, desde o *De ratione* e o *De antiquissima*, Vico tece críticas ao método geométrico analítico cartesiano ao ser aplicado em assuntos da física. Na investigação dos assuntos relativos à física, Vico considera que o procedimento metodológico adequado seria o sintético, de modelo euclidiano, isto é, que estabelece postulados, axiomas, corolários e demonstração, o qual deveria ser seguido por uma criteriosa comprovação analítica, isto é, crítica. Na *Ciência nova*, Vico apresenta uma relação entre física e filosofia desde os primeiros filósofos, pois, na anotação XXXIII de sua *Tábua cronológica*, ele afirma que “Tales de Mileto dá início à filosofia com a física” (VICO, 2005a, §92, p. 83)¹⁵⁶, além daquelas relações entre metafísica e física de Aristóteles, Platão, estoicos, epicuristas, Descartes etc. que descreveu em sua *Vita* (VICO, 1998, p. 94-99).

Transportada para o tema das “coisas humanas civis” da *Ciência nova*, a síntese de Vico, tal como apresentada no *De ratione* e *De antiquissima*, seria guiada pelo método semelhante àquele dos retóricos. Método no qual a tópica, como a dos retóricos, auxilia a avaliar todos os pontos em discussão, para que, no segundo momento, a crítica, ou análise, faça o exame de tudo o que fora investigado. Naquelas primeiras obras, Vico avalia um método de síntese e análise, de tópica e crítica para assuntos da física, porém demarcando sua dificuldade em ser considerada “ciência”. De outra maneira, a *Ciência nova* “que procede precisamente como a geometria” teria tanto “mais realidade” sobre “os assuntos dos homens” do que a própria geometria (VICO, 2005a, §349, p. 187; PEREIRA FILHO, 2010, p. 197-198). Ao escrever o *De antiquissima*, Vico tinha a meta de publicar três livros: o metafísico, o físico e o moral, publicando apenas o primeiro, deixando de lado o projeto de investigação físico e moral com seu método naquela perspectiva.

Porém, mesmo que não tenha publicado seus estudos sobre os temas da física e da moral como pretendia no *De antiquissima*, ele passou a se interessar pelo mundo das nações e do direito ao redigir o seu conjunto de três obras reunidas como *O direito*

156 E ele segue comentando sobre Tales que “E começou por um princípio demasiado insípido – o da água – talvez porque tinha observado que, com a água as abóboras crescem” (VICO, 2005a, p. 83).

*universal*¹⁵⁷. Na *Vita*, ao reproduzir o elogio de Jean Leclerc¹⁵⁸ sobre o *De uno*¹⁵⁹, Vico explica que sua obra “é urdida ‘segundo um método matemático’, que ‘de poucos princípios extrai uma infinidade de consequências’” (VICO, 2017, p. 143), tendo afirmado algumas páginas antes que “Vico estimou então ser útil saber como procedem os geômetras” cuja maneira de raciocinar “usou-a com rigor na obra *De universi iuris uno principio*, que o senhor Jean Leclerc julgou ‘ser composta com um estrito método matemático’” (VICO, 2017, p. 81). Logo, o método que Vico escolhe naquelas obras tem relação com o modelo sintético matemático, como ele mesmo refere orgulhosamente o elogio de Leclerc em sua *Vita*. Contudo, o que inspira Vico nesse modelo metodológico matemático é o modelo sintético euclidiano, que usa postulados, axiomas e corolários.

Ao final de sua vida, em 1744, é publicado *Princípios da ciência nova sobre a natureza comum das nações*¹⁶⁰, o qual para “descobrir o modo desse primeiro pensamento [da humanidade] nascido no mundo da gentilidade encontramos as ásperas dificuldades que nos custaram bem vinte anos de pesquisa” (VICO, 2005a, p. 180). Isto é, essa última obra de Vico é considerada por ele como fruto de cerca de vinte anos de sua pesquisa e, também podemos assim considerar, de seu aperfeiçoamento metodológico. Para examinarmos o método na *Ciência nova* de 1744, antes examinaremos, por meio de algumas abordagens, o percurso que Vico apresentou sobre o desenvolvimento de seus métodos na *Vita*.

157 Em 1720, publica a obra que hoje é conhecida como *Sinopse do Direito universal*. Em 1721, publica *De constantia iurisprudentis*. Finalmente, em 1722, publica *De uno universi iuris principio*, completando as três obras reunidas como *Direito universal* de Vico.

158 Jean Leclerc (1657-1736) que dirigiu a publicação da *Bibliothèque ancienne et moderne*, cf. tradução de Ana Cláudia Santos in VICO, 2017, p. 82.

159 *De uno universi iuris principio et fine uno*, primeiro tomo do *Direito universal*.

160 Segundo Garcia e Bisbal (1998, p. 66), no segundo semestre de 1743, começou a ser impressa a terceira edição da *Ciência nova*, a qual Vico teria corrigido as provas de impressão da metade do livro até dezembro. Durante a noite de 22 a 23 de janeiro de 1744, Vico faleceu. Ao final de julho, a nova e definitiva edição da *Ciência nova* foi publicada.

Abordagens dos métodos na *Vita* no percurso até a *Ciência nova*

A *Vita* de Vico, de 1728, com adição (*Aggiunta* ou *Aditamento feito por Vico à sua autobiografia*) em 1731, é uma obra que apresenta um panorama de sua produção intelectual e detalha sua perspectiva sobre os trabalhos que realizou. Nela, encontramos as interpretações mais amadurecidas que Vico elaborou sobre os métodos ao longo de suas obras, culminando em sua exposição da primeira publicação da *Ciência nova*, de 1725. Nesta seção, examinamos quatro abordagens metodológicas de Vico em sua *Vita*, as quais revelam a progressiva constituição de sua nova arte crítica. A análise dessas abordagens permite compreender o percurso metodológico que antecede e fundamenta a *Ciência nova*, bem como as correções que Vico promoveu em sua autocrítica.

Deve-se ressaltar que nesse período ele redigia, ao mesmo tempo, os melhoramentos de uma nova edição da *Ciência nova*, publicada em 1730. Na *Vita*, Vico reflete sobre os métodos desde o período de sua formação, mas eles os apresenta já de uma maneira mais bem desenvolvida e elaborada, como só teria alcançado na redação da *Ciência nova*. Além disso, ele parece manter-se coerente com aquela posição que assumiu na *Seconda risposta*. Nela, ele afirmava que “o método varia e se multiplica segundo a diversidade e multiplicação dos temas propostos. Reina nas causas o método oratório, nas fábulas o poético, na história o histórico, na geometria o geométrico, na dialética o dialético, que é arte de ordenar um argumento” (VICO, 2006, p. lxvii / p. 271). Isto é, para Vico, os métodos variam conforme a variedade dos temas.

Vico escreve a *Vita* de maneira que tenta nos conduzir pelo mesmo percurso metodológico que fez ao longo de sua trajetória intelectual. Desse percurso, exposto na *Vita*, escolhemos as seguintes abordagens dos métodos para examinar: primeiramente, Vico faz referência aos métodos de ensino da jurisprudência, o geométrico e o de leitura de poesias no período de Vatolla, indicando sua inspiração para o “método de rigor matemático” do *Direito universal* (VICO, 2017, p. 69-72); na segunda, Vico comenta sobre a articulação entre física, metafísica e método em seus estudos de Aristóteles e Platão, evidenciando o uso das provas matemáticas, bem como faz referências ao método de estudos e ao “método algébrico” em sua *Digressão*

um tanto longa (p. 72-80); a terceira abordagem sintetiza seu “segredo do método geométrico”, cuja maneira de raciocinar Vico “usou com rigor” para elaboração do *Direito universal* (p. 81); por fim, examinamos o percurso metodológico que Vico descreveu desde o *De antiquissima* até sua nova arte crítica, que utilizou para compor a *Ciência nova* de 1725 (p. 117-148), bem como as mudanças que fez para a *Ciência nova segunda*, indicadas no *Aditamento* (p. 187-188).

Primeiramente, a respeito de um método de ensino, Vico relata que, em 1686, depois de se encontrar em uma livraria com o monsenhor Geronimo Rocca¹⁶¹, “com quem teve uma conversa sobre o *método* correto de ensinar jurisprudência” (VICO, 2017, p. 69. Grifo nosso), teria deixado o monsenhor tão satisfeito “que o incitou a aceitar que fosse ensiná-la aos seus sobrinhos num castelo do Cilento” (p. 69). Vico aceitou ser preletor de seus sobrinhos, filhos de Domenico Rocca, no castelo de Vatolla, em Cilento. Ele permaneceu ali dos 18 aos 27 anos de idade, até 1695. Segundo narra na *Vita*, nesse período de nove anos teria se dedicado a aprofundar o aprendizado das leis e do direito canônico¹⁶², aos estudos de Platão e do platonismo, aos clássicos latinos Cícero, Virgílio e Horácio, além dos italianos Dante, Petrarca e Boccaccio (VICO, 1998, p. 91-93). Regressando em seu texto àquela época, Vico nos faz pensar que já teria um esboço de método de estudos, o qual, quando apresentado ao monsenhor Geronimo Rocca, ajudou-lhe a conquistar seu trabalho de preletor e lhe permitiu satisfazer aquele “desejo ardente de ócio para prosseguir os estudos” (VICO, 2017, p. 69), bem como recuperar a saúde da tísica “com o bom ar da região” (p. 70).

Quanto ao seu estudo dos dogmas nesse período em Vatolla, Vico afirma que “encontrou-se no justo meio da doutrina católica de graça” (VICO, 2017, p. 70) ao ler

161 Geronimo Rocca (1623-1691), monsenhor, advogado, eleito bispo de Ísquia em 1672, cf. nota 36 de Ana Cláudia Santos (in VICO, 2017, p. 69).

162 Em 1689, teria se matriculado na universidade e provavelmente concluído seus estudos entre 1693 e 1694. Não há consenso entre seus estudiosos. Badaloni (2008, p. 122) escreve que talvez tenha se formado entre 1693 ou 1694 talvez em Salerno, não em Nápoles. García e Bisbal (1998, p. 58) indicam que a matrícula teria sido na Faculdade de Direito de Nápoles, tendo se licenciado em direito civil e canônico em 1694. Pinton (1997, p. 122) argumenta que Vico teria completado seus estudos em Salerno.

o texto de Richardus¹⁶³, teólogo da Sorbone, que teria demonstrado por meio de um “método geométrico” que a teoria de Santo Agostinho sobre a graça estaria em meio a dois extremos, entre a teoria calvinista e à pelagiana. Esse “método geométrico” de Richardus “acabou por lhe ser eficaz para meditar depois num princípio de direito natural das gentes que lhe permitisse explicar as origens do direito romano, e de qualquer outro direito civil gentílico, no que diz respeito à história, e que fosse conforme à sã doutrina da graça no que diz respeito à filosofia moral” (VICO, 2017, p. 70-71). Vico, ao revisitar suas memórias dos anos de ensino e formação em Vatolla, aponta para a influência do texto sobre o livre arbítrio de Richardus (Etienne Deschamps) na sua composição do “método geométrico” que desenvolverá nas obras do *Direito universal*. Em sua *Vita*, Vico quer nos mostrar que a sua ideia juvenil de método de estudos assegurou-lhe o trabalho em Vatolla, ao mesmo tempo que essa oportunidade, além de lhe proporcionar ócio para o estudo e a recuperação da saúde, também lhe permitiu elaborar um método geométrico, inspirado em Richardus, para compor suas obras.

Além disso, nesse período, Vico atribui ao estudo de Lorenzo Valla o cultivo da língua latina, iniciado com as obras de Cícero. Segundo Silva Neto (2018, p. 318), “Vico era poeta, escrevendo uma série de versos em latim e italiano; além disso, nutria um grande interesse filosófico pela poética, frequentemente abordada em suas obras e com um tom peculiar”. Esse apreço pela língua e pela poesia o levou a resgatar os seus estudos a partir desse período de formação. Sobre o estudo da poesia, Vico se refere a uma “crítica ou apologia”, de um cônego de sobrenome Massa, que discutia “metros poéticos maravilhosos, observados especialmente em Virgílio” (VICO, 2017, p. 71). Esse contato com a língua e a poesia o tomou “por uma tal admiração que lhe deu vontade de estudar os poetas latinos”, cultivando a língua toscana na prosa de Bocaccio, no verso em Dante e Petrarca; estudando por dias inteiros Cícero, Virgílio ou Horácio, confrontando-os entre si. Consequentemente, essa atividade resultou também na composição de um método de leitura, no qual percebeu que

a língua latina superava a italiana, lendo os seus escritores mais cultos três vezes, de acordo com esta ordem: a primeira vez,

163 Etienne Deschamps (1613-1701), pseudônimo Antonius Richardus, teria publicado *Disputatio theologica de libero arbitrio* (1645) (cf. nota 38 de Ana Cláudia Santos in VICO, 2017, p.70).

para compreender a unidade da composição; a segunda, para observar as ligações ou desenvolvimento das coisas; a terceira, para recolher as belas formas do conceber e do expressar-se, que anotava nos próprios livros em vez de as compilar em cadernos de lugares-comuns ou de frases (VICO, 2017, p. 72).

A segunda abordagem sobre os métodos apresentada na *Vita* que destacamos é a maneira como Vico articula física, metafísica e método em seus estudos de Aristóteles e de Platão com o uso das provas matemáticas. Sob influência da *Arte Poética* de Horácio, que recomendava a leitura dos filósofos morais para uma bagagem mais abundante da poesia, Vico se dedica “seriamente ao estudo da moral dos gregos antigos, começando pela de Aristóteles” (VICO, 2017, p. 72), a partir do que foi “aprendido em Suárez” (p. 73). Nesse estudo em Vatolla, Vico apresenta uma postura metodológica bem desenvolvida, que procede de verdades eternas e metafísicas, e que se demonstra matematicamente, porém antecipa aqui ideias que só seriam desenvolvidas muito posteriormente. Para justificar o seu descontentamento com os estudos de Aristóteles¹⁶⁴, Vico afirma que:

a ciência do justo que ensinam os filósofos morais, essa, procede de poucas verdades eternas, ditadas em metafísica por uma justiça ideal que, no trabalho das cidades, ocupa o lugar de arquiteta e ordena às duas justiças particulares, a comutativa e a distributiva, como a dois artesãos divinos, que meçam as utilidades com duas medidas eternas, a aritmética e a geometria, que são as duas proporções demonstradas em matemática (VICO, 2017, p. 72).

Disso, Vico percebeu que “não se aprendia sequer metade da disciplina legal com o método de estudar comum que se utilizava” (VICO, 2017, p. 72), tendo que voltar-se novamente para a metafísica. Notando que Aristóteles não poderia mais lhe auxiliar nessa tarefa, Vico dá início aos seus estudos de Platão, “guiado pela fama que tinha de ser o príncipe dos filósofos” (p. 72). Assim, Vico justifica que a metafísica de Aristóteles não lhe auxiliaria nos estudos de moral porque ela conduziria “a um princípio físico, que é a matéria, da qual se extraem as formas particulares, e assim faz de Deus um oleiro que trabalha as coisas fora de si mesmo” (p. 72-73). Ao passo que Platão conduziria “a um princípio físico, que é a ideia eterna, que de si extrai e

164 Como nota Ana Cláudia Santos (VICO, 2017, p. 73), ele retomará essa relação aristotélica entre justiça comutativa e distributiva com a aritmética e a geometria na *Ciência nova* de 1744 (VICO, 2005a, §1042, p. 782-783).

cria a própria matéria, como um espírito seminal que forma ele mesmo o seu próprio ovo” (p. 73).

Nesse aspecto, a metafísica platônica fundava sua moral sobre uma “virtude ou justiça ideal”, arquiteta, meditando sobre uma república ideal, com leis e direito também ideal. Insatisfeito com Aristóteles e substituindo-lhe por Platão, Vico indica que sob sua influência começou a despertar em si “o pensamento de meditar num direito ideal eterno que se cumprisse numa cidade universal na ideia ou no desenho da providência, ideia sobre a qual são depois fundadas todas as repúblicas de todos os tempos e de todas as nações” (VICO, 2017, p. 73), o que Platão não teria meditado por ignorar a “queda do primeiro homem”, Adão. Isto é, na *Ciência nova*, a queda de Adão, ou o andar ferino das primeiras civilizações, seria uma condição para meditar sobre tal direito ideal eterno para além do que Platão teria feito, ao mesmo tempo em que ele lhe inspira em sua nova ciência. Essa formação moral e metafísica o levou a afastar-se da moral estoica e epicurista, por serem “moral de solitários”, e a desinteressar-se pela física de Aristóteles, de Epicuro e de Descartes, aproximando-se da física de Timeu, por pretender que “o mundo seja feito de números”.

Para entender melhor as provas matemáticas que tanto Aristóteles quanto Platão frequentemente usavam, nessa época Vico procurou dedicar-se à geometria de Euclides sem conseguir avançar além da “quinta proposição” (VICO, 2017, p. 76). Das particularidades matemáticas de Euclides, Vico preferiu “entender aquelas verdades minuciosas todas juntas, como num gênero metafísico” e “desistiu de o levar adiante, pois agrilhoava e constrangia a sua mente já acostumada pelo longo estudo da metafísica a estender-se pelo infinito dos gêneros” (p. 76). Dessa maneira, Vico interpreta aquele método geométrico euclidiano com a “observação de laços que aproximassem entre si, em alguma relação comum, coisas muito longínquas; laços, esses, que são os belos nastos da eloquência que tornam deleitáveis as agudezas” (p. 77). Portanto, Vico toma em consideração da geometria euclidiana não um método estritamente matemático, mas algo que procederia como a matemática. Essa referência que fez a observação de “laços” que aproximam “coisas muito longínquas” entre si se utiliza daquele recurso semelhante à técnica retórica da tópica, “que é a arte de descobrir em cada coisa tudo quando nela está” (p. 79). Isso o aproxima do

método proposto por Francis Bacon, cuja teoria será citada somente mais adiante no texto, pois ele apresenta uma ordem cronológica de seus estudos.

Ainda nessa abordagem do método, destaca-se a *Digressão um tanto longa* de Vico (VICO, 2017, p. 77-81), que Fausto Nicolini considerou ser provavelmente um trecho de um discurso de 1713¹⁶⁵ que se perdeu. Essa passagem contribui para explicar um método de estudos que recomenda iniciar a educação das crianças por uma geometria por formas, assim como o próprio Aristóteles “tivesse abstraído a arte silogística do método usado pela geometria”. Ao mesmo tempo, identifica “duas práticas perniciosíssimas no método de estudar”. A primeira, é “pôr crianças que mal saíram da escola de gramática a estudar filosofia começando pela lógica dita ‘de Arnauld’” (p. 77) e, com tais lógicas, conduzir “os jovens antes do tempo para a crítica” (p. 79), o que tornaria suas mentes afastadas do senso comum vulgar, tornando-os áridos e secos na forma de se expressar. A segunda prática “consiste em dar aos jovens os elementos da ciência das grandezas através do método algébrico” (p. 79), o que lhes cegaria a fantasia, extenuaria a memória, tornaria o engenho preguiçoso e abrandaria o entendimento, sendo menos aptos na prática da vida civil. Em contraponto, Vico defende o estudo das línguas que fortalece a memória, a leitura da poesia, dos historiadores e dos oradores, que desenvolve a fantasia, e a dedicação a geometria linear, que contribui para o engenho, a memória e a fantasia. Se os jovens “se dedicassem à tópica”, que “é a arte de descobrir em cada coisa tudo quando nela está”, “viriam a formar-se filósofos e eloquentes” (p. 79).

No final da “digressão”, Vico caracteriza o “método algébrico”, cuja álgebra “deveria ser aprendida durante pouco tempo no final do curso de Matemática” (VICO, 2017, p. 80). No *De ratione*, devido ao caráter intuitivo e dedutivo que atribuiu ao método analítico cartesiano, Vico o relacionou a “adivinhação”¹⁶⁶. Na *Vita*, ao afirmar

165 Conforme nota Ana Cláudia Santos em sua tradução (VICO, 2017, nota 49, p. 77).

166 No início da seção V do *De ratione*, Francisco N. Gómez identifica que a citação que Vico fez sobre a adivinhação de Édipo foi inspirada em um texto de Terêncio (VICO, 2002, nota 69, p. 88), que dizia “Davos sou, não Édipo”. Nessa seção, Vico afirma que “a análise, na verdade, assim como devemos confessar o feito daquilo que tange aos enigmas da geometria, ante os quais os mais doutos dentre os antigos eram um Davos, os nossos, pela facilidade de seu método, se transformaram em um Édipo [adivinhos]” (VICO, 2002, p. 88. Acréscimo nosso). Mais adiante, Vico compara a análise com a pitonisa de Apolo, que correndo delirante em seu antro tenta fazer as suas adivinhações, enquanto a análise,

que quando “o nosso entendimento humano tivesse de suportar esforços desesperados com o método sintético, recorreríamos então ao oráculo do método analítico” (p. 80), retoma a analogia do *De ratione* entre o método analítico e a pitonisa de Apolo. Na *Vita*, Vico aproxima o “método algébrico” daquela descrição do método geométrico cartesiano da *Seconda Risposta*¹⁶⁷, explicando que

no que concerne ao bom raciocínio com esta espécie de método, é melhor habituar-se a ele com a análise metafísica e, em cada questão, procurar o verdadeiro no infinito do ente; depois, ir gradualmente pelos gêneros da substância removendo aquilo que a coisa não é para todas as espécies dos gêneros, até chegar à diferença última que constitua a essência da coisa que se deseja conhecer (VICO, 2017, p. 80-81).

A terceira abordagem que percebemos dos métodos na *Vita*, mostra a sequência desse raciocínio de Vico em que ele sintetiza a descoberta do “segredo do método geométrico” usado “com rigor na obra *De uno*”. Ele apresenta esse segredo do método em quatro etapas, lembrando a estrutura daquele resumo em quatro máximas que Descartes (2000, p. 49-50) expôs no *Discurso do método*, mas diferindo radicalmente quanto ao seu sentido e conteúdo. Segundo Vico, o segredo desvendado do método geométrico consistia

[...] em primeiro lugar, definir os termos com os quais se tenha de raciocinar; depois, estabelecer algumas máximas comuns nas quais convenha aquele com quem se raciocina; finalmente, se necessário, pedir com discernimento uma coisa que por natureza possa ser concedida, a fim de poder dar saída aos raciocínios que, sem uma qualquer proposição, não se conseguiriam resolver; e, com estes princípios, proceder passo a passo das verdades mais simples já demonstradas para as mais compostas, e não afirmar as verdades compostas sem que antes se examinem separadamente as partes que as compõem [...] (VICO, 2017, p. 81).

Nas obras *De ratione* e *De antiquissima*, assim como nas *Risposti*, Vico opta por um método distinto do cartesiano para os assuntos que tematiza, designando uma

de maneira semelhante, conduziria seus raciocínios para adivinhar as equações que procura (p. 89).

167 Na *Seconda Risposta*, Vico replica seu crítico e resume o que entende por análise cartesiana escrevendo: “[...] ou vós entendestes por ‘método’ a análise, como parecem usá-la os cartesianos, com a qual, a partir de uma coisa proposta, dividem as comuns, para chegar ao conhecimento das próprias, a fim de conhecer suas propriedades, para depois bem defini-la” (VICO, 2016, p. lxvi / p. 270).

ordem diferente para os procedimentos de síntese e de análise. Vico caracteriza o método cartesiano como predominantemente analítico, enquanto prefere um modelo que parte da síntese em direção à análise. Essa apresentação sintética que Vico fez do “segredo do método geométrico”, na *Vita*, evidencia as opções metodológicas que escolheu.

Em primeiro lugar, a definição de “termos com os quais se tenha de raciocinar” não se ampara pelo critério de clareza e distinção, mas pela escolha dos lugares comuns que se faz pelo método tópico retórico¹⁶⁸, relacionada à *inventio*. A segunda etapa desse método não divide, reparte ou analisa as dificuldades, mas sintetiza “as máximas comuns nas quais se convenha com quem se raciocina”, isto é, estabelece os postulados, dignidades e axiomas que permitirão o desenvolvimento do raciocínio. Terceiro, Vico propõe “dar saída aos raciocínios” que não seriam resolvidos “sem uma qualquer proposição”, isto é, admitir uma proposição no discurso para prosseguir o raciocínio. Por fim, Vico indica que se deva “proceder passo a passo das verdades mais simples já demonstradas”, das máximas universais, “para as mais compostas”, particularidades que as comprovem, não afirmando as verdades compostas “sem que antes se examinem separadamente as partes que as compõem”. Nesse sentido, Vico aponta para o último estágio do método como o momento dos juízos críticos e analíticos, ou momento de prova, no qual examina as verdades compostas que o processo resultou.

Vico emprega a expressão “método geométrico” com sentidos diferentes e amplos em seus textos. No *De ratione*, a reflexão que Vico produziu na seção IV, sobre *Os inconvenientes do método geométrico importado à física*, é comumente associada ao método geométrico cartesiano. No *De antiquissima*, Vico concluiu a seção *Sobre a faculdade certa do saber* afirmando que “concluamos, finalmente, que não deve ser importado o método geométrico à física, senão a própria demonstração. [...] E por isso desejava que aprendesse não pela via analítica, senão pela sintética” (VICO, 2002, p. 186), mostrando que tal metodologia poderia tanto proceder pela síntese quanto pela análise. Na *Seconda risposta*, de 1712, em alguns momentos ele utiliza essa

168 Em sua *Institutiones oratoriae*, Vico (2005b, p. 123) apresenta a divisão clássica da arte retórica em cinco elementos: *inventio*, *dispositio*, *eloquutio*, *memoria* e *pronunciatio*. A arte dos tópicos (p. 125) e a da seleção dos lugares ou arte crítica (p. 150) comporiam a *inventio*, “que encontra argumentos idôneos para persuadir” (p. 123).

expressão para designar diretamente o método geométrico analítico cartesiano¹⁶⁹. Entretanto, na *Vita*, de 1728, Vico parece mais à vontade para conferir-lhe um sentido amplo, expandindo-o para abranger o “método matemático” ou a maneira de proceder dos matemáticos, enquanto o “método algébrico” seria mais semelhante com o cartesiano (VICO, 2017, p. 80). No início da exposição do “segredo” ele cita que se trata de um “método geométrico” (VICO, 2017, p. 81). Poucas linhas adiante, ao se referir ao juízo que Jean Leclerc fez de seu *De uno*, ele generaliza e transcreve o elogio de que a obra estaria “composta com um estrito método matemático” (p. 81-82). Parece evidente que o “segredo do método geométrico” sintetizado na *Vita* difere daquele cartesiano, que Vico caracterizou no *De ratione*, *De antiquissima* e na *Seconda Risposta*.

Na introdução da seção *Sobre a faculdade certa do saber* do *De antiquissima*, Vico afirma que os antigos em sua dialética não deixaram preceito algum sobre o método, “pois aos meninos bastava-lhes e sobrava em aprendê-lo na própria prática enquanto aplicavam-no à geometria” (VICO, 2002, p. 182). Em outros termos, os antigos não teriam feito preceitos sobre o método, pois era uma prática implícita da própria geometria, situação na qual Vico relaciona método e geometria no *De antiquissima*. Porém, o ensino da geometria tanto poderia ser por formas quanto por espécies. No *De antiquissima*, Vico prefere “a geometria, que se ensina pelo método sintético, isto é, pelas formas, é certíssima tanto em sua obra como em seus procedimentos por isto: porque, procedendo do mínimo ao infinito mediante postulados, ela ensina o modo de compor os elementos pelo qual se formam as verdades que demonstra” (VICO, 2002, p. 145), ao passo que a análise procederia em sentido inverso. Ademais, tanto no *De ratione*¹⁷⁰ quanto na *Vita*¹⁷¹, Vico reforça a

169 Ao responder ao seu crítico, Vico teria afirmado na *Seconda Risposta* que “esse, que vós com os cartesianos dizeis genericamente ‘método’, é em espécie método geométrico”. (VICO, 2006, p. lxvii / p. 271).

170 No *De antiquissima*, Vico retoma a afirmação do *De ratione* dizendo que “por isso mesmo desejava que não a ensinasse por números nem por espécies, mas pelas formas, de maneira que, se não se cultivasse o engenho durante a aprendizagem, ao menos ganhasse firmeza a fantasia, que é o olho do engenho assim como o juízo é do intelecto”. (VICO, 2002, p. 187)

171 Na *digressão um tanto longa* da *Vita*, Vico afirma que “por isso, estimaram os antigos com razão que a geometria era um estudo ao qual se deviam dedicar as crianças, e julgaram-na uma lógica apropriada para aquela tenra idade” (VICO, 2017, p. 77). Além de recomendar as crianças aos estudos da arte, das línguas, dos poetas, historiadores e

defesa de que o ensino da geometria para os adolescentes seja pelas formas, não devendo iniciar pela álgebra, espécies ou números, como era comum entre os cartesianos. Com isso, ao se referir ao método geométrico nos textos de Vico também seríamos levados a questionar sobre qual geometria ele estaria se remetendo, se àquela das formas ou a das espécies, se sintética ou analítica.

A quarta e última abordagem do método na *Vita* concentra-se no exame do percurso que Vico fez do *De Antiquissima* até sua nova arte crítica, a qual empregou na composição da *Ciência nova* de 1725, sendo ajustada na *Ciência nova segunda*. Vico atribui a esta metodologia a descoberta de sua nova ciência, pois ela permite “julgar a verdade sobre os autores das nações” (VICO, 2017, p. 148). Enquanto no *De ratione*, Vico havia associado a “nova crítica” ao método analítico cartesiano, na *Ciência nova* ele apresenta uma nova “arte” crítica, capaz de emitir juízos sobre os fundadores das nações. As ideias claras e a linguagem apropriada dessa nova perspectiva seriam “muito diferentes das que até agora se tinham imaginado” (p. 148).

Na *Vita*, ao longo da descrição de seu percurso intelectual, Vico resgata as influências que recebeu para o desenvolvimento metodológico que culminou na *Ciência nova*. A partir da apresentação do *De antiquissima*, Vico atribuiu a motivação de sua pesquisa etimológica da antiga sabedoria à leitura do *Sapientia Veterum* de Francis Bacon (VICO, 2017, p. 117), porém, insatisfeito com as etimologias gramaticais, teria se voltado para as origens das línguas com outro enfoque (p. 126). Durante a composição da obra sobre a história de Antonio Carafa, Vico teve contato com a *De iure belli ac pacis* de Hugo Grócio, a qual inspirou um aperfeiçoamento metodológico a partir de seus estudos filosóficos e filológicos (p. 128). Vico aplica esse método¹⁷² na redação das obras que compõem o *Direito universal*. Tal metodologia

oradores, Vico acredita que o engenho delas poderia ser exercitado pela geometria linear, a qual “é, num certo modo, uma pintura que revigora a memória graças ao grande número de seus elementos, refina a fantasia com as suas figuras delicadas, que são como desenhos traçados com linhas sutilíssimas e torna o engenho expedito ao ter de percorrê-las todas e entre todas recolher aquelas necessárias à demonstração da grandeza que é pedida; tudo isto para que frutifique, na época em que o juízo é maduro, uma sabedoria eloquente, viva e aguda” (p. 78-79).

172 Vico enfatiza o capítulo *Nova scientia tentatur* da segunda parte do *De constantia iurisprudentis* enquanto lugar em que “a filologia começa a ser reduzida a princípios de ciência” e que “a partir de um tal sistema se faziam muitas e importantes descobertas de coisas inteiramente novas e completamente longínquas da opinião de todos os sábios de

resultou na recensão de Leclerc¹⁷³, em que afirmou que a obra *De uno* estaria “urdida segundo um ‘método matemático’, que ‘de poucos princípios extrai uma infinidade de consequências’” (p. 143). Finalmente, na *Ciência nova* de 1725, Vico aperfeiçoa seu método para uma nova arte crítica e a utiliza para “julgar a verdade sobre os autores das nações mesmas dentro das tradições vulgares das nações que eles fundaram” (p. 148).

Sobre o *De antiquissima*, Vico explica que “a leitura do tratado de Bacon de Verulâmio *De sapientia veterum*, mais engenhoso e sábio do que verdadeiro, incitou Vico a procurar os princípios de tal sabedoria para além das fábulas dos poetas” (VICO, 2017, p. 117). Sentindo-se motivado pela autoridade de Platão, que no *Crátilo* investigou as origens da língua grega, e descontente com as etimologias dos gramáticos, Vico dedicou-se a procurar esses princípios nas origens das palavras latinas, considerando que o saber da seita itálica pitagórica teria florescido antes e seria mais profunda que aquela que iniciou mais tarde na Grécia. Tal investigação etimológica despertou o interesse de Vico sobre os assuntos de física e de medicina¹⁷⁴, que foram escritos em dois textos. Ele apresenta um resumo desses textos, o *Liber physicus* (p. 117-120) e o *De aequilibrio corporis animantis* (p. 121-123), respectivamente. Infelizmente, esses textos se perderam.

Na *Vita*, Vico nos leva a pensar que a ordem de escrita do *De antiquissima* teria começado pelo *Liber physicus*, pois explica que “aventurou-se a estabelecer esta física com base numa metafísica própria” (VICO, 2017, p. 123), isto é, que sua metafísica foi posteriormente escrita para fundamentar aquelas reflexões físicas¹⁷⁵.

Sobre o procedimento de sua *Metafísica* ele explica que

todos os tempos” (VICO, 2017, p. 134). Porém, lamenta Vico que “não ouviu a obra outra acusação senão a de que era incompreensível” (p. 134).

173 A tradutora Ana Cláudia Santos observa que Vico reproduz a recensão feita por Le Clerc ao *De universi iuris uno principio* “não menos que três vezes” em sua *Vita* (VICO, 2017, nota 58, p. 82).

174 Vico afirma que o seu pensamento sobre física “agradou sumamente ao senhor Doria”, o que o motivou a dedicar-se a “expandi-lo ao serviço da medicina” (VICO, 2017, p. 121). E considerando a medicina egípcia e a de Descartes, sobre o uso do calor e do frio, ele escreve que “Vico foi levado a fundar com base nessa ideia um sistema de medicina” (p. 121).

175 Essa ordem de escrita é reforçada por Ana Cláudia Santos e sua leitura de Fausto Nicolini (VICO, 2017, nota 145, p. 117).

De acordo com o mesmo procedimento que usou para as origens das locuções latinas, purgou os pontos de Zenão da exposição adulterada que Aristóteles fez deles, e mostrou que os pontos zenonistas eram a única hipótese de descer das coisas abstractas às corpóreas, tal como a geometria é a única via para ir cientificamente das coisas corpóreas às abstractas, de que constam os corpos (VICO, 2017, p. 123).

Vico expõe dois procedimentos metodológicos diferentes: o primeiro é o caminho hipotético que do abstrato segue em direção para as coisas corpóreas, tal como a teoria dos pontos zenonistas ou sua física¹⁷⁶; enquanto o outro, em sentido inverso, conduz cientificamente as coisas corpóreas às abstratas, tal como faria a geometria¹⁷⁷. Ambos recebem valores epistemológicos diferentes, pois o primeiro é considerado hipotético, enquanto o segundo é tido como científico, isto é, verdadeiro. Essa passagem reforça aquele entendimento de Vico desde o *De ratione* de que a física poderia fornecer conhecimentos hipotéticos, os quais deveriam ser confirmados pela experiência, enquanto a geometria, que cria o seu próprio conhecimento, é capaz de conhecimento verdadeiro, isto é, científico.

Sobre o primeiro procedimento metodológico, ao retomar a definição de que o ponto não tem partes, Vico a equivale ao fundamento de um princípio infinito de extensão abstrata. Isto é, o ponto é um princípio sintético não extenso sobre o qual se derivam outros, como da linha, que é extensa. E das linhas, procede a geração das formas. Da mesma maneira, Vico supõe uma “substância infinita que, por meio de uma espécie de excursão seu, que seria a geração, dê forma às coisas finitas” (VICO, 2017, p. 123). Assim, Pitágoras, ao constatar que “o mundo conste de números”, os quais seriam ainda mais abstratos que as linhas, gera a partir do uno os números. Exemplificando o ponto em um quadrado, sob as linhas desiguais do lado e da diagonal, Vico explica que ele é “uma hipótese de uma substância inextensa que está

176 Segundo o autor Diana (2018, p. 233), “para Vico, tudo isso que, no mundo, ultrapassa os confins do *fazer* humano (os objetos da física, por exemplo), permanece para ele irremediavelmente *estranho*: por maiores esforços que se possa realizar, o conhecimento que obterá dessas coisas será sempre incompleto, cheio de névoas e obscuridade”.

177 Quanto a matemática, Diana (2018, p. 232) assevera que “só nas matemáticas o homem pode alcançar um conhecimento completo, semelhante àquele que Deus tem de todas as coisas, uma vez que aquelas ciências resultam de um processo de construção ideal integralmente atribuído ao fazer humano; no caso da aritmética e da geometria ‘a mente humana *contém em si* os elementos da verdade que está em condição de ordenar e compor””.

igualmente sob corpos desiguais e igualmente os sustém” (p. 124). Ou seja, mesmo identificando o ponto no encontro das linhas de um quadrado, ele é uma hipótese de uma substância inextensa que, ao mesmo tempo, sustenta o conceito de linha e da forma geométrica. E interessa a Vico aqui a função hipotética e sintética do ponto que, assim como o uno, é capaz de gerar outros conhecimentos.

Quanto ao segundo procedimento metodológico, Vico afirma que “a esta metafísica deveria seguir-se a lógica dos estoicos, de acordo com a qual estes aprendiam a raciocinar por meio do sorites, que era uma maneira própria de eles argumentarem quase como se usassem um método geométrico” (VICO, 2017, p. 124). No *De antiquissima* Vico associou a lógica dos estoicos à crítica. Naquela metodologia apresentada no *De ratione*, dedicou a primeira etapa do método de estudos à tópica e a segunda à crítica. Na *Vita*, Vico considera que os estoicos, cujo raciocínio se davam por meio do sorites, seria “quase como se usassem um método geométrico”, que seria adequado ao segundo momento da metodologia, ou de prova.

Junto a essa “lógica dos estoicos”, deveria seguir-se “também a física” (VICO, 2017, p. 124). Aqui já não seria apenas aquela física que estabelece a teoria do ponto zenonista. Ele justifica que tal física “postula como princípio todas as formas corpóreas a cunha, da mesma maneira que a primeira figura composta que se gera em geometria é o triângulo, tal como a primeira figura simples é o círculo, símbolo de Deus perfeitoíssimo” (p. 124). Por consequência, Vico explica que dela poderia se extrair facilmente a física dos egípcios e sua “medicina do lasso e do estreito”.

Entretanto, Vico registra na *Vita* sua mudança de entendimento no *De antiquissima* que o levou a outra direção nas obras posteriores. Ele escreve que

Mas a insatisfação com as etimologias gramaticais que se tinha começado a fazer sentir em Vico era um indício daquilo que o levou mais tarde, nas últimas obras, a descobrir as origens das línguas, extraíndo-as de um princípio de natureza comum a todas, sobre o qual estabeleceria os princípios de uma etimologia universal que fornecesse as origens de todas as línguas mortas e vivas (VICO, 2017, p. 125-126).

Além dessa insatisfação com as etimologias gramaticais, a “pouca satisfação” com a obra de Francis Bacon, *De sapientia veterum*, que procurava a sabedoria dos antigos a partir das fábulas dos poetas, o levou a descobrir outros princípios da poesia. Esses outros princípios de mitologia que estabeleceu, puderam perceber que as

fábulas seriam portadoras dos significados históricos “das primeiras antiquíssimas repúblicas gregas, e com elas explica toda a história fabulosa das repúblicas heroicas”, que conteriam verdades civis sobre as primeiras nações¹⁷⁸.

Sobre o período em que se dedicou a composição da obra sobre a vida de Antonio Carafa¹⁷⁹, Vico afirma que “viu-se na obrigação de ler *De iure belli ac pacis* de Hugo Grócio”¹⁸⁰ (VICO, 2017, p. 128), seu quarto autor de referência, o qual “reúne num sistema de direito universal toda a filosofia e a filologia, incluindo ambas as partes desta última – quer a história das coisas, fabulosa ou certa, quer a história das três línguas, hebraica, grega e latina, que são as três línguas da Antiguidade que chegaram até nós pela mão da religião cristã” (p. 128-129). A partir de então, Grócio¹⁸¹ assumirá um importante papel para a composição da metodologia que Vico vai empregar na sua investigação sobre as nações, a qual resultará, ao final, em sua *Ciência nova*.

Atribuindo a formação que obteve a partir de seus quatro autores de referência (Platão, Tácito, Bacon e Grócio), Vico afirma que “entendeu enfim que não existia ainda no mundo das letras um sistema em que a melhor filosofia, que é a filosofia platônica subordinada à religião cristã, se conciliasse com uma filologia que mostrasse proceder com necessidade de ciência em ambas as suas partes, que são as duas histórias, a das línguas e a das coisas” (VICO, 2017, p. 129). Ou seja, segundo Vico, as investigações que procederá, tanto no *Direito universal*, quanto na *Ciência nova*, somente foram possíveis após a formação desses quatro mestres, para a história das “coisas” e das “línguas”.

Em 1721, Vico publica a *De constantia iurisprudentis*, um dos livros que compõem seu *Direito universal*. Sobre a segunda parte daquele livro, *De constantia philologiae*, Vico escreve que teria “um capítulo concebido como *Nova scientia*

178 Conforme nota Ana Cláudia Santos e referencia o §198 da *Ciência nova* de 1744.

179 Trata-se da obra *De rebus gestis Antonii Caraphaei*, de 1716.

180 Hugo Grócio (1583-1645), publicou a sua obra *De iure belli ac pacis* pela primeira vez em Paris, em 1625.

181 Vico relata na *Vita* que “lhe foi pedido [...] que escrevesse algumas anotações” para a edição de reimpressão da obra de Grócio. Porém, não concluiu esse trabalho. Ele escreve que “Vico tinha já percorrido o primeiro livro e a metade do segundo quando se deteve aí, reflectindo no facto de não convir a um homem de religião católica adornar com anotações a obra de um autor herético” (VICO, 2017, p. 129).

tentatur, onde a filologia começa a ser reduzida a princípios de ciência” (VICO, 2017, p. 134). Esse texto, por causa de suas muitas e importantes descobertas inteiramente novas, “não ouviu a obra outra acusação senão a de que era incompreensível” (p. 134), porém, “homens doutíssimos da cidade” a compreenderam muito bem e louvaram-na com seriedade e eficácia, segundo Vico¹⁸². Nesse mesmo período, Vico afirma que teria feito o exame dos dois poemas de Homero “à luz dos seus princípios de filologia”, o qual, mais tarde, comporá a teoria “da descoberta do verdadeiro Homero” na *Ciência nova*.

Após a narração do insucesso no concurso universitário para a cátedra matutina de Direito, em 1723, Vico é consolado pela publicação na *Biblioteca antiga e moderna* da recensão que Leclerc lhe teria feito ao *De uno* e *De Constantia* de que sua obra seria “urdida segundo um ‘método matemático’, que ‘de poucos princípios extrai uma infinidade de consequências’” (VICO, 2017, p. 143). Segundo a qual “os leitores ‘encontrarão, além disso, à medida que se vão embrenhando mais nela, muitas descobertas e observações curiosas que não esperavam’” (p. 143). Ele ainda avaliou que Vico apresentou uma mistura contínua de matérias filosóficas, jurídicas e filológicas em uma ligação tão forte que “nenhum homem pode gabar-se de ter aprofundado uma e de a ter conhecido em toda a sua extensão sem ter também um grande conhecimento das outras” (p. 143).

Após o “golpe de adversa fortuna” do insucesso do concurso, Vico pôs-se a produzir uma obra dividida em dois livros. No primeiro, ele se propôs procurar “os princípios do direito universal das gentes nos princípios da humanidade das nações,

182 As cartas que Vico enviou para o padre Bernardo Maria Giacco retratam bem esses conflitos que Vico teve em sua Nápoles. Na carta de 14 de julho de 1720, ele diz que seu texto “encontrou boa acolhida entre homens doutíssimos, porque os poderosos sempre foram generosos, assim como os pobres sempre invejosos” (VICO, 2024, p. 45). Na carta de 12 de outubro de 1720, Vico atribui as críticas de seus conterrâneos às “carências” das quais “recordam-se de mim desde quando eu era muito jovem e das minhas debilidades e erros de então” (p. 47), argumentando que “daí os doutos maliciosos, que amam mais a erudição do que a verdade, [...] incitam contra mim ódios mortais” (p. 49). E na carta de 27 de outubro de 1721, louva os elogios do padre reproduzindo a fala do senhor Don Agnello Spagnuolo que dizia “carta digna de ser selecionada entre os mais cultos Escritores do Século XVI” (p. 53). E conclui essa carta dizendo que “consolo-me agora dos raivosos ataques com os quais me lacera a maliciosa Ignorância, saboreando o aprazível fruto de ter agradado somente a vós; como é o caso também de um par de Cartas [...], uma do Senhor Biagio Garofalo, a outra do Padre Tommaso Minorelli, nomes que o senhor bem sabe se destacam na Itália pela sua grandiosa Literatura [...]” (p. 55).

por meio das inverosimilhanças, inadequações e impossibilidades de tudo aquilo que antes os outros tinham mais imaginado do que refletido” (VICO, 2017, p. 145-146). Quanto ao segundo, “explicava a geração dos costumes humanos segundo uma certa cronologia refletida dos tempos obscuro e fabuloso dos gregos, dos quais nos chegou tudo aquilo que temos da antiguidade gentílica” (p. 146). Essa obra foi chamada de *Ciência nova em forma negativa*. Ela também sofreu um outro “golpe de adversa fortuna”: o cardeal Lorenzo Corsini desistiu de custear sua publicação. Diante disso, Vico abandonou o projeto original e decidiu mudar a metodologia de apresentação de sua obra. Após a revisão de D. Giulio Torno, “considerou que essa forma negativa de demonstrar tanto abala a fantasia quanto é desagradável para o entendimento” (p. 146). E adiante, o levou a concentrar “todo o seu espírito numa áspera meditação para encontrar um método positivo, mais conciso e, portanto, ainda mais eficaz” (p. 147).

Em 1725, finalmente, publica em Nápoles, dos prelos de Felice Mosca, a obra *Princípios de uma ciência nova acerca da natureza das nações, pelos quais se encontram outros princípios do direito universal das gentes*¹⁸³, dedicada às universidades da Europa, doravante *Ciência nova primeira*. Afirmando que “nesta obra Vico desenvolve finalmente, na sua totalidade, aquele princípio que, nas obras precedentes, tinha compreendido ainda confusamente e não com completa distinção” (VICO, 2017, p. 147). A *Vita*, publicada em 1728, com sua adição de 1731, é finalizada em um momento importante do desenvolvimento da filosofia de Vico. Ele já havia publicado a sua primeira versão da *Ciência nova*, estabelecido o seu método de filosofia e filologia, bem como corrigia e redigia a edição ampliada da *Ciência nova segunda*, de 1730. De fato, quando faz tal afirmação na *Vita* sobre o princípio desenvolvido na *Ciência nova*, a sua teoria já estava amadurecida e ao mesmo tempo reescrevia sua obra principal, aperfeiçoando seu método, como mostra em sua “autocrítica” do *Aditamento* (VASOLI, 1982, p. 98) as correções de sua *Ciência nova segunda* (VICO, 2017, p. 187-188). E assim, Vico continuou aprimorando-o até sua última edição da obra, em 1744.

Vico atribui a descoberta de sua nova ciência à “uma nova arte crítica para julgar a verdade sobre os autores das nações mesmas dentro das tradições vulgares

183 *Principi di una scienza nuova d'intorno alla natura delle nazioni, per li quali si ritruovano altri principi del diritto naturale delle genti.*

das nações que eles fundaram” (VICO, 2017, p. 148). Vico apontou que a principal falha das teorias sobre o direito natural de Grócio, Selden e Pufendorf foi pela ausência de uma arte crítica sobre os autores das nações. Por isso, eles “não viram que, para os gentios, a providência foi a mestra divina da sabedoria vulgar, da qual surgiu, ao cabo de muitos séculos, entre eles, a sabedoria recôndita” (p. 155). Disso, esses “três príncipes” teriam julgado as primeiras nações como se fossem contemporâneas, confundindo “o direito natural das nações, que surgiu com os costumes dessas mesmas nações, com o direito natural dos filósofos” (p. 155).

Para Vico, o direito natural apresentado por aqueles doutos só teria sido possível muito tempo depois, com o surgimento das academias e dos filósofos. Entretanto, as primeiras nações teriam outra forma de organização baseada nos costumes, sendo que o seu senso comum seria o objeto que permitiria o seu estudo e investigação. Na *Ciência nova* de 1744, Vico estabelece o axioma do senso comum como “um juízo sem reflexão alguma, comumente sentido por toda uma ordem, por todo o povo, por toda uma nação ou por todo o gênero humano” (VICO, 2005a, § 142, p. 111). Seguindo o corolário desse axioma, Vico afirma que “esta dignidade [...] dar-nos-á uma nova arte crítica sobre esses autores das nações” (p. 111), pois a investigação do senso comum é o que torna essa nova arte crítica possível. Na seção do *Método* dessa edição, Vico enfatiza que sua ciência toma como critério aquilo que é “ensinado pela providência divina, comum a todas as nações; que é o senso comum desse gênero humano, determinado pela necessária conveniência das mesmas coisas humanas, que constitui a beleza deste mundo civil” (§ 348, p. 186). Isto é, nessa seção, Vico reforça que o senso comum daquelas primeiras nações é tomado como critério da investigação, tornando possível o acesso aos costumes.

Ainda sobre a *Ciência nova primeira*, Vico afirma que teriam incorrido no mesmo erro, pelo mesmo motivo de ausência da arte crítica, os intérpretes eruditos do direito romano que, por meio da fábula de que as Leis das XII Tábuas teria vindo de Atenas, teriam introduzido na jurisprudência romana as seitas dos filósofos, contrária aos princípios de tal jurisprudência e aos de toda civilização (VICO, 2017, p. 155). A falta dessa arte crítica é uma falha metodológica dos doutos que Vico aponta. Em sua *Ciência nova primeira*, todavia, Vico considera que teria se eximido de tal falha graças à nova arte crítica.

Utilizando uma imagem sobre a luz e a limitação da mente humana que já havia exposto no *De Antiquissima*¹⁸⁴, afirma que “à luz da chama desta nova arte crítica, descobre que as origens de quase todas as disciplinas, sejam elas ciências ou artes, necessárias para discutir com ideias claras e linguagem apropriada o direito natural das nações, são muito diferentes das que até agora se tinham imaginado” (VICO, 2017, p. 148). Ao considerar que a nova arte crítica se serve da luz de uma chama, não sendo como o “sol da verdade” da mente divina, Vico admite que pode existir uma parte hipotética em sua nova ciência. Porém, ela ainda seria diferente daquela física de Galileu, pois o mundo das nações é uma criação humana e pode ser plenamente conhecido. Por outro lado, a natureza que a física investiga seria criada por Deus, da qual o homem não teria pleno conhecimento pois não é seu criador.

Vico divide os princípios de sua *Ciência nova primeira* em duas partes: uma das ideias e outra das línguas (VICO, 2017, p. 148). Esses princípios “quer de ideias quer de línguas, ou seja, através dessas filosofia e filologia do gênero humano, desenvolve uma história ideal eterna com base na ideia de providência, a partir da qual [...] foi ordenado o direito natural das gentes” (p. 150). A partir dessa história ideal eterna, Vico estende as histórias particulares das nações “nos seus surgimentos, progressos, estados decadências e fins” (p. 150). Isto é, o estabelecimento da história ideal depois é examinado pelo desdobramento das histórias particulares das nações, seguindo aquela ordem do universal, sintetizado pelos princípios da filosofia e da filologia, para comprovação nas histórias particulares por meio de sua nova arte crítica dos costumes.

Desse maneira, Vico se propôs refletir sobre o direito natural das gentes, “demonstrando em que momentos precisos e de que modos determinados nasceram pela primeira vez os costumes que constituem toda a economia de tal direito, que são: religiões, línguas, domínios, comércios, ordens, impérios, leis, armas, juízos, penas, guerras, pazes, alianças” (p. 154). Tais momentos e modos particulares permitiram-lhe desenvolver “as propriedades eternas [ou universais] que comprovam ser essa e não outra a natureza de tais costumes, ou seja, o modo e o momento do seu nascimento”

184 Nessa obra, Vico afirmava que a mente divina “vê as coisas no sol de sua verdade, isto é, enquanto vê uma coisa, conhece infinitas coisas junto com a que vê”, por outro lado, “a mente humana quando conhece uma coisa distintamente, a vê de noite à luz de uma lâmpada e, enquanto a vê, perde de vista as coisas ao redor” (VICO, 2002, p. 161).

(p. 154), fazendo sempre o movimento de sua reflexão entre fatos particulares dos costumes e a teoria universalizada de tais fenômenos a fim de que se possa extrair deles uma ciência.

Dos princípios relativos às ideias, Vico se dedicou a descobrir outros princípios de cronologia e geografia que resultassem em outros princípios de história universal, que até então teria faltado (VICO, 2017, p. 148). Tais princípios, unidos em uma metafísica do gênero humano, enquanto teologia natural de todas as nações, conduziu-lhe aos princípios da religião e do matrimônio. A instituição das religiões pelos primeiros autores das nações ocorreu pelo fato comum de que “cada povo naturalmente fingiu por si mesmo os próprios deuses” (p. 148), lembrando a teoria da ficção do ponto e do uno do *De antiquissima*, dos quais a humanidade também teria originado a geometria e a aritmética. O temor a tais deuses ficcionais ou fingidos teria levado esses primeiros autores a unirem-se com mulheres certas, instituindo a primeira sociedade humana dos matrimônios. Essa metafísica permitiu que Vico descobrisse uma moral, por conseguinte uma política comum às nações que, sobre elas, funda a jurisprudência do gênero humano. Esta varia de acordo com as “seitas dos tempos”, conforme variam os governos, até a última forma, que seria a monarquia.

Quanto às línguas, Vico propôs-se a descobrir outros princípios da poesia, do canto e dos versos, percebendo seu nascimento “por necessidade de natureza uniformes em todas as primeiras nações” (VICO, 2017, p. 149). Assim, desenvolve sua teoria de que os emblemas heroicos, enquanto falar mudo, foram seguidos pela ciência do brasão e das medalhas, que indicam suas origens heroicas. Para refletir sobre o direito natural das gentes a partir de uma ciência da língua fundada sobre uma etimologia universal, Vico busca uma etimologia comum a todas as línguas nativas e outra sobre os termos de origem estrangeira.

A partir de “dois fragmentos de antiguidade” dos egípcios (VICO, 2017, p. 150), Vico apresenta uma divisão em três tempos e a outra em três línguas. De acordo com essa divisão, as três épocas teriam sido dos deuses, dos heróis e dos homens. As línguas, por sua vez, foram a divina, a simbólica e a epistolar. Na primeira época, dos deuses, predominou uma língua divina, de hieróglifos e caracteres sagrados, nas quais a forma de governo era organizada pelas famílias que ordenavam “as coisas humanas segundo os auspícios divinos” (p. 151). A segunda época, dos heroicos,

assume uma língua simbólica, por metáforas, pois abundavam coisas e faltavam as palavras, sendo uma linguagem heroica. Nessa época, surgem os primeiros governos civis, de reinos heroicos, composta por ordens de reinantes nobres, descrita pelos gregos no caráter de seu Hércules tebano, cujo direito dos Quirites, homens armados de lanças reunidos em assembleia, foi o direito de todas as gentes heroicas (p. 152). Por fim, a terceira época, dos homens, possuía uma língua epistolar, na qual falavam as línguas vulgares estabelecidas por convenção. Nessa época, surgem as formas de governo humanos populares e monárquicas, quando somente aí poderiam ter iniciado as repúblicas (p. 153).

Ao longo da primeira parte da *Vita*, de 1728, Vico admite que em sua *Ciência nova primeira* ele teria desenvolvido plenamente aquilo que teria entendido confusamente nas obras anteriores¹⁸⁵. Porém, no *Aditamento da Vita*, publicado em 1731, Vico escreve sobre as mudanças importantes que continuou promovendo quanto ao método, a matéria e a ordem da *Ciência nova segunda*. Vasoli observa que esta obra é o ponto final de uma longa e atormentada experiência de diversos procedimentos expositivos e metódicos, expostas em suas “autocríticas” detalhadas em uma página bastante comentada da *Vita* (VASOLI, 1982, p. 98).

Segundo Vasoli, o método que Vico empregou nos livros do *Direito universal* teria sido “abandonado por Vico” (VASOLI, 1982, p. 103). Ele cita a passagem em que Vico aponta sua autocrítica e insatisfação pelo motivo de que nesses livros “tentava neles descer da mente de Platão e de outros filósofos esclarecidos até às mentes estúpidas e simples dos autores da gentilidade, quando devia ter seguido o caminho completamente oposto; daí que tenha cometido erros em algumas matérias” (VICO, 2017, p. 187). Vico também condenou suas *Anotações* não publicadas da *Ciência nova primeira*, que “procuravam estes *Princípios* pela via negativa”, a qual realizaria “suas demonstrações por meio de inadequações, dos absurdos e das impossibilidades, que, pela sua fealdade, afligem em vez de nutrirem o entendimento”. Ao que Vico preferiu “a via positiva, que representa o que é adequado, conveniente e

185 “Nesta obra Vico desenvolve finalmente, na sua totalidade, aquele princípio que, nas obras precedentes, tinha compreendido ainda confusamente e não com completa distinção” (VICO, 2017, p. 147).

uniforme, e forma a beleza do verdadeiro que unicamente se deleita e da qual se nutre a mente humana” (p. 187).

Quanto as matérias, na *Ciência nova primeira*, Vico não teria seguido aquele mesmo caminho que criticou de seu *Direito universal*, da “mente de Platão” em direção as “mentes dos autores das nações”. Porém, ele aponta que “se não nas matérias, errou Vico certamente na ordem, uma vez que tratou separadamente os princípios das ideias e os princípios das línguas, que por natureza estavam unidos” (VICO, 2017, p. 187). Além disso, Vico também admite que teria discutido “separadamente o método segundo o qual, a partir de uns e de outros princípios, se deviam conduzir as matérias desta ciência, quando elas deviam ser deduzidas de ambos os princípios e segundo outro método; e daí lhe advieram muitos erros na ordem” (p. 187-188). Porém, ele explica que “tudo isto foi corrigido na *Ciência nova segunda*” (p. 188).

Em sua *Ciência nova* de 1744, Vico propôs uma nova arte crítica para preencher uma lacuna na procura da verdade sobre as origens das nações. Para ele, a filosofia examina a filologia, superando a “obscuridade das causas e a quase infinita variedade dos efeitos”, com o objetivo de transformá-la “em forma de ciência” e revelar um “desenho de uma história ideal eterna” (VICO, 2005a, §7, p. 8-9).

O percurso metodológico apresentado na *Vita* revela a complexidade e a coerência interna do projeto viquiano, cuja finalidade é estabelecer os princípios de uma nova ciência acerca da natureza comum das nações fundada na articulação entre filosofia e filologia. Ao recuperar os métodos de ensino, os estudos metafísicos, a crítica ao método algébrico e a formulação da nova arte crítica, Vico delineia um itinerário que culmina na *Ciência nova*, obra em que sua metodologia se consolida como instrumento para julgar a verdade sobre os autores das nações.

A autocrítica registrada no *Aditamento* da *Vita* reforça o caráter reflexivo e evolutivo de sua proposta, evidenciando os ajustes que promoveu quanto à matéria, à ordem e ao método de exposição. Com isso, Vico não apenas critica o modelo analítico cartesiano, mas também reformula sua própria metodologia, conferindo-lhe maior adequação à natureza dos costumes e à historicidade das instituições humanas. Nesse aspecto, a *Vita* não se limita a narrar uma trajetória pessoal, mas torna-se um texto fundamental para a compreensão da gênese e da estrutura da *Ciência nova*. Na próxima seção, examinaremos o duplo aspecto da nova arte crítica da *Ciência nova*,

a fim de compreender como Vico articula os procedimentos interpretativos e construtivos do saber com os fundamentos de sua ciência.

O duplo aspecto do método na *Ciência nova*

A nova arte crítica que Vico apresenta em sua *Ciência nova* pode ser interpretada em dois aspectos que se complementam: por um lado, enquanto “dispositivo de leitura” para a *Ciência nova*; por outro, enquanto método empregado por Vico para investigar a natureza comum das nações.

Quanto ao primeiro aspecto, Pereira Filho (2010, p. 195-202) contribui com sua tese para uma percepção da nova arte crítica de Vico como uma apropriação do “método geométrico como dispositivo de leitura”. Segundo Pereira Filho, Vico recomendou que o leitor deveria ter a “capacidade e o hábito de raciocinar geometricamente” ao se adentrar na leitura da *Ciência nova* (p. 195). Assim, para seguir gradualmente “os elementos do pensamento”, composto por axiomas, definições de máximas e adágios, o leitor não deveria fazê-lo ao acaso, nem por saltos, mas com disposição de espírito para uma leitura de início ao fim. Isso estaria claro pela própria estrutura do texto do Livro I da *Ciência nova*, destacando-se a *Seção Segunda, Dos elementos*, em que Vico compara os postulados e as definições, que estruturariam internamente a obra, ao “sangue através do corpo animado” (VICO, 2005a, §119, p. 105), percorrendo e animando tal ciência naquilo que reflete sobre a natureza comum das nações (PEREIRA FILHO, 2010, p. 196).

Para Pereira Filho, interpretar a nova arte crítica sob a luz de “dispositivo de leitura” significa atribuir-lhe o objetivo de revelar o sentido, a ordem ou a estrutura que regula os fatos internamente, configurando uma determinada época da mente humana ao longo de seu desdobrar no tempo.

Sob a perspectiva de como a obra é apresentada ao leitor, Guido (2002) explica que Vico, em seus últimos vinte anos de vida, empenhou-se no aprimoramento da *Ciência nova*. Além de algumas correções e esclarecimentos, Vico fez “notáveis modificações do estilo do texto” (GUIDO, 2002, p. 1). Nesse sentido, Vico “quis que a forma da sua obra oferecesse ao leitor as ásperas dificuldades para a compreensão

do pensamento primitivo; lendo, o leitor experimenta com o próprio pensamento a maneira como os primeiros homens pensaram” (p. 1). Vico só teria alcançado tal feito por ser um especialista em língua latina, conseguindo “retroceder a escrita até atingir a forma mais arcaica da expressão do pensamento bárbaro” (p. 1).

Dessa maneira, é exigido do leitor da *Ciência nova* uma postura intelectualmente ativa. Ele “deve construir por si mesmo o sentido interno da obra, reunindo os fios que lhe conferem organicidade, unidade e coerência, de modo que possa iluminar a *matéria* obscura de que se ocupa a *Ciência nova*, ou seja, tudo aquilo que é produzido pelo homem ao longo do tempo” (PEREIRA FILHO, 2010, p. 196). O perfil do leitor ideal seria aquele capaz de realizar a atividade tópica, de meditar profundamente as coisas e combiná-las, assim vendo mais amplamente. Isso lhe proporcionaria ir além do papel de um “frio erudito que recebe passivamente uma série de informações” (p. 196), tornando-lhe “capaz de trabalhar e colher os dados fornecidos pela tradição para lhes dar uma direção interpretativa adequada” (p. 197).

Pereira Filho destaca o procedimento de raciocinar geometricamente apresentado no §349 da seção *Do método da Ciência nova*. Nessa passagem, Vico afirma que “esta Ciência procede precisamente como a geometria, que constitui o seu próprio mundo das grandezas, enquanto sobre os seus elementos o constrói ou o contempla; mas com tanta mais realidade quanto mais a têm as ordens referentes aos assuntos dos homens, que não possuem pontos, linhas, superfícies e figuras” (VICO, 2005a, §349, p. 187).

Ao analisar esse trecho, Pereira Filho o divide em dois momentos. Primeiramente, que Vico admite que sua “Ciência procede precisamente como a geometria”. Mas, o segundo momento indica que, em termos de método, adquire “mais realidade” ao se referir aos assuntos humanos. Considerando a teoria de Vico, que, desde o *De antiquissima*, evitava a projeção das ideias da matemática (como “pontos, linhas, superfícies e figuras”) em uma realidade que não lhe corresponda, esse ponto visa a conferir um lugar de destaque à crítica, sem contradizer sua postura sobre o mundo da *práxis*¹⁸⁶. Além disso, como o “mundo de nações [teria] sido

186 Retomando a afirmação de Vico no *De antiquissima*, que dizia “se importa o método geométrico à vida cotidiana, não faz mais que se empenhar em tornar-se louco com toda a razão” (VICO, 2002, p. 182).

certamente feito pelos homens”, deve-se “descobrir o modo dentro das modificações da nossa própria mente humana”, pois “quando acontece que quem faz as coisas é o mesmo que as narra, não pode aí ser mais certa a história” (VICO, 2005a, §349, p. 187).

Segundo Pereira Filho, para Vico “vida e demonstração geométrica não combinam, sobretudo, se por vida se entende um ponto de vista prospectivo, ou seja, das ações voltadas para o futuro, do qual não temos controle, pois aqui, como vimos, estamos no domínio da prudência” (PEREIRA FILHO, 2010, p. 198). Logo, a contribuição do método geométrico estaria “no sentido de uma reflexão retrospectiva, ou seja, que se volta para tudo aquilo que não está bem ordenado e que precisa ser disposto pela razão para se atingir um outro nível de conhecimento que diz muito a respeito dela mesma” (p. 198). Esse procedimento de retorno ao sedimentando, entretanto, também serve para a produção de um conhecimento prático, enquanto “arte diagnóstica”, como Vico apresentou no *De ratione* (p. 198).

De acordo com a leitura que Vico fez do método baconiano de *cogitare videre*, isto é, de filosofia e filologia, as relações estabelecidas por sua ciência não se dariam exclusivamente na ordem das ideias. Elas seriam uma composição ou ordenação racional da matéria, enquanto produto da ação humana. Nesse sentido, seriam reconsideradas no plano da razão, filosoficamente ordenadas por um procedimento crítico, ou seja, que integra filosofia e filologia, capaz de avaliar tanto ideias quanto fatos. A partir desse entendimento, Pereira Filho afirma que “é justamente por isso que, para Vico, sem o componente filosófico, a forma ‘demonstrativa’, a concatenação de elementos, axiomas, definições que formam um sistema com necessidade intrínseca, fica apenas no nível abstrato sem jamais tocar o *certum*, o plano da efetividade histórico-social” (PEREIRA FILHO, 2010, p. 198-199).

Ao se referir à geometria, o que Vico tem em mente é aquela de modelo sintético, pois a analítica, ao facilitar, “enche de obstáculos o engenho” (VICO, 2002, p. 186). A síntese, que ao mesmo tempo é tanto método da ciência quanto dispositivo de leitura, impulsiona o leitor a criar ou sintetizar a ordem que a nova ciência viquiana conduz. Dessa maneira, Vico demanda de seu leitor o papel ativo e constitutivo da “agudeza do engenho”, “única faculdade de reunir ou combinar os fios que aparecem soltos na ordem das coisas” (PEREIRA FILHO, 2010, p. 199).

Com isso, Pereira Filho apresenta que a nova arte crítica é “Arte” por ir além do dado ou manifesto, uma vez que para “descobrir é preciso engenho”. A tópica, o “olho do engenho”, consegue levar o leitor para além daquilo que estaria manifesto no dado empírico isolado, conduzindo efetivamente para a descoberta do sentido. Ademais, ela também é “crítica” por se guiar pelo “juízo”, o “olho do intelecto”, como ordenação racional e conceitual. Nesse sentido, Pereira Filho resume o método *cogitare videre*, que integra filosofia e filologia, ideias e fatos, apresentado por Vico em sua obra como exigência para que seu leitor possa conduzir-se por sua nova ciência. Assim, “o resultado desse duplo olhar que abarca a *tópica* e a *crítica* está justamente na base da ‘nova arte crítica’” (PEREIRA FILHO, 2010, p. 199), exigindo um leitor profundamente envolvido e construtivo.

Essa exigência dirigida ao leitor revela que a nova arte crítica age tanto como necessidade interpretativa quanto como princípio epistemológico que estrutura a ciência viquiana. Nesse sentido, o segundo aspecto, referente ao método empregado por Vico para investigar a natureza comum das nações, emerge como desdobramento da postura exigida do leitor. Se, por um lado, Vico demanda uma leitura geométrica e tópica de sua obra, por outro, aplica esse mesmo procedimento à sua ciência, ao articular filologia e filosofia no exame dos fatos e das ideias que compõem o mundo civil. Assim, passamos ao exame das contribuições de Vasoli e Guido, a fim de compreender como Vico aplica a nova arte crítica como instrumento metodológico de sua investigação.

Vasoli (1982) expõe o percurso dos debates que Vico teve sobre os “métodos” ao longo de suas obras, começando pelo *De ratione*, seguindo pelo *De antiquissima e Direito universal* até a *Ciência nova*. Segundo Vasoli, a *Ciência nova segunda* expressaria um movimento totalmente coerente com o “propósito viquiano de fundar uma ciência da ‘história humana’ provida da mesma evidência absoluta que é própria da matemática” (VASOLI, 1982, p. 98), representando o ponto final de “uma longa e atormentada experiência de vários procedimentos expositivos e metódicos e das

explícitas ‘autocríticas’ destacadas em uma página bem conhecida da *Autobiografia*¹⁸⁷ (p. 98).

Guido é direto afirmando que “não há ciência sem método” (GUIDO, 2002, p. 3). Assim, a *Ciência nova* não seria apenas uma “ciência da história humana”, mas sim uma nova arte crítica que assumiria sua função metodológica, cujo procedimento exigiria a associação entre a postura científica e a atitude filosófica. Essa nova arte crítica adentraria nos domínios da filologia e da filosofia, “de modo que o saber resultante da aplicação do método é a síntese de ambas”. Assim, Vico efetivaria a filologia como ciência no estudo das coisas humanas, conflitando com a mentalidade cientificista do século XVII, que excluía as disciplinas humanas do espectro científico. E, ao mesmo tempo, torna possível o conhecimento da gênese do pensamento bárbaro, dos primeiros humanos, por meio de uma filosofia da autoridade sobre suas fábulas, que criaram o mundo civil (p. 3), dando forma ao seu complexo método que se debruça sobre fatos e ideias.

Para Vasoli (1982, p. 104), o método na *Ciência nova segunda* é o resultado das diversas tentativas e reflexões de Vico, na qual procedimentos e métodos muito diversos foram colocados em prática, que vão da referência aos expedientes típicos da *ars memoriae*, o uso de técnicas tópicas até sua exposição axiomática dos *Elementos*. Vico, consciente da relação entre fantasia, memória e engenho, expôs a sua *dipintura* no frontispício e sua explicação enquanto uma típica manifestação do gosto por iconologia, símbolos, hieróglifos, imagens e emblemas, comuns a grande parte da cultura europeia do Renascimento ao Barroco, ligando-se a técnica mnemônica de métodos de franca natureza retórica.

Em seguida, para dispor e fixar os resultados de sua pesquisa “filológica”, explicada a partir da crítica aos supostos “testemunhos” da humanidade antiga e sua história, Vico teria utilizado um expediente “tópico” que lhe proporcionou “apurar” uma nova ordem de tempos e eventos. Apesar disso, ele não renunciou a um procedimento “rigoroso” para o “estabelecimento de princípios”, buscando que a nova ciência fosse “inteiramente metafísica e abstrata” em sua ideia, a qual, para compreendê-la, exigia

187 Fazendo aqui referência ao já comentado *Aditamento da Vita*, em que Vico faz uma autocrítica quanto à matéria do *Direito universal*, ao *Princípios* estabelecidos pela via negativa e à ordem na *Ciência nova primeira* (conforme VICO, 2017, p. 187-188).

“despojar-se de toda corpulência” e “brevemente entorpecer a imaginação e adormecer a memória”.

Assim como Pereira Filho e Guido destacaram o papel do leitor, Vasoli também considera que Vico desejava que seus leitores tivessem “o hábito de raciocinar geometricamente”, capazes de avaliar de uma verdade a outra e delas emergir conclusões que lhes deixariam maravilhados. Ainda que se esperasse também do leitor que, para prosseguir em sua nova ciência, fosse necessário um grande e variado domínio de doutrinas e erudição, a fim de que se pudesse deduzir as verdades já conhecidas e usá-las para formular suas próprias proposições, Vico teria enfatizado, acima de tudo, uma necessidade de “refletir com ‘mente abrangente’ para entender a concordância entre ‘verdade’ e ‘descoberta’, entre princípios universais e os instrumentos flexíveis que permitem se orientar no mundo humano móvel e mutável” (VASOLI, 1982, p. 105).

Assim, a seção *Dos elementos*, composta por *axiomas* e *dignidades*, que dão forma aos assuntos da tabela cronológica e que animam toda a doutrina, estabelecidos como evidentes, assumem uma função semelhante ao sistema de axiomas e definições euclidianas. Esses elementos formam a base para julgar “os princípios de qualquer assunto de todo o conhecimento divino e humano dos gentios”, proporcionando a compreensão de uma verdade igualmente absoluta, porém “muito mais real do que a proposta pelos ‘geômetras” (VASOLI, 1982, p. 105), pois o mundo civil, enquanto criação humana, possibilita descobrir-lhe todas as “guisas” “dentre as modificações de nossa própria mente”.

Vasoli mostra que, a partir dessa “luz eterna que nunca se põe”, Vico passa a meditar sobre o mundo das nações, que pode ser verdadeiramente conhecido por meio da verdadeira ciência, e teria indicado os princípios universais e eternos, conforme toda ciência deveria ter, sobre os quais todas as nações teriam surgido e se preservado, que são as religiões, casamentos e sepultamentos. Ele comenta sobre o excepcional poder intuitivo de Vico, sua imaginação extraordinária, bem como sua familiaridade com a tradição retórica que lhe “oferecia ferramentas para sua filologia imatura ou ‘profética” (VASOLI, 1982, p. 105). Entretanto, devemos registrar que Vico não queria utilizar a filologia como até então se conhecia. A apropriação que Vico faz

da filologia se daria dentro da sua compreensão metodológica que une filologia e filosofia.

Ao raciocinar sobre o método da sua nova ciência e procurar sua prova, Vico sublinha novamente sua afinidade com os procedimentos geométricos, pontuando que seu primeiro critério é o “senso comum do gênero humano, determinado pela necessária adequação das mesmas coisas humanas” (VASOLI, 1982, p. 105), em sintonia com a tradição retórica tópica dos estudos jurídicos. Quanto às provas filológicas, Vico cita o método de filosofar de Verulâmio, que teria a tarefa de “confirmar a razão com a sua autoridade”, do mesmo modo que a “razão” deveria confirmar o “certo” discutido¹⁸⁸. Em suma, Vico procurava identificar um ponto de equilíbrio entre a tópica, instrumento flexível de invenção que coleta e ordena conhecimentos reais para descobrir suas afinidades, contradições, conexões, semelhanças tão profundas quanto suas insuperáveis diferenças e aporias; e a crítica, modelo geométrico rigoroso que deduz da verdade primeira sua cadeia de demonstrações (p. 105-106).

A nova ciência de Vico buscou harmonizar uma metafísica antiga e a moderna consciência do caráter inteiramente humano da história, em que deveria descobrir ainda no encontro dos dois métodos sua completude lógica, em uma espécie de combinação indutiva e dedutiva, esperando que isso tornasse sua ciência superior as outras ciências, até mesmo à geometria. Vasoli se exime de avaliar se tal ciência teria conseguido realizar esse projeto tão ambicioso e rico. Porém, quando Vico seguiu e insistiu na busca de procedimentos metódicos que envolvessem todas as faculdades cognitivas humanas, como a memória, a fantasia inventiva e a razão julgadora e ordenante, ele procurou responder à questão, que atormentava tanto matemáticos quanto juristas, lógicos e historiadores, sobre “como construir uma lógica do ‘provável’ ou do ‘possível’ e fundar sobre ela o conhecimento histórico e jurídico” (VASOLI, 1982, p. 106). Essa busca, semelhante à de outros pensadores como Leibniz, teria

188 Vico explica na *Ciência nova* sobre a contribuição de Francis Bacon que “através das provas filosóficas anteriormente feitas, as filológicas, que se sucedem em seguida, chegam ao mesmo tempo e vêm a ter confirmada a sua autoridade com a razão e a confirmar a razão com a sua autoridade” (VICO, 2005a, §359, p. 190). Na seção *Dos elementos*, Vico estabeleceu a dignidade de que “a filosofia contempla a razão, donde provém a ciência do verdadeiro; a filologia observa a autoridade do arbítrio humano, donde provém a consciência do certo” (VICO, 2005a, §138, p. 110).

encontrado na *Ciência nova* uma solução nova e original: “elevar o conhecimento ‘histórico’ à posição de norma e medida para todo o conhecimento” (p. 106).

A análise desses dois aspectos da nova arte crítica, como dispositivo de leitura e como método investigativo, evidencia o zelo metodológico que Vico teve na constituição e contínua reelaboração de sua *Ciência nova*. Ao integrar filologia e filosofia, Vico estabelece um procedimento que articula engenho, memória e razão, orientando tanto a recepção da obra quanto sua estrutura epistemológica. Essa síntese, que busca conciliar o certo e o verdadeiro, encontra ressonância na tradição baconiana. A seguir, examinamos como Vico interpreta e reelabora os fundamentos do método de Francis Bacon na terceira edição da *Ciência nova*.

As relações entre Vico e Bacon na “nova arte crítica” da *Ciência nova*

Nos textos publicados por Vico, há certa dificuldade e complexidade na compreensão dos métodos que ele empregou, pois defendia que não deveria existir apenas um, mas sim uma pluralidade de métodos conforme os temas abordados¹⁸⁹. Ainda assim, é possível identificar linhas gerais sobre como ele representava o método inspirado em Bacon em sua nova arte crítica da *Ciência nova*. Este estudo pretende examinar a influência baconiana na sua investigação viquiana da natureza comum das nações, que articulava filosofia e filologia por meio do método *cogitare videre*.

Segundo Santos (2009, p. 33), “a influência de Bacon sobre o pensamento de Vico é notória”. Dentre aqueles quatro autores que Vico apresenta na *Vita* como principais referências de sua filosofia (Platão, Tácito, Bacon e Grócio), Francis Bacon seria aquele que Vico atribuiu maior ênfase em sua crítica ao cartesianismo. Para

189 Recorrendo mais uma vez a *Seconda Risposta*, em que Vico confronta a pretensão do “método geométrico cartesiano” de ser estendido sobre uma diversidade dos temas, pois “o método varia e se multiplica segundo a diversidade e multiplicação das matérias propostas. Reina nas causas o método oratório, nas fábulas o poético, na história o histórico, na geometria o geométrico, na dialética o dialético, que é arte de ordenar um argumento” (VICO, 2006, p. lxxvii / p. 271). Lomonaco (2018, p. 191) afirma que Vico, ao apresentar a crítica que teria feito no *De antiquissima* àqueles que defendem um único método, evidencia a sua defesa da versatilidade de métodos para resolver diferentes dificuldades epistêmicas.

Santos, Bacon é certamente “a fonte de várias teses fundamentais de sua filosofia” (p. 33). De maneira que “Bacon fornece motivos, não só para as discussões pedagógicas e epistemológicas dos primeiros textos de Vico, mas o inspira ao longo de toda sua obra, seja na sua crítica cultural, seja nas reflexões históricas sobre os mitos e a linguagem, além das questões metodológicas da *Scienza Nuova*” (SANTOS, 2009, p. 33).

Em sua crítica ao cartesianismo, Vico reelaborou conceitos fundamentais da antiga tradição retórica e reivindicou seu valor, não somente enquanto eloquência para o discurso científico, mas também enquanto “verossimilhança” e “tópica” para a sua pesquisa científica (SANTOS, 2019, p. 253). Santos enfatiza que Vico teria sugerido que das mesmas fontes que originariam oradores eloquentes também poderiam prover cientistas ainda mais atentos com o uso da tópica (p. 254). De maneira que a sua fonte de inspiração dessa proposta de transferência de modelos da tradição retórica para seu novo uso na ciência moderna teria sido Francis Bacon, tal como seu modelo de *inventio*, readequado em função de uma nova concepção da invenção científica. Assim, “no método de invenção, Vico encontra uma revalorização da tópica, enquanto reunião de informações dominadas pelo provável. Em lugar da certeza, Vico prefere afirmar a validade do verossímil para a pesquisa científica” (p. 254). Porém, “Vico não abre mão de que a invenção é obra, não do método, mas do engenho, não da arte, mas da natureza” (p. 259). De maneira que, assim como Bacon, Vico tinha preferência por uma diversidade de métodos de acordo com a matéria a ser tratada (p. 259).

Nesse mesmo sentido, Campailla (1971), em sua análise sobre as relações do método de Vico com aqueles de Descartes e de Bacon, comenta que “contra o pensador francês, defensor na era moderna de um tipo de filosofia geometrizante e, em última análise, neosilogística, Bacon representa a necessidade de um saber com fundamentos mais certos e que procede pela via experimental” (CAMPAILLA, 1971, p. 272). Com isso, a polêmica que Vico empreendeu contra o método cartesiano implicou “na aceitação daquele indutivo baconiano, em virtude do qual ‘*mundus... iuvenescit adhuc*’” (CAMPAILLA, 1971, p. 272).

A partir de seu estudo sobre *Francis Bacon e a fundamentação da ciência como tecnologia*, Oliveira (2010) identifica relações entre a teoria baconiana e a de Vico por

meio da formulação histórica da noção de “conhece quem faz”. Esse argumento é considerado por ele como um tema central na fundamentação da técnica como ciência, pois ela expressa tanto uma crítica ao conhecimento teórico que ignoraria a prática quanto uma forma de conhecimento válida, ainda que não tenha o domínio teórico pleno das causas (OLIVEIRA, 2010, p. 142). Para ele, essa mudança mostra alterações radicais, que inclusive refletiram no plano do processo de fabricação, ao deslocar o foco da questão sobre o que uma coisa é para como e por quais meios e processos as coisas podem ser criadas e reproduzidas. A leitura de Oliveira colabora para a tese de que Vico tenha se inspirado também em Bacon, pois este representaria o desejo pela invenção e construção a partir do princípio *verum factum*, que remonta a uma longa tradição.

Além disso, é possível ver claramente a citação que Vico fez de sua influência baconiana nos parágrafos 359 e 163 da terceira edição de sua *Ciência nova*, em que ele apresenta sua nova arte crítica, que conjugaria a filosofia e a filologia para a sua nova ciência sobre a natureza das nações. No parágrafo 359 da *Ciência nova*, de 1744, após enumerar algumas provas filológicas, ele atribui o seu método de filologia e filosofia à Francis Bacon. Ele escreve:

Provas filológicas essas que servem para nos fazer ver, de facto, as coisas meditadas em ideia acerca deste mundo de nações, segundo o método de filosofar do senhor de Verulam, que é “*cogitare videre*”; pelo que, através das provas filosóficas anteriormente feitas, as filológicas, que se sucedem em seguida, chegam ao mesmo tempo e vêm a ter confirmada a sua autoridade com a razão e a confirmar a razão com a sua autoridade (VICO, 2005a, §359, p. 190).

Na mesma obra, Vico faz referência a Francis Bacon como fonte do método de filosofia e filologia no parágrafo 163. Nesse parágrafo, podemos encontrar que Vico escreveu a *Ciência nova* “segundo o método de filosofar mais acertado de Francis Bacon, senhor de Verulâmio, que parte das coisas naturais, sobre as quais ele elaborou o livro *Cogitata visa*, transportado para as coisas humanas civis” (VICO, 2005a, p. 119). Vico chama a atenção que o método foi “transportado para as coisas humanas civis”, ou seja, originalmente, esse não teria tal aplicação, pois, para ele, Bacon teria aplicado tal metodologia sobre as “coisas naturais”. De acordo com Santos (2009, p. 53), “a convergência de filosofia com filologia, proposta por Vico como

método [...], é apresentada por ele como a transferência para o campo das humanidades do método baconiano de *cogitare* e *videre* aplicada às ciências da natureza”. Assim, Vico apresenta sua classificação dos elementos na qual a primeira parte tem um aspecto universal e a última parte se volta para algo mais específico, que é o estudo sobre o mundo das nações. Essa metodologia que confronta o universal com o particular é o método que foi por ele escolhido e é inspirada em Francis Bacon, de acordo com o próprio Vico.

Na *Ciência nova*, tanto o parágrafo 163 quanto o parágrafo 359 foram escritos em locais do texto que funcionam como um ponto de passagem entre as provas filosóficas e a sua comprovação por meio de provas filológicas. Ou seja, de maneira consciente, Vico escolheu citar que Bacon lhe representa o método *cogitare videre* em dois pontos importantes de seu texto, quando está apresentando a mudança de assunto entre filosofia e filologia. Nesses parágrafos, sua estratégia retórica consiste em indicar ao leitor que ele havia encerrado as provas mais universais e que passaria a apresentar comprovações particulares, em conformidade com a metodologia da sua nova ciência.

O parágrafo 163 faz parte da segunda seção do primeiro livro da *Ciência nova*, chamada *Dos elementos* (VICO, 2005a, p. 118-119). Essa seção estabelece os axiomas ou dignidades sobre os quais Vico vai estabelecer a sua proposta de uma nova ciência. No total, ela é composta por 114 axiomas e corolários que vão dar os fundamentos da sua ciência. O parágrafo 163 faz parte do XXII axioma e seria o encerramento das provas filosóficas, pois os axiomas seguintes são dedicados para a comprovação filológica. Essa divisão para esses primeiros vinte e dois axiomas foi apresentada por ele mesmo nos parágrafos 163 e 164. Do primeiro ao quarto, ele faz uma contestação de tudo que já tenha sido opinado sobre os princípios da humanidade, agindo como se fosse uma *pars destruens*, ou forma negativa. Na sequência, escreve como se fosse uma *pars construens*, ou forma positiva, em que apresenta do quinto ao décimo quinto axioma “os fundamentos do verdadeiro para meditar sobre o mundo das nações na sua ideia eterna”, tal como ele mesmo referencia o procedimento do *universalibus* aristotélico. E, do décimo quinto ao vigésimo segundo, expõe seus fundamentos do certo. Dessa forma, o verdadeiro, que é a segunda parte dos XXII axiomas, está relacionado a racionalidade e a filosofia,

enquanto o certo, que é a última parte desses primeiros axiomas, é relativo àquilo que conserva a humanidade por meio de seu senso comum ou de sua sabedoria vulgar. A análise do certo se dá por meio da filologia, mesmo assim, esses últimos axiomas são classificados dentre os universais porque tratam de princípios mais gerais.

Ainda no parágrafo 163, Vico evoca a obra de Bacon, que supostamente ele teria conhecido: *Cogitata visa*. Sobre isso, Manuela Sanna (2020, p. 1) retoma a suspeita de toda a crítica de que Vico não teria lido essa obra de Bacon, escrita por volta de 1607 e postumamente publicada em 1653 (BACON, 2011, p. 589). Ao invés disso, ela estima que sua referência possa ter sido aos “pensamentos” e “conclusões” da obra *Novum Organum*, de 1620. Por outro lado, para a autora, parece que Vico conhecia muito bem a obra *De dignitate et augmentis scientiarum*, de 1623. Essa seria uma tradução latina e ampliada da obra escrita originalmente em inglês *Advancement of learning*, de 1605, que possivelmente Vico também não teria conhecido. Para Sanna, Vico provavelmente teve contato com Bacon por meio de uma coletânea impressa em 1665 em Frankfurt, que estava na coleção napolitana dos Gerolimini. Apesar disso, ela considera que Bacon representaria o nexo entre o particular e o universal para Vico.

Podemos acrescentar a isso que Bacon é citado por Vico desde o *De ratione* como exemplo de intelectual que soube unir a sabedoria filosófica com a prática política, pois por várias vezes ele o cita como barão de Verulâmio, lembrando sua prática política por meio de seu título, e o nomeia como autor do “áureo livreto *Sobre o desenvolvimento das ciências*” (VICO, 2002, p. 77), desde o início de seu texto. Esse juízo que Vico faz de Bacon é ainda mais claro na *Vita* ao afirmar que “Francis Bacon, senhor de Verulâmio, homem igualmente de incomparável sabedoria, tanto vulgar quanto recôndita, como aquela de quem é ao mesmo tempo um homem universal em teoria e prática, assim como raro filósofo e grande ministro de estado da Inglaterra” (VICO, 1998, p. 115). Campailla (1971, p. 265) explica sobre esse trecho que Vico apresenta Bacon “como síntese da sabedoria refinada e da sabedoria vulgar, filósofo, mas também grande homem de estado, elogiado por ter sido capaz de unificar o caráter contemplativo da cultura grega com o espírito prático da mentalidade romana”. Dessa maneira, a sua grandeza consistiu em ter conseguido reafirmar a relação entre

o ser e o dever ser “não somente no campo especulativo abstrato, mas sobretudo no âmbito da ciência” (CAMPAILLA, 1971, p. 265).

Entretanto, Romana Bassi (2020) chama a atenção para o fato de que quando profere o *De ratione*, “Vico provavelmente ainda não elegeu Francis Bacon como seu ‘terceiro autor’” (BASSI, 2020, p. 1). E, neste texto, Bassi percebe uma crítica viquiana ao perfil do cientista baconiano, cujo intento de “cobrir os mares de pedras e velejar os montes”, mostra atitudes inacessíveis aos homens, comparando Bacon, em sua desmesura da vontade, ao “soberano dos mais vastos impérios” (p. 4). Ela interpreta que o desejo de conhecimento deveria estar limitado a finitude e a limitação humana e que, ao contrário disso, Vico percebia que Bacon teria cedido à tentação de tornar “o empreendimento do conhecimento escravo de um desejo infinito”, temendo que “o sujeito do conhecimento pudesse equiparar-se a Deus” e, por consequência, negligenciar “a moral para se dedicar às ciências naturais” (p. 6). Porém, tal crítica a Bacon não teria sido encontrada em outras obras de Vico (p. 7).

Retornando ao parágrafo 359 da *Ciência nova* (VICO, 2005a, p. 190), percebemos que ele se encontra na quarta seção do primeiro livro, chamada *Do método*, após as seções da *Tábua cronológica*, *Dos elementos* e *Dos princípios* de sua nova ciência. Nessa quarta seção, Vico apresenta o percurso que escolheu para compor a sua ciência. A partir do parágrafo 351, Vico elenca sete provas filológicas e, em sua conclusão, faz novamente uma citação direta à Francis Bacon e ao seu método de *cogitare videre* no parágrafo 359. Aqui, Vico não faz referência à obra, que supostamente não teria conhecido, mas ao “método de filosofar do senhor de Verulâmio” (VICO, 2005a, p. 190). E, diferentemente do parágrafo 163, não há uma continuidade da seção, porque o próximo parágrafo encerra a quarta seção e o livro primeiro. O livro segundo é dedicado à sabedoria poética e é a continuidade de sua ciência, a qual, após estabelecidos seus princípios, postulados e axiomas, nesse segundo momento, parte para o processo de comprovação filológica que começa pela sabedoria poética da antiguidade e avalia a sabedoria dos antigos.

Em ambos parágrafos, é possível notar que Vico faz menção ao método de Bacon. No parágrafo 163, sua referência é à obra *Cogitata visa* e no parágrafo 359 ela se direciona apenas ao método *cogitare videre*. Sem dúvida, a obra *Ciência nova* foi elaborada com uma leitura particular de Vico sobre Bacon, que pretende comprovar

a sua ciência com provas particulares que desenvolveu ao longo de seu texto. Ainda assim, Bacon foi lido por Vico como um filósofo que aplicava a sua ciência sobre “as coisas naturais”. Ao que Vico pretende uma outra aplicação para a sua ciência que é para “as coisas humanas civis”.

Vico, ao se interessar em avaliar a sabedoria dos antigos, teria se inspirado em Francis Bacon, que também já havia se dedicado a avaliar aquilo que considerou ser a sabedoria dos antigos. Na obra de 1605, Bacon escreveu que ninguém teria escrito o estado geral do saber por meio de uma História Literária e que ela teria a utilidade e a finalidade de tornar sábios os doutos:

[...] ninguém chamou a si a tarefa de descrever e apresentar o estado geral do saber ao longo das épocas [...] uma história correta do saber, onde se contenham as antiguidades e origens dos conhecimentos, e suas seitas; suas invenções, suas tradições; suas diferentes administrações e seus cultivos; seus florescimentos, suas oposições, decadências, diminuições, esquecimentos, desapareições, com as causas e ocasiões destes, e todos os demais eventos relacionados com o saber, ao longo das idades do mundo, isso posso afirmar com certeza que não existe. A utilidade e finalidade dessa obra [...] seria tornar sábios os doutos no uso e administração do saber. (BACON, 2007, p. 112 – 113).

Nesse trecho, pode-se perceber que Francis Bacon apresenta algo sobre o qual teria inspirado a aplicação do estudo viquiano, a qual teria o caráter de novidade e ainda apresentaria utilidade para a vida prática em sociedade, pois, enquanto humanista, Vico procurava unir a sabedoria humana e divina e trazer alguma novidade para a república das letras “para a qual só se deveriam trazer livros de descobertas importantes e utilíssimas invenções” (VICO, 2017, p. 114).

Todavia, como alertado por Sanna (2020), Vico não teve contato com essa obra inglesa. Ele conheceu a versão latina, ou *De Augmentis*, que é uma obra publicada cerca de 20 anos depois, com alguns acréscimos em relação a obra de 1605. Ainda naquela referência à obra de 1605, Bacon apresentou uma classificação da História em: Natural, Civil, Eclesiástica e Literária. Sendo que as três primeiras seriam aceitas por ele tal como elas se encontravam, mas apenas a última ele julgou como deficiente. Já na obra de 1623, a *De Augmentis*, a qual Vico teve acesso, Bacon divide a História em apenas duas: Natural e Civil (BACONE, 1965, p. 89). E no capítulo quarto do livro segundo da obra de 1623, Bacon divide a História Civil em: eclesiástica, literária e civil

verdadeira e própria. O tema sobre a falta de uma História Literária, seu progresso, imigração, declínio e restauração, bem como sua utilidade para a prudência e sagacidade dos doutos para o melhor governo possível, teve dedicado todo o curto quarto capítulo (BACONE, 1965, p. 97-99). Ou seja, enquanto na obra de 1605 Bacon fez apenas uma breve referência à História Literária no primeiro capítulo do segundo livro, na obra latina de 1623, que Vico efetivamente leu, ele dedicou maior atenção ao tema, ampliando o texto em relação à versão inglesa e aprofundando a tarefa de “descrever e apresentar o estado geral do saber ao longo das épocas”.

Nesse capítulo quarto da obra de 1623, Bacon reafirma que “a grande e verdadeira história universal das letras ainda não foi publicada” (BACONE, 1965, p. 97). Nessa obra, Bacon ainda percebe que falta algo para a ciência que é a história universal das letras. E ele continua dizendo que: “é necessário esmiuçar as origens, o progresso e a emigração (porque a ciência emigra com o migrar dos povos) do saber, e depois, novamente, o seu declínio, o esquecimento e a restauração” (BACONE, 1965, p. 97). Tal investigação, proposta por Bacon, deveria consultar as obras escritas ao longo dos séculos e proceder por ordem cronológica desde a primeiríssima antiguidade (BACONE, 1965, p. 98).

Sobre a relação entre a História Literária e o seu uso civil, Bacon escreve:

Eu espero que essa história, como nós a idealizamos, possa ampliar muito a prudência e a sagacidade dos doutos no uso e na admiração do patrimônio científico, levando a perceber as mudanças e distúrbios que ocorrem nas coisas intelectuais não menos que nas coisas civis, seus vícios e virtudes, porque resulta dessa observação qual é o melhor governo a se adotar (BACONE, 1965, p. 98).

Dessa maneira, essa seria umas das fontes que teria levado Vico a perceber uma relação entre a História literária e a história civil das nações, suas idades, florescimentos, desenvolvimentos e decadências, como veio a desenvolver na *Ciência nova*, quando percebe que, por exemplo, o estudo da poesia homérica poderia ser uma fonte de estudos de uma metafísica poética e da própria organização daquela sociedade homérica (VICO, 2005a, §§ 151-152; 156; 352; respectivamente p. 113-

114; 115; 189; mais todo o livro terceiro, p. 597-664)¹⁹⁰. Vico também relacionou a história civil com a história da providência, pois a conservação da humanidade, que tem uma natureza egoísta e é levada a destruição por si, tem a garantia de sua continuidade e existência por meio da ação da providência divina (VICO, 2005a, § 2 e § 341, p. 4 e p. 182). A partir disso, Vico afirmou que a sua ciência é uma história da providência civil (VICO, 2005a, § 342, p. 182). Ele também escreveu que isso seria uma novidade (VICO, 2005a, § 342, p. 182) e que ninguém teria feito isso antes dele, nem mesmo “os três príncipes” que se dedicaram à história das nações: Grócio, Selden e Pufendorf (VICO, 2005a, §329 e § 350, p. 170 e p. 188).

Paolo Rossi (2006, p. 272, 350-351) percebeu uma aproximação entre Bacon e Vico quando discute a precedência dos hieróglifos em relação aos signos convencionais, como as letras. Além disso, o entendimento de que uma sociedade sofre um percurso de origem, de desenvolvimento e de declínio também coincidem entre Bacon e Vico. Indo ao texto de Vico, podemos ler que ele afirma que “esta Ciência vem simultaneamente a descrever uma história ideal eterna, sobre a qual transcorrem no tempo as histórias de todas as nações nos seus surgimentos, progressos, estados, decadências e fins” (VICO, 2005a, §349, p. 187).

Essa relação de Vico com a teoria de Francis Bacon é nítida desde o começo de seu percurso de formação intelectual. Recordamos que Manuela Sanna (2020) indica que o primeiro contato de Vico com os textos de Francis Bacon teria ocorrido pouco antes de sua preleção inaugural de 1708, que foi publicada um ano depois como *De Ratione* (VICO, 2002), sua primeira obra filosófica. Embora Vico tenha feito uma referência indireta a Francis Bacon na quinta preleção de 1705, é no *De Ratione* que Vico fez sua primeira referência direta e o relacionou a apresentação de um programa de renovação científica e didática. Em 1732, na sua última preleção inaugural intitulada *De mente heroica*, Vico recomenda aos jovens que façam a leitura da obra *De Augmentis*¹⁹¹.

190 Segundo VICO (2005, § 352, p. 189): “[...] as nossas mitologias [...] que se verão serem histórias civis dos primeiros povos, os quais se comprova terem sido por toda a parte naturalmente poetas”.

191 “Leiais o áureo livro *De augmentis scientiarum* do grande Verulamo [Francis Bacon, N. T.], excetuando-se poucas coisas, é um livro que precisa sempre ser meditado e ter sob os olhos, e considerai quantas coisas ainda restam para se corrigir, para se incorporar, para se descobrir no mundo das ciências” (VICO, 2004, p. 116).

Em sua *Vita*, Vico teria mencionado que o método utilizado nas suas primeiras obras, como no *De antiquissima* (VICO, 2002), ainda não estaria tão bem formulado ou tão claro como foi na sua obra principal. Sobre a *Ciência nova*, Vico escreveu: “Nessa obra o autor encontra finalmente explicado em sua totalidade aquele princípio que havia entendido confusamente e não com suficiente distinção em suas obras precedentes” (VICO, 1998, p. 149). A ordem do método viquiano de partir das questões filosóficas para as comprovações filológicas não estaria devidamente aplicada ao objeto adequado quando escreveu a obra *Metafísica* do *De antiquissima*, algo que foi possível somente após o seu estudo e escrita dos textos do *Direito universal*. Além disso, na *Vita* ele também registrou o seu descontentamento com as etimologias gramaticais bem como com a interpretação da poesia dos antigos feita por Bacon (VICO, 2017, p. 125-126).

Dessarte, na obra de sua maturidade, o método foi aplicado sobre a história das nações. Na *Ciência nova*, ele parte de aspectos gerais, enumera as questões filosóficas da humanidade, busca comprová-las por meio da história ideal eterna e analisa a particularidade da história das nações. Ele percorreu um caminho que vai da síntese para a análise. Ou seja, na *Ciência nova* Vico tenta deixar claro ao leitor que ele confronta o universal e o particular, da filosofia para as provas filológicas, da síntese para a análise. Sobre o seu método, Vico escreveu: “para partir à descoberta de tais naturezas de coisas humanas, procede esta Ciência a uma severa análise dos pensamentos humanos em torno das necessidades humanas ou utilidades da vida social, que são as duas fontes perenes do direito natural das gentes” (VICO, 2005a, § 347, p. 185). Um pouco mais adiante, ele ainda escreve: “esta Ciência usa uma arte crítica, também metafísica, sobre os autores dessas mesmas nações [...] acerca dos quais a crítica filológica se tem até agora ocupado” (VICO, 2005a, § 347, p. 186). Para Vico, no *De antiquissima* e nas demais obras, tal procedimento ainda seria confuso ou não teria sido aplicado tão adequadamente quanto foi na *Ciência nova*.

Porém, de acordo com SANNA (2020), a análise que Vico realiza sobre a história das nações na *Ciência nova* só foi possível a partir da leitura de seu quarto autor de referência: Hugo Grócio. Segundo a autora, “isso fez de Bacon um autor não

definitivo para Vico, mais precisamente uma fase de passagem, embora importante, mas ainda não o suficiente para mostrar o nexó verdadeiro-certo no âmbito específico do direito” (SANNA, 2020, p. 2). Entre 1713 e 1716, enquanto ainda produzia a obra *De rebus gestis Antonii Caraphaei*, Vico estudou e iniciou um comentário sobre a obra *De iure belli et pacis* de Hugo Grócio (BADALONI, 2008, p. 124; VICO, 2017, p. 128). Grócio assume papel relevante para a confecção da *Ciência nova*. O “transporte” do método de Francis “para as coisas humanas civis” (VICO, 2005a, § 163, p. 119) só foi possível mediante o estudo da obra de Grócio e isso é explícito na *Vita* de Vico.

Sobre o método de Bacon e o seu uso para a análise da história civil, Vico escreveu na *Vita*:

Bacon vê que todo o saber humano e divino que existia à época devia ser complementado naquilo que lhe faltava e emendado naquilo que já possuía, porém, em relação às leis, não se elevou o suficiente, com os seus cânones, para abranger o universo das cidades, o curso de todos os tempos e a extensão de todas as nações” (VICO, 2017, p. 128).

Ao passo que, sobre Grócio, Vico continua o seu texto fazendo as seguintes observações:

Hugo Grócio, porém, reúne num sistema de direito universal toda a filosofia e a filologia, incluindo ambas as partes desta última - quer a história das coisas, fabulosa ou certa, quer a história das três línguas, hebraica, grega e latina, que são as três línguas douradas da Antiguidade que chegaram até nós pela mão da religião cristã (VICO, 2017, p. 128-129).

Dessa forma, Vico reconhece em sua *Vita* que a análise do direito universal e do mundo civil humano só se tornou possível após o estudo de Grócio, algo que, segundo ele próprio, Francis Bacon não teria realizado com seu método de filosofia e filologia. Na *Ciência nova*, o interesse de Vico se volta para as cidades, o curso de todos os tempos e as nações. E foi sua leitura de Grócio que lhe permitiu perceber o nexó entre a história civil e as línguas, ou a história literária, relação que Bacon intuía, mas tratava como coisas distintas. Assim, a *Ciência nova* representa não apenas uma síntese entre filosofia e filologia, mas também o aperfeiçoamento de um método que, embora inspirado em Bacon, se realiza plenamente ao ser aplicado à natureza comum das nações.

As implicações metodológicas da nova ciência

A formulação metodológica que Vico elabora em sua *Ciência Nova* representa uma mudança importante no pensamento filosófico moderno, ao propor uma alternativa à tradição aristotélica e ao racionalismo cartesiano. Ao privilegiar uma abordagem histórico-genética e operativista do saber, Vico abandona a dedução lógica de essências e opta pela compreensão concreta dos processos humanos em sua dimensão temporal e simbólica. Nesta subseção, examinam-se as implicações dessa opção metodológica de Vico, conforme a interpretação dada por Rivero (1982).

Rivero, em *Leggere Vico*, apresenta uma abordagem mais geral do método de Vico e outra um pouco mais detalhada em suas introduções. Em seus textos, ele empresta alguns termos de diversas áreas do conhecimento, como da psicologia, da biologia e a da epistemologia operativista, para sua análise da teoria viquiana. Quanto à sua apresentação mais geral, que introduz a seção *Método e ciência em Vico*, ele recorre às distinções do campo da psicologia entre pensamento convergente e pensamento divergente para diferenciar a perspectiva metodológica e epistemológica de Vico daquelas de inspiração cartesiana (RIVERO, 1982, p. 95). Segundo ele, o pensamento convergente ou analítico seria dominado pelo rigor, no uso e aplicação de termos e noções de maneira acurada, segundo regras previamente acordadas. Por outro lado, o pensamento divergente ou criativo tende à realização de novas combinações de elementos sobre o plano de ação, da imaginação e da expressão linguística. Os sujeitos em que as características do pensamento convergente prevalecem destacam-se pela capacidade de assimilar e utilizar as regras lógicas e linguísticas. Já aqueles em que as características do pensamento divergente prevalecem são mais livres e originais, bem-sucedidos nas realizações artísticas e se distinguem pela criatividade. Disso ele conclui que “enquanto a epistemologia e a metodologia de inspiração cartesiana apreciavam o pensamento convergente, a epistemologia e a metodologia viquiana apreciam o pensamento divergente e criativo” (RIVERO, 1982, p. 95). Assim, Vico acreditava ser necessário primeiro imaginar para, somente depois, analisar. E isso não apenas em função da pesquisa científica, mas também em função da formação mental dos sujeitos humanos.

Em sua abordagem mais detalhada, Rivero (1982, p. 9) chama a atenção para alguns conteúdos conceituais que Vico expressou em suas várias edições da *Ciência nova*, os quais teriam se tornado patrimônio comum da cultura ocidental nos séculos seguintes. Ele os resume em três pontos: primeiro, Vico manifestou uma preferência pela explicação genética dos fatos ao invés da classificatória; segundo, que reconheceu a primazia da história humana em relação a qualquer outra realidade; e, por último, expressou uma preferência pela epistemologia operativista¹⁹² e icônica.

Para ele, o aristotelismo, que influenciou o desenvolvimento da filosofia medieval e que não se extinguiu completamente nas instituições escolares do início da Idade Moderna, utilizava-se do silogismo como procedimento científico. Nesse contexto, o desdobramento diacrônico, isto é histórico-genético, dos fatos e das coisas, teria desaparecido em meio a imobilidade do sistema lógico de relações entre as essências. As tendências científicas de inspiração aristotélica tenderam a um método cuja construção do *logos* sacrificou a diacronia em nome da atemporalidade lógica.

Rivero (1982, p. 10) explica que a teoria da ciência enquanto doutrina das quatro causas implicava na simultaneidade de causa e efeito, pressupondo que ação e paixão seriam dois aspectos do mesmo fato, resultando que a sucessão histórica temporal seria relegada a um segundo plano. Dando primazia explicativa à causa formal e não a eficiente, a prioridade lógica era considerada mais relevante que a cronológica. A causa material teria um papel explicativo secundário. Na perspectiva aristotélica, a cadeia de causas subordinadas tenderia a ser projetada no plano único da simultaneidade lógica. A inventividade, tão cara a Vico enquanto defensor do engenho, não teria espaço nesse procedimento, nem mesmo como ferramenta, pois o seu procedimento visava esclarecer e especificar aquilo que já seria conhecido ou os usos linguísticos já adquiridos.

A partir do Renascimento, a filosofia ocidental tentou de várias formas superar a influência do aristotelismo, porém muitas dessas alternativas foram frequentemente

192 No texto italiano, Rivero (1982) escreveu “*epistemologia operativistica*”, o que poderia dar o sentido de ser uma abordagem ou corrente pelo uso do sufixo “ística”. No intuito de manter a ideia de uma operação e de abordagem ou corrente, optamos por traduzir essa expressão como “epistemologia operativista”, pois enfatizaria também o sentido de ação, de operacionalidade e de construção ativa do saber.

fragmentárias, incompletas, isoladas ou ineficazes. Rivero considera que a partir de Galileu, Bacon e Descartes começou a emergir algo de novo e sólido nesse contexto científico, além de afirmações abstratas, com o estudo de fatos concretos. A epistemologia teórica e a metodologia ainda demorariam para compreender e acompanhar os resultados da pesquisa experimental. Em 1710, Vico observou o descrédito da física aristotélica em face de tantas novas descobertas usando fogo e máquinas que imitavam a natureza, isto é, que recorriam aos experimentos. Nesse momento, Descartes, segundo Rivero (1982, p. 10), teria sido o metodólogo de maior sucesso a substituir a autoridade de Aristóteles, ao menos dentre os pensadores europeus continentais.

Apesar dos relatos dos estudos de anatomia e dos experimentos botânicos que Descartes realizou, a sua formulação teórica elaborada para o método científico acabou sendo considerada como seguindo na mesma direção da aristotélica. Vico teria rejeitado tanto o aristotelismo quanto o cartesianismo em seus escritos¹⁹³. As quatro famosas regras do método teriam ignorado a experiência ou o experimento e a busca por causas (RIVERSO, 1982, p. 11). As sequências do método cartesiano, de partir do mais simples e claro ao mais complexo, foram interpretadas como uma ordem que não seria histórica-genética, mas lógica-descritiva¹⁹⁴. Tais sequências foram vistas como sistemas de essências classificadas não pela relação entre gênero e espécie, como seria a aristotélica, mas por graus de complexidade.

Nesse contexto, Rivero afirma que Vico se interessou mais pela teoria de Bacon por perceber nela uma doutrina epistemológica que se aproximava da compreensibilidade do concreto e do dinamismo histórico-genético, manifesto na experiência e nos experimentos. Vico viu no método baconiano uma valorização e um fortalecimento da tópica aristotélica liberta do logicismo silogístico, tema que era um dos principais pontos de crítica de Vico à tópica aristotélica¹⁹⁵. Rivero avalia que Vico

193 Vico registra o abandono das teorias aristotélicas logo no início de seus estudos em Vatolla (VICO, 2017, p. 72). Também aponta para os problemas nas relações entre metafísica e física que tiveram tanto Aristóteles quanto Descartes, apresentado no *De antiquissima* (VICO, 2002, p. 160).

194 Frequentemente Vico associava a teoria cartesiana ao desdobramento silogístico.

195 No *De antiquissima*, Vico aponta para a esterilidade da tópica aristotélica. Ele afirma que “Assim, as *Categorias* e os *Tópicos* de Aristóteles são inúteis se alguém quer encontrar neles algo de novo; e resultaria ser um seguidor de Lúlio ou de Kircher, tornando-

ficou impressionado e interessado pela teoria baconiana por sua compreensão da ciência na concretude histórico-genética dos fatos em conexão com a ação humana. Ao confiar à física a busca pelas causas materiais e eficientes, ao mesmo tempo que dedicava as causas finais e formais à metafísica, Bacon promoveu uma investigação científica que se orientou para o abandono do essencialismo abstrato e que se voltou para identificar as causas que, sob certas circunstâncias, produziriam certos efeitos particulares¹⁹⁶ (RIVERSO, 1982, p. 12). Ao abandonar a interpretação aristotélica da inerência entre causa e efeito, Bacon abriu a via moderna da pesquisa científica em sua perspectiva histórico-genética, mas com isso criou uma situação problemática que os cartesianos tentavam resolver com sua pesquisa obsessiva pela certeza.

As relações entre antecedentes e consequentes, cara aos aristotélicos em sua definição de ciência como conhecimento certo *per causas*¹⁹⁷, foram substituídas pelos cartesianos pelas relações entre proposições simples e complexas com as quais reconstruíam geometricamente os fatos. A perspectiva baconiana, que dava autonomia a causa e ao efeito, permitia a Vico individuar momentos cronológicos distintos em sua forma de devir. Nesta perspectiva, Vico deixa de lado o entendimento de que a ciência deva ser um sistema de proposições ligadas entre si por necessidade lógica, mas, antes, que ela deve ser uma atividade prática e cognitiva com a qual as observações particulares individuais que fazemos ou que são comunicadas do mundo operacional são absorvidas.

se semelhante àquele que, sem dúvida, conhece as letras, mas não as une para ler o grande livro da natureza” (VICO, 2002, VII, V, p. 183).

196 No *De antiquissima*, Vico criticou as relações estabelecidas entre os assuntos da metafísica e física elaboradas tanto por Aristóteles quanto por Descartes. Segundo Vico, Aristóteles teria transferido assuntos diretamente da metafísica para a física, mediante sua discussão sobre potências e faculdades. Descartes, por outro lado, teria exportado diretamente a física ao nível da metafísica, tendo pensado em questões metafísicas dentro do gênero físico, mediante as discussões de atos e formas. Sobre essa discussão, Vico conclui que “a metafísica transcende à física, porque trata das potências e do infinito; a física é parte da metafísica, pois trata das formas e do determinado” (VICO, 2002, IV, II, p. 160).

197 No *De antiquissima*, Vico afirma que “a ciência é o conhecimento do gênero, ou do modo em que a coisa se faz, e por qual meio – sendo assim que a mente conhece o modo, já que compõe os elementos – se faz a coisa” (VICO, 2002, I, I, p. 134). Esse trecho é apontado pelos estudiosos como uma formulação do *scire per causas* de Vico, tal como Damiani (2000, p. 33), Martirano (2012, p. 259-261); Lomonaco (2018, p. 189); Otto (2003, p. 167-169), entre outros, indicaram.

Essa atividade prática e cognitiva da ciência é também uma busca por causas na medida em que se preocupa em determinar os antecedentes cronológicos dos fatos e das coisas. Roverso (1982, p. 14) explica que, dessa forma, a composição dos elementos das coisas não seriam dadas em definições, mas elas deveriam ser constatadas em seu operar. Assim, para Vico, a compreensão capaz de apreender a verdade seria alcançada pela conexão de informações, e essa conexão se daria por meio de princípios. Tais princípios não seriam de onde se deduziriam os fatos, mas são aquilo que os fatos conectam entre si (ROVERO, 1982, p. 18). Dessa forma, a constituição sintética dos princípios de sua *Ciência nova* pode ser mais bem interpretada. Nesse sentido, a nova ciência de Vico forneceria o instrumento que promoveria a superação da história erudita e filológica em prol de uma ciência genética da humanidade, das informações históricas para uma compreensão da história, abrindo um caminho seguro para a verdade nas explicações genéticas de todos os outros campos do conhecimento (p. 19).

A partir do conceito de ciência que Vico estaria em posse, Roverso considera que a nova ciência da história de Vico deveria alcançar a verdade no âmbito histórico por meio do estabelecimento de conexões genéticas uniformes. Através dessas conexões, todos os eventos e situações humanas seriam explicados como produtos de outros eventos e situações, atribuídos a um tipo de eficiência humana na qual toda humanidade estaria envolvida tanto ativamente quanto passivamente. Vico pôde descrever linguisticamente e enunciar esse tipo de eficiência em “formulas, princípios, axiomas ou dignidades”. Por essa razão, sua abordagem pôde ser estruturada como um “sistema de fórmulas e axiomas capazes de esclarecer multidões inteiras de fatos, como esquemas interpretativos mutuamente integrados em uma teoria geral do devir humano” (ROVERO, 1982, p. 21). Vico teria realizado extensos estudos e pesquisas sobre a documentação que teria disponível em sua época dos eventos remotos e recentes da humanidade, levantando hipóteses sobre conexões genéticas cada vez mais gerais e avaliando sua eficácia explicativa por meio da aplicação. Assim, os fatos, eventos e situações apresentados em documentos antigos de forma desconexa ou inadequadamente relacionados seriam conectados por meio de uma maneira nova e explicativa a partir dos novos princípios que Vico teria formulado.

Sobre essas conexões genéticas viquianas que Rivero enfatiza, cabe aqui destacar a relevância que a investigação do elemento senso comum assumiu nos estudos de Vico. Do ponto de vista do exame de como o senso comum é constituído, Grassi (1982, p. 133) resgata o valor que Vico atribuíra ao engenho enquanto habilidade de descobrir semelhanças ou os elementos comuns entre as coisas. A fantasia, predominante entre os primeiros humanos, atribui significado às percepções sensíveis enquanto a sua faculdade do engenho estabeleceria relações entre os fatores comuns. A primeira forma de linguagem teria sido fantástica, pois os primeiros humanos teriam sido poetas. Desse modo, o senso comum das primeiras nações, que não operaria nem como um modo “popular” nem “comum” de pensar, tal como acreditavam os racionalistas, é produto da necessidade, do engenho e da fantasia dessas primeiras nações. Esse entendimento sobre o senso comum o torna capaz de revelar a própria estrutura de suas sociedades e das suas relações de trabalho, quando metodicamente investigado. Ele não pertence à estrutura do saber racional de uma sabedoria reposta, mas pertence à estrutura da fantasia e do engenho. É nesse contexto que Vico afirma, na seção *Dos elementos*, que o estudo do senso comum das nações assume importância central em sua ciência, pois ele pode ser a fonte de “uma nova arte crítica sobre esses autores das nações” (VICO, 2005a, §143, p. 111). Sendo que ele se torna, assim, como um desses elementos de conexões genéticas capaz de revelar a natureza comum das nações. E tal senso comum pode ser investigado a partir das línguas que testemunham os costumes das primeiras nações.

Com isso, Vico acredita que “as tradições vulgares devem ter tido fundamentos públicos de verdade, pelo que nasceram e foram conservadas por povos inteiros durante longos períodos de tempo” (VICO, 2005a, §149, p. 113). O trabalho de sua ciência é o de encontrar os fundamentos do verdadeiro, uma vez que “com o passar dos anos e com o mudar das línguas e dos costumes, nos chega recoberto de falso” (§150, p. 113). Essas línguas são os “falares vulgares”, os quais “devem ser o testemunho de maior peso dos antigos costumes dos povos, pois que se celebraram no tempo em que eles formaram as línguas” (§ 151, p. 113). Dessa maneira, os parágrafos 152 e 153 apontam para a língua de uma nação antiga como “testemunho dos costumes dos primeiros tempos do mundo”, tal como a língua romana seria para

os “falares latinos”, e a língua alemã estaria para a língua romana antiga. Consequentemente, a investigação dos poemas de Homero é capaz de revelar as “histórias civis dos antigos costumes gregos” (§156, p. 115). Por sua vez, o princípio de uma “língua mental comum a todas as nações” permite a Vico compreender de maneira uniforme as coisas factíveis na vida humana social, suas modificações e os seus vários aspectos, percebendo “ideias uniformes em povos desconhecidos” (§198, p. 130).

Além disso, essa percepção de Vico conduz ao entendimento de que a construção humana de ficções é um dos elementos essenciais da humanidade, algo que ele apresenta com uma nova abordagem em relação ao *De antiquissima*. Enquanto nesta obra, ele apresentava que o humano finge o ponto e o uno e deles produz a geometria e a aritmética, na *Ciência nova*, Vico estabelece o elemento de que o humano “finge as fábulas” (VICO, 2005a, §205, p. 131), “finge decoro”, e “finge os caracteres poéticos” (§209, p. 133). O ser humano, essencialmente criador, cria esse mundo das nações por meio de sua capacidade quase divina de produzir ficções, algo que ele de certa maneira já expressava desde a sua *Primeira oração*¹⁹⁸. Sobre isso, Silva Neto (2010, p. 47) explica que “Vico ressalta que o homem inventa, finge¹⁹⁹ para si um mundo de objetos que conhece perfeitamente, precisamente por causa da finitude do seu espírito e do fato de não saber a verdade das coisas que o cerca” e que, portanto, “a primeira operação da mente humana é a geração semântica, a fundação linguística e imaginativa de todo o universo cognitivo” (p. 48).

O princípio de uma humanidade criadora de seu saber e de sua língua conduz a nova ciência de Vico a reconhecer um princípio universal da história. Em sua estrutura, o desenvolvimento histórico das nações se distingue em ciclos sucessivos e articulados, como três espécies de naturezas humanas, três tipos de sociabilidade e cultura, de costumes, de direitos naturais, de governos, de línguas, de caracteres, de jurisprudência, de autoridade, de razões, de julgamentos, de seitas dos tempos. Tais ciclos históricos, embora apresentados em sua uniformidade, não se sucederiam em uma série única para toda a humanidade, pois enquanto o Oriente Médio estaria

198 Nessa oração, Vico exalta a capacidade criadora da mente humana exclamando para seus ouvintes que “seu próprio ânimo é como um deus” (VICO, 2002, p. 11).

199 Silva Neto explica que esse termo viria do latim *configere*, o qual tanto assumiria o sentido de formar, de modelar da argila, quanto também de imaginar, inventar e fingir.

na idade dos heróis, na Grécia ainda estariam na idade dos deuses²⁰⁰ (RIVERSO, 1982, p. 24). Riverso afirma que a história, assim pensada, ao examinar o emergir de uma nova nação e seu desenvolver de um novo filo, seria interpretada diferente do modelo *monofilético* hegeliano, mas, sim *polifilético* no qual diferentes nações poderiam estar em ciclos históricos diferentes ao mesmo tempo. A partir disso, pode-se dizer que Vico percebeu um dinamismo interno à humanidade promovido por necessidades e utilidades que é guiado por um senso divino ou por uma providência, a qual também opera enquanto princípio ordenador²⁰¹ (CAPORALI, 2018), que permitem um padrão de “história ideal eterna”, ainda que não seja sincrônico entre as nações.

Riverso (1982, p. 32) chama a atenção para a preferência de Vico por uma epistemologia operativista e icônica, cuja discussão seria um pouco mais recente, avaliadas no plano da comunicação e da atividade interpretativa e produtiva, redimensionando a semiose linguística e reavaliando o papel e a possibilidade da semiose icônica²⁰². Em relação à semiose linguística, as operações ocorreriam enquanto combinações de elementos linguísticos realizadas de acordo com as regras gramaticais e sintáticas da língua utilizada. Quanto a semiose icônica, as operações ocorreriam enquanto experimentos com coisas e fatos cuja representação estaria de acordo com sua forma física.

200 Na *Ciência nova primeira*, Vico escreveu que “Enquanto no Oriente, Egito e Síria as Nações já estavam sob Governos Humanos; as *Gentes Gregas e Italianas* viviam sob *Governos Divinos*” (VICO, 2023, p. 173).

201 Sobre o papel da providência enquanto um princípio que ordena a humanidade é possível ler o exame valioso de Riccardo Caporali no qual afirma que “A ‘sabedoria vulgar’, a falsa ideia de providência está, de outro modo, providencialmente, na origem de ‘todas as nações gentias’” (CAPORALI, 2018, p. 4). E ainda mais importante destacar, na interpretação de Caporali, que tal providência “não se trata de um fio puxado ‘de fora’ da natureza humana, de um ato excepcional e sobrenatural – de um ‘comando’ direto e pessoal preservado por Deus ao seu povo [...]” (p. 9), não sendo entendida enquanto “uma posição transcendente, diversa, alheia àquela humana”, mas que opera de acordo com o resultado do livre arbítrio humano.

202 Stephan Otto dedicou-se a discutir as relações da teoria de Vico e uma leitura sobre signos, significados, sematologia e representação histórica, semiótica e metafísica. A revista *Cuadernos sobre Vico* traduziu e publicou alguns de seus trabalhos, como OTTO, 1994, sobre a síntese geométrica que Vico elaborou entre metafísica e semiótica; e OTTO, 2001-2002, a respeito da compreensão das intenções sematológicas de Vico de como a sua filosofia do engenho poderia tanto figurar uma convertibilidade dos signos e seus significados quanto entre os conjuntos de signos e a sua representação figurativa.

Para Rivero, Vico referia-se a essas operações enquanto atividade fantástica ou imaginativa em que se exercia o engenho e a inventividade na descoberta de semelhanças e conexões mediante aproximações, combinações e construções, cujos resultados poderiam ser apurados. Nesse sentido, enquanto no plano linguístico havia o “*legere*” [ler], que consistiria em recolher e compor os elementos verbais, no plano icônico haveria o “*colligere*” [colher] ou “*intelligere*” [entender], no qual os elementos das coisas seriam recolhidos e compostos. A esse respeito, Silva Neto (2012, p 213) explica que em Vico “*Legere* é a ação de recolher os elementos da escrita com os quais se formam as palavras, assim como o *cogitare* é ato de recolher os elementos que compõem uma coisa. Por conseguinte, diz Vico, o *intelligere* ou o conhecer com evidência consistirá na reunião da *totalidade* dos elementos de uma coisa, implicando a ideia de que a verdade de algo se confunde com a sua criação”.

Dessa forma, a verdade e a autêntica compreensão das coisas seriam alcançadas por meio do trabalho fantástico, cujas referências são implícitas desde sua origem poética, diferindo do trabalho linguístico de construções definidoras e silogísticas. A estrutura semântica de uma língua, a partir da noção de sabedoria poética, conteria uma metafísica imaginada, isto é, “a concepção do real articulada em formas e situações fantásticas, que para um povo que usa essa língua, são as premissas de toda sua atividade interpretativa, comunicativa e científica” (RIVERSO, 1982, p. 32). Para Vico, a validade científica deve satisfazer o princípio do *verum factum*. Entretanto, somente em alguns casos, como nos experimentos da física, esse fazer poderia ser físico, enquanto na maioria das vezes o fazer assume mais um caráter fantástico ou imaginativo, tal como a geometria e a composição de suas imagens.

A humanidade articulada em nações faz a história ao produzir novas situações a partir de outras situações existentes dentro dessa mesma nação. Tal ação resulta em várias situações históricas que podem ser conectadas geneticamente por meio de uma operatividade em que os humanos estariam envolvidos não como indivíduos, mas como corpos coletivos que são tais nações. Nesse âmbito das nações, as situações históricas desses indivíduos são geradas e suas conexões genéticas podem ser captadas, tornando possível alcançar o *verum* na nova ciência histórico-filosófica. O trabalho da imaginação, que une os fatos geneticamente relacionados, assume uma

importância capital para a realização da história enquanto nova ciência de alcance metafísico, atribuindo a fantasia um papel fundamental para além dos limites da idade dos heróis. Assim, a metafísica para Vico, enquanto visão da realidade em suas estruturas mais universais, consistiria no esquema geral daquilo que seria fundamental em todas as formas e fatos do mundo enquanto produzidos pelos homens e por suas interpretações, contrastando radicalmente com aquela outra metafísica de origem aristotélica, apoiada sobre as estruturas linguísticas (RIVERSO, 1982, p. 33).

A nova arte crítica de Vico revela uma profunda reconfiguração da epistemologia moderna, na qual o saber deixa de ser concebido como sistema lógico atemporal e passa a ser entendido como prática enraizada na história e na ação humana. Riverse atualiza a discussão metodológica viquiana e enfatiza que, ao superar tanto o essencialismo aristotélico quanto o formalismo cartesiano, Vico propõe uma ciência que se constrói pela conexão genética dos fatos, pela inventividade da fantasia e pela articulação simbólica dos elementos da realidade. A *Ciência Nova*, nesse sentido, não apenas redefine os fundamentos dos métodos, mas também inaugura uma forma de pensar a verdade como produto da ação humana e de sua imaginação criadora. Assim, a nova arte crítica configura-se como instrumento de superação da história como simplesmente erudita. Com ela, torna-se possível a constituição de uma ciência da humanidade capaz de integrar princípios explicativos e axiomas em uma teoria geral do devir histórico.

CONCLUSÃO

A forma como Vico escreveu as suas obras nos conduz ao método que ele propôs para o estímulo do engenho. Ele escreve de maneira a nos fazer dissecar os muitos tópicos de seu texto, para que, depois, possamos reuni-los mentalmente e conseguir, por fim, ir além do próprio texto, construindo conhecimento a partir da proposta que ele mesmo nos exige durante a leitura. Esse conhecimento novo, que ele nos obriga a construir, tem a força colher a partir dos verossímeis, ainda que de maneira experimental, indutiva, menos precisa que a metafísica, e apoiado na imaginação, permite encontrar e unir engenhosamente os tópicos para depois examiná-los metodicamente, igualando tal conhecimento, enfim, às certezas metafísicas.

Vico nos convida a seguir esse método para conseguir produzir o conhecimento que a sua obra exige. Sem isso, sua obra pode parecer obscura. Talvez essa obscuridade, tão destacada por Croce, possa ter sido intencional, pois assim seria a *physis*, incerta, duvidosa, uma selva como naquela sua *dipintura* da *Ciência nova*, a qual nos exige ser engenhosos se quisermos dela produzir algo novo para o benefício social. Porém, o mundo das nações, ao mesmo tempo em que é produzido pela humanidade, também encontra dificuldades para o exame das vontades, do *pathos*, das questões que somente a *prudência*, não metódica, poderia orientar. Examinar temas tão incertos como esses exige uma constante adequação e reformulação dos métodos, tal como Vico fez ao longo de toda sua produção filosófica.

Assim, a leitura dos textos viquianos difere daqueles outros de sua época, como os cartesianos, que zelavam pela clareza e desdobravam uma verdade a partir de outra. No texto viquiano, porém, é preciso encontrar os tópicos que ele apresenta e reuni-los com o auxílio do engenho. Vico nos convida a examinar esses tópicos, compará-los, relê-los e, por meio da imaginação, articulá-los em uma nova síntese, examinando-os posteriormente. Dessa forma, Vico requer que o seu leitor siga o mesmo método que ele criou para a elaboração de seus textos. Consequentemente, essa leitura promove a produção de um texto novo e original e, talvez, até distorcido.

Nisso, Vico deve ser considerado genial, pois dessa maneira ele se mantém como um mestre que forma filósofos com autonomia de pensamento. Isso se evidencia no *De ratione*, no qual ele expõe seus tópicos no início e às margens do texto. Esses tópicos auxiliam o leitor a acompanhar a sua reflexão e a sua teoria. Nos demais textos, ele incentiva o leitor a pinçar os tópicos de cada parágrafo para, a partir dele, recriar sua filosofia.

Disso, é possível notar que a *Ciência nova primeira*, de 1725, escrita com grandes parágrafos, segue essa estratégia metodológica de nos fazer procurar no texto os seus sentidos e construir em pensamento um novo conhecimento. Em certos momentos, sentimos falta de pontuação; em outros, percebemos excesso de ponto e vírgula. Há trechos em que uma ideia é seguida por longa explicação antes de prosseguir, e cadeias copiosas de raciocínio exigem esforço para encontrar o sentido proposto. Os destaques e os muitos itálicos também contribuem para essa experiência de leitura. Nessa obra, Vico assume um estilo que obriga o leitor a tomar nota dos tópicos apresentados, recriar o texto e extrair novamente a sua filosofia, surpreendentemente coerente, mesmo com tantas idas e vindas. Assim, a técnica que Vico criou é precisa. Um outro autor qualquer se confundiria ou se contradiria em meio a tantos movimentos textuais. Na edição de 1744, essa técnica foi ainda mais refinada e rebuscada, convidando o leitor a imaginar como imaginaram os primeiros humanos. Para isso, Vico utiliza diversos recursos, como a *Dipintura*, a *Tábua cronológica*, os destaques no texto, as reconstruções textuais, entre outros.

Quanto à discussão sobre uma pluralidade metodológica, pode-se perceber que Vico, para os temas que escolheu investigar, percorreu um longo caminho com várias experimentações de diferentes métodos. Acompanhando o olhar retrospectivo que Vico nos apresenta em sua *Vita*, percebemos o apreço que ele tinha ao método, uma vez que atribuiu o convite que recebeu para lecionar em Vatolla à discussão que teve com o monsenhor Geronimo Rocca sobre o método correto de ensinar jurisprudência. O percurso intelectual descrito em sua *Vita* não é um discurso sobre o método, mas sim a expressão, em forma de autobiografia, de que todo método é, em si, um tipo de discurso. Seu *Aditamento* é uma prova do quanto se dedicou ao aperfeiçoamento de suas obras e de sua metodologia, atestando essas mudanças em suas últimas produções.

Em suas obras, Vico demonstrou maior afinidade com métodos de caráter sintético, embora tenha reservado um segundo momento para o analítico, sempre destacando um duplo processo metodológico. Esse processo teria início na tópica, que assume um papel criativo nas etapas iniciais do desenvolvimento metodológico, sendo posteriormente seguido pela análise crítica dos princípios previamente estabelecidos. No entanto, suas concepções de método e de conhecimento ou sabedoria evoluem ao longo de sua produção filosófica. O conceito de sabedoria presente nas primeiras obras de Vico não é exatamente o mesmo em sua obra final. A sabedoria que torna os homens melhores, como apresentada nas orações inaugurais, difere daquela sabedoria poética das primeiras nações, pertencente a uma sociedade bestial e grosseira (cf. GIRARD, 2018, p. 262). Como o conceito de sabedoria está ligado ao de método em Vico, sua compreensão do que é método também se transforma. Na *Ciência nova*, Vico não se refere mais a um método de tópica e crítica, como no *De ratione*, mas ao *cogitare videre*, um processo que une filosofia e filologia, sob influência baconiana.

Nas orações inaugurais, Vico manifesta sua fé na sabedoria como instrumento de correção da sociedade, mas aos poucos a investigação da sabedoria na história passa a se tornar uma ferramenta para investigar a mente humana e descobrir uma ordem para o desenvolvimento das nações. A influência que a retórica exerce sobre Vico também se altera ao longo de suas obras. No *De ratione*, a indicação de que a ordem dos estudos devia começar pela tópica é uma clara alusão à sua herança retórica humanista, tão evidente nas primeiras orações. Tanto nessa obra quanto na *Sexta oração*, pode-se perceber o estimado valor que Vico atribui à linguagem no processo de construção de uma sabedoria que também é eloquente. A função social dessa sabedoria, mediada pela prudência, é semelhante àquela desejada pelos humanistas.

A partir de seu livro *Metafísico*, o *De antiquissima*, a investigação da linguagem assume importância central enquanto material para a pesquisa etimológica da sabedoria dos antigos itálicos, da mesma forma que a sabedoria começa a se apresentar como uma construção histórica. O princípio gnosiológico do *verum ipsum factum* toma maior proporção e serve para que Vico encontrasse os fundamentos para a construção de sua nova ciência. Aos poucos, os seus estudos de filologia,

empregados para a composição das obras do *Direito universal*, vão sendo aperfeiçoados para sua nova arte crítica, culminando na *Ciência nova*.

Após os estudos que Vico realizou sobre Grócio e a aplicação do exame filológico que o inspiraram para compor o *Direito universal*, houve uma mudança em seu método etimológico de investigação dos vocábulos. Com essa nova percepção da filologia, Vico aplicou sua nova arte crítica para a síntese dos princípios gerais sobre o desenvolvimento das cidades, do curso de todos os tempos e das nações, como exposto na *Ciência nova*. Assim, a história civil passou a se relacionar com a história das línguas, pois fazem parte daquele princípio do “homem deus de seu mundo”. Essa investigação permitiria a formulação de uma síntese de princípios gerais, reunidos conceitualmente, investigados e apurados por meio de uma análise filológica. Com isso, Vico pretendeu aplicar o método do *cogitare videre*, de inspiração baconiana, aos assuntos civis. Em outro aspecto, o texto da *Ciência nova* induz o leitor ao percurso de uma metafísica sintética, conduzindo-o de um princípio a outro com uma sequência de raciocínios do início ao fim da obra, o que se soma à habilidade retórica de Vico de promover o engenho de seu leitor, para que, ao fim, também possa criar ciência por meio do espanto e do maravilhamento. A forma como Vico escreveu suas obras é, enfim, parte de seu método. A escrita de sua última *Ciência nova* conduz o engenho do leitor pelo maravilhamento à construção da nova ciência.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. Col. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch; Baby Abrão. Col. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 139-251.

ARISTÓTELES. *Obras completas: Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005a. V. III. Tomo I.

ARISTÓTELES. *Órganon: Categorias, Da interpretação, Analíticos anteriores, Analíticos posteriores, Tópicos, Refutações sofísticas*. Trad. Edson Bini. Bauru: Edipro, 2005-b.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Ana Maria Valente. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.

ARNAULD, Antoine; NICOLE, Pierre. *A lógica ou a arte de pensar*. Trad. Nuno Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.

BACON, Francis. *Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. Col. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BACON, Francis. *A sabedoria dos antigos*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BACON, Francis. *O progresso do conhecimento*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

BACON, Francis. *The works of Francis Bacon (1857)*. Collected and edited by James Pedding; Robert Leslie Ellis; Douglas Denon Heath. New York: Cambridge University Press, 2011. v. 1 e 3. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139149600>

BACONE, Francesco. *Opere filosofiche*. A cura di Enrico de Mas. Bari: Laterza, 1965. V. 2.

BADALONI, Nicola. *Introduzione a Vico di Nicola Badaloni*. Roma: Laterza, 2008.

BASSI, Romana. Vico e a objeção moral dirigida a Francis Bacon no *De ratione*. Trad. Vladimir Chaves dos Santos e Tascira Santonastaso. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*. Maringá, v. 42(2), e52232, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v42i2.52232>. Acessado em 30 de jun. de 2023. <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v42i2.52232>

BATTISTI, César Augusto. *O método de análise em Descartes: da resolução de problemas à constituição do sistema do conhecimento*. Tese. Orientador José Raimundo Novaes Chiappin. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2000, 366 p.

BORDOGNA, Alberto. *Gli idoli del foro: Retorica e mito nel pensiero di Giambattista Vico*. Roma: Aracne, 2007.

BURKE, Peter. *Vico*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

CAMPAILLA, Sergio. Metodo cartesiano e metodo baconiano nel “De nostri temporis studiorum ratione” del Vico. *Casa Editrice Leo S. Olschki s.r.l.*, Belfagor, v. 26, n. 3, 31 maggio 1971, p. 253-272. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26142520>. Acesso em 10 jan 2023.

CAPORALI, Riccardo. O “artesão” e a “rainha”. Livre arbítrios e divina providência em Giambattista Vico. Trad. Vladimir Chaves dos Santos e Tascira Santonastaso. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*. Maringá, v. 40(1), e40646, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v40i1.40646>. Acesso em 09 ago. de 2025. <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v40i1.40646>

CAPORALI, Riccardo. Sabedoria e política no *De ratione*. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*. Maringá, v. 42(2), e52233, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v42i2.52233>. Acessado em 24 de jun. de 2025. <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v42i2.52233>

CICERÓN, Marco Tulio. *La invención retórica*. Trad. Salvador Nuñez. Madrid: Gredos, 1997.

CÍCERO, Marco Túlio. *Dos deveres*. Trad. Angélica Chiapeta. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CORSANO, Antonio. *Umanesimo e religione in G. B. Vico*. Bari: Gius. Laterza & Figli, 1935.

COTTINGHAM, John. *Dicionário Descartes*. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

CROCE, Benedetto. *La filosofia de Giambattista Vico*. Bari: Gius. Laterza & Figli. 1922. 2. ed.

DAMIANI, Alberto Mario. *Giambattista Vico: la ciencia anticartesiana*. Buenos Aires: Almagesto, 2000.

DAMIANI, Alberto Mario. *Domesticar a los gigantes: sentido y praxis en Vico*. Rosario: UNR Editora, 2005.

DE MASS, Enrico; FAUCCI, Dario; NICOLINI, Fausto; VERRI, Antonio. *Vico e l'instaurazione delle scienze: diritto, linguistica, antropologia*. Lecce: Messapica, 1978.

DESCARTES, René. *Discurso do método. Meditações. Objeções e respostas. As paixões da alma. Cartas*. Col. Os pensadores. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad. Enrico Corvisieri. Col. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000a. p. 33 – 100.

DESCARTES, René. *Princípios de Filosofia*. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 2016.

DIANA, Rosario. Vico moderno além da modernidade. Trad. Sertório de Amorim e Silva Neto. In: LOMONACO, Fabrizio; GUIDO, Humberto; SILVA NETO, Sertório de Amorim e (orgs.). *Metafísica do gênero humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Edufu, 2018. p. 227-243.

DONZELLI, Maria. “Sapientia”, “sagesse” et “science” dans la philosophie de Vico, *Noesis* [online], 8, 2005, publicado online em 30 mar 2006. URL: <http://journals.openedition.org/noesis/139>; DOI: <https://doi.org/10.4000/noesis.139>. Acesso em 09 ago. 2023. <https://doi.org/10.4000/noesis.139>

EVA, Luiz Antonio Alves. Francis Bacon: ceticismo e doutrina dos ídolos. *Caderno de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, Série 3, v. 18, n. 1, p. 47-84, jan.-jun. 2008. Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/570/450>. Acesso em 02 mai. 2024.

FRANCA, Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas: o Ratio Studiorum*. Campinas: Kíron, 2019.

GATTO, Romano. Introduzione. In: GALLUPPI, Pasquale. *Sull'analisi e la sintesi*. A cura di Romano Gatto. Campobasso: Diogene Edizioni, 2017.

GALLUPPI, Pasquale. *Sull'analisi e la sintesi*. A cura di Romano Gatto. Campobasso: Diogene Edizioni, 2017.

GARCÍA, Moisés González; BISBAL, Josep Martínez. *Autobiografía de Giambattista Vico*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1998.

GIRARD, Pierre. Vico e a tradição cartesiana. In LOMONACO, Fabrizio; GUIDO, Humberto; SILVA NETO, Sertório (orgs). *Metafísica do gênero humano*: natureza e história na obra de Giambattista Vico. Uberlândia: EDUFU, 2018. p. 255 - 284.

GISONDI, Giulio. Vico e il problema del metodo tra sperimentalismo e retorica. *Laboratorio dell'ISPF*, vol. XIII (10), 2016. DOI: 10.12862/Lab16GSG. Acesso em 13 abr. 2022.

GRASSI, Ernesto. La priorità del senso comune e della fantasia in Vico. In: RIVERSO, Emanuele (org.). *Leggere Vico*: Scritti di Giorgio Tagliacozzo e di altri. Introduzione e cura di Emanuele Rivero. Milano: Spirali, 1982.

GRASSI, Ernesto. *Vico y el humanismo*: ensayos sobre Vico, Heidegger y la retórica. Trad. Jorge Navarro Pérez. Barcelona: Antropos Editorial, 1999.

GRASSI, Ernesto. El comienzo del pensamiento moderno: de la pasión y la experiencia de lo originario. 2001-2002. Trad. Silvia Herce Pagliai. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla, n. 13-14, 2001-2002. Disponível em: <https://institucional.us.es/revistas/vico/vol.13-14/2.pdf>. Acesso em 08 jul. de 2022.

GUIDO, Humberto. A barbárie da reflexão e a decadência moral: a crítica de Vico à cultura do iluminismo. *Philosophos – Revista de Filosofia*, Goiânia, v. 7, n. 2, 2002, p. 1 – 19. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/phi.v7i2.3157>. Acesso em 12 ago. 2024. <https://doi.org/10.5216/phi.v7i2.3157>

GUIDO, Humberto. *Giambattista Vico*: a filosofia e a educação da humanidade. Petrópolis: Vozes, 2004.

GULLEY, Norman. A análise geométrica grega. Trad. Roberto Lima de Souza. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, v. 4, 1983, p. 16-27. Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/1175>. Acesso em 20 mai 2025.

LACHTERMAN, David. Vico, Doria e la geometria sintetica. Trad. B. Arcangeli. *Bolletino del Centro di Studi Vichiani*, Napoli, v. X, p. 10-35, 1980. Disponível em:

http://www.ispf-lab.cnr.it/system/files/ispf_lab/documenti/b1980_011_036.pdf. Acesso em 28 mai. 2025.

LOMONACO, Fabrizio. Vico e a metafísica de 1710. Trad. Sertório de Amorim e Silva Neto. In: LOMONACO, F., HUMBERTO, G., SILVA NETO, S. A., eds. *Metafísica do gênero humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico* [online]. Uberlândia: EDUFU, 2018, pp. 181-211. ISBN: 978-65-86084-22-1. <http://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-469-8>. Acesso em 29 ago. 2023. <https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-469-8>

MANCOSU, Paolo. Descartes e a matemática. In BROUGHTON, Janet; CARRIERO, John (orgs). *Descartes*. Trad. Ethel Rocha, Lia Levy. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 113 – 131.

MARTIRANO, Maurizio. Vico e a construção do mundo humano. In: GUIDO, Humberto; SEVILLA, José M.; SILVA NETO, Sertório de A. e. (Orgs.) *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: EDUFU, 2012. p. 251 – 274.

MILES, Murray. O método de Descartes. In: BROUGHTON, Janet; CARRIERO, John (Orgs). *Descartes*. Trad. Ethel Rocha, Lia Levy. Porto Alegre: Penso, 2011.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. *Francis Bacon e a fundamentação da ciência como tecnologia*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

OTTO, Stephan. Semiótica y metafísica. El subtexto transcendental de los signos de Vico. Trad. José A. Marín Casanova. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla, n. 4, p. 39-51, 1994. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/Vico/article/view/14058>. Acesso em 09 de ago. de 2025.

OTTO, Stephan. Convertibilidad de signos y significados. La “representación figurada” de la historia en Vico. Trad. José M. Sevilla. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla, n. 13-14, p. 195-203, 2001-2002. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/Vico/article/view/13867>. Acesso em 09 ago. 2025.

OTTO, Stephan. “Contextualidad” científica y “convertibilidad” filosófica. La repuesta de la Scienza Nuova a la crisis epistemológica de la primera modernidad. Trad. Luis Chaparro Caballero. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla, n. 15-16, p. 163-177, 2003. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/Vico/article/view/13836>. Acesso em 09 ago. 2025.

PEREIRA FILHO, Antonio José. *Linguagem e práxis: Vico e a crítica à concepção cartesiana de linguagem*. Orientadora Maria das Graças de Souza. 2010. 258 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.8.2005.tde-01102010-112543>. Acesso em 09 de ago. de 2025. <https://doi.org/10.11606/D.8.2005.tde-01102010-112543>

PEREIRA FILHO, Antonio José. O discurso e o método: Vico leitor de Descartes e a Autobiografia. In: GUIDO, Humberto; SEVILLA, José Manuel; SILVA NETO, Sertório de Amorim e (orgs.). *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Edufu, 2012.

PENNISI, Antonino. *La linguistica dei mercatanti: filosofia linguistica e filosofia civile da Vico a Cuoco*. Napoli: Guida, 1987.

PINTON, Giorgio Alberto. La Nápoles de Vico. Trad. Enrique Bocardo. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla, n. 7/8, p. 115 – 139, 1997. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/Vico/article/view/13978>. Acesso em 15 jul. 2025.

PLATÃO. *A República*. Trad. Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

PONS, Alain. Vico y la tradición del humanismo retórico en la interpretación de Grassi. Trad. Jose M. Sevilla. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla, n. 13-14, 2001-2002. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/Vico/article/view/13860>. Acesso em 12 mai. 2022.

REBOLLO ESPINOSA, María José. *Dioses, héroes y hombres: G. Vico, teórico de la educación*. Sevilla: G.I.H.U.S.- C.I.V., 2000.

RIVERSO, Emanuele. Introduzione. In: RIVERSO, Emanuele (org.). *Leggere Vico: Scritti di Giorgio Tagliacozzo e di altri*. Introduzione e cura di Emanuele Rivero. Milano: Spirali, 1982.

ROSSI, Paolo. *Il pensiero di Giambattista Vico: una antologia dagli scritti*. Turim: Loescher, 1987.

ROSSI, Paolo. *A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da Revolução Científica*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1992a.

SANNA, Manuela. La métaphysique comme question de méthode, *Noesis* [online], n. 8, 2005, publicado online em 30 mar 2006. URL: : <http://journals.openedition.org/noesis/127>. DOI: <https://doi.org/10.4000/noesis.127>. Acessado em 14 mar 2022. <https://doi.org/10.4000/noesis.127>

SANNA, Manuela. O encontro com Bacon na composição do De Ratione. *Acta Scientiarum*. Human and social sciences, Maringá, v. 42, n. 2, e52735, ago. 2020. Doi: 10.4025/actascihumansoc.v42i2.52735. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/52735>. Acesso em: 14 mar. 2022. <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v42i2.52735>

SANTOS, Vladimir Chaves dos. Vico e a ordem de estudos de seu tempo: a ligação entre conhecimento e ética. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 24, n. 85, p. 1277-1294, dez. 2003. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-73302003000400009>. Acesso em 07 ago. 2024. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302003000400009>

SANTOS, Vladimir Chaves dos. *O conceito de engenho e de invenção na Scienza Nuova de Giambattista Vico*. Orientador: Roberto Romano da Silva. 2009. 333 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ifch/conceito-engenho-invencao-scienza-nuova-giambattista-vico>. Acesso em 01 jul. 2025.

SANTOS, Vladimir Chaves. A propósito do lugar de Vico na modernidade. In: GUIDO, Humberto; SEVILLA, José M.; SILVA NETO, Sertório de A. e. (Orgs.) *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia – EDUFU, 2012. p. 157-178.

SANTOS, Vladimir. A influência de Bacon nas críticas de Vico ao cartesianismo. *Modernos e contemporâneos*, Campinas, v. 3, n. 7, p. 252-266, jul./dez., 2019. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/modernoscontemporaneos/article/view/4070>. Acesso em 09 de ago. de 2025.

SANTOS, Vladimir Chaves dos. A importância da linguagem imagética em Vico. In GIRARD, Pierre; SILVA NETO, Sertório de Amorim e (org.). *Linguagem e estilo em Vico*. Campinas: Phi, 2021.

SILVA NETO, Sertório de Amorim e. As críticas de Vico e Horkheimer ao racionalismo cartesiano: a negação da razão naturalista em nome da filosofia humanista. *Educação e filosofia*, Uberlândia, v. 15, n. 29, jan./jun. 2001. p. 175-198. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v15n29a2001-721. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/721>. Acesso em 30 jun. 2025.

SILVA NETO, Sertório de Amorim e. *As razões da política: Humanitas e barbárie em Giambattista Vico*. Orientadora: Maria das Graças de Souza. 2010. 211 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:
<https://doi.org/10.11606/T.8.2010.tde-01082011-092123>. Acesso em 01 jul. 2025.
<https://doi.org/10.11606/T.8.2010.tde-01082011-092123>

SILVA NETO, Sertório de Amorim e. Vico e a fundamentação antropológica da Metafísica. In GUIDO, Humberto; SEVILLA, José Manuel; SILVA NETO, Sertório de Amorim e. *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: Edufu, 2012. p. 203 – 224.

SILVA NETO, Sertório de Amorim e. Quaestio definitionis et nominis latinis idem. Lenguaje y conocimiento en el De antiquissima de Vico. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla, v. 30-31, p. 385-400, 2016-2017. Disponível em:
<https://doi.org/10.12795/Vico.2016-17.i30-31.23>. Acesso em 31 mar 2025.

SILVA NETO, Sertório de Amorim e. Vico, filósofo de la poesía. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla, v. 32, p. 317-322, 2018. Disponível em:
<https://revistascientificas.us.es/index.php/Vico/article/view/13564>. Acesso em 16 jul. 2025. <https://doi.org/10.12795/Vico.2018.i32.44>

SILVA NETO, Sertório de Amorim e. ‘La guisa vera de ciascheduna cosa è da rivocarsi a Dio’. Il problema della causalità efficiente nella prima gnoseologia di Vico. *Bollettino del centro di studi vichiani*, Napoli, v. LIV, 2024. Disponível em:
<http://www.bcsv.cnr.it/node/77>. Acesso em 30 jun. 2025.

SOUZA FILHO, Danilo Marcondes de. O Argumento do Conhecimento do Criador e o Ceticismo Moderno. In: Marilena Chauí e Fátima Évora (eds.). (Org.). *Figuras do Racionalismo*. Conferências ANPOF/CNPq. Campinas: ANPOF, 1999. [Versão online]. Disponível em: http://www.dbd.puc-rio.br/depto_filosofia/99_souzafilho.pdf. Acesso em 03 mai. 2024.

TESSITORE, Fulvio. Vico y el descubrimiento del conocimiento histórico. Trad. Miguel A. Pastor Pérez. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla, n. 33, p. 93-108, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12795/Vico.2019.i33.06>. Acesso em: 29 mar. 2022. <https://doi.org/10.12795/Vico.2019.i33.06>

VASOLI, Cesare. Vico sul “metodo”. In: RIVERSO, Emanuele (org.). *Leggere Vico: scritti di Giorgio Tagliacozzo e di altri*. Introduzione e cura di Emanuele Rivero. Milano: Spirali, 1982.

VICO, Giambattista. *Opere filosofiche*. A cura di Paolo Cristofolini. Firenze: Sansoni, 1971.

VICO, Giambattista. Del método de estudios de nuestro tiempo. 1708. Trad. Francisco J. Navarro Gómez. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 9/10, 1998.

VICO, Giambattista. La antiquíssima sabiduría de los italianos partiendo de los orígenes de la lengua latina. 1710. Trad. Francisco J. Navarro Gómez. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilla – España, n. 11-12, 1999-2000.

VICO, Giambattista. Del método de estudios de nuestro tempo (1709). In: *Obras: Oraciones inaugurales. La antiquíssima sabiduría de los italianos*. Trad. Francisco J. Navarro Gómez. Barcelona: Anthropos Editorial, p. 73-126, 2002a.

VICO, Giambattista. Sobre la revelación de la antiquíssima sabiduría de los latinos (1710). *Obras: Oraciones inaugurales. La antiquíssima sabiduría de los italianos*. Trad. Francisco J. Navarro Gómez. Barcelona: Anthropos Editorial, p. 127-211, 2002b.

VICO, Giambattista. A mente heroica (1732). in: GUIDO, Humberto. *Giambattista Vico: a filosofia e a educação da humanidade*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 101 – 119.

VICO, Giambattista. *Princípios de ciência nova: acerca da natureza comum das nações* (1744). Trad. Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005a.

VICO, Giambattista. *Elementos de retórica: el sistema de los estudios de nuestro tiempo y principios de oratoria*. Madrid: Trotta, 2005b.

VICO, Giambattista. Polemiche relative al De antiquissima italarum sapientia. 1711-1712. Edizione elettronica a cura di Alessandro Stile. *Laboratorio dell'ISPF*, Napoli, v. III, n. 2, 2006. Disponível em: http://www.ispf-lab.cnr.it/article/Testi_Ed_Critica_Polemiche_De_Antiquissima. Acesso em 15 de março de 2025.

VICO, Giambattista. *Obras III: El derecho universal*. Trad. Francisco J. Navarro Gómez. Rubí (Barcelona): Anthropos; México: Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, 2009.

VICO, Giambattista. *Vida escrita por si mesmo* (1728). Trad. Ana Cláudia Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

VICO, Giambattista. *La scienza nuova*. 1725. A cura di Enrico Nuzzo. Opere di Giambattista Vico. v. VII. Roma: Edizioni di storia e letteratura; ISPF, 2023.

VICO, Giambattista. *Epistolário*: cartas escolhidas e escritos menores. Org. e trad. Sertório de Amorim e Silva Neto e Vladimir Chaves dos Santos. Campinas: Unicamp, 2024.